



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARIA YOUSSEF ABREU

**INTERFERÊNCIAS NO PORTUGUÊS FALADO POR
IMIGRANTES LIBANESES EM SITUAÇÃO DE CONTATOS
LINGUÍSTICO-CULTURAIS EM LONDRINA**

Londrina
2012

MARIA YOUSSEF ABREU

**INTERFERÊNCIAS NO PORTUGUÊS FALADO POR
IMIGRANTES LIBANESES EM SITUAÇÃO DE CONTATOS
LINGUÍSTICO-CULTURAIS EM LONDRINA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Professora Doutora Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina
2012

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

A162i Abreu, Maria Youssef.
Interferências no português falado por imigrantes libaneses em situação de contatos linguísticos-culturais em Londrina/ Maria Yoissef Abreu. – Londrina, 2012.
255 f.: il.

Orientador: Vanderci de Andrade Aguilera.
Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2012.
Inclui bibliografia

1. Língua portuguesa – Dialetos – Teses. 2. Linguística contrastiva – Teses. 3. Línguas em contato – Teses. 4. Bilinguismo – Teses. 5. Sociolinguística – Teses. 6. Árabe – Dialetos – Teses. 7. Interlíngua (Aprendizagem de língua) – Teses. I. Aguilera, Vanderci de Andrade. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 806 90(81)-087 9

MARIA YOUSSEF ABREU

**INTERFERÊNCIAS NO PORTUGUÊS FALADO POR IMIGRANTES
LIBANESES EM SITUAÇÃO DE CONTATOS LINGUÍSTICO-
CULTURAIS EM LONDRINA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vanderci Andrade Aguilera
UEL – Londrina – PR

Profa. Dra. Safa Alferd A. C. Jubran
USP – São Paulo – SP

Prof Dr Ciro Damke
UNIOESTE – Marechal Cândido Rondon – PR

Profa. Dra. Aparecida N. Isquerdo
UFMS – Campo Grande – MS

Prof Dr Ludoviko C. Santos
UEL – Londrina – PR

Londrina, 13 de fevereiro de 2012.

AGRADECIMENTOS

A Cristo, expressão visível da imagem de Deus, por guiar-me em caminhos retos, mesmo quando eu não sabia qual caminho seguir.

À Prof^aDr^aAdja Balbino de Amorim Barbieri Durão pela contribuição inicial oferecida a presente tese.

À Prof^aDr^aVanderci de Andrade Aguilera, pela competência com que orientou esta tese e o tempo que generosamente me dedicou, transmitindo os mais úteis ensinamentos.

À CAPES, pelo apoio investido no desenvolvimento desta pesquisa.

Ao meu esposo Ezequias Domingos de Abreu, por me incentivar, apoiar e acompanhar em todos os momentos do desenvolvimento da tese.

ABREU, Maria Youssef. *Interferências no Português Falado por Imigrantes Libaneses em Situação de Contato Sociolinguístico em Londrina*. 2011. 255f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

RESUMO

O contato entre línguas gera situações propícias a inevitáveis fenômenos de interferências, permitindo que uma língua infiltre formas/estruturas no interior da outra. Com o fluxo migratório ocorrido no início do século XX, levas de imigrantes libaneses adentraram o Brasil, efetivando uma nova etapa na história do contato entre o árabe e o português brasileiro. A relevância do estudo da interferência entre as línguas em presença fundamentase, sobretudo, na necessidade de pesquisas sistemáticas que preencham a lacuna existente no quadro descritivo do contato desencadeado pelo português brasileiro e as línguas de imigrantes no Brasil. O propósito central desta pesquisa é analisar as interferências no português falado por imigrantes libaneses em situação de contato na cidade de Londrina - Norte do Paraná, sob uma perspectiva contrastiva e sociolinguística. O roteiro da investigação é previsto como tentativa de identificar em que medida fatores linguísticos e extralinguísticos determinam interferências na fala produzida pelos sujeitos envolvidos. Partimos do conceito de interferência iniciado por Weinreich (1953), considerando a redefinição sofrida pelo conceito, na qual ele rompeu os laços com o behaviorismo e assumiu uma essência mentalista. O corpus constitui-se da fala de dezesseis falantes bilíngues, divididos em dois grupos religiosos, cristãos e muçulmanos, sendo esses, de sexo masculino e feminino, distribuídos em dois níveis de escolaridade, 1º e 2º graus. Para descrever a fala, em seu contexto móvel e dinâmico, utilizamos os princípios metodológicos da Sociolinguística, no tocante à coleta dos dados linguísticos, seleção dos informantes e das variáveis socioculturais. Além da identificação dos fatores extralinguísticos que entram no cenário das línguas em contato, a análise contrastiva de formas das duas línguas possibilitou a verificação das possíveis causas linguísticas de interferências. A análise de dados, do ponto de vista linguístico e extralinguístico, entre outros, demonstrou que as interferências do nível fonético-fonológico devem-se à distância entre os dois sistemas fonológicos, à ausência de aprendizado formal do português e ao estatus do árabe. No nível léxico-semântico, as interferências decorrem da assimetria léxico-semântica entre as línguas, efetivada, fundamentalmente, pela necessidade de um vocabulário específico para nomear os referentes do universo sociocultural dos falantes. Apresenta-se também um Glossário de Arabismos da Imigração Libanesa no Brasil, constituído de 117 verbetes distribuídos em cinco campos semânticos.

Palavras-chave: Árabe. Português. Interferência. Línguas em contato. Sociolinguística.

ABREU, Maria Youssef. *Interference in Spoken Portuguese of Lebanese Immigrants in a Contact Sociolinguistics in Londrina – Paraná.2011. 255p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.*

ABSTRACT

The contact between languages creates situations conducive to unavoidable phenomena of interference, allowing a language infiltrate forms / structures inside the other. With the immigration flow occurred in the early twentieth century, waves of Lebanese immigrants entered Brazil, establishing a new stage in the history of contact between Arabic and Brazilian languages. The relevance of the study of interference between languages at present is based mainly on the need for systematic research to fill the gap in the descriptive framework of the contact initiated by the Brazilian Portuguese and the languages of immigrants in Brazil. The purpose of this research is to analyze the interference in the Portuguese spoken by Lebanese immigrants in contact situations in the city of Londrina – Northern Paraná, contemplating them from a Contrastive and Sociolinguistics perspective. The research roadmap is intended as an attempt to identify the extent to which linguistic and extralinguistic factors determine interference in speech produced by the subjects involved. We start with the concept of interference initiated by Weinreich (1953), considering redefining suffered by the concept, in which he severed ties with behaviorism and took a mentalist essence. The corpus is made up of sixteen speech bilingual speakers, divided into two religious groups, Christians and Muslims, and these, male and female, divided into two levels of schooling, 1st and 2nd degrees. To describe the speech in mobile and dynamic context, we used the methodological principles of sociolinguistics, in terms of linguistic data collection, selection of informants and sociocultural variables. In addition to the identification of extralinguistic factors that enter the scene of the languages in contact, the contrastive analysis of two forms of the language allowed the examination of possible causes of linguistic interference. The analysis of data, from the linguistic and extralinguistic point of view, among others, demonstrated that the interference of the phonetic-phonological level are due to the distance between the two phonological systems, the lack of formal training of the Portuguese language and the Arabic status. In the lexical-semantic level, interference resulting from the lexical-semantic asymmetry between languages, are enforced and implemented by the need for a specific vocabulary to name characters on the socio-cultural universe of the speakers. Furthermore, we present a glossary of Arabism of Lebanese Immigration in Brazil, consisting of 117 entries divided into five semantic fields.

Key words: Arab. Portuguese. Interference. Languages in contact. Sociolinguistics.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Distribuição de imigrantes e de brasileiros naturalizados em 1950	33
Tabela 2 –	Proprietários ou sócios de empresas brasileiras conforme total de imigrantes em	33
Tabela 3 –	Distribuição nacional de imigrantes e brasileiros naturalizados segundo o censo de	34
Tabela 4 –	Porcentagem de empréstimos por classe	61
Tabela 5 –	Distribuição numérica de sonorização de /p/ > /b/, por informante, segundo a variável escolaridade	134
Tabela 6 –	Distribuição numérica de sonorização de /p/ > /b/, segundo a variável religião	135
Tabela 7 –	Distribuição numérica de sonorização de /p/ > /b/, segundo a variável sexo/gênero	136
Tabela 8 –	Distribuição numérica e percentual de sonorização de /p/ > /b/, conforme contextos cv e cvv na palavra	137
Tabela 9 –	Distribuição de despalatalização do fonema / /, por informante segundo a variável escolaridade	143
Tabela 10 –	Distribuição de despalatalização do fonema / /, por informante segundo a variável religião	145
Tabela 11 –	Distribuição de despalatalização do fonema / /, por informante segundo a variável gênero/sexo	146
Tabela 12 –	Distribuição numérica de assimilação de [aw] > [ow], por informante do ensino fundamental	151
Tabela 13 –	Distribuição numérica de assimilação de [aw] > [ow], por informante do ensino médio	152
Tabela 14 –	Distribuição numérica de assimilação de [aw] > [ow], por informante da religião muçulmana	153
Tabela 15 –	Distribuição numérica de assimilação de [aw] > [ow], por informante da religião cristã	153

Tabela 16 –	Distribuição numérica de assimilação de [aw] >[ow], por informante do sexo feminino	154
Tabela 17 –	Distribuição numérica de assimilação de [aw] >[ow], por informante do sexo masculino	154
Tabela 18 –	Distribuição numérica de monotongação com desnasalização de [muytu>mutu], por informante do ensino fundamental	159
Tabela 19 –	Distribuição de monotongação com desnasalização de [muytu>mutu], por informante do ensino médio	159
Tabela 20 –	Distribuição numérica de monotongação com desnasalização de [muytu>mutu], por informante da religião muçulmana	160
Tabela 21 –	Distribuição numérica de monotongação com desnasalização de [muytu>mutu], por informante da religião cristã	161
Tabela 22 –	Distribuição numérica de monotongação com desnasalização de [muytu>mutu], por informante do sexo feminino	161
Tabela 23 –	Distribuição numérica de monotongação com desnasalização de [muytu>mutu], por informante do sexo masculino	161
Tabela 24 –	Distribuição numérica de síncope com desnasalização de [mya] < [minha], por informante do ensino fundamental	165
Tabela 25 –	Distribuição numérica de síncope com desnasalização de [mya] < [minha], por informante do ensino médio	165
Tabela 26 –	Distribuição numérica de síncope com desnasalização de [mya] < [minha], por informante da religião muçulmana	167
Tabela 27 –	Distribuição numérica de síncope com desnasalização de [mya] < [minha], por informante da religião cristã	167
Tabela 28 –	Distribuição numérica de síncope com desnasalização de [mya] < [minha], por informante do sexo feminino	168
Tabela 29 –	Distribuição numérica de síncope com desnasalização de [mya] < [minha], por informante do sexo masculino	168
Tabela 30 –	Arabismos da imigração sírio-libanesa registrados no corpus e dicionarizados	183
Tabela 31 –	Mecanismos de interferência léxica usados na fala dos informantes	203

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Comparação tipológica do inglês, árabe clássico e tailandês	60
Quadro 2	–	Vocábulos da vida religiosa usados pelos malês e incorporados ao léxico do português brasileiro	86
Quadro 3	–	Distribuição das variáveis pelo número de informantes.....	113
Quadro 4	–	Sinais empregados na transcrição do corpus	119
Quadro 5	–	Proposta de romanização de termos árabes sugeridos por jubran (2004b)	120
Quadro 6	–	Comparação de fonemas do sistema fonológico árabe e português	126
Quadro 7	–	Contraste dos fonemas consonantais segundo o modo de articulação	127
Quadro 8	–	Contraste de fonemas consonantais segundo o ponto de articulação	128
Quadro 9	–	Contraste da base de articulação do árabe e do português brasileiro	130
Quadro 10	–	Exemplos de assimilação de contato de [a)w)] >[o)w)], entre o português e o francês	156
Quadro 11	–	Comparação léxico–semântica de unidades léxicas do árabe e do português brasileiro	173
Quadro 12	–	Distribuição de fenômenos por fases do processo de integração de anglicismos ao português europeu.....	180
Quadro 13	–	Transformações sofridas pelos arabismos no processo de adaptação ao português, mediante simplificação de fonemas consonantais	185
Quadro 14	–	Adaptação das formas gráficas no processo de integração dos arabismos no português brasileiro	186
Quadro 15	–	Interferência de antropônimos árabes no português brasileiro.....	196
Quadro 16	–	Panorama geral de fatores determinantes de interferências nos níveis fonético–fonológico e léxico–semântico	238

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Mapa geopolítico do Líbano.....	24
Figura 2 –	Caracteres fenícios na pedra da gávea.....	28
Figura 3 –	Imagem comemorativa dos 130 anos da imigração libanesa no Brasil.....	29
Figura 4 –	Página de frente e verso do jornal ‘voz árabe’	44
Figura 5 –	Pintura ‘negro de origem muçulmana’ de Jean Baptiste Debret	86

LISTA DE ABREVIATURAS

- LPOA** Léxico Português de Origem Árabe: Subsídios para os Estudos de Filologia, 2007.
- DALP** Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa, 1999 (versão eletrônica).
- DHLP** Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2006
Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0, 2001.
- DELP** Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, 1982.
- MDLP** DICMAXI Michaëlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, 2000 (versão eletrônica).
- DTALP** Dicionário de Termos Árabes da Língua Portuguesa, 2006.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 CONSTITUIÇÃO SOCIOHISTÓRICA DA IMIGRAÇÃO LIBANESA NO BRASIL	23
1.1 PARTE I. LÍBANO: RAZÕES DO PROCESSO IMIGRATÓRIO.....	23
1.1.1 Fase 1: O Domínio Otomano (1880-1920).....	24
1.1.2 Fase 2: Período Entre Guerras (1920-1940).....	25
1.1.3 Fase 3: O Líbano Independente (1940-1975).....	26
1.1.4 Fase 4: a Guerra do Líbano e a Reconstrução (1975-2000)	27
1.2 PARTE II. BRASIL: RECRIAÇÃO E MANUTENÇÃO DO UNIVERSO SOCIOCULTURAL LIBANÊS NO BRASIL.....	28
1.2.1 Panorama Histórico da Imigração: o Mascate e o Mito	29
1.2.2 Dados Estatísticos e Demográficos da Imigração	32
1.2.3 Os Aromas e Sabores da Cozinha Libanesa	35
1.2.4 A Comunidade Libanesa em Londrina.....	36
1.2.4.1 A manutenção das identidades culturais: a família e a religião.....	38
1.2.4.2 A família e a casa: o ‘solo libanês no brasil’	38
1.2.4.3 As instituições da comunidade	41
2 REFERENCIAL TEÓRICO	46
2.1 INTERFERÊNCIA LINGUÍSTICA.....	46
2.1.1 Conceito de Interferência Linguística.....	46
2.1.2 Causas da Interferência Linguística.....	58
2.1.2.1 Fatores linguísticos da interferência	59
2.1.2.2 Fatores extralinguísticos da interferência	63
2.1.2.3 Formas de interferência	66
2.1.2.3.1 <i>Interferência fônica</i>	67
2.1.2.3.2 <i>Interferência léxica</i>	71
2.2 INTERFERÊNCIA ÁRABE NO PORTUGUÊS: CONTATOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS.....	78
2.2.1 Influxo Árabe na Península Ibérica: o Primeiro Contato	78
2.2.2 Influência Árabe em Solo Brasileiro: Dois Momentos Históricos.....	82

2.2.2.1	Influência afro-muçulmana: os escravos malês.....	84
2.2.2.2	Influência dos imigrantes sírio-libaneses	88
2.3	BILINGUISMO.....	89
2.3.1	Definições de Bilingüismo	90
2.3.1.1	Idade de aquisição de ambas as línguas	95
2.3.1.2	Contexto de aquisição da língua estrangeira	96
2.3.1.3	Função/ domínio/diglossia.....	98
2.3.1.4	Competência lingüística	101
2.3.5	Aspectos Psicossociais do Bilinguismo: Cultura e Identidade.....	103
2.3.5.1	Língua e cultura	103
2.3.5.2	Língua e identidade	107
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	110
3.1	DOS OBJETIVOS DA PESQUISA	110
3.2	PESQUISA DE DADOS SOCIOHISTÓRICOS.....	110
3.3	PESQUISA DE CAMPO	111
3.3.1	Seleção e Mostra dos Falantes.....	111
3.3.2	O Questionário.....	114
3.3.3	A Ficha Social do Informante.....	117
3.4	AS ENTREVISTAS E A COLETA DOS DADOS LINGÜÍSTICOS.....	117
3.5	A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS	118
3.5.1	A Transcrição de Termos e Expressões Árabes	119
3.6	FATORES LINGÜÍSTICOS E EXTRALINGÜÍSTICOS	122
3.7	ANÁLISE DAS INTERFERÊNCIAS	123
4	ANÁLISE DE DADOS.....	124
4.1	ANÁLISE DO NÍVEL FONÉTICO-FONOLÓGICO	124
4.1.1	Análise Contrastiva	124
4.1.1.1	Árabe e português em contraste: o aniomorfismo lingüístico e cultural	124
4.1.1.2	Análise contrastiva fonético-fonológico.....	125
4.1.2	Análise de Interferências do Nível Fonético-Fonológico.....	131
4.1.2.1	Metaplasmos.....	131
4.1.2.2	Metaplasmos por permuta	132
4.1.2.3	Sonorização	132

4.1.2.3.1	<i>Influência das variáveis sociais</i>	134
4.1.2.3.2	<i>Influências da variável linguística segundo o contexto fônico</i>	136
4.1.2.4	Ensurdecimento	139
4.1.2.5	Despalatalização	140
4.1.2.5.1	<i>Despalatalização do fonema /ʒ/</i>	142
4.1.2.5.2	<i>Despalatalização de [μ] segundo a variável escolaridade</i>	143
4.1.2.6	Desnasalização	147
4.1.2.7	Assimilação	148
4.1.2.7.1	<i>Análise dos dados segundo as variáveis sociais</i>	151
4.1.2.8	Metaplasmos por transformação.....	156
4.1.2.8.1	<i>Monotongação com desnasalização</i>	156
4.1.2.8.2	<i>Distribuição de monotongação com desnasalização de [muytu>mutu], conforme a variável escolaridade</i>	159
4.1.2.8.3	<i>Metaplasmos por subtração</i>	162
4.1.2.8.4	<i>Aférese</i>	162
4.1.2.8.5	<i>Síncope</i>	164
4.1.2.9	Considerações finais do nível fonético-fonológico	169
4.2	ANÁLISE DO NÍVEL LÉXICO-SEMÂNTICO	171
4.2.1	Análise Contrastiva	171
4.2.1.1	Aspectos do anisomorfismo linguístico e cultural no nível léxico- semântico	172
4.2.2	Análise de Interferências do Nível Léxicosemântico	174
4.2.2.1	Empréstimos integrados ou propriamente ditos	177
4.2.2.2	O processo de integração dos empréstimos no português brasileiro	179
4.2.2.2.1	<i>A integração dos empréstimos sírio-libaneses nos dicionários brasileiros</i>	181
4.2.2.2.2	<i>Transformações gráficas e fonológicas na integração dos arabismos sírio- libaneses no português brasileiro</i>	185
4.2.3	Estrangeirismos	188
4.2.3.1	Interferência mediante antropônimos	196
4.2.4	Interferência Mediante Calco ou Tradução	198
4.2.4.1	Formações sintagmáticas.....	200
4.2.5	Interferência Mediante Composições Híbridas	201
4.2.6	Considerações Finais do Nível Léxico-semântico	203
4.2.7	Glossário de Arabismos da Imigração Libanesa em Londrina.....	207

4.2.7.1	Apresentação do glossário: considerações teórico-metodológicas.....	207
4.2.7.2	A organização da microestrutura.....	208
4.2.7.3	Glossário.....	210
CONCLUSÃO		234
0.1	Avaliação das Hipóteses de pesquisa	235
0.2	Panorama geral dos fatores determinantes de interferências nos níveis fonéticofonológicos e léxico-semântico	237
0.3	Limites da pesquisa e perspectivas	240
REFERÊNCIAS		242
ANEXOS		254
ANEXO A – Ficha do informante.....		255

INTERFERÊNCIAS NO PORTUGUÊS FALADO POR IMIGRANTES LIBANESES EM SITUAÇÃO DE CONTATOS LINGUÍSTICO–CULTURAIS EM LONDRINA

INTRODUÇÃO

O fluxo de correntes imigratórias ocorrido no início do século XX possibilitou a entrada de populações sírio-libanesas para o Brasil, efetivando um novo capítulo da história do contato entre o árabe e o português brasileiro. A coexistência das duas línguas e culturas ao longo de mais de cento e trinta anos dessa imigração resultou no fenômeno de interferência, permitindo ao árabe intensificar suas marcas léxicas no interior do português brasileiro.

O estudo do fenômeno de interferência entre línguas em contato alcançou notável desenvolvimento a partir da divulgação da obra intitulada *Languages in Contact*, de autoria de Weinreich (1974). Este trabalho pioneiro permanece como obra de referência obrigatória para a análise da interferência e de outros fenômenos que emergem do contato de línguas. O autor introduziu a primeira consideração de fatores de natureza extralinguística no universo da Linguística, abrindo espaços para o posterior surgimento da Sociolinguística. A Weinreich se deve a importância concedida aos aspectos socioculturais do bilinguismo, como o prestígio das línguas em contato, as atitudes dos falantes frente a cada uma delas, as características do bilinguismo em diferentes subgrupos, a duração e a intensidade do contato.

Trabalhos com temas voltados às relações entre o árabe e o português brasileiro são escassos. No entanto, alguns estudos associados aos dois Centros de Estudos Árabes no Brasil,¹ tais como Nabhan (1984) Jubran (2004a), e Vargens (2007) e Cowan (2007), entre outros, além de artigos publicados na revista *Tiraz*,² sugerem subsídios que possibilitam analisar os fenômenos originados do contato entre as duas línguas, ainda não contemplados por linguistas brasileiros.

Considerando a fala do bilíngue condicionada por fatores internos e externos à estrutura das línguas em contato e pelas interações sociais com outros grupos na sociedade em que vive, apresentamos um estudo das interferências no português brasileiro

¹ Referimos ao Centro de Estudos Árabes da Universidade de São Paulo – USP e ao Centro de Estudos Árabes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

² Revista de estudos árabes e das culturas do Oriente Médio – Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe da Universidade de São Paulo.

falado por imigrantes libaneses estabelecidos na cidade de Londrina – Norte do Paraná, a partir de uma abordagem Sociolinguística e Contrastiva.

O desenvolvimento de estudos sobre fenômenos originados do contato entre as línguas de imigrantes e o português brasileiro fundamenta-se, sobretudo, na necessidade de estudos sistemáticos que abranjam o tema e preencham a lacuna existente no quadro descritivo do contato entre o português e as línguas de imigrantes, conforme declaram Heye e Vandresen (2006). Os autores ressaltam a importância de estudos na área, argumentando que as línguas minoritárias asiáticas ainda oferecem um vasto campo de estudos, uma vez que as situações linguísticas são muito diversas segundo a língua materna falada e a atuação de fatores sociais. Ao mesmo tempo, motiva-se por várias concepções aliadas à importância do modo de presença dos imigrantes na colonização e desenvolvimento do país, particularmente, o de contribuir com a constituição do léxico da língua portuguesa do Brasil.

Dos estudos desenvolvidos sobre o contato entre as línguas de imigrantes e o português, no Brasil, a maioria centraliza-se no processo histórico-linguístico ocorrido principalmente entre o português e o alemão, e o português e o italiano. O processo sociocultural da história do povo libanês no Brasil envolve diferentes matizes que os caracterizam e os diferenciam dos demais povos de origem árabe, apresentando variáveis interessantes e sugerindo uma vasta área de pesquisas a estudiosos e demais investigadores. Entretanto, no que concerne ao contato e à interferência entre o árabe e o português, não há, no Brasil, estudos de natureza teórico-metodológica vinculados à Linguística Contrastiva e à Sociolinguística.

O tema desta tese insere-se no universo de línguas em contato, alinhando-se mais especificamente à área de estudos das línguas faladas por grupos imigrantes que entraram no Brasil a partir das primeiras décadas século XX. O interesse pelo tema toca, de modo profundo, as raízes da experiência com distintos elementos da cultura árabe, vivenciada pela autora, filha de imigrante libanês. Tal interesse efetivou-se a partir do desenvolvimento da Dissertação de Mestrado intitulada Estudo Terminológico Monolíngue do Vocabulário da Culinária Árabe, cujo produto final foi a construção de um Glossário com 227 verbetes de termos representativos da culinária árabe.

Posteriormente, a Prof^ªDra^a Adja Balbino Barbieri de Amorim Durão sugeriu-nos a investigação de doutorado com o presente tema, o que nos possibilitou dar continuidade à pesquisa no campo dos estudos da linguagem.

A partir de então, passamos à observação participante junto à comunidade libanesa estabelecida na cidade de Londrina, onde foi possível compreender, ainda que

superficialmente, a coexistência paralela do árabe e do português. Usa-se o árabe em família, entre falantes da mesma origem e na prática religiosa; e o português, fora dessas situações. Esse bilinguismo ocasiona interferência de uma língua no uso da outra, demonstrando uma tendência, por parte dos falantes, a reproduzir padrões e modelos próprios de sua língua materna (árabe) enquanto se comunicam na segunda língua (português). No interior da própria comunidade, notamos, também, relações de forças opostas, efetivadas a partir das distinções da manutenção de identidade cultural e da confissão religiosa adotadas pelos membros. Essas diferenças influem sobre o comportamento dos dois grupos religiosos representados por cristãos e muçulmanos.

Os libaneses cristãos³ foram os primeiros a imigrar para o Brasil e pertencem às vertentes ortodoxa e maronita. Com maior frequência, eles demonstram, na vida cotidiana, uma prática ecumênica, convivendo com praticantes de outras religiões. A quase totalidade do grupo abandonou a religião original libanesa em favor do catolicismo no Brasil, que é majoritariamente cristão, tendo suas identidades religiosas integradas plenamente em toda a comunidade libanesa espalhada pelo Brasil. Os libaneses cristãos e seus descendentes integraram-se socialmente na vida do país e a preservação de sua identidade cultural por meio de eventos na comunidade árabe local, não constitui uma regra para todos os representantes do grupo. Já o grupo muçulmano compõe-se de libaneses partidários de vertentes islâmicas tais como os sunitas, os xiitas e grupos minoritários de drusos, os quais mantêm a identidade cultural em torno do islamismo. Os muçulmanos são mais unidos na prática islâmica, que envolve o cumprimento de rituais, jejuns, festas e cerimoniais do calendário islâmico e uma alimentação adequada às regras religiosas.⁴ O grupo preserva os laços culturais, também na família, através da realização de casamentos endogâmicos, isto é, casamento entre pessoas com o mesmo vínculo de parentesco ou outras afinidades dentro do grupo. Essas formas de manutenção da identidade cultural e religiosa são preservadas com o apoio de instituições

³ Os principais ritos professados por imigrantes libaneses cristãos são o ortodoxo, o católico -melquita e o maronita. A Igreja Ortodoxa (ligada ao Patriarcado de Antioquia) tem importância fundamental para a comunidade cristã sírio-libanesa, da qual grande parte constitui-se de ortodoxos. Por outro lado, as Igreja Melquita e a Maronita são especificamente libanesas. A Igreja Melquita é uma religião católica de rito bizantino, em cuja prática litúrgica são usadas as línguas gregas e árabe. Por sua vez, os maronitas compõem os primeiros grupos de imigrantes libaneses que chegaram no Brasil. Segundo Gattaz (2005), tiveram sua primeira sociedade de beneficência criada ainda em 1897-a Sociedade Maronita de Beneficência, na cidade de São Paulo.

⁴ Os muçulmanos estão divididos em dois grandes grupos: os sunitas e os xiitas. Essas tendências originaram da disputa pelo direito da sucessão a Maomé, líder introdutor da religião islâmica. A partir dessa questão sucessória, em 632 a. C, eclodiu uma guerra civil no islamismo que tem efeitos percebidos até hoje. Representando o maior grupo, os sunitas compõem cerca de 85% do mundo muçulmano, enquanto os xiitas, considerados como adeptos radicais do islamismo, representam 15%. Quanto aos drusos, trata-se de grupos minoritários derivados do islamismo, cuja religião consiste em práticas secretas

existentes no próprio grupo tais como a Mesquita Islâmica, o Açougue Islâmico, a Escola de Árabe e um Jornal bilíngue. Essas diferenças entre as formas de manutenção de identidades culturais implicam um sistema de valores vitais que são vivenciados grupalmente e que se refletem na língua por meio de escolhas léxicas.

Com base nas declarações de Weinreich (1974) e de outros estudiosos do campo da linguagem, somadas ao conhecimento da estrutura sociocultural da comunidade alvo e à história de contato entre as duas línguas, formalizamos a seguinte hipótese geral:

A instalação de diversas famílias de imigrantes libaneses no Patrimônio Três Bocas, atualmente Londrina – Norte do Paraná, a partir de 1930, oriundas do Líbano, Oriente Médio, permitiu que o universo sociocultural libanês fosse trazido pelos imigrantes e recriado no Brasil. Essa criação foi fecundada pela manutenção do universo sociocultural dos imigrantes associado ao universo sociocultural do país acolhedor, sendo o árabe e o português brasileiro os principais elementos desses dois mundos. O intenso contato sociolinguístico das duas comunidades favoreceu a interferência do árabe sobre o português falado pelos imigrantes que se mantêm em contínuo desenvolvimento, mediante um processo dinâmico, caracterizado pela própria natureza do fenômeno.

Esta hipótese geral possibilita a criação das seguintes subhipóteses:

a) As diferenças existentes entre os dois sistemas fonético-fonológicos em contato promovem a produção de interferências na fala dos imigrantes, as quais, por sua vez, geram e mantêm o preconceito e a estigmatização, envolvendo todo o grupo étnico no Brasil.

b) A assimetria léxico-semântica existente entre os dois sistemas linguísticos leva à interferência de unidades léxicas na fala dos bilíngues, as quais podem generalizar-se pelo uso constante de toda a comunidade e, lentamente, chegar à integração do sistema da língua dominante, em decorrência do tempo e da frequência de uso.

c) A história sociocultural dos falantes bilíngues é o primeiro determinante na direção, no grau e na difusão das interferências léxicas na comunidade dominante. As características peculiares à imigração libanesa no Brasil, tais como a imigração autônoma, a inserção claramente urbana e descentralizada no território brasileiro e o comércio de mercadorias, entre outros, favoreceram a divulgação de interferências léxico-semânticas por diversas regiões urbanas da comunidade dominante.

d) A estrutura das línguas envolvidas no contato é sensível a processos cognitivos de interferência e governa a introdução de unidades léxicas no sistema linguístico. Assim, como participantes de situação de contato e sob forte pressão cultural, os falantes desenvolvem distintas estratégias no uso de elementos da língua materna para expressar os

referentes de seu universo sociocultural por não encontrar equivalentes no português brasileiro.

A validação dessas hipóteses demandará uma discussão acurada em torno das seguintes questões pontuais: (i). Em que medida as interferências do árabe sobre o português falado por imigrantes bilíngues são determinadas por fatores linguísticos ou internos, vinculados às divergências estruturais existentes entre os dois sistemas linguísticos em contato? (ii). Em que medida as interferências do árabe sobre o português são promovidas por fatores extralinguísticos ou externos vinculados ao contexto sociohistórico e cultural da comunidade alvo. Essas questões, por sua vez, não são tratadas isoladamente, mas entrelaçadas ao longo do trabalho.

A tese está organizada em quatro capítulos conforme o exposto a seguir.

No primeiro capítulo, intitulado Constituição sociohistórica da imigração libanesa no Brasil, apresentamos uma breve incursão pelos aspectos históricos e socioculturais da imigração libanesa no Brasil, refletidos na colônia de imigrantes libaneses estabelecida na cidade de Londrina – Norte do Paraná. Os elementos coletados nesse capítulo têm o objetivo de explicar as causas externas ou extralinguísticas de interferências e auxiliar na identificação dos informantes envolvidos na pesquisa.

No segundo capítulo, Fundamentação Teórica, inicialmente, expomos uma revisão teórica do fenômeno de interferência linguística tomando por base os autores reconhecidos nessa área do saber, ressaltando os fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam determinantemente sobre o fenômeno. Na sequência, apresentamos as principais questões relacionadas ao bilinguismo, desde os esforços para defini-lo quanto os aspectos psicológicos e socioculturais associados a esse fenômeno.

No terceiro capítulo, Procedimentos metodológicos, detalhamos os passos e os elementos aplicados à presente investigação. Além da descrição das primeiras buscas de dados históricos, apresentamos as variáveis socioculturais eleitas para a seleção dos informantes, a organização do questionário, os fatores linguísticos e extralinguísticos considerados na pesquisa, entre outros. Procuramos mostrar as etapas executadas no trabalho que envolve desde a pesquisa de campo até a etapa de análise dos dados linguísticos.

No quarto capítulo, Descrição e análise dos dados, propomos uma análise das interferências realizada mediante a descrição de aspectos estruturais internos aos dados linguísticos com os aspectos sócio-culturais, para apontar efetivamente as interferências do corpus de bilíngues árabe-português. A análise fonético-fonológica baseia-se na Sociolinguística Quantitativa, segundo a influência das variáveis sociais envolvidas no estudo.

A análise léxico-semântica das interferências fundamenta-se na Lexicologia e na Lexicografia. Pretendemos, assim, com a identificação, descrição e análise das interferências registradas na fala dos informantes, oferecer elementos que possam preencher a lacuna existente no quadro descritivo do contato entre o português brasileiro e as línguas de imigrantes, no tocante ao árabe.

Na Conclusão, retomamos os resultados mais relevantes da análise das interferências, salientando as evidências que sustentam ou não as hipóteses enunciadas na Introdução deste trabalho.

As Referências apresentam a bibliografia referente aos títulos diversos da Linguística Geral e outros que atendem aos objetivos da tese, assim como os sites mais consultados durante o desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, em Anexo, expomos o modelo de ficha social de informante utilizada na coleta de informações pessoais dos informantes envolvidos na pesquisa.

1 CONSTITUIÇÃO SOCIOHISTÓRICA DA IMIGRAÇÃO LIBANESA NO BRASIL

‘Os turcos nasceram para vender bugingangas coloridas em canastras ambulantes. Têm bigodes pontudos, caras de couro curtido. Braços tatuados de estrelas. A pronúncia cômica, a voz sedutora. A língua cifrada cria um mundo-problema Entendê-los, quem pode?’
(Carlos Drumond de Andrade, ‘Os Turcos’)

‘Árabe, turco, sírio, é tudo a mesma coisa. Árabes pobres, mascates das estradas, exibiam suas malas abertas, perfumes, berliques, berloques, anéis brilhantes de vidro, perfumes com nomes estrangeiros, fabricados em São Paulo. Os turcos jogam cartas com alarido’
(Jorge Amado, ‘Gabriela, Cravo e Canela’)

Para dar conta das principais variáveis intervenientes na constituição sociohistórica da comunidade libanesa, procuramos compreender as razões que influenciaram o extenso movimento migratório de libaneses para o Brasil ao longo dos 130 anos. Para tanto, organizamos este capítulo em duas partes. A primeira apresenta um panorama do contexto histórico do Líbano, no que tange aos aspectos econômicos, sociais e políticos que supostamente influenciaram a saída dos imigrantes de sua terra de origem. Já a segunda parte envolve os diversos aspectos da vida dos imigrantes no Brasil, tais como o tipo de trabalho, a imigração autônoma, a ocupação espacial no país, informações demográficas, entre outros. A descrição da comunidade alvo partiu do conjunto das principais diferenças socioculturais entre os subgrupos que a constitui e foi elaborada com base na bibliografia sobre o percurso sociohistórico e cultural da imigração no país, nas entrevistas realizadas no campo e, também, em nossas experiências vivenciadas, ao longo dos anos, no interior dessa comunidade. Os principais autores consultados são Gattaz (2005), Hanania (1998), Knowlton (1995), Truzzi (1997), Safady (1994), entre outros.

1.1 PARTE I – LÍBANO: RAZÕES DO PROCESSO IMIGRATÓRIO

O Líbano é considerado o berço histórico da civilização fenícia. Navegadores comerciantes por excelência, os fenícios introduziram neste país, há três mil anos a. C., a tradição do intercâmbio comercial, dele decorrendo o social, o linguístico e o

cultural com outros povos do Mediterrâneo. Seguiram-se, a eles, povos egípcios, hititas, assírios, babilônios, persas, selêucidas,⁵ romanos e bizantinos. Segundo Hanania (1998), a influência resultante do domínio desses povos no território que constitui o Líbano atual deu origem às diferenças étnicas, sociais, religiosas e políticas da população, dividida quase ao meio entre cristãos e muçulmanos. Com uma natureza privilegiada pelo encontro do mar e da montanha, o Líbano faz o elo entre o Oriente e o Ocidente.

Figura 1 – Mapa Geopolítico das cidades do Líbano.



Fonte: www.portalsaofrancisco.com.br

Gattaz (2005, p. 15 - 95) sintetiza os principais fatos histórico-políticos do processo emigratório de libaneses para o Brasil e sugere que o período mais bem aceito se inicia em meados do século XIX e vai até o fim do século XX, subdividindo-se em quatro fases distintas. Com base nesse autor, mostramos um panorama dos principais desdobramentos ocorridos em cada fase, uma vez que os conhecimentos desses fatos podem oferecer subsídios à compreensão do fluxo imigratório.

1.1.1 Fase 1: O Domínio Otomano (1880-1920):

Dentre as províncias árabes dominadas pelo Império Otomano, o Líbano sempre constituiu uma região peculiar e o elemento religioso sempre foi proeminente no desenvolvimento histórico e social do país. A região, já no início do século XIX, caracterizava-se por uma expressiva presença de grupos religiosos maronitas e drusos que ali

⁵ A designação 'selêucida' diz respeito aos reis pertencentes à dinastia macedônica, fundada por Seleuco Nicator, general de Alexandre Magno, de quem recebeu a região da Síria, transformando-a num vasto império

se refugiaram buscando proteção contra a intolerância tanto da ortodoxia católica como da islâmica. Sob o domínio otomano, bem como da influência européia, desenvolveu-se na região uma política de proteção e inserção para as minorias, principalmente para cristãos e judeus. Era concedido às minorias o direito de serem governadas pelos seus próprios líderes religiosos e tal autonomia, já fundamentada nos primórdios da história islâmica, atingiu seu auge sob o governo otomano.

Brevemente resumida, a primeira fase compreende o longo domínio turco-otomano caracterizada pela emigração de libaneses cristãos insatisfeitos com o governo vigente e com a falta de perspectivas econômicas por motivo da relação entre a alta densidade demográfica, baixa urbanização, industrialização quase nula e agricultura precária. Esse movimento foi reforçado pela ambição de riqueza fácil a ser alcançada na América-o que de fato foi alcançado por grande parte desses imigrantes pioneiros. Os principais grupos que imigraram do país durante este período eram compostos por camponeses (cristãos) e as principais razões que motivaram a saída do país foram as necessidades econômicas das populações rurais. A essas razões primárias, seguiram-se outras secundárias, tais como o acompanhamento de pais, irmãos mais velhos ou cônjuges, o que se aplicava mais especificamente às crianças e às mulheres.

1.1.2 Fase 2: Entre Guerras (1920-1940)

As guerras que precederam este período implicaram razões ainda mais fortes para a emigração, uma vez que o Império Otomano passou a empregar a prática do alistamento forçado de jovens libaneses para preencher as fileiras debilitadas de seus exércitos na guerra dos Bálcãs, em 1903. Isto representava grande humilhação e ofensa, pois eram forçados a lutar com o risco real para a própria vida para defender os interesses e domínio daqueles que, por séculos, oprimiram e subjugaram aquelas populações. Muitos foram os pais que enviaram seus filhos para o exterior, ainda adolescentes, para protegê-los contra o alistamento forçado e a morte quase certa.

Em 1920 os franceses proclamaram de forma oficial a criação do Estado Libanês, o que permaneceria sob o controle e a administração da França que, por sua vez, tinha como motivação a agenda do domínio imperialista. Com efeito, entre as medidas que visavam ao 'afrancesamento' e à cristianização do Líbano, é importante registrar a instalação do francês como língua oficial do país, ao lado do árabe, e a implantação de um projeto educacional nos moldes franceses em todo país. Por circunstância do processo de afirmação

do povo libanês, o bilinguismo árabe-português instaura-se a partir desse momento histórico e político do país. Embora hoje se possa falar em trilinguismo árabe-francês-inglês ou bilinguismo árabe-francês, sabe-se que o inglês tem um caráter utilitário, sendo a língua do comércio e das relações financeiras, mas, principalmente, a que veicula o progresso tecnológico (HANANIA, 1998, p. 12).

O francês, ao contrário, permanece enraizado culturalmente ao país. Os anos do mandato francês no Líbano prevaleceram de 1920 a 1943 e a instabilidade criada por esse cenário, bem como a opressão francesa na região, contribuíram para a alimentação do fluxo emigratório. Em termos práticos, para as populações do Líbano, a situação em pouco melhorou com as mudanças no quadro do poder opressor dos turcos otomanos para os franceses. A essa motivação somava-se a ambição pessoal, a oposição ao domínio francês e, finalmente, a necessidade de acompanhar os familiares no processo imigratório de saída do país.

Nessas condições, a segunda fase foi marcada pela imigração de cristãos e muçulmanos procurando melhores perspectivas econômicas e descontentes com a nova configuração do estado libanês após o término da Primeira Guerra Mundial. A falta de melhorias para os setores urbanos da população e as carências econômicas da população rural foram os principais motivos da imigração dos libaneses para o Brasil.

1.1.3 Fase 3: O Líbano Independente (1940-1975)

O ano de 1943 marcou o início da história do Líbano como nação independente no cenário internacional livre do mandato francês. Essa independência foi selada com o ‘Pacto Nacional’, firmado entre os representantes das lideranças políticas cristã-maronita do Monte Líbano e da muçumana-sunita de Beirute. Vários foram os interlocutores do debate que possibilitou o acordo que garantiu a sua continuidade já no contexto do Líbano independente. Havia aqueles que defendiam a criação de um estado árabe maior juntamente com regiões da Síria e, também, aqueles que defendiam a diminuição das fronteiras para a criação de um estado árabe-cristão. Todavia, o que prevaleceu foi uma posição de acomodação no qual as fronteiras permaneceram as mesmas e o poder passou a ser partilhado por cristãos e muçulmanos. O germe da divisão política e religiosa, no entanto, permaneceu ativo, permeando a história do Líbano a partir de então.

Com isso, o Líbano teve a sua existência caracterizada por duas percepções diferentes da realidade, isto é, por um lado os cristãos o viam como uma nação mediterrânea e

ocidental ao passo que os muçulmanos o entendiam como uma nação do mundo árabe e oriental. O equilíbrio do poder sempre foi tênue demais para garantir o sucesso permanente do pacto e isto, somado aos problemas de ordem econômica e demográfica, tornaram o cenário novamente palco de sangrentos conflitos civis. A criação do Estado de Israel, em 1948, trouxe uma drástica reformulação do poder e das relações entre diferentes populações e diferentes nações no Oriente Médio o que afetou profundamente o Líbano. Nos anos sessenta, a capital Beirute era conhecida como a Suíça do Oriente Médio, não apenas por causa do seu sistema financeiro, mas também por ser uma cidade rica no aspecto cultural e socialmente tolerante, porém, ao final da guerra civil iniciada em 1958, a cidade se apresentava em meio aos escombros sem o fulgor de outrora.

Essa terceira fase é caracterizada pela saída de libaneses cristãos e muçulmanos, sobretudo, de origem urbana, em decorrência da escassez de oportunidade profissional, acentuada pela depressão econômica após a Segunda Guerra e pelos conflitos religiosos internos. Novamente, as razões que motivaram a saída dos libaneses do país foram a falta de perspectivas econômicas para a população urbana e os conflitos sectários internos.

1.1.4 Fase 4: A Guerra do Líbano e a Reconstrução (1975 - 2000)

A primeira metade dos anos de 1970 assistiu ao agravamento dos conflitos que incidiram na Guerra do Líbano entre os anos 1975 a 1990. Os conflitos que atingiram o Líbano após 1975 e trouxeram sérias implicações para o desenvolvimento do país que resultaram no movimento migratório, ocorrido nas décadas de 1970 e 1980.

A imigração desse período, em parte, teve características de deslocamento forçado, com o exílio temporário de jovens militantes que se viram ameaçados por rixas sectárias ou por pessoas que residiam nas áreas mais atingidas na guerra. Esses imigrantes, que não pretendiam morar definitivamente no Brasil, retornaram as suas cidades de origem após a relativa pacificação dos conflitos na região. Já os imigrantes que saíram do país devido à escassez de oportunidades de trabalho acabaram por se estabelecer definitivamente em no Brasil.

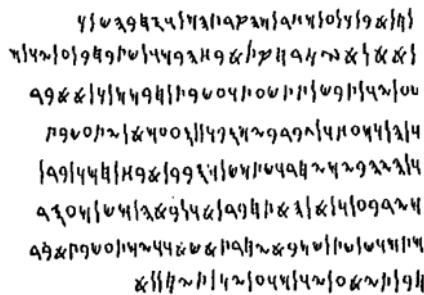
As razões imediatas da saída de libaneses do país foram, pois, o conflito militar que se iniciou a partir do início da década de 1970 e suas múltiplas consequências. Dentre essas, a insegurança e o medo generalizados, a baixa da atividade econômica com consequente desemprego, as perseguições políticas e busca da nacionalidade brasileira. Os principais grupos de imigrantes que saíram do país neste período foram os muçulmanos

sunitas e xiitas do Vale de Beká e do Sul do Líbano. Os fatores que motivaram a saída foram, igualmente, a falta de perspectivas econômicas devido à duração e à intensidade da guerra propriamente por conta de atentados e bombardeios.

1.2 PARTE II – BRASIL: RECRIAÇÃO E MANUTENÇÃO DO UNIVERSO SOCIOCULTURAL LIBANÊS NO BRASIL

O primeiro indício histórico que firma os laços de contato entre as culturas libanesa e brasileira é a presença dos fenícios no Brasil durante o período pré-colombiano, evidenciada pela inscrição na pedra da Gávea, Rio de Janeiro, onde há referência de uma expedição de navegantes fenícios liderada por ‘TyroPheníciaBadezir.’ Como finalidade de ilustrar o elo de contato histórico entre as duas culturas, apresentamos a imagem da transcrição dos caracteres fenícios registrados na pedra.

Figura 2 –Caracteres fenícios expostos na Pedra da Gávea



Fonte: Site da embaixada do Líbano no Brasil

O ano de 2010 marca a comemoração dos cento e trinta anos da imigração libanesa no Brasil. Para o estabelecimento desta data, é considerado o ano de 1880 como o início oficial da imigração, incentivada a partir da visita do imperador Dom Pedro II ao Líbano. Entretanto, a presença de libaneses no Brasil antecede esta data, servindo como prova o fato de que em 1808, ano da chegada da família real portuguesa ao Brasil, o libanês, Antun Elias Lubbos, ofereceu sua casa ao rei D. João VI, para ser utilizada como residência imperial. No entanto, embora a data de 1880 seja considerada como o início oficial da imigração, o que é consensual entre os historiadores (SAFADY (1994), KNOWLTON (1995), TRUZZI (1997, dentre outros). A tradição oral sugere que os primeiros libaneses entraram no Brasil em um período anterior, pois emigraram inicialmente do Líbano para a Espanha e Portugal e de lá vieram para o Brasil, participando das primeiras expedições colonizadoras.

Knowlton (1995) informa que famílias dos primeiros imigrantes libaneses eram numerosas e bastante unidas em torno do núcleo familiar e das atividades comerciais

Figura 3 – Imagem comemorativa dos 130 anos da Imigração Libanesa no Brasil.



Fonte: www.cidadedesapaulo.com

Partindo do período inicial da imigração libanesa no Brasil, em termos oficiais, expomos um panorama geral dos fatos mais relevantes que marcaram a integração e adaptação dos libaneses na sociedade brasileira mediante o trabalho comercial.

1.2.1 Panorama Histórico da Imigração: o Mascate e o Mito

A imigração libanesa, especificamente, aconteceu a partir das duas últimas décadas do século XIX e nos primeiras do século XX, desenvolvendo-se em um movimento característico que marcou sua trajetória no panorama mundial, quando muitos libaneses viram-se impulsionados, sobretudo, por pressões demográficas e econômicas em sua terra de origem, antes referido. Esses fatos, entretanto, coincidiram com uma situação de conjuntura econômica e política de estímulo destinado à colonização e ao povoamento das terras brasileiras.

Knowlton (1995), o primeiro historiador da imigração libanesa no Brasil, narra as aventuras e os equívocos ocorridos durante as viagens dos pioneiros libaneses para o Brasil. Esses aventureiros vieram para o Brasil, por não terem obtido visto para os Estados Unidos ou por não preencherem as condições mais exigentes de entrada naquele país. Para não retornarem ao seu país de origem, desembarcaram no Rio de Janeiro, já que estavam em continente americano. É provável, segundo o autor, que outros tenham desembarcado no porto de Santos, acreditando piamente estarem em solo norte americano, muitas vezes, enganados

por agências de navegação. E, finalmente, há aqueles que vieram para o Brasil, estimulados por parentes e amigos ou por acreditarem no país como o lugar adequado para fazer fortunas.

Ao chegarem ao Brasil, os imigrantes libaneses mostraram sua natureza versátil e sociável. Habitados a conciliar antagonismos, encontraram facilidade de integrar-se às novas situações. Dedicaram-se, inicialmente, à atividade temporária da mascateação, comercializando nos campos e nas praças os diversos tipos de mercadoria. Com um ‘armarinho’ nas costas, os mascates carregavam toda sorte de mercadorias e miudezas -de roupas a alfinetes. Com o intenso exercício dessa atividade⁶, adquiriram informalmente o português, muitas vezes, falando alternadamente as duas línguas na tentativa de se fazerem compreender pelos brasileiros. Desbravaram caminhos e sertões brasileiros e, alguns anos mais tarde, o caminho natural foi a abertura de lojas, fábricas e indústrias. Estabelecendo residência ao lado das lojas e possibilitando serviços de entrega e crediário facilitado aos usuários, os membros da família possibilitavam uma mão de obra barata com longas horas de jornada de trabalho. Na medida em que os negócios prosperavam, parentes e contemporâneos fomentavam um maior fluxo migratório para o Brasil.

Para preservar os laços culturais, em determinados finais de semana e feriados, os primeiros imigrantes organizavam reuniões em piqueniques com amigos brasileiros, patrícios e familiares. Na vasta mesa montada sobre a relva, uma das características da cultura libanesa era expressamente vista: a presença abundante de variados pratos típicos, acompanhados do pão árabe, potes de coalhada, frutas e doces. Depois, os imigrantes fundaram os clubes libaneses que serviam, também, às necessidades locais de sociabilização devido à pouca presença da família no cotidiano do imigrante libanês. A formação dos clubes sociais e ainda hospitais, especialmente em grandes capitais brasileiras, sempre esteve determinada por uma característica dos imigrantes libaneses cristãos (GATTAZ, 2005). Em São Paulo, por exemplo, onde houve grande fluxo imigratório, vários clubes, jornais e hospitais foram fundados graças à contribuição de membros da colônia libanesa. Já os libaneses muçulmanos preferiam fundar associações voltadas particularmente à divulgação e à prática islâmica. A cidade de São Paulo foi a maior atração para estes imigrantes aventureiros, sendo considerada, pouco tempo depois, a maior cidade libanesa do mundo fora do Líbano, com quase dois milhões de libaneses e seus descendentes entre os seis milhões que residem no Brasil.

⁶ O envolvimento dos imigrantes com as lavouras também ocorreu, mas em quantidade menor em relação aos imigrantes europeus

Entretanto, na convivência com os brasileiros, um fator conflitante que sempre causou desconforto para os imigrantes libaneses e descendentes diz respeito à questão histórica sobre sua identidade. Na época aproximada de 1960, antes referido, o império otomano exercia severo domínio sobre o Líbano e, por essa razão, qualquer indivíduo libanês que emigrava para outros países era portador de passaporte fornecido por autoridades turcas. Independentemente de terem sua verdadeira procedência declarada, eles eram chamados de ‘turcos’, por ser a Turquia o país que lhes conferia permissão oficial para viagem. Assim, qualquer imigrante oriundo de qualquer país árabe era chamado de ‘turco’, fosse egípcio, argelino, persa, palestino, sírio, libanês etc. Na função de registrar a norma social de uma época com seus valores envolvidos, o dicionário Aurélio, por exemplo, reflete essa visão e expõe a seguinte informação semântica no verbete da denominação ‘turco’:

TURCO:

Turco da Prestação. Bras.

5. Vendedor ambulante de mercadorias pelo sistema de prestações; prestamista; turco; turco da prestação.

Influente presença em todo o Brasil, o mascate firmou-se no imaginário popular como o estereótipo do imigrante libanês, conhecido vulgarmente como ‘turco da prestação’. Nesta direção, as representações das características linguísticas e étnicas dos imigrantes libaneses acabaram por constituir um traço definitório estereotipado que atingiu todo o grupo social e revelam as atitudes sociais inconscientes frente à língua e ao falante. Essas são ironicamente expostas na produção literária, em verso e em prosa, de poetas brasileiros, como se vê a seguir, mais amplamente, nas linhas de Amado (1994) e Andrade (1992, p. 96):

De árabe e turco muitos o tratavam, é bem verdade. Mas o faziam exatamente seus melhores amigos e o faziam numa expressão de carinho e intimidade. **De turco ele não gostava que o chamassem,** repelia o apodo, por vezes chegava a se aborrecer: **-Turco é a mãe, [...] os turcos são uns bandidos. Não pode haver um insulto pior para um libanês que ser chamado de turco.** -Mas, Nacib...[...] Ora Nacib, não se zangue. É que essas coisas das estranhas pra gente é tudo igual [...]. Tudo o que quiser, menos turco. **Brasileiro -batia com a mão enorme no peito cabeludo.** **Árabe, turco, sírio é tudo a mesma coisa [...].** Os turcos jogam cartas com alarido, **a língua cifrada, cria um mundo-problema em nosso mundo,** como um punhal cravado no peito. Entendê-los, quem pode? **Os turcos nasceram para vender bugingangas coloridas em canastras, têm bigodes pontudos, caras de couro curtido, braços tatuados de estrelas.** -Compra, fregueza, compra. É baratinho. **A pronúncia cômica,** a voz sedutora. (AMADO, 1994, p. 45; ANDRADE, 1992, p. 96)

A capacidade de expressar muito em poucas palavras é um dom dos grandes escritores. Os fragmentos literários expõem o modo como os poetas reportam para os versos os elementos que caracterizam a imagem que grande parte dos brasileiros têm dos imigrantes libaneses. Uma imagem que não diferencia sírios de libaneses e os associa equivocadamente à origem turca. Estes são aspectos centrais do estereótipo de imigrantes libaneses elaborados pela produção cultural e aceita pela maioria dos brasileiros. Segundo os aspectos sociais elencados por Weinreich (1974), que podem exercer maior ou menor impacto no desencadeamento da interferência linguística, as características descritas pelos escritores brasileiros acima revelam (i) as atitudes estereotipadas em relação à língua; (ii) as atitudes sociais (conscientes ou inconscientes) em relação à cultura da comunidade linguística; (iii) as atitudes em relação ao bilinguismo em si; e finalmente, (iv) a intolerância em relação à mistura de língua e aos usos incorretos em cada língua.

Entretanto, a integração e o intercâmbio entre as duas culturas no desenvolvimento do Brasil são incontestáveis, revelados em diversos aspectos da vida dos brasileiros. No âmbito linguístico das trocas, fato interessante que denota o influxo da cultura libanesa no Brasil são os antropônimos de origem árabe encontrados em famílias brasileiras, motivados pelas circunstâncias de amizade entre as duas comunidades. O Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes de Guérios⁷ (1973), por exemplo, expõe diversos nomes da antroponímia brasileira criados ou adaptados, gráfica e foneticamente, a partir de nomes árabes trazidos pelos imigrantes libaneses. Alguns nomes citados são comumente vistos em todo o Brasil, tais como Jamil, Jamilda, Maluf, Muhammed, Rachid, Salim, Samir etc.

1.2.2 Dados Estatísticos e Demográficos da Imigração

A realidade refletida nos dados demográficos e estatísticos do Censo de 1950 propicia elementos concretos para uma adequada avaliação da inserção dos imigrantes sírio-libaneses no contexto urbano brasileiro, bem como do êxito alcançado por eles em atividades no comércio e indústria. Os números da tabela 1, por exemplo, revelam que, embora os sírios e libaneses constituem apenas o oitavo grupo de estrangeiros no país, com números inferiores em relação aos cinco primeiros grupos, ele passa à quarta posição, quando

⁷ Respeitado filólogo e lexicógrafo paranaense, Rosário Farâni Mansur Guérios integra o grupo de estudiosos da língua portuguesa descendentes de imigrante libanês

considerados os sócios das 61.373 empresas individuais e sociedades brasileiras registradas na época, conforme expõe a Tabela 1.

Tabela 1 –Distribuição de imigrantes e brasileiros naturalizados em 1950.

Etnias	Total de imigrantes
1. Portugueses	336.856
2. Italianos	242.336
3. Espanhóis	131.608
4. Japoneses	129.192
5. Alemães e Austríacos	83.237
6. Poloneses	48.806
7. Soviéticos e Bálticos	48.669
8. Sírios e libaneses	44.718

Fonte: Censo (1950) - Gattaz (2005, p. 54).

Tabela 2 –Proprietários ou sócios de empresas brasileiras em relação ao total de imigrantes em 1950.

	<i>Número de proprietários (a)</i>	<i>Total de imigrantes (b)</i>	<i>Proporção (a/b)</i>
1. Portugueses	3.453	336.856	1,03%
2. Italianos	1.812	242.336	0,75%
3. Espanhóis	921	131.608	0,70%
4. Sírios libaneses	855	44.718	1,91%
5. Japoneses	609	129.192	0,47%
6. Alemães/Austríacos	618	83.237	0,74%

Fonte: Censo (1950) – Diégues Júnior (1964, p. 298).

Outro dado extraído do mesmo recenseamento, estampado na Tabela 2, aponta que, dentre os oito principais grupos imigrantes, os sírios e libaneses apresentam a maior taxa de proporção entre o número de imigrantes proprietários em relação ao número total de imigrantes. Esse dado oferece elementos estatísticos que atestam a inserção nitidamente urbana e desconcentrada dessa imigração por diversas cidades do território brasileiro.

Nessa direção, a Tabela 2 mostra outro fato relevante a ser registrado: o Censo de 1950 destaca que entre os oito grupos de imigrantes, os sírio-libaneses apresentam melhor distribuição espacial, marcando presença em todo o território⁸ nacional. Esta informação justifica a conhecida expressão: ‘Em cada cidade do Brasil tem um lojinha de turco.’ Enquanto os sete principais grupos concentravam, em 1950, entre 96, 7% e 98, 9% de

⁸ A entrada sírio-libanesa no Mato Grosso iniciou-se, prematuramente, em 1987, quando diversos imigrantes estabeleceram-se em Cuiabá e Corumbá e, além do comércio no atacado, varejo e ambulante, dedicaram-se também ao garimpo e ao transportes fluviais (SAFADY, 1994). Segundo esse historiador, também ocorreu forte penetração de imigrantes libaneses no Estado de Goiás

seus imigrantes nas regiões Leste e Sul, para onde se dirigia a maioria da imigração, entre os sírios e libaneses este número era de 91, 4%.

Tabela 3 –Distribuição nacional dos imigrantes e brasileiros naturalizados segundo o Censo de 1950.

Etnias	Total	Norte	Centro-Oeste	Nordeste	Leste	Sul	Sul + Leste
Portugueses	336.856	6.670	1.045	3.311	163.910	161.920	325.830
Italianos	242.336	764	847	1.007	37.791	201.927	239.718
Espanhóis	131.608	1.099	474	373	17.851	111.811	129.662
Japoneses	129.192	630	1.569	38	2469	124.486	126.955
Alem./Austr.	83.237	210	758	889	15.302	66.078	81.380
Poloneses	48.806	52	435	184	9.107	39.028	48.135
Soviet./Bálticos	48.669	46	322	318	4.975	43.008	47.983
Sírios/Libaneses	44.718	1.264	1.700	889	14.708	26.157	40.865
	Total	Norte	Centro-Oeste	Nordeste	Leste	Sul	Sul + Leste
Portugueses	100%	1,0%	0,2%	0,5%	48,7%	48,1%	96,7%
Italianos	100%	0,2%	0,2%	0,2%	15,6%	83,3%	98,9%
Espanhóis	100%	0,4%	0,2%	0,1%	13,6%	85,0%	98,5%
Japoneses	100%	0,2%	0,6%	0,0%	1,9%	96,4%	98,3%
Alem./Austr.	100%	0,1%	0,5%	0,5%	18,4%	79,4%	97,8%
Poloneses	100%	0,1%	0,4%	0,2%	18,7%	80,0%	98,6%
Sovier./Bálticos	100%	0,0%	0,3%	0,3%	10,2%	88,4%	98,6%
Sírios/Libaneses	100%	1,5%	2,0%	1,0%	32,9%	58,5%	91,4%

Fonte: Gattaz (2005, p. 58). (Números absolutos e relativos)

Conforme se tem amplamente demonstrado aqui, a imigração libanesa no Brasil resguarda uma característica bastante peculiar no tocante à ocupação do espaço, em relação aos demais grupos de imigrantes alemães, japoneses, ucranianos etc, que se estabeleceram, isoladamente, em áreas geográficas denominadas ‘colônias,’ abrindo espaços para o desenvolvimento de ‘ilhas linguísticas’. Esse fato tem especial importância para compreendermos a dimensão do contato entre as duas línguas no Brasil e a influência que os elementos socioculturais (WEINREICH, 1974) próprios do povo libanês infundiram na cultura brasileira e, particularmente, no vocabulário vigente do português. Os libaneses, como já foi mencionado, por terem suas atividades ligadas ao comércio, chegaram ao território brasileiro e embrenharam-se pelos campos e cidades, adaptando-se aos elementos da cultura brasileira regional e, ao mesmo tempo, influenciando aqueles que lhes são próprios. Entre esses, a culinária constituiu um dos elementos de maior destaque na caracterização da cultura libanesa nas terras brasileiras.

1.2.3 Os Aromas e Sabores da Cozinha Libanesa

A culinária conserva uma estreita relação com a história de um povo, refletindo os elementos e as formas culturais na construção de sua identidade (ABREU, 2004, p. 198). Particularmente, a histórica culinária libanesa diferencia-se dentre as demais, por apresentar um mosaico de receitas elaboradas com requinte e apuradas ao longo dos séculos, graças às influências de várias culturas e etnias que habitaram o Brasil. Alimentos exóticos com sabores acentuados e, muitas vezes, perfumados, conferem a tal cozinha o status de uma gastronomia marcante que provoca os sentidos.

Esses sabores são produzidos a partir de especiarias tais como semente de anis, sumake, alcarávia, cravo-da-índia, cominho, noz-moscada, alho, esnúbar, misturas de pimentas etc. As ervas também integram o universo desta culinária: zatar, hortelã, sálvia, açafraão, coentro, cardamomo, sete ervas, funcho, cheiro verde, entre outros. Aromatizantes como almíscar, âmbar, água de rosas e água-de flor de laranjeiras representam ingredientes indispensáveis que perfumam as receitas. Entretanto, essas especiarias, essas ervas e os esses aromatizantes peculiares não têm êxito sozinhos, pois, para os árabes, o toque das mãos humanas completa o mistério dos sabores e dos aromas, consistindo, portanto, a produção artesanal das receitas a ‘alma’ dessa culinária.

Além de saborosa e perfumada, a cozinha libanesa é altamente nutritiva, posto que representa a dieta mediterrânea, comumente associada à longevidade e à qualidade de vida. Dela faz referência, Fisberg (2002)⁹, em estudo sobre a alimentação do brasileiro, de Norte a Sul, descrevendo as modificações nos hábitos alimentares do brasileiro motivadas por influências culturais dos primeiros imigrantes que aqui chegaram. O autor afirma que os imigrantes sírios-libaneses imprimiram características próprias nos hábitos alimentares da população da região onde se fixaram. Diversos pratos típicos trazidos pelos imigrantes foram adaptados e alguns apresentam novos ingredientes, todavia, muitos preservaram suas características iniciais (FISBERG, 2002, p. 85).

É por essa razão que se encontra a influência da culinária libanesa presente nos hábitos alimentares do brasileiro nos inúmeros fastfood, restaurantes, self service, lanchonetes e empórios árabes espalhados por muitas cidades do Brasil. É difícil encontrar algum brasileiro que não tenha saboreado uma esfirra, um quibe ou ‘beirute,’ em suas diversas variações, em alguma reunião festiva. Além desses, outros pratos como tabule,

⁹ Referimo-nos ao livro intitulado ‘Um, dois, Feijão, com Arroz,’ de autoria de Fisberg (2002).

quibes de bandeja, homus, coalhada e munjadra já estão popularizados, enquanto, outros pratos, como chichbáarak, fatuch, fath, labanieetc, ainda são menos difundidos. Não obstante, a venda de doces e produtos distintos específicos na preparação das iguarias está disponível em diversos supermercados, feiras e empórios árabes nas cidades braileiras.

1.2.4 A Comunidade Libanesa em Londrina

A comunidade árabe em Londrina é composta por imigrantes provenientes de diferentes países árabes. Além do número expressivo de imigrantes oriundo do Líbano, é possível encontrar muçulmanos marroquinos, egípcios, argelinos, palestinos, entre outros.

Segundo Wachowicz (1967), os imigrantes libaneses chegaram ao estado do Paraná pelo desembarque no porto de Paranaguá e de Antonina, dirigindo-se, mais tarde, à capital Curitiba e a outras cidades do estado.¹⁰ De acordo com Sahão (1989), os libaneses (cristãos) chegaram ao Patrimônio Três Bocas, atualmente Londrina, a partir do ano de 1931, antes mesmo da fundação oficial do município. Conforme ocorreu nos demais lugares do Brasil, os imigrantes iniciaram o trabalho como mascates ambulantes, montados em cavalos e jumentos e, com o passar do tempo, participaram do processo de desenvolvimento da cidade, abrindo lojas nas ruas centrais, ampliando seus estabelecimentos e expandindo até as cidades vizinhas.

Representados pela pioneira família Dequech, os libaneses impulsionaram o crescimento do comércio local, fundando, no ano de 1940, a Associação Comercial e Industrial de Londrina –ACIL, e ocupando a sua presidência por um período de vinte e cinco anos. Durante esse período, Sahão (1989) descreve as contribuições que libaneses pioneiros acrescentaram à vida socioeconômica da cidade, destacando especialmente as oferecidas por sua família. Mais tarde, porém, percebendo a possibilidade de modificação de conceitos da atividade lojista na cidade, os libaneses abriram galerias comerciais, shoppings e, no ano de 1991, inauguraram o Catuaí Shopping Center, o maior centro de compras da cidade e região.

¹⁰ A maior concentração de imigrantes e descendentes libaneses do estado do Paraná está na cidade de Foz do Iguaçu, onde participam em diversos segmentos da vida financeira e cultural da cidade.

A participação expressiva¹¹ dos libaneses na ocupação espacial e no povoamento de Londrina, com o passar do tempo, fez-se notar com a inserção de seus descendentes com formação profissional no Brasil, possibilitando a atuação em posições de destaque na sociedade não apenas no comércio e indústria, mas também em distintos segmentos da área profissional. Associação (2004) apresenta uma relação detalhada da participação dos imigrantes libaneses na cidade de Londrina, em diferentes áreas de atuação, desde o período de colonização até os dias atuais. Na medicina, por exemplo, o autor registra que o primeiro pediatra da cidade foi um filho de libanês, chegado em 1941, o que fundou a associação médica da cidade, presidiu instituições de saúde e ensino superior, fundando, ainda, clubes e creches. Tomando como base o atual guia médico de Londrina, é possível encontrar nomes de vários descendentes de libaneses atuando como profissionais em diversas especialidades médicas na cidade. Também na vida pública do Paraná e do Brasil se encontram diversos nomes representados, por exemplo, pela família Miguel Buffara, Richa, Haully, dentre outros, descendentes de libaneses que nasceram e habitaram na cidade de Londrina.

Entretanto, entende-se que a observação e a descrição exaustiva da comunidade alvo exigem um conhecimento profundo das relações de forças existentes entre os variados grupos que integram essa comunidade e, em especial, do complexo marco social que normalmente apresentam as línguas em contato (ABREU, 2009, p. 275). Por esse motivo, fez-se necessário estabelecer uma distinção, no interior da própria colônia libanesa, entre os dois grandes grupos religiosos representados por muçulmanos e por cristãos e suas características mais específicas como um meio de compreender a comunidade libanesa como um todo.

O grupo de imigrantes muçulmanos é representado por religiosos libaneses partidários de várias vertentes islâmicas, tais como sunitas, xiitas e grupos minoritários de drusos¹². Juntos, esses religiosos participam, pacificamente, em torno da ortodoxia sunita, nos cultos semanais e em outras atividades promovidas na Mesquita Islâmica da cidade. Os muçulmanos são mais unidos na prática islâmica, que envolve o cumprimento de rituais, jejuns, festas e cerimoniais do calendário islâmico e uma alimentação adequada à religião. O

¹¹ A questão de determinar um número estatístico no contexto de imigração é destacada por Bolognini (2004), como um problema comum enfrentado por pesquisadores no desenvolvimento de diversas pesquisas com temas nesta área, posto que fatos como a imigração clandestina, o sigilo em situações políticas difíceis, o registro dos filhos de imigrantes como brasileiros e falantes de português, entre outros, dificultam o estabelecimento de dados estatísticos previstos quanto ao número de falantes das línguas estrangeiras na atualidade.

¹² A religião Drusa é derivada do Islamismo, cuja prática é realizada secretamente.

grupo preserva os laços culturais, também na família, com a realização de casamentos endogâmicos.

Por seu lado, o grupo dos cristãos compõe-se de libaneses representantes das vertentes ortodoxa, católica e maronita, os quais, com maior frequência, demonstram na vida cotidiana da cidade uma prática ecumênica, no sentido de convivência amigável com os praticantes de outras religiões. Muitos adotaram o catolicismo ou casaram-se com brasileiras católicas, o que contribuiu para o número de libaneses católicos no Brasil superar o número desses no Líbano.

1.2.4.1 A manutenção das identidades culturais: a família e a religião

1.2.4.2 A família e a casa: o ‘solo libanês no Brasil’

Como modo de facilitar a integração à sociedade local, os imigrantes aprenderam o português, adaptaram-se ao clima, à alimentação, ao vestuário e a outras especificidades da cultura regional brasileira. Todavia, no embate diário com esses e outros elementos estrangeiros, o anseio de preservar e estender a própria cultura libanesa induzia-os a se apegarem às origens, recriando e estabelecendo formas de manutenção de suas tradições culturais e identidades étnicas no novo país.

Uma dessas formas de manutenção é a família, pois, como se sabe, é no interior do lar que se cultivam e se mantêm os laços culturais¹³ e se permitem dar a efetiva direção à fé. A começar pela família, nota-se que essa parece ter maior importância para a preservação da identidade islâmica em relação à cristã. Isso decorre do fato de a maioria dos imigrantes cristãos ter abandonado a religião original libanesa em favor do catolicismo no Brasil e, assim, eles têm suas identidades religiosas integradas plenamente em toda a comunidade libanesa espalhada pelo território brasileiro, considerado majoritariamente cristão. Por sua vez, a família muçulmana atribui maior atenção à preservação das identidades culturais, pois, além de encontrar menor oferta de socibilização, os muçulmanos lidam com o duplo problema de praticar uma religião pouco divulgada no país e rodeada de muito preconceito. Com efeito, o lar e a família se transformam no ambiente mais importante para a

¹³ Usamos a expressão ‘cultura libanesa’ para designar as influências resultantes das elaborações sociohistóricas, políticas, econômicas etc, ocorridas com o povo libanês, no decorrer dos séculos, notadas na língua, folclore, culinária, música, arquitetura etc. Ou seja, o misto de influências herdadas dos dominadores gregos, romanos e bizantinos na região do Líbano, nesse caso, seria o elemento distintivo da cultura libanesa em relação a outras regiões de cultura árabe.

manutenção dos elementos culturais identitários. De modo geral, as famílias muçulmanas procuram preservar as práticas islâmicas, ensinando os filhos a se manterem fiéis aos costumes e às tradições e, conseqüentemente, à manutenção da língua.

Um dos costumes da cultura muçulmana a ser considerado é a questão do casamento, o qual se reveste de especial importância para a transmissão ou não da prática islâmica aos descendentes. Os primeiros imigrantes muçulmanos, na falta de noivas da mesma fé religiosa, acabaram por unir-se a brasileiras ou a libanesas católicas, educando seus filhos no catolicismo devido à ausência de mesquitas no novo território. Depois, com a imigração de um contingente maior de famílias muçulmanas, tornou-se comum o casamento entre muçulmanos e a transmissão da religião aos filhos. Nesse contexto cultural, a família do noivo é que sai à procura de uma noiva que considera adequada aos seus costumes, mediante contatos com outras famílias no Brasil e no Líbano. Em seu aspecto legal, o casamento consiste em uma espécie de contrato estabelecido entre o homem, a mulher e o seu responsável e implica o pagamento de um dote, cujo valor é acordado pelas duas partes e pago pelo noivo. Outras especificidades relativas ao noivado e ao casamento na cultura muçulmana entre os libaneses são descritas por uma informante entrevistada:

Ex. 1: INF. -(2SFM) A cultura no Líbano é diferente daqui...lá a moça tem que casar virgem pura e não existe o que se diz aqui 'ah! eu vou ficar com fulano ou com esse e outro;' é no noivado que a moça tem um assim pouco de intimidade com o noivo, claro se não der certo no noivado já separa, mas não existe esse negócio de namoro de dormir pra depois vê se quer realmente. Lá, as moças conhecem os moços no orsi, orsi é a festa de casamento, vai os rapazes vai as moças e um pega na mão de cada um na dança da dabk quando você gostou de tal rapaz, ela chega pertinho dele pra pegá na mão dele bildabk, é na dábk, na dança, que elas pegam nas mãos e então fazem um ge/gestozinho em carinho na mão, nos olhares, é muito por olhar do que pela fala e do que no corpo. Se o rapaz gostô da moça vai a família dele pedir a mão dela, se ela aceitar eles dão, se ela não aceitar, eles não dão né? Então, se ela aceitar é permitido. Aí o é que tem? Tem o ereitlfêteha, o ereitfêthaé pra abençoar o conhecimento deles é uma oração de um versículo de uma fêteha é um compromisso entre eles, aí se realmente é uma coisa que vai prolongar eles fazem kitb al kiteb o escrito no livro. Porquê? Esse kitbalkiteb significa que ela já é mulher dele perante a religião islâmica se ele quiser dormir com ela ele pode, porque ela já é mulher dele, se ele ordena que ela faça isso, faça aquilo ela tem que respeitá que ela já é mulher dele pela lei islâmica, agora claro que tem a festa berudua, o que significa a festa berudua? a festa que vai levar o noivo até à noiva.

No que concerne à questão dos casamentos ‘arranjados,’ importa notar que não se trata de costume muçulmano, mas árabe,¹⁴ e acontece frequentemente entre os libaneses cristãos e muçulmanos. Muitas vezes, ocorre casamento entre primos, o que não pode ser considerado uma obrigação, mas uma opção que é mais influente na cultura árabe do que por preceitos religiosos. Dessa maneira, os motivos que impulsionam os libaneses islâmicos a casamentos endogâmicos estão mais aliados à tentativa de amenizar o sentimento de desenraizamento mediante a união com pessoas de identificação cultural e religiosa afins. Sobre esse assunto, relata uma informante do grupo cristão:

Ex. 2 -INF.(1PMF) Quando eu, minhas irmãs e a família chegamos na casa do compadre da nossa família, lá eles chamam de cumpadre. Depois chegaram umas famílias de outros patrícios convidadas que tinha uns moços libaneses solteiros. Quando chegamos éramos em três moças, eles falaram ‘nossa!’ O povo todo ficou de olho, né? Porque todos preferiam casar entre patrícios por causa das diferenças de costumes, e essas famílias eram da região do Monte Líbano, a mesma região que nós morávamos lá. Mas...parece que hoje ninguém mais liga para isso, minhas filhas mesmo casaram com moços brasileiros, foi assim dando certo com eles e nós não importamos, porque o que manda é se o moço é bom e trabalhador, respeita a família e elas gostaram também.

Como ocorre em muitas sociedades, orientais ou ocidentais, as mulheres libanesas sempre ocuparam papéis sociais bem diferenciados dos homens e, muitas vezes, sofrem as dificuldades peculiares a uma sociedade árabe patriarcal de domínio predominantemente masculino. Respondendo a distintas obrigações, a mulher tem fundamental participação nos negócios familiares, na educação dos filhos, sobretudo no que se refere à preservação da língua e da cultura. Além da presença feminina atuante em lojas, é comum encontrar mulheres libanesas e descendentes comandando restaurantes e lanchonetes onde se oferecem pratos típicos e diversos temperos da culinária árabe, tais como quibes, esfirras, tabule, fate, babaganuch, fatair etc. Na cidade de Londrina, por exemplo, registramos, a existência de seis estabelecimentos¹⁵ onde se podem encontrar pratos típicos da culinária libanesa.

¹⁴ O termo muçulmano, que em sua etimologia significa ‘submisso’, é designativo da religião que identifica os seguidores do islamismo. Todavia, nem todos muçulmanos são árabes, assim como nem todo árabe é muçulmano, havendo um percentual de árabes que são cristãos, como é o caso dos libaneses. Também há muçulmanos de origem mongol, indonésia e persa.

¹⁵ Ghada Restaurante Árabe; Restaurante Kiberama; Yalla-Yalla; Kibeteria Pratos Árabes; Zaki Sabor Árabe; Tenda Árabe etc.

A mulher, no âmbito global da cultura árabe-islâmica, representa o cerne de discussões e controvérsias de temas como ‘direito da mulher no islã, educação e instrução, liberdade de expressão, direito à herança, divórcio, sexo e o uso obrigatório do Hijab.’ Ainda que se compreenda a diferença entre a crença propriamente dita revelada no Alcorão e a sua prática nas diversas sociedades islâmicas no mundo, o que sobressai é a mulher como reflexo do poder masculino, onipresente nessas sociedades, que almeja impor restrições impróprias e excessivas a elas, delimitando o seu papel e normatizando seus corpos e almas.

Outro aspecto em que se nota a preservação da identidade cultural dos imigrantes libaneses é a frequência às instituições da colônia. Para os imigrantes cristãos, a frequência às instituições não representa uma regra para todos os componentes do grupo, principalmente para os mais jovens, que procuram a ascensão social e econômica mediante profissões e cargos que exigem a convivência com colegas brasileiros. Desta mesma forma, os descendentes de primeira e segunda geração raramente participam das entidades da colônia. Cabe, então, aos membros do grupo muçulmano, mais preocupados em preservar vivas as raízes culturais, a manutenção e frequência às instituições da comunidade responsáveis por essa tarefa.

1.2.4.3 As instituições da comunidade

As diferenças entre as formas de manutenção das identidades culturais dos libaneses observadas implicam um sistema de valores vitais que são vivenciados grupalmente e são preservados mediante o apoio de instituições existentes no ambiente das línguas em contato. As instituições existentes no interior da comunidade libanesa em Londrina são a Mesquita Islâmica, a escola de Árabe e o Jornal bilíngue.

Local de culto muçulmano, a Mesquita¹⁶ Islâmica Rei Faiçal foi edificada em um dos bairros de fácil acesso da cidade, inaugurada em 1975, e representa a maior

¹⁶ A Mesquita é o templo de oração da religião islâmica e surgiu durante o período de esplendor do império árabe, quando se disseminaram magníficas construções por diversos países do mundo. A primeira mesquita foi edificada em 662 por Maomé, na cidade de Medina, na Arábia Saudita e serviu de modelo arquitetônico para a construção das demais mesquitas espalhadas em diferentes partes do mundo. O templo islâmico, onde quer que se erga, conserva de modo geral características semelhantes ao modelo padrão originalmente construído em Medina. Sua arquitetura, tipicamente árabe, chama atenção para uma vasta construção quadrangular, com um minarete coroado pelo símbolo muçulmano representado pela meia lua. O templo, propriamente dito, é um vasto salão com paredes lisas, sem altares nem imagens, apenas alguns quadros com inscrições de versículos do Alcorão; o chão é coberto por diversos tapetes importados coloridos, onde os fiéis se ajoelham inclinando a cabeça até o chão para orar. Em um local reservado, encontra-se uma fonte de água destinada à abluções de partes do corpo como rosto, mãos, braços e pés dos fiéis, conforme exigem as regras

tentativa de manutenção da tradição social, religiosa e cultural entre os membros do grupo. A Mesquita exerce um papel sociocultural de potencial importância na integração dos imigrantes muçulmanos de diferentes países que, em sua quase totalidade, para ali se voltam aos cultos e orações às sextas feiras, para a prática do jejum do hamadã e demais atividades.

Dentre as obrigações do calendário islâmico, os fiéis adultos devem realizar cinco orações diárias obrigatórias: 1. antes do nascer do sol, 2. ao meio-dia, 3. na parte da tarde, 4. após o por-do-sol e 5. à noite. As condições prévias para validar essas orações são a purificação das vestimentas e do corpo, mediante abluções e realizá-las em posição de prostração, sobre um tapete em direção à cidade de Meca. O jejum realizado durante todo o mês do Hamadã é obrigatório e consiste na abstenção, desde o raiar da aurora até o por do sol, da ingestão de qualquer tipo de alimento ou bebida, assim como de fumar e manter relações sexuais. O muçulmano deve abster-se de determinados alimentos proibidos segundo as leis do Alcorão que são a carne de porco e seus derivados, sangue e seus derivados, animais carnívoros, bebidas alcoólicas etc. Além disso, os muçulmanos devem ajudar os necessitados, o que é conhecido como zakatou purificação, e peregrinar à Meca pelo menos uma vez na vida. Dessa maneira, como o muçulmano não distingue entre o aspecto religioso e o resto de sua conduta pessoal, a lei islâmica não apenas trata dos rituais e das crenças, mas também de todos os demais aspectos da vida cotidiana.

O esforço dos libaneses muçulmanos em manter as tradições religiosas também inclui a manutenção de escola de língua árabe. Sabe-se que o papel da escola torna-se relevante como promotora do diálogo com a comunidade sobre que atitudes têm-se tomado e se desejam tomar com relação às culturas e às línguas com as quais estão em contato. A escola está situada nas dependências da mesquita e tem o objetivo de ensinar o árabe aos interessados e descendentes, juntamente com os fundamentos da religião e da cultura muçulmanas. O curso de língua árabe, ainda que pouco frequentado, representa uma das atividades importantes realizadas dentro da mesquita. Desse modo, a importância do idioma árabe entre os muçulmanos, configura-se de forma bem específica, posto que é a língua do texto sagrado do Alcorão, que foi ‘revelado em árabe’ e, por essa razão, um acesso pleno a sua letra só é possível alcançar mediante a leitura na língua original. Com essa visão, o ensino da língua observa elementos da doutrina islâmica e o vocabulário oferecido contempla a

religiosas. O templo de orações é o lugar de culto frequentado somente por homens, algumas mesquitas, porém reservam um espaço dividido por cortinas para que as mulheres, em datas especiais, também possam praticar seus rituais de oração. O imã-sacerdote islâmico, é chefe espiritual, guia ou Cheik, é o que tem a incumbência de dirigir atividades superiores que ocorrem na mesquita.

aquisição de um vocabulário relacionado à prática muçulmana, como é o caso, por exemplo, de nomes representativos das orações diárias, de festas muçulmanas, de fragmentos de textos, personagens relevantes do Islã, entre outros. Nessa direção, o papel da língua árabe, instrumentalizada mediante a escola, se estabelece no contexto da leitura ideal do Alcorão e no uso limitado do árabe clássico como língua franca entre os muçulmanos, com as idiossincrasias pertinentes a uma modalidade da língua repleta de referências religiosas.

Por outro lado, os cursos sobre o islamismo tendem a centrar os desafios que as práticas culturais e sociais brasileiras colocam para os fiéis, principalmente para os convertidos ou os imigrantes recém chegados, abordando temas como o uso do véu, a proibição do consumo de álcool e da carne de porco, e a interação social com amigos não-muçulmanos etc. Tais temas são permeados com outros de âmbito mundial, como a imagem do Islã e dos muçulmanos na mídia, que geralmente é percebida como hostil ao Islã (MONTENEGRO, 2002), os conflitos no Oriente Médio, ou os ataques terroristas de onze de setembro.

Esses vínculos existentes entre etnicidade, língua e religião são compreendidos por Fishman (1972) como instauradores da dimensão moral do grupo e interferem solidamente na manutenção da língua. O autor declara que a relação entre língua e etnicidade permanece paralela à relação entre língua e religião. Por conseguinte, as religiões são inevitavelmente veiculadas ou ‘recebidas’ por meio da língua e por muito tempo têm sido adotadas por coletividades etnolinguísticas, que professam a uma religião específica. Para Fishman (1972), a tripla associação resultante entre língua, religião e etnicidade confere dimensão moral à identidade e à consciência etnolinguísticas. É assim que a língua permanece muitas vezes associada à ‘alma’ ou ao ‘espírito’ da nacionalidade.

Nesta dimensão sociocultural e linguística das práticas religiosas, nota-se que o árabe é valorizado como um elemento constitutivo, porém não determinante da identidade cultural muçulmana. Existe a preocupação de ensinar a língua aos simpatizantes da religião que não têm origem árabe e mesmo aos descendentes que não dominam o árabe clássico dos textos religiosos, com o intuito de permitir a todos o acesso direto ao texto corânico. No entanto, o universo linguístico das práticas religiosas é nitidamente regido pelo amplo uso do português, com exceção de fórmulas rituais do árabe clássico, como as orações islâmicas *bismillah al-rahman al-rahim* [em nome de Deus clemente e misericordioso], ou *salam aleikum rah matu-llah wa barakatu-hu* [que a paz de Deus, a sua misericórdia e graça estejam com vocês] entre várias outras expressões de saudações e outros, as quais expõem a

construção de um ambiente religioso integrado ao universo linguístico e, em certa medida, à cultura local.

Inclui-se nesta situação linguística, indícios de uma diglossia ‘interna’¹⁷ caracterizada pela coexistência de uma forma do árabe clássico e outra dialetal, falada na região do Líbano, compartimentalizadas nas funções de cada variedade da língua. Durante os períodos de confraternização que se seguem aos eventos e cerimoniais religiosos é comum ver os imigrantes usarem a variante do árabe falado no Líbano, em suas interações, demarcando uma fronteira étnica que os separa dos demais membros da comunidade árabe local. Já os filhos e os descendentes que não dominam a língua, são alvo de leves repreensões jocosas que reafirmam o prestígio da língua árabe como referencial da cultura e dos costumes.

Por sua vez, o Jornal bilíngue¹⁸ representa outra instituição mediante a qual se percebe a presença da comunidade libanesa na cidade de Londrina. A veiculação do Jornal

Voz Árabe teve início em 1997, data em que foi criado, cumprindo o objetivo específico de integração social dos membros da comunidade. O jornal apresenta matérias escritas em árabe clássico e em língua portuguesa, de modo a possibilitar, aos leitores do árabe, as notícias gerais sobre política, economia etc, relacionadas ao Mundo Árabe, e, aos leitores do português, as informações acerca dos eventos e demais acontecimentos realizados na vida social da comunidade londrinense.

Figura 4 –Página de frente e verso do Jornal Voz Árabe.



¹⁷ A expressão ‘diglossia interna’ foi usada inicialmente por Ferguson (1959), para referir-se ao uso de duas variedades linguísticas funcionalmente distintas da mesma língua. Entretanto, na situação linguística investigada, o uso do árabe clássico restringe-se, única e exclusivamente, a um ritual religioso, fluindo a comunicação nas demais ocasiões, na forma dialetal do árabe usado no Líbano. Não existe, portanto, um ‘duelo,’ propriamente dito, no uso de ambas as variedades no interior da comunidade.

¹⁸ Devido ao fato de a escrita árabe ser desenvolvida da direita para a esquerda, o seja, o que seria o verso do jornal, se fosse escrito em português, na escrita árabe, torna-se a frente, ou a própria página de rosto.

Mantido pela comunidade libanesa de Londrina, o Jornal Voz Árabe divulga notícias do Mundo Árabe e matérias sobre temas de interesse local aos membros das duas comunidades em contato. Com uma tiragem de 3.000 exemplares, aproximadamente, em uma periodicidade mensal, o jornal é distribuído em diferentes centros comerciais de toda a sociedade de Londrina.

Essas instituições existentes resultam dos esforços, em maior grau, de membros do grupo islâmico e, em menor grau, do grupo cristão a fim de mantê-las em funcionamento. Entretanto, especificamente da parte dos imigrantes cristãos, Associação (2004) registra que em 1971 foi criada a Associação Feminina Libanesa de Londrina, que atuou por mais de vinte cinco anos com eventos de cunho social, cultural e filantrópico. No entanto, por falta de apoio dos membros do grupo cristão, essa associação encontra-se em processo de desativação.

De modo geral, o quadro sociocultural da comunidade libanesa exposto, como um todo, nos permite afirmar que os imigrantes refundaram o mundo libanês em terras brasileiras. Isto é, além de satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência no país de adoção, os libaneses reorganizaram o novo mundo social e religioso a partir das experiências socioculturais e religiosas que trouxeram do país de origem. Conforme prevê Weinreich (1974), a permeabilidade de elementos de uma língua no interior da outra envolve a participação de fatores de natureza linguística e sociolinguística. Dentre os fatores sociolinguísticos, observamos que a religião, a culinária, o tipo de trabalho, a ocupação espacial, o modo de presença no país, entre outros, têm participado na interferência de termos árabes no português há mais de cento e trinta anos de coexistência entre as línguas.

Isto nos leva a pensar que a interferência léxica não se limita apenas a termos do campo semântico culinário, como é vista em dicionários gerais como Aurélio (1999), Houaiss (2009), dentre outros, e em demais trabalhos lexicográficos, tais como Abreu (2004), e de Vargens (2007) e outros, mas também envolve um vasto vocabulário com distintos campos semânticos em que esses se organizam, ‘como indícios da interferência de agentes socioculturais verificados na interação das duas comunidades em contato’ (WEINREICH, 1974).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 INTERFERÊNCIA LINGUÍSTICA

‘In speech, interference is like sand carried by stream; in language, it is the sedimented sand deposited on the boton of a lake. The two phases of interference should be distinguished.’
Uriel Weinreich¹⁹

Este capítulo apresenta as discussões teóricas para uma necessária dupla articulação dos determinantes da interferência entre duas línguas em situação de contato e de bilinguismo. Em primeiro lugar, expomos uma revisão do conceito de interferência, a partir do que é exposto sobre o fenômeno ao longo do tempo. Delineamos os fatores estruturais e não-estruturais que exercem influência conjunta sobre o fenômeno e, ainda, as principais formas e os mecanismos de interferências e sua extensão nos subsistemas da língua. Em segundo lugar, discutimos os aspectos relacionados ao bilinguismo, desde os esforços para defini-lo, os fatores mais utilizados no estudo de um fenômeno bilíngue específico, até os aspectos psicológicos e socioculturais próprios desse fenômeno.

2.1.1 O Conceito de Interferência Lingüística

O conceito do fenômeno de interferência linguística não é consensual entre os estudiosos. Entre as denominações que lhe são atribuídas encontram-se termos como influência, transferência, interinfluência e outros. Também não há consenso quanto ao seu significado. Jarvis (2000), por exemplo, chama atenção para o fato de esse termo ser usado com mais de dez significados diferentes, tais como transferência, interinfluência, convergência, dentre outros.

Blas Arroyo (1991), tomando por base o trabalho de Van Overbecke (1976), informa que o termo interferência originou-se do campo da física, disciplina na qual designa o encontro de dois movimentos ondulatórios como resultado de um esforço ou, ao contrário, de uma anulação da onda. Posteriormente, esse conceito foi adotado por outras áreas, como a Eletrônica, a Pedagogia, a Psicologia e a Linguística. Nessas áreas, o termo interferência

¹⁹ Preface, Weinreich (1974, p. 12). As citações concernentes à obra de Uriel Weinreich, *Langues in Contact*, publicada em 1953, referem-se à oitava edição do texto original, publicada no ano de 1974.

incorporou um sentido negativo, como sinônimo de ‘perturbação,’ ‘ingerências,’ ‘intromissão’ ou ‘infiltração’.

No âmbito dos estudos linguísticos, desde 1880, debate-se sobre situações interlinguísticas com temas ligados à classificação e à mudança linguística. Linguistas como Schuchardt e Whitney, entre outros, já atentavam para a questão da permeabilidade de traços gramaticais entre as línguas que originava ‘mesclas,’ empréstimos, convergências, pidgins, crioulos e outros. Porém, somente depois de 1953, ano da primeira publicação de *Language in Contact: findings and problems*, de Weinreich, os estudos sobre as relações resultantes de contatos entre línguas começaram a ter fundamentação teórica. Com a elaboração desta obra, Weinreich (1974) desenvolveu o primeiro estudo sobre o fenômeno de interferência entre línguas e dialetos, baseando-se em dados orais do inglês, do alemão, do reto-românico e do yidish, que é o judeu alemão. Para ele, a natureza e a extensão da interferência de uma língua sobre a outra pode ser explicada a partir de dados do discurso falado por indivíduos bilíngues.

Weinreich (1953-1974²⁰, p. 1, **tradução nossa**),²¹ define o fenômeno de interferência como “aqueles desvios de normas de qualquer língua que ocorrem na fala de bilíngues, como resultado de seu conhecimento de mais de uma língua, isto é, como resultado de línguas em contato.” Segundo essa noção, a interferência é entendida como ‘desvio’ que ocorre nos enunciados construídos por falantes bilíngues. A interferência, por conseguinte, implica o fenômeno que ocorre na fala / escrita de indivíduos em situação de contatos de línguas.

Weinreich (1974) explica que esse fenômeno implica a reorganização de padrões linguísticos que resultam na introdução de elementos estrangeiros no interior dos domínios mais estruturados da língua. O autor sugere que a influência de uma língua sobre a outra é capaz de alterar o ser natural mais íntimo das línguas que coexistem. Inclui, com isso, o empréstimo de unidades léxicas de uma língua a outra, como um processo pertinente à interferência. O termo ‘desvio’ usado por Weinreich (1974), no entanto, tem uma conotação negativa e sugere a influência de uma língua sobre a outra, implicando certa agramaticalidade.

²⁰ Por questões de ordem cronológica dos trabalhos citados, mencionamos as duas datas de publicação da obra de Weinreich *Languages in Contact*, isto é, o ano da primeira publicação (1953) e o ano da publicação usada neste trabalho (1974).

²¹ “Those instances of deviation from the norms of either language which occur in the speech of bilinguals as a result of their familiarity with more than one language, i.e. as a result of language contact, will be referred to as INTERFERENCE phenomena.”

O entendimento de Weinreich (1974, p. 1, **tradução nossa**)²² relativo à extensão do fenômeno de interferência revela-se, também, na seguinte afirmação:

Na fala, ela ocorre nos enunciados de um falante bilíngue como resultado de seu conhecimento pessoal de outra língua. Na língua, nós encontramos o fenômeno de interferência, o qual, ocorrendo frequentemente na fala da comunidade de bilíngues, torna-se habitual e estável.

Weinreich (1974, p. 1) estabelece uma distinção teórica entre dois tipos de interferência com base na dicotomia proposta por Saussure, *langue/parole*, daí que tenha separado as interferências situadas na fala, de um lado, das interferências que atuam na língua, por outro. O pesquisador declara que, na fala a interferência ocorre nos enunciados de falantes bilíngues como resultado de seu conhecimento da outra língua. Isto é, os traços linguísticos da língua materna ou de outras línguas conhecidas do falante bilíngue podem interferir quando este se comunica em determinada língua estrangeira. Na língua, ocorrem interferências quando o que acontece frequentemente na fala dos bilíngues se torna habitual e estável e pode ser incorporado à língua, independentemente do bilinguismo. Diz-se que faz parte da língua quando o elemento estrangeiro é repetido e conhecido por diferentes falantes monolíngues e em diferentes contextos.

Para explicar a distinção existente entre essas duas formas de interferência, Weinreich (1974, p. 12, **tradução nossa**)²³ utiliza o recurso da uma imagem metafórica que desvela: “Na fala, a interferência é como areia transportada pelo fluxo, na língua, ela é areia sedimentada, depositada sobre o fundo de um lago. Conforme o autor, as duas fases de interferência podem ser distintas. As interferências léxicas na fala correspondem a grãos de areia, carregados de um lado a outro, pelo fluxo das interações verbais efetivadas pelos falantes. Na língua, as interferências representam a areia sedimentada e depositada no fundo do sistema da língua, isto é, nos dicionários e em outras obras lexicográficas. Assim, muitas vezes, os falantes produzem interferências na fala que podem não passar de um fenômeno momentâneo, portanto, efêmero. No entanto, quando duas línguas estão em contato por um longo tempo, as interferências podem modificar, sensivelmente, o índice de frequências e integrar o sistema linguístico. Dessa feita, as interferências são produzidas de maneira mais

²² “In speech, it occurs a new in the utterances of the bilingual speaker as a result of his personal knowledge of the other tongue. In language, we find interference phenomena which, having frequently occurred in the speech of bilinguals, have become habitualized and established.”

²³ “In speech, interference is like sand carried by stream; in language, it is the sedimented sand deposited on the boton of a lake. The two phases of interference should be distinguished.”

constante e geral por todos os membros da comunidade e, com o passar do tempo, podem atingir o sistema da língua dominante.

A visão de Weinreich (1974) sobre a interferência linguística vai além da dimensão lingüística. Antes, o autor demonstrou que a ação de fatores extralinguísticos sobre as línguas em contato estimula ou restringe sua ocorrência, evoluindo a difusão, a persistência e a evanescência do fenômeno. Entre os fatores extralinguísticos que atuam sobre o fenômeno, Weinreich elenca o ambiente histórico e sociocultural das línguas em contato, a duração do contato, o tamanho do grupo, a sua homogeneidade e outros. Segundo essa perspectiva, a interferência pode ser entendida como todo tipo de influência extralinguística, ligada à vida dos falantes e que determinam a incidência do fenômeno.

Muitas afirmações de Weinreich (1974) serviram como subsídios para os estudos de Lado (1957), ainda que as pesquisas desse autor enfocassem a discussão sobre o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras, marco teórico que instituiu uma nova disciplina: a Linguística Contrastiva. Lado (1971, p. 14) estabeleceu o primeiro modelo de análise no interior desse novo campo de estudos, o da Análise Contrastiva, apresentando a seguinte declaração:

Os indivíduos tendem a transferir as formas e os sentidos e a distribuição das formas e dos sentidos da sua língua e cultura nativas para a língua e a cultura estrangeiras - tanto produtivamente, ao tentar falar a língua e agir dentro da cultura, como receptivamente, ao tentar apreender e entender a língua e a cultura como efetivadas pelos nativos.

Essa afirmação põe em relevo a influência da língua materna sobre a língua estrangeira, no momento em que os indivíduos tentam se comunicar e agir no contexto de uma língua e de uma cultura distintas da sua. Lado (1971, p. 14) introduz o conceito de interferência como fundamento do modelo de Análise Contrastiva e, segundo previa esse modelo, as áreas de dificuldades dos aprendizes poderiam ser previstas mediante a identificação das diferenças entre a língua materna e a língua estrangeira.

Por sua vez, o modelo de Análise Contrastiva apresentava duas modalidades de transferência: a transferência positiva e a transferência negativa ou interferência. A transferência positiva decorre das semelhanças entre a língua materna e a língua estrangeira e facilita a aprendizagem de línguas. Já a transferência negativa (ou interferência) causa dificuldades no processo de aprendizagem. Segundo essa abordagem, as estruturas da língua materna podem ser transferidas para a estrangeira, atuando de forma positiva e facilitadora na aprendizagem. Por outro lado, as estruturas da língua materna podem interferir na estrangeira

e gerar dificuldades para os aprendizes. Para Lado (1971), a interferência equivale a uma transferência negativa ou ao uso negativo da língua materna na língua estrangeira. Entretanto, vários pesquisadores comprovaram a existência de outros fatores que induziam a erros além do fenômeno de interferência.

Ambos, Weinreich (1974) e Lado (1971), elaboraram sua concepção de interferência e transferência sobre o behaviorismo, daí considerarem a aquisição/aprendizagem como a formação de um hábito que se desenvolve a partir do esquema ‘estímulo → resposta → recompensa.’ A língua, portanto, seria adquirida por condicionamento de ações repetitivas. Lado (1971) interpreta o fenômeno de interferência como uma operação mecânica, geradora de erros. No entanto, não se deve perder de vista que Weinreich (1974) estudou o fenômeno de interferência em um contexto natural de aquisição e bilinguismo e Lado (1971) considerou-a em ambientes formais de ensino de línguas.

A dificuldade por parte dos teóricos em distinguir as interferências da língua e as da fala, separando o que é resultado do uso coletivo e do uso individual, levou Mackey (1976) a um reestudo da interferência linguística. O autor diferencia interferência de integração, situando esses dois fenômenos em ambientes de línguas em contato e bilinguismo. O autor considera a ‘interferência’ como o uso de formas de uma língua ou dialeto em outra língua ou dialeto. E define ‘integração’ como a incorporação, em uma língua ou dialeto, de elementos pertencentes a outra língua, sendo, portanto, sistemático e coletivo.

A abordagem cognitivista possibilitou novas interpretações dos fatos linguísticos e, por essa razão, o conceito da transferência passou a ser compreendido pelos estudiosos a partir de uma dimensão mais ampla.

Selinker (1972), à luz da abordagem cognitivista, libertou a noção de transferência linguística dos elos do behaviorismo, apresentando-a como um fenômeno cognitivo. O autor propôs a existência de cinco processos psicológicos,²⁴ como traços específicos que influem na produção da interlíngua, entre os quais estão a transferência linguística e a transferência de instrução. Selinker (1972) observou que a transferência de elementos da língua materna para a língua estrangeira é a primeira característica típica da interlíngua de aprendizes de línguas estrangeiras. Segundo essa visão, a transferência é um mecanismo psicológico de natureza cognitiva, que implica ações reflexivas do aprendiz, quando aprende uma língua estrangeira.

²⁴ 1. Transferência linguística, 2. transferência de instrução, 3. estratégia de comunicação, 4. estratégia de aprendizado e 5. generalização de regras.

Gass e Selinker (1983, p. 14, **tradução nossa**)²⁵ demonstram o que ocorre durante o processo de transferência, afirmando que “o aprendiz transfere conhecimento linguístico prévio, resultando em formas na sua produção linguística, as quais, quando comparadas pelo pesquisador, podem ser interpretadas como positivas, negativas ou neutras.” Segundo os autores, o aprendiz transfere o conhecimento linguístico prévio para elaborar enunciados na língua estrangeira e tal mecanismo resulta em formas diversas que podem ser consideradas positivas, negativas e neutras.

Devido à natureza variável e seletiva da influência da língua materna sobre a língua estrangeira, Selinker e Lakshamanan (1992) advertem que o termo transferência deve ser definido, cuidadosamente, todas as vezes que for utilizado em um estudo empírico. De igual modo, Selinker e Lakshamanan (1992) afirmam que a transferência linguística pode ser mais bem entendida como um termo abrangente para toda uma classe de comportamentos, processos e restrições linguísticas. Para o autor, cada estudo empírico, necessariamente, encontra diferentes efeitos produzidos pela língua materna sobre a estrangeira e precisam ser considerados de modo particular.

Kellermann (1983) argumenta que a percepção do aprendiz com relação a sua língua materna e à língua estrangeira objeto de estudo é central, no que se refere à transferência linguística, porque essa percepção lhe indicará as formas que são e as que não são transferíveis. Se as duas línguas forem percebidas como similares, essa será considerada apta para transferência de um maior número de itens. Para Kellermann (1983), a transferência de elementos da língua materna para a estrangeira é um processo cognitivo que depende da capacidade de percepção do aprendiz do que pode ou não ser transferido. A distância entre as línguas ou distância interlinguística faz referência às semelhanças ou às diferenças existentes entre duas línguas. A distância interlinguística, por sua vez, pode ser objetiva, a que realmente existe, ou psicológica, a que consiste na percepção que os aprendizes têm sobre as diferenças entre as línguas em questão.

Nessa perspectiva, Faerch e Kasper (1987, p. 112, **tradução nossa**)²⁶ reconhecem a relevância do fenômeno de transferência na pesquisa sobre aprendizagem de línguas, e a definem:

²⁵ “Our view is that the learner is transferring prior linguistic knowledge resulting in IL forms which, when compared by the researcher to the target language norms, can ‘positive, ‘negative’ or ‘neutral’”.

²⁶ “Let us define transfer for the present as a psycholinguistic procedure by means of which L2 learners activate their L1 knowledge in developing or using their interlanguage. This definition reflects the view commonly held today that transfer should be characterized as a process, independent of the effect it brings about.

[...] como um procedimento psicolinguístico mediante o qual os aprendizes de L2 ativam seus conhecimentos para desenvolver ou usar sua interlíngua. Esta definição reflete a visão comumente aceita hoje de que a transferência deve ser caracterizada como um processo, independente do efeito que ela traz. Consequentemente, as distinções entre transferência ‘positiva’, ‘negativa’ e ‘neutra,’ que são frequentemente observadas na literatura, têm que ser abandonadas, como tais distinções são claramente relacionadas ao produto.

Para Faerch e Kasper (1987, p. 112), a transferência é um procedimento psicolinguístico que possibilita ao aprendiz ativar seus conhecimentos da língua materna, em uso e em desenvolvimento. Neste sentido, a língua materna é vista como um conhecimento pré-existente que o aprendiz usa estrategicamente na comunicação e, também, uma fonte de interferência integrada nos mesmos processos de construção criativa da língua estrangeira. Além disso, os autores advertem que distinções como transferência ‘positiva,’ ‘negativa’ e ‘neutra’ devem ser abandonadas, independentemente do tipo de efeito que a língua materna produzir na estrangeira.

À luz dos pressupostos de Chomsky (1965), Tarallo e Myhill (1989) reportam resultados de pesquisas em aquisição de línguas, nas quais a transferência assume uma distinta caracterização e argumentam que os aprendizes de língua estrangeira produzem formas linguísticas similares ao longo do continuum de aprendizagem. Tarallo e Myhill (1989, p. 72, **tradução nossa**)²⁷ declaram que “os resultados mostraram que muitos dos erros não poderiam ser explicados em termos de transferência da língua materna, mas deveriam ser vistos como processos naturais de aquisição linguística.”

Segundo os autores referidos, os resultados mostraram que muitos ‘erros’ presentes no corpus não poderiam ser explicados em termos de transferência da língua materna para a estrangeira, mas deveriam ser vistos como ‘processos naturais de aquisição da linguagem’. As análises evidenciaram uma interação entre a interferência na aquisição de segunda língua e o processo natural da linguagem como propriedade essencial. Dessa forma, as diferenças entre a língua materna e a língua estrangeira, consideradas interferências da primeira sobre a segunda, na verdade, referem-se aos produtos de fatores cognitivos.

Por sua vez, Odlin (1989) usou a expressão ‘nativelanguageinfluence’ como um sinônimo para referir-se à transferência linguística e esclarece, porém, que a transferência

Consequently, distinctions between ‘positive,’ ‘negative’ and ‘neutral’ transfer, which are often observed in the literature, have to be abandoned, as such distinctions are clearly product-related”.

²⁷ “The results showed that many of the errors could not be explained in terms of L1 transfer but rather should be seen as natural processes of language acquisition” (TARALLO e MYHILL, 1998, p. 72).

não consiste sempre na influência da língua nativa sobre uma segunda língua, mas também de outras línguas conhecidas pelo falante. O autor supõe que o conhecimento de três ou mais línguas pode levar a três ou mais fontes de influência linguística, embora considere o conhecimento de uma única língua nativa a mais típica base para a ocorrência de transferência. Nessa perspectiva, Odlin (1989, p. 27, **tradução nossa**)²⁸ define transferência como “a influência resultante das similaridades e das diferenças entre a língua alvo e qualquer outra língua que tenha sido previamente adquirida, ainda que de modo imperfeito”.

A noção de transferência de Odlin (1989, p. 27) abrange os efeitos produzidos pelas diferenças e semelhanças entre a língua alvo e outras línguas que o falante tenha adquirido, ainda que de modo imperfeito. Embora reconheça haver termos problemáticos com essa definição, o autor afirma como certa a origem da influência no julgamento consciente ou subconsciente do aprendiz, que algo na língua materna e algo na língua alvo são similares ou divergentes. Odlin (1989, p. 28) adverte que uma conceituação mais adequada para transferência requer uma definição de outros termos como processos, estratégias e simplificação, os quais podem pressupor situações de bilinguismo, o que caracteriza as relações entre transferência, fatores sociais e comportamentos bilíngues.

O fenômeno de interferência também é considerado a partir de uma abordagem sociolinguística.²⁹ Nessa dimensão, Moreno Fernández (1998)³⁰ declara que o conceito de interferência é complementado com a vinculação dos aspectos sociais e culturais pertencentes às situações bilíngues na quais o fenômeno é envolvido. O pesquisador afirma que, nos dias atuais, as interferências são valorizadas como algo elaborado e complexo, a partir de uma perspectiva social e linguística, algo que se torna, segundo minha opinião, incompatível com a concepção de Weinreich, que se refere a ‘desvio de normas,’ que não tem correspondência com a extensão nem com a intensidade do fenômeno. Segundo Moreno Fernández (1987, p. 263), as interferências, quando vistas a partir de um viés sociolinguístico,

²⁸ “Transfer is the influence resulting from similarities and differences between the target language and any other language that has been previously acquired (and perhaps imperfectly)” (ODLIN, 1989, p. 27).

²⁹ A visão sociolinguística do fenômeno de interferência é encontrada em outros pesquisadores, como Richards (1972), por exemplo, que descreve a variedade de inglês produzida por imigrantes nos Estados Unidos, e considera a interferência como uma estratégia de comunicação que se realiza mediante um processo criativo na superação de dificuldades na comunicação. Segundo o autor, as interferências têm sido valorizadas como um fenômeno de natureza intensa, o qual se desenvolve, mediante um processo ativo e dinâmico. Richards (1972) trabalha com dados da língua materna e da língua alvo para descrever as instâncias nas quais a fala dos imigrantes difere da língua alvo, como um fenômeno de interferência linguística, observando, ainda, os fatores históricos e socioculturais dos imigrantes.

³⁰ “Las interferencias, actualmente, son valoradas como algo elaborado y complejo, desde un punto de vista social y lingüístico, algo que convierte en poco apropiada la concepción de Weinreich, dado que en ella hay una connotación <desvío de norma> que no se corresponde ni con la extensión ni con la intensidad del fenómeno” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 263).

revelam as características da extensão e da intensidade próprias à natureza do fenômeno. A interferência, considerada com base nesse parâmetro, deve ser entendida como todo tipo de influência tanto linguística, como também extralinguística.

Também, nessa linha, Poullisse e Bongaeter (1994) analisam o uso de formas linguísticas da língua materna na produção da estrangeira, baseando-se em dados da produção oral de falantes bilíngues. Esses autores chamam a atenção para uma categoria de trocas de línguas (code switches) tipicamente não intencionais, reconhecidas por eles como ‘performanceswiches’ e entendem que essas ‘trocas de desempenho’ não foram motivadas por fatores contextuais ou necessidades linguísticas dos falantes, mas, resultantes do fenômeno de interferência linguística. Os falantes bilíngues usam palavras da língua materna para produzir a língua estrangeira de maneira não intencional. Os autores afirmam que, em particular, estudos que tratam das estratégias de comunicação revelam que os falantes recorrem intencionalmente à língua materna para resolver suas dificuldades de comunicação na língua estrangeira. Porém, falantes de língua estrangeira também alternam as línguas não intencionalmente. As interferências da língua materna usadas como estratégias de comunicação, no desempenho da língua estrangeira, adquirem, nesse contexto, papel de suma relevância. Segundo Poullisse e Bongaeter (1994, p. 37), a transferência de vocábulos da língua materna para a estrangeira se realiza de modo automático e não intencional, mediante um mecanismo cognitivo, possibilitado pela ativação do léxico mental de falantes bilíngues. A interferência é vista por esses autores como um fenômeno psicocognitivo em resposta ao acesso do léxico mental de falantes bilíngues.

Consciente da controvérsia sobre a terminologia do fenômeno de interferência, Silva-Corvalán (1994) desenvolveu uma definição que agrupa quatro fenômenos distintos que supõem a influência de determinada língua A sobre a outra B. Silva-Corvalán (1994, p. 4, **tradução nossa, grifo da autora**)³¹ denomina de ‘transferência’ as situações nas quais ocorrem, um ou mais, entre os quatro fenômenos, a saber:

³¹ “1. The replacement of a forma in language B with a form from language A, or the incorporation from language A into language B of a form previously absent in B. In both cases, the form from language A may be incorporated with or without its full associated meaning, and it may undergo various degrees of morphophonological adaptation to language B. This type of transfer is usually referred to in the literature as ‘borrowing;’ I consider it an instance of **direct transfer**. 2. The incorporation of the meaning of a form from a language A, which may be part of the meaning of a form B in A, into already existing form, structurally similar to B, in system A. This is also a case of **direct transfer**. 3. the higher frequency of use of a form in language B, determined on the basis of a comparison with more conservative internal community norms, in contexts where a partially corresponding form in language A. This constitutes an instance of **indirect transfer** from language B to language A. 4. The loss of a category or a form in language B which does not have a

1. A substituição de uma forma da língua B por uma forma da língua A ou a incorporação de um elemento da língua A à língua B, inexistente em B. Em ambos os casos, a forma da língua A pode ser incorporada com ou sem o seu pleno significado, e ela pode passar por vários graus de adaptação morfológica e fonológica na língua B. Esse tipo de transferência é comumente referida na literatura por empréstimo; eu considero isto uma instância de **transferência direta**.
2. A incorporação do significado de uma forma da língua A, que pode ser parte do significado de uma forma existente na língua B. Este é também um caso de **transferência direta**.
3. O aumento da frequência de uso de uma forma de B, determinada sobre a base de uma comparação com as normas internas mais conservadoras da comunidade da língua A. Isto constitui uma instância de **transferência indireta**.
4. A perda de uma categoria ou de uma forma da língua B que não tem correspondência ou forma na língua A. Isto é uma forma de **transferência indireta**.

A definição elaborada por Silva-Corvalán (1994, p. 4) considera a transferência um fenômeno de categoria superior e geral, o qual aglutina vários fenômenos derivados do contato entre línguas, tais como interferência, transferência, simplificação, casos de extensão ou redução semântica, convergência e perda linguística. Considerando, particularmente, o fenômeno definido em 1., nota-se que esse caracteriza o tipo de interferência que ocorre mediante o mecanismo de substituição de elementos de uma língua, pelos elementos de outra, ou a incorporação de elementos de uma língua a outra, devido à ausência desses elementos na língua. Por seu lado, os elementos novos incorporados à língua podem passar por diferentes etapas de adaptação e até integrar o sistema da outra língua, resultando em empréstimos.

Com semelhante intenção, Gómez Molina (2000, p. 319, **tradução nossa**)³² sugere a seguinte definição de interferência linguística:

parallel category or form in the system of A. This is a form of **indirect transfer**"(SILVA-CORVALÁN, 1994, p. 4).

³² “En nuestra opinión, la interferencia refleja un desvío (voluntario o involuntario) de las normas de cualquiera de las lenguas; se trata de un fenómeno interlingüístico que presenta un grado parcial o nulo de integración lingüística (tanto se produce por substitución como con algún grado de adaptación). La producción de interferencia tiene lugar en todos los niveles de la lengua: en el fonológico, en el morfosintáctico y en el léxico, siendo en este último donde más fácilmente puede darse, ya que se trata del nivel menos estructurado”(GÓMEZ MOLINA, 2000, p. 319).

Em nossa opinião, a interferência reflete um desvio (voluntário ou involuntário) de normas de qualquer das duas línguas, se trata de um fenômeno interlínguístico que pode apresentar um grau parcial ou nulo de integração linguística (tanto se produz por substituição como com um grau de adaptação). A produção da interferência tem lugar em todos os níveis da língua: no fonológico, no sintático e no léxico, sendo neste último onde mais facilmente pode dar-se, já que trata do nível menos estruturado.

Para Gómez Molina (2000, p. 319), a interferência é um desvio, resultante da ação voluntária ou involuntária, das normas gramaticais de qualquer das duas línguas que estão em contato. Considera um fenômeno interlínguístico que apresenta um grau parcial ou nulo de integração. No tocante ao aspecto da integração, Gómez Molina argúi quanto à importância de correlacionar o grau de integração linguística com o grau de integração social, uma vez que se podem encontrar vários empréstimos plenamente consolidados na língua receptora, no sentido de serem frequentemente usados na língua, embora não estejam integrados linguisticamente a este sistema.

É importante registrar os trabalhos de Durão (2004, 2007, 2008a, 2008b), no que se refere à produção teórica e empírica sobre o fenômeno de transferência a partir da produção linguística de aprendizes de línguas consideradas próximas, português-espanhol. Durão (2008) considera a transferência como fenômeno natural dos processos de interação linguística entre falantes de línguas em contato. Nessa direção, nota-se a contribuição de Durão (2008a, 2008b), no que concerne ao estudo da transferência, demonstrada pela iniciativa pioneira em apontar algo ainda não considerado no âmbito da Linguística Aplicada, capaz de explicar a sobrevivência da transferência como um conceito pertinente nos estudos linguísticos. A pesquisadora declara que a substituição da transferência próxima pela transferência distante

[...] implicou o entendimento do fenômeno de transferência como uma aplicação reflexiva de conhecimentos linguísticos aprendidos de situação a outra. Ou seja, essa mudança de perspectiva substituiu o conceito de transferência que responderia a um automatismo para o de transferência que seria reflexiva, um mecanismo mental gerado à luz de hipóteses ajustadas para cada situação comunicativa (DURÃO, 2008a, p. 20).

Assim, o fenômeno de transferência provou sua importância no âmbito dos estudos da linguagem, tanto no que se refere a contextos formais de aprendizagem de línguas, como a contextos de aprendizagem espontânea de línguas em contato.

Conforme o exposto, o fenômeno de interferência linguística é considerado distintamente em dois ambientes de estudos. No ambiente de línguas em contato em contextos

bilíngues, a interferência denota o contato intenso entre duas línguas que, ao longo do tempo e devido à intensidade de uso, podem infiltrar-se mutuamente. Weinreich (1974), dessa forma, explorou mais intensamente o conceito de interferência (transferência negativa), contudo, o pesquisador introduziu os fatores extralinguísticos no estudo da interferência, possibilitando uma visão sociolinguística do fenômeno. No ambiente formal de ensino e aprendizagem de línguas, a interferência é vista a partir da visão behaviorista introduzida no modelo de Análise Contrastiva, proposto por Lado (1971), que considerou tanto os aspectos negativos, quanto positivos da transferência linguística. Ambos os pesquisadores divisaram as línguas envolvidas no ambiente de contato em seu aspecto físico, concreto e perceptível e concluíram que estruturas linguísticas fisicamente distintas tenderiam à produção de transferências negativas ou interferências.

Nos dois casos, o termo interferência e transferência carregam o sentido de influência linguística, considerados, todavia, de modos diferentes. Aqui, no entanto, entendemos que o termo interferência deva considerar a influência possibilitada por um processo de transferência que, por sua vez, sugere a passagem de unidades de uma língua à outra. Por conseguinte, todo tipo de influência inter e intralinguística pode ser classificada como interferência, independentemente do fato de ser 'positiva' ou 'negativa,' isto é, de resultar benefícios ou prejuízos à aprendizagem. Portanto, a interferência é uma transferênciainter e intralinguística dos traços de uma língua, inclusive a materna, no uso de outra língua.

Com base no que foi exposto, atendemos à sugestão de Selinkere Lackshamanan (1992), que aconselham a elaboração de definição específica para a interferência de acordo com o contexto de cada pesquisa. Segundo essa perspectiva, elaboramos uma definição o mais detalhada possível da interferência, a partir de um parâmetro constituído pelas seguintes características:

- fenômeno situado no ambiente de línguas em contato e bilinguismo,
- caracteriza-se como qualquer forma de uma língua, inclusive a materna, no uso da estrangeira,
- visto no contexto mentalista, isto é, como mecanismo cognitivo que propicia reflexões criativas e meios de auxílio na comunicação de falantes bilíngues,
- processo natural de aquisição linguística espontânea, no qual todas as manifestações da língua materna são vistas como fonte ativa e positiva de conhecimento importante para a comunicação na língua estrangeira.
- atua na fala de bilíngues, podendo assumir um caráter efêmero ou duradouro, estendendo-se até o sistema da língua receptora,
- influência trazida por meio de um processo de transferência linguística, independentemente de ser 'positiva' ou 'negativa,'
- motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos, • ocorre em todos os níveis gramaticais: fonético-fonológico, morfossintático e léxico-semântico.
- algumas vezes pode ocasionar 'erros' na produção linguística dos falantes,
- pode levar à fossilização de determinadas estruturas,
- implica o uso de estratégia de comunicação consciente ou inconsciente,
- envolve mecanismos de simplificação, substituição, tradução, empréstimos e integração,
- tem direção proativa e retroativa,
- identifica o falante como membro de uma comunidade linguística e cultural.

2.1.2 Causas da Interferência Linguística

Weinreich (1974, p. 4) formulou o pressuposto de que as ocorrências do fenômeno da interferência são determinadas por fatores estruturais das línguas em contato e por fatores socioculturais, de modo que os usos de estruturas linguísticas são influenciados por fatores extralinguísticos, e isso permite que as interferências configurem-se sistemáticas e previsíveis. A partir de então, entende-se que a interferência linguística e outros fenômenos originados do contato linguístico não poderiam ser analisados exclusivamente pelo prisma linguístico, mas também, a partir de uma visão social e cultural. No caso da transferência de unidades léxicas de uma língua a outra, por exemplo, a análise conjugada desses dois fatores possibilita entender porque a transferência ocorre em certas áreas e não em outras, porque regride ou se estende à fala monolíngue, até constituir parte da norma de todos os falantes de uma língua, sejam bilíngues ou não.

Deve-se, novamente, a Weinreich (1974), a idéia de conjugar fatores estruturais e não-estruturais como forma de chegar às causas da interferência entre línguas em situação de bilinguismo. Para o referido autor, a interferência, como dissemos, pode ter origem estrutural ou linguística e não-estrutural ou extralinguística. Esses dois fatores atuam

juntos e não isoladamente. Assim, pois, recorremos a Weinreich (1974), para observar a importância de cada um desses fatores.

2.1.2.1 Fatores linguísticos da interferência

Os fatores estruturais são concernentes às línguas como sistemas. Weinreich (1974) debruça-se sobre o estudo das estruturas linguísticas e as suas relações com diversos casos de interferência linguística que resultam do contato de línguas nos indivíduos bilíngues. Weinreich (1974, p. 5, **tradução nossa**)³³ define os fatores estruturais ou linguísticos como os elementos procedentes “da organização das formas linguísticas de cada língua, independentemente da expressão e do comportamento não linguístico”³³ Os fatores estruturais, assim, caracterizam-se como os que provêm da organização das formas linguísticas no interior de um sistema definido, peculiar a cada língua. As causas de interferência inerentes à estrutura das línguas representam parte central do trabalho do referido pesquisador. A sua metodologia para analisar as interferências nos níveis que denominou por ‘fônico’, ‘lexical’ e ‘gramatical’ é o contraste entre as semelhanças e as diferenças do sistema linguístico nesses domínios. Na execução dessa tarefa, Weinreich (1974, p. 2, **tradução nossa**)³⁴ faz a seguinte observação: “grandes ou pequenas, as diferenças e semelhanças entre as línguas em contato devem ser exaustivamente indicadas em todo domínio fônico, gramatical e léxico, como pré-requisito para uma análise da interferência.”

Dessa maneira, adistância linguística³⁵ entre duas línguas é um fator estrutural relevante e pode condicionar a ocorrência, favorecer sua ação ou inibir a interferência. Weinreich (1974) descreve detalhadamente casos de bilinguismo e interferência, mediante contrastes linguísticos, tomados, preferencialmente, de dados do inglês, alemão, reto-românico e yidish, que é o judeu-alemão. No trato da interferência entre duas línguas dissimilares em situação de contato, como é o caso do chinês e do francês, Weinreich (1974) é da opinião que, quanto maiores são as diferenças existentes entre os sistemas linguísticos em contato, maiores são os problemas de aprendizagem que seus usuários têm como resultado da

³³ “The structural factors and those which stem from the organization of linguistic forms into a definite system, different for every language and to a considerable degree independent of non-linguistic experience and behavior” (WEINREICH, 1974, p.5).

³⁴ “Great or small, the differences and similarities between the languages in contact must be exhaustively stated for every domain-phonetic, grammatical, and lexical -as a prerequisite to an analysis of interference.” (WEINREICH, 1974, p. 2).

³⁵ Distância relacionada às semelhanças e às diferenças entre duas línguas em situação de contato.

pressão exercida pelas diferenças. Para Weinreich (1974), as línguas estruturalmente distantes sugerem uma possibilidade maior de interferências e, assim, a análise tipológica das línguas se apresenta como uma das mais importantes variáveis na probabilidade da transferência linguística.

Essa perspectiva também é vista em Odlin (1989), para quem a análise tipológica representa um dos elementos fundamentais no estudo da transferência linguística, pois fornece parâmetros pertinentes a fim de estimar a distância linguística, isto é, o grau de similaridades entre duas línguas. Para ilustrar, Odlin (1989, p. 45) sugere uma comparação tipológica do inglês, árabe clássico e tailandês, conforme visualiza o quadro 1.

Quadro 1 – Comparação tipológica do Inglês, Árabe Clássico e Tailandês.

	Inflectional	Basic	Resumptive	Lexical
Language	Morphology	Word order	Pronouns	Tones
English	Complex	SVO	No	No
Árabe	Simple	VSO	Yes	No
Thai	Negligible	SVO	No	Yes

Fonte: Odlin (1989, p. 89).

Segundo o quadro 1, a comparação das línguas sinaliza semelhanças e diferenças estruturais. Entre os modos nos quais o árabe difere do inglês e do tailandês está o seu intrincado sistema de flexões (prefixos, infixos e sufixos) para expressar casos de gênero, número e outras categorias. Por outro lado, o tailandês é diferente do inglês e do árabe, naquilo em que esse idioma usa da tonalidade para diferenciar o significado das palavras. O exemplo dado por Odlin (1989, p. 89) mostra apenas quatro traços estruturais e sugere que a distância entre o tailandês e o inglês deve ser menor em relação à distância entre o tailandês e o árabe. Para o autor, as análises tipológicas também encorajam o estudo da transferência em termos da influência exercida pelos fatores internos ao sistema. Como exemplo, o autor menciona as dificuldades que falantes do japonês encontram em pontos estruturais, tais como a ordem das palavras e orações relativas no uso do inglês, as quais podem estar relacionadas com tais influências estruturais ou internas.

Além da distância linguística, Weinreich (1974) cita outros fatores estruturais que podem ser considerados no estudo das interferências e refere-se, por exemplo, à frequência relativa de determinado elemento no discurso como fator condicionante da vitalidade das interferências. O pesquisador afirma que, quanto maior for o uso de determinado morfema ou construção em uma língua, maior será a possibilidade de transferência desta para a outra língua. Da perspectiva do processamento da fala, Poulisse e

Bongaerts (1994) alegam que as unidades léxicas com alta frequência na língua são prováveis candidatas à intencional transferência léxica devido ao seu alto nível de ativação, principalmente, nos primeiros estágios de aprendizagem da língua estrangeira.

Outro fator estrutural de igual relevância é o grau de integração e adaptação dos elementos no interior dos distintos subsistemas linguísticos. Em concordância com Weinreich, Mackey (1972) adverte que um traço linguístico se apresentará mais integrado quanto mais assimilado se apresente às normas da língua receptora. Isto é, quanto maior seja seu uso na fala da comunidade bilíngue e, também, na fala dos monolínges, maior será a possibilidade de integração. Segundo esse autor, o grau de integração pode ser medido a partir de uma escala que vai de 0 a 100, cujo extremo inferior representa o fenômeno da interferência e esse vai se transformando em integração à medida que avança na escala. As dimensões linguística e social da integração estão relacionadas com as proporções de adaptação e adoção na delimitação das interferências. Nesses termos, a integração social pode-se definir, sincronicamente, como a frequência e a difusão de determinado elemento na fala da comunidade e, diacronicamente, como uma fase do processo do empréstimo. Dadas duas escalas de graus de integração linguística e social, podemos supor uma correlação bastante alta entre ambas, ainda que não sejam completamente paralelas.

Vários estudiosos têm formulado a hipótese de que os traços mais estáveis em cada língua são os menos afetados pela transferência. Haugen (1950) adverte que elementos bem frequentes e solidamente fixados no sistema, tais como fonemas ou morfemas, têm menor possibilidade de serem modificados em função da influência de uma segunda língua, o que não ocorre com substantivos. O autor chama a atenção para a estatística dos dados de imigrantes noruegueses, na qual se notam elementos de diferentes classes gramaticais, transferidos por empréstimos. A tabela 4 mostra a porcentagem de cada classe gramatical de palavras segundo o número total de empréstimos listados.

Tabela 4 – Porcentagem de empréstimos por classe gramatical.

Nomes	Verbos	Adjetivos	Adv. - Prep.	Interjeições
75.5 %	18.4 %	3.4 %	1.2 %	1.4 %
71.7 %	23.0 %	4.2 %	0.8 %	0.5 %
72.2 %	23.2 %	3.3 %	0.4 %	0.8 %

Fonte: Haugen (1950, p. 224) [traduzido]

A estatística de Haugen (1950, p. 224) expõe a notável porcentagem de 75.5% da classe dos substantivos, em relação a 18.4% da classe dos verbos. O autor afirma que todos os traços linguísticos podem ser transferidos por empréstimos de uma língua à

outra, mas eles são distribuídos ao longo de uma ‘escala de adaptabilidade,’³⁶ segundo a qual, de alguma forma está correlacionada com a organização estrutural da língua receptora. Haugen (1950, p. 225) remete à escala de receptividade, proposta por Vocablo (1938), a qual foi elaborada a partir dos critérios de classificação dos empréstimos e tem uma correlação com a estrutura da língua receptora.

Por outro lado, a adaptação de itens léxicos à língua receptora é um processo que implica uma acomodação não apenas fonética, conforme argumenta Weinreich (1974), mas, também, morfossintática. Neste sentido, é útil notar as proposições de Freitas, Ramilo e Soalheiro (2003), com relação ao processo de integração sofrido pelas palavras estrangeiras à língua receptora. Segundo esses autores, a integração de itens léxicos se processa por fases e cada fase corresponde a determinado conjunto de fenômenos morfológicos, fonológicos, semânticos e gráficos específicos. Com base nos critérios de cada fase, os autores demonstram o processo de integração de estrangeirismos ao português europeu.

Ainda relativamente ao fator estrutural integração, importa ressaltar o valor de obras lexicográficas como recurso para identificar, com mais exatidão possível, as interferências consideradas fenômenos isolados na fala, daquelas em processos de integração ou já integradas ao sistema linguístico da língua receptora. A perspectiva assumida nesta pesquisa considera as interferências no discurso de falantes libaneses não com um fenômeno inteiramente esporádico e individualmente condicionado, mas como fenômeno que evidencia regularidade sistemática.

Quanto à existência de materiais que permitam uma aproximação dos níveis de integração das interferências léxicas, estabelecemos como referenciais para esse fim, a obra “O léxico Português de origem árabe”, proposto por Vargens (2007), e os dicionários disponíveis que representem obras lexicográficas fiáveis. No que concerne a Vargens (2007), esse trabalho oferece uma revisão geral do léxico português de étimo árabe, com base em dicionários publicados a partir da segunda metade do século XX. Esse autor revela que os estudos filológicos, de modo geral, destacam três vertentes para os empréstimos árabes à língua portuguesa, a saber: a presença árabe na Península Ibérica, a Expansão Portuguesa e a entrada por línguas européias. No entanto, omite-se, na maioria das vezes, a via brasileira de entrada dos termos árabes. Neste sentido, o glossário de Vargens (2007) registra os arabismos

³⁶ Com base na escala elaborada de adaptabilidade, Vocablo (1938) classificou as línguas em homogêneas, amalgamadas e heterogêneas.

que entraram no Brasil com os escravos muçulmanos, os malês, entre os séculos XVIII e XIX, e os que chegaram com os imigrantes sírios e libaneses, a partir do século XIX.

O repertório de termos árabes é organizado por Vargens (2007), em uma microestrutura que expõe a data de entrada de cada termo no Brasil, e o agente motivador de sua entrada, isto é, os escravos africanos ou a imigração sírio libanesa. Dentre os 786 termos descritos e distribuídos em 17 campos semânticos, Vargens (2007) revela que alguns termos são genuinamente árabes, e outros chegaram à Península Ibérica por via Árabe, procedentes de outras línguas. Já os termos que entraram no Brasil com os escravos muçulmanos, na virada do século XVIII para o século XIX, e os que chegaram com os imigrantes sírios e libaneses, a partir da metade do século XIX, também foram registrados no Glossário de acordo com a data de entrada.

Conhecido dicionário de língua, o Dicionário Houaiss (2009) é considerado uma das obras lexicográficas mais amplas da língua portuguesa no Brasil e expõe o maior índice de palavras e expressões em diferentes domínios. Há também o Aurélio (1999), Michaëllis (1998) e Cunha (2007). Essas de valor qualitativo e quantitativo, portando, podem proporcionar uma base de aproximação que sirva para separar as interferências que ocorrem na fala e as que estão se integrando ou em processo de integração na língua.

2.1.2.2 Fatores extralinguísticos da interferência

Os primeiros estudos sobre fenômenos de interferência entre línguas realizados por gramáticos históricos, enfatizavam estritamente o nível linguístico, sem prestar muita atenção nos aspectos de natureza não estrutural envolvidos nos fenômenos investigados. Com a obra *Languages in contact*, Weinreich (1974) introduziu, pioneiramente, a consideração dos aspectos extralinguísticos no âmbito dos estudos linguísticos, abrindo espaços para o estudo de fenômenos a partir de uma visão sociolinguística. Weinreich(1974, p. 5, **tradução nossa**)³⁷ define os fatores não-estruturais como aqueles “derivados do contato entre o sistema linguístico e o mundo exterior, da familiaridade de certos indivíduos com o sistema e dos valores simbólicos e das emoções que o sistema como um todo é capaz de evocar.”

³⁷ “The non-structural factors are derived from the contact of the system with the outer world, from given individuals’ familiarity with the system, and from the symbolic value which the system as a whole is capable of acquiring and the emotions it can evoke”(WEINREICH, 1974, p. 5).

Outros fatores extralinguísticos³⁸ originam-se das características socioculturais, históricas, identitárias, econômicas e outros, inerentes à vida da comunidade de falantes, como um todo, e podem emergir de distintas naturezas. Alguns desses são inerentes à relação do falante bilíngue com as línguas que se põem em contato:

- (a) a facilidade de expressão verbal do falante e sua habilidade em separar as duas línguas;
- (b) relativa proficiência em cada língua;
- (c) especialização no uso de cada língua em tópicos e interlocutores;
- (d) maneira de aprender cada língua;

Outros fatores extralinguísticos originam-se das características socioculturais, históricas, identitárias, econômicas, entre várias outras, inerentes à vida da comunidade de falantes, como um todo, e encontram-se ajustadas com os seguintes aspectos:

- (e) atitude em relação a cada língua, idiossincrática ou estereotipada;
- (f) o tamanho do grupo bilíngue e sua homogeneidade ou diferença sociocultural;
- (g) quebra entre os subgrupos usando uma ou outra língua materna, fatores demográficos, relações sociais e políticas entre os subgrupos;
- (h) predomínio de indivíduos bilíngues com certas características de comportamento de fala nos diversos grupos;
- (i) atitudes estereotipadas em relação a cada língua;
- (j) atitude em relação à cultura de cada comunidade de língua;
- (k) atitude em relação ao bilinguismo;
- (l) tolerância ou intolerância em relação à mistura de linguagem e a fala incorreta em cada língua;
- (m) relação entre o grupo bilíngue e cada uma das duas comunidades na qual é um segmento marginal (WEINREICH, 1974, p. 5, **tradução nossa**).

Os fatores não-estruturais elencados constituem o cenário sociohistórico e cultural onde coexistem as línguas e os falantes. Weinreich (1974 p. 87) observa que, quando uma situação de línguas em contato é examinada em detalhes, a inter-relação das condições socioculturais e os fenômenos linguísticos se torna evidente. Além desses, as circunstâncias

³⁸ “(a) The speaker’s facility of verbal expression in general and ability to keep two languages apart; (b) Relative proficiency in each language; (c) Specialization in the use of each language by topics and interlocutors; (d) Manner of learning each language; (e) Attitudes toward each languages, whether idiosyncratic or stereotyped. (f) size of bilingual group and its socio-cultural homogeneity or differentiation; (g) breakdown into subgroups using one or the other language as their mother-tongue; demographic facts; social and political relations between these subgroups; (h) prevalence of bilinguals individuals with given characteristics of speech behavior in the several subgroups; (i) stereotyped attitudes toward each language (prestige); indigenous or immigrant status of the languages concerned; (j) attitudes toward the culture of each language community; (k) Attitudes toward bilingualism as such; (l) tolerance or intolerance with regard to mixing languages and to incorrect speech in each languages; (m) relation between the bilingual group and each of two languages communities of with it is a marginal segment” (WEINREICH, 1974, p. 5).

que envolvem situações de fala também constituem fatores externos que podem incidir em interferências. Segundo Weinreich (1974), o mesmo bilíngue pode demonstrar várias interferências em sua fala de acordo com as circunstâncias da situação de fala de que participa, tais como o estilo do discurso, o qual pode ser descritivo, narrativo ou conversacional, e o registro formal e informal.

De modo geral, os fatores externos exercem pressões sociais, econômicas, religiosas e outros, “permitindo que falantes de uma língua sejam obrigados a acrescentar outras variedades léxicas em seu repertório com certas funções e em certos ambientes” (ABREU, 2010, p. 168) Nessa direção, os estudos de Fishman (1972), sobre a manutenção linguística, revelam que as formas com que o vocabulário de comunidades, e dos subgrupos que as compõem, diferenciam seu repertório vocabular, têm vinculação direta com os elementos socioculturais próprios aos falantes.

No tocante aos fatores de natureza social, Weinreich (1974) os envolve na discussão sobre divisões linguísticas e socioculturais existentes entre grupos de língua materna,³⁹ em situações concretas de contato de línguas. O autor ressalta a importância da ação de tais fatores na estimulação ou inibição do fenômeno de interferência. São abordados os fatores sociais de raça, sexo, idade, estatus social, ocupação e religião, entre outros. Inclusive, quanto à influência do fator ‘religião,’ na produção de divisões linguísticas e socioculturais, o autor prevê que os atos de divisão religiosa representam barreiras na integração do grupo a outros grupos étnicos e na sociedade dominante. Weinreich (1974, p. 92) refere-se à religião como ‘um tipo de diferença cultural’ que frequentemente coincide, isolado ou em combinação, com outros fatores, com a divisão de grupos de língua-materna. Como exemplo, o pesquisador menciona a resistência cultural por parte do islamismo, com relação à adoção de determinadas novidades surgidas com o tempo, tais como jogos, os meios de comunicação, imprensa e outros.

Com efeito, as comunidades étnico-religiosas evidenciam uma relação vital na relação língua/religião/cultura que se reflete visivelmente nas múltiplas formas de comportamento sociolinguístico e cultural. A relação entre esses elementos também é considerada como uma das principais formas de manutenção e conservação linguística. Sobre essa relação, Coseriu (1978, p. 78) acrescenta:

³⁹ Weinreich define grupos de língua materna, *mother-tongue group*, como a classe de pessoas envolvidas em uma situação de contato de línguas que aprenderam primeiro uma das línguas. (WEINREICH, 1974, p. 12)

Há relações que não se podem desconhecer entre a religião organizada como instituição e a formação das línguas comuns e literárias, como também entre religião e conservação de determinadas línguas, graças ao seu emprego litúrgico. [...] A conservação de certos idiomas deve-se exclusivamente ao fato de serem línguas de comunidades religiosas, como árabe, que foi difundido em grande parte da Ásia pela religião islâmica.

Na dimensão das relações entre língua e religião, é oportuno considerar algumas especificidades que envolvem o árabe. Como é notório, o Árabe Clássico é considerado a variedade do árabe em que foi escrito o Alcorão e responsável pela difusão e prática da religião islâmica, desde seu surgimento no século 7 d. C., aproximadamente, até os dias atuais. As comunidades islâmicas de várias regiões do mundo conservam essa variedade, exclusivamente, para o exercício litúrgico nas mesquitas ou outros locais onde se realizam cerimônias muçulmanas. O subgrupo de libaneses muçulmanos que constitui a comunidade alvo representa um exemplo semelhante ao citado por Weinreich. Os membros desse subgrupo demonstram, em diversas situações da vida, um comportamento distinto do vivenciado pelos libaneses cristãos, como reflexos de sua confissão religiosa.

Weinreich (1974) alerta que as situações com tais características revelam-se as mais suscetíveis à interferência do tipo léxico-semântica e ressalta o vocabulário naturalmente originado e difundido no contato entre duas culturas. Esses elementos culturais são particularmente significantes, pois explicam tanto o empréstimo de um vocabulário abstrato, como também regem os princípios de seletividade e de rejeição desse mesmo vocabulário. Nesse sentido, um vocábulo que é transferido de uma língua e integrado na outra é mais do que um mero grupo fônico ou, simplesmente, um conjunto de letras. É, antes, um signo com um sentido, um referente e suas pressuposições culturais que tentam comunicar uma visão de mundo à comunidade.

Assim, pois, a perspectiva almejada com a consideração dos fatores de natureza sociocultural, histórica e demográfica é a de que nos permitam correlacioná-los com os dados linguísticos a fim de chegar às causas das interferências na fala dos informantes.

2.1.2.3 Formas de interferência

A interferência de um sistema sobre outro pode ser observada em todos os níveis da organização linguística, isto é, no nível fonético-fonológico, morfossintático e léxico-semântico. Weinreich (1974) presta bastante atenção na ocorrência de interferências nos níveis que ele designou de fônico, lexical e gramatical. Todavia, em concordância com os

objetivos propostos neste trabalho, atentamos para os níveis fonético-fonológico e léxico-semântico.

2.1.2.3.1 *Interferência fônica*

Conforme dissemos, o contato entre duas línguas produz interferências em todas as instâncias estruturais das línguas, todavia, é na pronúncia que as interferências se apresentam mais evidentes. Não restam dúvidas de que a fonética e a fonologia da língua materna são poderosas influências sobre a pronúncia da língua estrangeira. Em muitos casos, a interferência fonológica da língua materna sobre a estrangeira se mantém continuamente ao longo da vida do falante, ainda que esse possua ‘bom’ domínio da gramática da língua estrangeira. Traços fonológicos, tais como acento, ritmo, entonação e outros, quando transferidos da materna para a estrangeira, podem ocasionar erros na distribuição de alofones ou de fonemas, em particular, que resultam em violações no sistema fonológico da língua estrangeira.

Para Weinreich (1974), a interferência fônica está relacionada ao modo como um falante percebe e reproduz os sons de uma língua, designada pelo autor de secundária, conforme o sistema de sons de outra primária. De outro modo, a interferência ocorre quando um bilíngue identifica um fonema pertencente ao sistema da língua estrangeira, com outro fonema pertencente ao sistema da língua materna, e o reproduz segundo as regras desse sistema. Weinreich distingue quatro tipos básicos de interferências, a saber: subdiferenciação de fonemas, superdiferenciação de fonemas, reinterpretação de distinções e substituição fônica.

A subdiferenciação de fonemas consiste em confundir dois sons, da língua primária (língua interferida), cujos sons equivalentes não se distinguem na língua secundária (língua interferente). Weinreich (1974) contrasta o sistema fonológico do romanche e do schwyzertustsh e demonstra que, em ambos os casos, podem ser encontrados vários pontos divergentes. Os dois sistemas linguísticos apresentam diferenças entre fonemas vocálicos e consonantais. Por exemplo: o falante romanche ao comunicar confunde os fonemas /y/ e /i/ do schwyzertustsh e o falante dessa língua confunde o /i/ e /I/ da fala romanche, por consequência de suas diferenças.

Por sua vez, a superdiferenciação de fonemas envolve a imposição de distinções fonológicas do sistema primário, sobre os sons do sistema secundário, onde não são necessários. Weinreich explica que este processo pode ser compreendido a partir de uma

comparação dos sistemas de sons em contato, mesmo que esse fenômeno nem sempre seja notado. O exemplo citado por Weinreich (1974, p. 13-22) revela que no suíço-alemão se distingue entre /i:/ e /i/, mas no reto-românico, esse mesmo traço fonológico distingue entre /l:/ e /l/.

Weinreich define substituição fônica como o tipo de interferência causada pelos fonemas que são identicamente definidos nos dois sistemas, primário e secundário, mas, a pronúncia correta de ambos é diferente. O exemplo deste tipo de interferência é sugerido por Silva-Corvalán (1989, p. 172): os fonemas oclusivos surdos /p, t, k/ se definem em forma idêntica no inglês e no espanhol, todavia o alofone mais frequente destes fonemas no inglês é o som aspirado [ph, th, kh], que não existe em espanhol. Assim, o falante pode substituir esses alofones [p, t, k] do espanhol durante o período inicial de aprendizagem deste idioma.

Moreno Fernández (1998) pondera, no entanto, que a clareza e a simplicidade dessa classificação não impedem que, algumas vezes, seja insuficiente, pois existem situações em que as interferências devem ser avaliadas e interpretadas em termos de frequência. Esse autor declara que os casos de subdiferenciação de fonemas, superdiferenciação de fonemas, reinterpretação de distinções e substituição fônica não têm por que manifestar-se sempre, nem sequer no mesmo falante. O autor cita como exemplo o fato de que, se um falante do árabe confunde as vogais ao falar o espanhol, isso não significa que o faça sempre em todo contexto linguístico e extralinguístico.

Weinreich (1974) atesta que a interferência fônica de diversos tipos aparece para cada ponto de diferença entre os dois sistemas fonológicos, independentemente de qual seja o sistema linguístico secundário. No entanto, existem fatores estruturais que favorecem ou inibem essa interferência. Um desses fatores é designado por 'roles in the pattern,' isto é, lacunas no modelo do sistema fonológico primário, o que leva à adaptação de fonemas estendidos do sistema fonológico secundário. Dessa feita, Weinreich remete ao contraste de fonemas, consonantais e vocálicos, das línguas em contato, como um meio de identificar as semelhanças e as diferenças entre ambas e, então, chegar às possíveis causas das interferências.

Consciente dos princípios de Weinreich(1974), aplicados ao ensino de línguas, Lado (1971) declara que a transferência do sistema de sons da língua nativa para a língua estrangeira é uma tendência comum demonstrada pelos falantes:

Temos ampla evidência de que tendemos a transferir todo o nosso sistema linguístico nativo no processo de aprender uma língua estrangeira. Temos a tendência de transferir para essa língua os nossos fonemas e suas variantes, nossos padrões de intensidade e ritmo, nossas transições, nossos padrões de entonação e sua intenção com os outros fonemas. (LADO, 1971, p. 27)

Assim, na descrição entre dois sistemas fonológicos, o autor aconselha a comparação de cada fonema, separadamente, sem levar em conta quaisquer padrões gerais de diferenças que sejam observadas. Para o contraste de cada fonema, Lado (1971, p. 29) prevê a inclusão de, pelo menos, três questões a serem consideradas:

1. A língua nativa tem um fonema foneticamente semelhante?
2. As variantes dos fonemas são semelhantes nas duas línguas?
3. Os fonemas e suas variantes estão distribuídos de modo semelhante?

Segundo Lado (1971), é possível prever os tipos de interferências fonológicas mais prováveis de ocorrer entre dois sistemas linguísticos, considerando que é previsível que os traços transferidos sejam aqueles ausentes em um dos sistemas ou sejam dissimilares em ambos. É necessário, portanto, que o contraste de um fonema entre dois sistemas linguísticos confira sua correspondência fonética nas duas línguas, de seus alofones (variantes fonéticas de um fonema) e, ainda, se os fonemas e seus alofones têm ou não a mesma distribuição.

A interferência fonológica das línguas faladas por grupos imigrantes sobre o português brasileiro falado pelos descendentes foi o objetivo central para diversas investigações de doutorado, tais como de Jubran (2004a) e Vieira (1995), estimuladas pelos problemas que esse fenômeno causava no ensino e aprendizagem do português. As principais línguas de imigrantes, tais como o alemão, o italiano e o japonês, não possuem a oposição entre as vibrantes em seus sistemas fonológicos e essa diferença originou um dos problemas mais notados e estigmatizados no português falado em áreas de contato.

A tese de Vieira (1995), por exemplo, dedicou-se à vibrante /r/ forte a partir de um corpus da língua falada em três comunidades rurais de colonização polonesa do município de Ponta Grossa, estado do Paraná. Segundo argumenta a autora, a ênfase na análise da vibrante se deve ao fato de que a realização de tal fonema na língua polonesa é sempre articulada de modo brando, seja qual for sua posição no vocábulo. Por essa razão, o sistema de sons da língua polonesa exerceu influência sobre a língua portuguesa falada pela população investigada, constituída por descendentes da primeira geração de poloneses. Vieira

(1995, p. 260) constatou diversos tipos de interferências fonéticas do polonês no português desses falantes e descreve os seguintes casos:

1. Velarização do /l/ implosivo, tanto interno, quanto externo, respaldo à pronúncia polonesa e contrariando a tendência geral, no português do Brasil, para a velarização.
2. Realização dental dos fonemas /d/ e /t/ diante de /i/, como ocorre em polonês, diferentemente como ocorre na pronúncia africada, típica do português do Brasil.
3. Aférese do /e/ antes de /s/ implosivo seguido de consoantes oclusivas, pois em polonês há muitos vocábulos iniciados por /s/ seguido de consoante.

Para Vieira (1995, p. 260), as interferências fonéticas do polonês na fala dos descendentes, assim como outras manifestações detectadas no nível morfossintático, definem-se como ‘desvios’ e originam-se das diferenças entre os sistemas linguísticos em presença. Revela a autora que os demais desvios observados no corpus são aqueles que normalmente caracterizam a linguagem popular falada, em geral, nas áreas rurais. Vieira (1995, p. 262) concluiu que tais interferências do polonês são características, apenas, da população mais idosa da segunda e da terceira faixas etárias, ou somente da terceira, o que a faz acreditar que, certamente, ‘desaparecerão quando tais falantes deixarem de existir, levando definitivamente com eles a herança linguística deixada por seus ancestrais.’

Sabe-se que cada sistema linguístico dispõe de um número determinado de segmentos fonológicos, cuja função é determinar a diferença de significado de uma palavra em relação a outra. O contato entre o português brasileiro e o árabe falado por imigrantes produz diversas interferências fonológicas, devido à distância entre os padrões fonológicos dos dois sistemas linguísticos. Jubran (2004a) descreveu o sistema fonológico do árabe e do português e comparou as semelhanças e diferenças entre ambos, indicando algumas sugestões que podem ser usadas como subsídio teórico para o processo de ensino e aprendizagem deste idioma. A autora sugere um modelo de contraste fonológico do árabe padrão e do português brasileiro que permite explicar as interferências de elementos de um sistema de sons para o interior de outro, promovidas, especialmente, pelas semelhanças e diferenças existentes entre esses sistemas fonológicos. O objetivo principal das sugestões dessa autora reside na observação dos mecanismos de interferência de um sistema fonológico sobre outro. No que concerne à percepção dos sons, Jubran (2004a) afirma que todos os fonemas árabes, que não encontram equivalência no português, podem ser mal percebidos pelo aprendiz, principalmente na primeira etapa do contato entre as línguas. Com relação à emissão, Jubran

(2004a, p. 71) apresenta previsões genéricas reveladas pelo contraste, importantes para uma realização correta das sequências fonológicas do árabe para o falante do português:

- Produção das consoantes geminadas,
- Produção das consoantes faringalizadas,
- Articulação das vogais adjacentes às consoantes faringalizadas,
- Exercitar a zona ‘gutural’ responsável pela produção de vários sons,
- Não vocalizar o /l/ pós-vocálico, final de sílaba,
- Não nasalizar as vogais seguidas de consoantes nasais, final de sílaba.

As sugestões previstas por Jubran (2004a, p. 71) consideram as diferenças e as semelhanças entre os dois sistemas fonológicos e servem de base para indicar a possibilidade de interferências originadas não apenas das diferenças como, também, das semelhanças. Observa que, entre diferenças e semelhanças, há alguns traços que se revelam candidatos mais fortes a essas interferências do que outros. A autora descreve diversas situações de traços do sistema consonantal pertencente ao árabe que são mais previsíveis de interferência no português devido às diferenças entre ambos. Com base nas informações do sistema fonológico do árabe contidas no trabalho de Jubran (2004a), podem se tecer previsões genéricas sobre casos de interferência do árabe no português produzido por imigrantes libaneses, objeto de estudo desta tese.

2.1.2.3.2 *Interferência léxica*

As evidências de que o léxico é o nível linguístico no qual há um índice maior de transferência de elementos de uma língua a outra foram constatadas desde 1881, por Whitney, em suas pesquisas sobre línguas mistas. Essa idéia foi compartilhada por diversos autores, entre esses, Moreno Fernández (1998), para quem tal fato ocorre porque as unidades léxicas representam elementos gramaticalmente independentes e nada as impede de passar de uma língua à outra quando surge a necessidade ou se lhes ofereçam as condições oportunas para isso.

Weinreich (1974) distingue os processos de interferência que atingem as palavras simples e as palavras compostas, ainda que não apresente uma delimitação consistente entre palavras simples e compostas. O tipo de interferência mais comum em palavras simples é a transferência direta da sequência fonológica de uma língua a outra. Às vezes, a palavra transferida é parecida foneticamente com uma já existente na língua receptora, havendo, assim, uma completa assimilação. Segundo Weinreich (1994), há outros

casos em que as palavras nativas adquirem novo significado em contato com palavras estrangeiras. O exemplo do termo ‘ministro,’ que em espanhol significava, originalmente, ‘oficial de gabinete,’ e que teve seu significado expandido pelo contato com o inglês, passando a significar também ‘eclesiástico protestante.’ Outro tipo de interferência em palavras simples é constatado quando a expressão de um signo é trocada na língua em contato, sem alterar o conteúdo. Por exemplo, falantes espanhóis de Tampa, Estados Unidos, usam a forma ‘Uropa,’ no lugar de ‘Europa.’

Weinreich (1974, p. 50) distingue três classes de interferência, a partir das quais podem ocorrer os seguintes mecanismos: (a), todos os elementos podem ser transferidos, (b), todos os elementos são reproduzidos por extensão semântica – calcos e (c), alguns elementos são transferidos enquanto outros são reproduzidos.

No caso (a), os elementos de uma língua são adaptados à formação de palavras, frases, expressões e provérbios na língua receptora. No caso (b), Weinreich refere-se aos calcos, também conhecidos por decalques. O calco propriamente dito refere-se ao mecanismo interferente mediante o qual uma forma de determinada língua é reproduzida exatamente segundo formas preexistentes em outra língua. Weinreich exemplifica com o caso do português usado nos Estados Unidos, em que se podem encontrar usos de expressões como ‘estar direito’ por influência da expressão do inglês ‘toberight.’ Finalmente, o caso (c) refere-se à transferência de alguns elementos da língua materna e à reprodução de outros na língua estrangeira, resultando nos híbridos. Muitos compostos híbridos são encontrados no vocabulário de baseball, por exemplo: a palavra ‘pelota,’ bola em espanhol, tomou emprestado do inglês ‘fly’ da expressão ‘flyball’ e ficou ‘pelota de fly’-‘bola voadora.’

São várias as razões, entretanto, que levam os bilíngues a emprestar palavras de sua língua nativa para a outra língua estrangeira. Weinreich (1974, p. 50) classificou em três, os fatores que servem de estímulos para os empréstimos léxicos por parte de bilíngues:

1. Comparando as duas línguas às quais está exposto, o bilíngue sente que alguns de seus campos semânticos são insuficientemente diferenciados.
2. O bilíngue associa sua língua de origem aos valores sociais, positivos ou negativos. A língua menos prestigiada é usada como gíria ou para efeitos cômicos.
3. Acontece a interferência de outro vocabulário na fala do bilíngue por mero descuido, quando conversa descontraidamente e não presta atenção à forma que emprega, ocasionando transferência de palavras de uma língua para a outra.

O primeiro motivo está relacionado com as diferenças semânticas existentes entre as línguas ou às lacunas vocabulares existentes entre as duas línguas em contato. O segundo afeta o bilíngue, de modo positivo ou negativo, que o impele a usar empréstimos de outras línguas, como uma maneira de demonstrar o estatus social que o termo simboliza. Em outros casos, muitos empréstimos léxicos são usados para produzir cacófatos e sons desagradáveis e mesmo brincadeiras engraçadas devido às associações desfavoráveis entre uma e outra língua. Quanto ao terceiro motivo, Weinreich acrescenta que os descuidos ocorrem devido às limitações na distribuição de certas palavras no enunciado de uma língua, em relação à outra.

Dentre os casos de interferência léxica indicados por Weinreich (1974), interessa-nos sublinhar casos específicos de empréstimos, caracterizados pelo autor como próprios a situações de contatos linguísticos resultantes de movimentos imigratórios. Quando um grupo de falantes de uma língua e cultura se desloca e entra em contato com outra língua e cultura diferentes, pode ocasionar uma divisão sociocultural com típicos efeitos linguísticos. Nestas situações, as razões que permitem que a interferência de empréstimos ocorra em direção⁴⁰ unilateral, isto é, da língua nativa e minoritária dos imigrantes, para a estrangeira dominante, podem ser múltiplas. Weinreich (1974, p. 36) cita três motivos que levam a linguagem de grupos imigrantes se mostrar mais suscetível à ocorrência de interferências em relação à língua nativa:

1. A novidade própria ao habitat gera a necessidade dos imigrantes em adequar o vocabulário.
2. A desorientação social e cultural enfraquece a resistência desses bilíngues aos empréstimos linguísticos.
3. Os casamentos realizados entre membros de grupos imigrantes e nativos quebram a tradição linguística.

Os três motivos revelam algumas das vicissitudes enfrentadas por imigrantes, face à experiência linguística e existencial prévia a seu deslocamento para um ambiente geográfico diferente do seu. O novo contexto físico e cultural, muitas vezes,

⁴⁰ Weinreich (1953-1974) afirma que a influência de um sistema linguístico em contato com o outro pode dar-se em dupla direção. Contudo, Blas Arroyo (1991), declara que, atualmente, se entende que o relativo prestígio de duas línguas é o fator determinante tanto para a ocorrência de interferências, como para verificar sua direção. Neste sentido, a opinião consensual aceita que a direção do fenômeno siga da língua dominante até a língua minoritária menos prestigiada. Embora considere este princípio geral como verdadeiro, o referido autor faz menção a linguistas, como Valkhoff (1931), Gumperz y Wilson (1971) e Thomason (1986), os quais demonstraram que a interferência se realiza, também, em sentido oposto. Ou seja, o fenômeno de interferência se concretiza, seguindo na direção da língua minoritária para a língua dominante.

apresenta referentes desconhecidos ou mesmo inexistentes à bagagem léxica dos imigrantes. Por um lado, o imigrante depara com termos representativos do meio físico brasileiro, relativo à fauna, flora, vestuário, alimentação e outros, totalmente desconhecidos para ele e, por outro, há uma terminologia típica relativa a esses mesmos campos semânticos em sua língua materna que inexistem na língua do país acolhedor.

Muitas vezes, a divisão racial e religiosa não consegue impor barreiras aos imigrantes na realização de casamentos interétnicos, rompendo com os costumes e com a tradição linguística na comunidade a que pertencem. Ao contrário de imigrantes alemães, japoneses ou ucranianos, os quais formavam ‘ilhas’ linguísticas e culturais no Sul do Brasil, os libaneses se estabeleceram em regiões de todo o país, vendendo mercadorias e difundindo seus traços linguísticos e culturais por onde quer que parassem. Muitos grupos imigrantes formam comunidades étnicas culturalmente distintas, mas, ao longo do tempo, conquistam espaços e prestígio no país acolhedor e habitam, lado a lado, com as duas culturas, amalgamando-se às semelhanças e, em alguns casos, resistindo às diferenças.

Weinreich (1974) comenta sobre a seleção de mecanismos de interferência e afirma que, em processos de interferência léxica, o bilíngue fica diante de uma possibilidade de escolhas de distintos mecanismos. Em se tratando de uma palavra simples, por exemplo, o autor explica que essa pode ser emprestada, transferida ou reproduzida por uma extensão semântica. Se for o caso de uma palavra composta, ela pode ser transferida em forma analisada ou reproduzida como um calco ou como uma composição híbrida. A escolha desses mecanismos está associada diretamente a razões estruturais e tipológicas das línguas envolvidas. O pesquisador observa que uma língua com muitas restrições nas formas e padrões da palavra é mais resistente à transferência léxica. Diante de tais casos, o falante prefere escolher a extensão semântica ou a tradução emprestada da palavra estrangeira, reproduzindo ou traduzindo-a para a outra língua, à transferência direta da palavra para a outra língua. A adoção ou a resistência a empréstimos se devem às diferenças estruturais da língua nativa em relação à língua receptora. Os níveis desiguais de resistência à transferência e a preferência por traduções, derivam da ação de fatores extralinguísticos. Assim, cada comunidade de fala manifesta determinadas preferências pelo uso de cada um desses mecanismos de interferências como estratégias de comunicação. Não obstante, as considerações tipológicas das línguas em contato permitem fazer algumas previsões sobre esses mecanismos interferentes.

No que concerne aos empréstimos linguísticos, convém citar Haugen (1950), que se debruçou sobre o estudo dos empréstimos linguísticos mediante mecanismos

de adoção, por parte dos falantes de uma língua, de unidades léxicas de outra. O autor baseia-se em exemplos de um corpus constituído por dados linguísticos procedentes de imigrantes noruegueses residentes na cidade de Wiscounsin, Estados Unidos. Em sua definição, Haugen (1950, p. 212, **tradução nossa**)⁴¹ enfatiza empréstimo como um processo, apontando indicações de como o falante trata com ‘algo’ novo proveniente de outra língua:

SE ele [o falante] reproduzir o novo padrão linguístico, NÃO NO CONTEXTO DA LÍNGUA QUE ELE APRENDEU, mas no contexto da outra, ele pode dizer ter ‘emprestado’ os padrões de uma língua para a outra. O coração da nossa definição de empréstimos é, então, A TENTATIVA DE REPRODUÇÃO EM UMA LÍNGUA, DE PADRÕES PREVIAMENTE ENCONTRADOS EM OUTRA.

Haugen (1950, p. 212) usa o termo ‘patter,’ para referir-se especificamente às unidades léxicas e não aos modelos e padrões gramaticais. Isto ficou claro porque na discussão que se seguiu, o autor apresenta somente a classificação dos empréstimos e o que acontece com eles durante o processo de reprodução. O pesquisador enfatiza o empréstimo como um fenômeno que ocorre em processo, muito embora admita que a terminologia que empregou em sua exposição almejou antes descrever o seu resultado do que o seu processo. Assinala que a integração de palavras ou expressões de uma língua a outra pode responder tanto pela importação de um modelo primário, como pela substituição de elementos primários por secundários.

Para Haugen (1950), a importação ocorre mediante o mecanismo no qual a unidade léxica estrangeira é aceita como elemento integrante da língua receptora, sendo considerada uma inovação nessa língua. No que concerne à substituição, Haugen (1950, p. 212) afirma que este é um fenômeno comum entre as línguas e, em tais situações, o falante bilíngue realiza uma operação linguística comparativa entre as línguas. A substituição envolve os casos de decalques e de empréstimo semânticos. Com base na distinção entre importação e substituição, Haugen (1950) apresenta uma tipologia de empréstimos, a qual consiste em uma gradação entre os distintos tipos de empréstimos: 1. loanwords-importação morfológica sem substituição; 2. loanblends-substituição morfológica e substituição; 3. loanshifts-substituição morfológica sem importação.

⁴¹ “IF he [the speaker] reproduces the new linguistic patter, NOT IN THE CONTEXT OF THE LANGUAGE IN WHICH HE LEARNED THEM, but in context of another, he may be said to have ‘borrowed’ them from one language to another. The heart of our definition of borrowing is then THE ATTEMPTED REPRODUCTION IN ONE LANGUAGE OF PATTERNS PREVIOUSLY FOUND IN” (HAUGEN, 1950, p. 212).

Os loanwords referem-se aos empréstimos puros ou propriamente ditos. Consistem na incorporação ou importação de uma forma de outra língua sem que ela suponha o deslocamento de nenhum outro elemento léxico da língua receptora. O segundo, loanblends consiste em empréstimos híbridos ou mesclados, o qual, além de importar um elemento léxico novo, produz uma substituição morfológica parcial. Os loanshifts-ou decalques, implicam a incorporação de um significado da língua nativa, que se associa a uma forma já existente na língua receptora. Os calços podem dividir-se em criações e extensões. As criações correspondem à criação de traduções novas na língua e as extensões são os empréstimos semânticos que ampliam o significado de uma unidade léxica já existente na língua receptora.

Com base no trabalho de Haugen (1950), fazemos uma distinção entre estrangeirismos, como unidades léxicas não integradas ao português brasileiro e empréstimos, aquelas em processos de adaptação (fonológica, morfológica, gráfica etc.) ou, já integradas plenamente ao português. A interferência manifestada mediante empréstimo é um fenômeno presente também no português brasileiro uma vez que esses permeiam toda sua história, desde o período de colonização até os dias atuais.

Com relação às pesquisas realizadas sobre interferência léxica no contato entre o português e as línguas dos imigrantes, Vandresen e Heye (2006) afirmam que a maioria dos trabalhos realizados no Brasil referem-se à interferência léxica do português na língua dos imigrantes, analisando, em alguns casos, aspectos ligados à adaptação fonológica e morfológica dos empréstimos. Segundo os autores, é consensual entre esses estudos de que as interferências do português nas línguas de imigrantes são inicialmente um fenômeno da ‘parole,’ uma criação individual do falante. Algumas interferências, com o passar do tempo, se transformam em empréstimos e integram-se ao sistema da língua minoritária. Alguns empréstimos léxicos são agentes de mudanças fonológicas, como incorporações ou perdas de fonemas, reestruturando o sistema da língua minoritária ou do português brasileiro.

Neste trabalho privilegiamos o estudo das formas de interferências no nível fonético-fonológico e léxico-semântico e adotamos a noção de interferência, inicialmente proposta por Weinreich (1974), reelaborada, contudo, a partir das novas visões dadas ao fenômeno por outros estudiosos que o sucederam, tais como a de Silva-Corvalán (1994, p. 4, **tradução nossa**), demonstrada no primeiro item de sua definição, o qual sugere que a interferência é:

1. A substituição de uma forma da língua B por uma forma da língua A ou a incorporação de um elemento da língua A à língua B, inexistente em B. Em ambos os casos, a forma da língua A pode ser incorporada com ou sem o seu pleno significado, e ela pode passar por vários graus de adaptação morfológica e fonológica na língua B. Esse tipo de transferência é comumente referida na literatura por empréstimo; eu considero isto uma instância de **transferência direta**.

Partindo da consideração de que o árabe represente a língua A e o português falado por imigrantes libaneses represente a língua B, entendemos a incidência de interferência todas as vezes que ocorrer: a substituição de uma forma da língua B, por outra da língua A, ou a incorporação de uma forma da língua A, à língua B, por não existir uma forma equivalente na língua B. Considerando as interferências do nível léxico, em ambos os casos, os elementos da língua A podem ser incorporados à língua B, com ou sem o seu significado pleno e passar por vários níveis de adaptação fonológica, morfológica, semântica ou gráfica. Nesse sentido, o percurso e o resultado de empréstimos transferidos dependem, fundamentalmente, do tipo de relação que as comunidades estabelecem e do espaço de tempo o qual a mantêm. A situação linguística que evidencia a coexistência paralela e estável do contato entre o árabe e o português no Brasil mantém-se desde as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX até os dias atuais.

Assim, consideramos a noção de interferência linguística como um fenômeno ocorrente na fala de sujeitos bilíngues, em situação de contato e bilinguismo, o qual age mediante um processo individual, sistemático, dinâmico e gradual, podendo generalizar-se por toda a comunidade e alcançar o sistema da língua dominante em contato. Esta visão afasta-se da noção de interferência concebida como ‘desvio de norma,’ conforme a definiu Weinreich (1974, p. 1) e, também, da idéia de erros atribuída ao fenômeno, segundo as hipóteses de Lado (1971), aceitas no modelo de Análise Contrastiva. Mas, aproxima-se da atribuição dada ao fenômeno por Moreno Fernández (1998, p. 263), entre outros, para quem as interferências têm ‘valor’ de algo elaborado e complexo, a partir de uma visão social e linguística. De outro modo, aceita-se o termo ‘interferência’ como apropriado para designar a sobreposição entre duas línguas que auxilie o bilíngue a se comunicar, usando os mecanismos disponíveis a ele no momento da fala. Isto é, permite que tal falante use o que aprendeu em determinada situação e reajuste, através de reflexões cognitivas, esse conhecimento a outras situações.

2.2 INTERFERÊNCIA ÁRABE NO PORTUGUÊS: CONTATOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS

Weinreich (1974) considera o contato de línguas como um aspecto do contato entre culturas e a interferência exercida por um sistema linguístico sobre o outro, uma faceta da difusão cultural e da aculturação decorrentes do contato entre comunidades linguístico-culturais distintas. Para o autor, o contato se estabelece quando pelo menos duas línguas, uma língua e um dialeto ou dois dialetos coexistem no mesmo espaço geográfico.

Tendo em mente os contatos estabelecidos pelas duas línguas e, conseqüentemente, a sobreposição direta ou indireta do árabe sobre o português, apresentamos um breve panorama da influência desta língua ocorrido na Península Ibérica, seguido da sucinta descrição dos dois momentos históricos do contato entre essas línguas no Brasil. Sugerimos um levantamento dos principais trabalhos realizados, exemplificando a contribuição vocabular derivada dos contatos em pauta, citando os vocábulos árabes e os campos semânticos em que eles se organizam, como indícios das áreas do saber nas quais se observam as interações entre as duas comunidades linguísticas em contato. Em relação aos contatos das línguas no Brasil, tomamos por base a obra de Vargens (2007), por representar a única obra publicada que reúne os arabismos resultantes dos dois contatos.

2.2.1 A influência Árabe na Península Ibérica: O Primeiro Contato

Devido não apenas à longa permanência árabe na Península Ibérica, mas, também, ao refinamento cultural dos muçulmanos em relação aos hispanos, visigodos e cristãos, diversos traços culturais permaneceram na região peninsular resultantes desse período de contato sociocultural, incluído, particularmente, o linguístico. Segundo uma extensa bibliografia que documenta a história, em que destacamos Coutinho (1976), Silva Neto (1988), Faulstiche e Carvalho (2006), entre outros, árabes e berberes do Magrebadentraram o território que compreendia a Península Ibérica, conquistando grande parte dessa região. Denominados ‘mourous’ pelos habitantes da Península, esses povos tinham o islã como religião e o árabe como a língua de comunicação (mesmo aqueles que falavam a língua berbere). O império árabe-muçulmano foi se consolidando nessa região por longo período, estimado, aproximadamente entre sete e oito séculos (levando-se em consideração a data de sua chegada, em 715, até sua expulsão, no século XV. Donos de cultura influente, os árabes desenvolveram uma literatura, uma filosofia e uma ciência bastante próprias que marcaram o pensamento humano em geral e o europeu em particular. Como era de esperar, o

idioma árabe tornou-se a língua de prestígio na região peninsular e isso resultou na assimilação, por parte dos falantes cristãos, de um vasto léxico de origem árabe.

Resultado da interferência do árabe sobre as línguas que habitavam a região peninsular, os arabismos ainda representam tema inesgotável para estudiosos das línguas que experienciaram esse impacto ou herdaram de outras os seus resultados. Na caracterização do estudo dos arabismos, nota-se a parcialidade, geralmente verificada na interpretação da conquista da Península Ibérica pelos muçulmanos e das suas consequências. Corriente (1999) sugere uma crítica metódica dos estudos realizados sobre os arabismos do iberorromance e afirma que alguns pesquisadores subestimam a interferência sociocultural islâmica e que desta postura ideológica decorre inadequada análise dos dados linguísticos. Dentre os estudiosos que compartilham essa visão, Simonet (1829-1897) chega a procurar no moçárabe interferências ibéricas ou latinas, como se negasse a reconhecer-lhe traços tomados do árabe, invertendo o papel de prestígio social do conquistador face ao conquistado e da direção mais provável do influxo (CORRIENTE, 1999, p. 2). Em sua análise, Corriente (1999) verifica que o avançado desenvolvimento técnico-científico dos árabes e o refinamento que caracterizam os califados, por exemplo, chamam a atenção de pesquisadores, como R. Dozy, os quais creditam ao árabe a fonte de diversos costumes ocidentais, linguísticos ou não. Por esse motivo, na revisão do Dictionnaire de Engelmann, realizada por Dozy, o número de arabismos é ampliado significativamente por vocábulos que verdadeiramente não o são.

Atualmente compreende-se a amplitude da influência árabe na cultura ibérica medieval resultante da condição política do dominador, reforçada pelo efetivo avanço em diversas áreas. Para Faulstich e Carvalho (2006), a literatura linguística que explica a presença do árabe nas línguas românicas e, particularmente, na língua portuguesa, reduz a interferência árabe, nos léxicos românicos, a campos léxicos pontuais, relativos ao vocabulário de natureza político-social, agrícola, toponímica, científica, de pesos e medidas e outros.

A presença de numerosos arabismos nas línguas românicas hispânicas e, particularmente, no português, permitiu que se distingam de suas outras irmãs românicas. Esse elevado número de arabismos justifica a propriedade da metáfora aluvião lexical árabe, proferida por Piel (1989, p. 12 e 13). Para o autor, o superestrato árabe revelou ser incomparavelmente maior em relação aos demais dominadores da região, uma vez que compreende todos os setores da vida material. Define que por ‘arabismos’ devem ser entendidos também vocábulos originalmente não árabes, isto é, ocidentais, berberes e outros, incorporados no léxico dos muçulmanos peninsulares.

Há trabalhos sobre a influência árabe no vocabulário português publicado no Brasil e em Portugal, para os quais, segundo Vargens (2005), alguns não possuem rigor científico, porém, outros são importantes para a lexicografia do português. Entre as contribuições dos lusitanos lexicógrafos, o autor cita os nomes de Carolina Michaëlis, Manuel Augusto Rodrigues, José Domingues e Dias Farinha. No Brasil, os nomes destacados são João Ribeiro, José Chediak, Antônio FarisMickaele, Rubem Franca e Miguel Nimer. Há trabalhos relevantes realizados no Brasil, como o já citado Nimer (2005), por exemplo, que não se limitou ao estudo dos termos portugueses de origem árabe, vai além, preocupando-se, também, com os termos gregos, latinos, persas, turcos, hebraicos, fenícios, arameus e siríacos, os quais entraram na língua depois de arabizados. Composto por setecentas e sessenta e cinco unidades léxicas, o léxico organizado pelo autor é precedido por capítulos introdutórios que explicam aspectos da morfologia do árabe, especialmente no que concerne às raízes trilíteras e a tipologia de afixos própria das línguas semíticas.

Uma contribuição para a filologia portuguesa é sugerida por Silva (1996a, 1996b), documentado no ‘Vocabulário português legado pelos árabes’, envolvendo 959 termos, excluindo as variantes e os termos insuficientemente justificados pelos filólogos e etimólogos, entre esses, todos os topônimos e antropônimos. O autor revela que os arabismos entraram para o português em épocas e de maneiras bem diferentes. Muitos passaram por diversos países e foram acolhidos em dicionários brasileiros com sua forma bastante alterada com respeito a sua origem. Outros foram adotados primeiramente pelos árabes como ‘vocábulos de civilização’ e divulgados no Oriente com as ciências, artes e técnicas greco-românicas, chegando ao português mais tarde. Silva (1996a) tece importantes considerações acerca das características da construção árabe, facilmente observáveis no vocabulário de origem árabe.

Alguns vocábulos apresentados por Silva (1996a) possuem x-inicial, como é o caso de: xá, xadrez, xairel, xaque, xará, xarque, xeique, xerife, xarifa, xaroco, xarofa, xarope, xaveco, xeique, xiita etc, e influenciaram nos representantes de numerosos termos latinos com ex-, como: enxame, enxuto, enxada, enxó, enxugar, enxúndia e enxofre. Outros vocábulos iniciam com enx-, como os seguintes: enxaqueca, enxadrez, enxarope, enxávena, enxeco, enxoval, enxovia etc. Um grupo numeroso de vocábulos se caracteriza pela terminação, entre esses estão os termos que terminam com í-tônico: aleli, alfarqui, alizari, arabi, bafari, carmesi, garabi, haji, huri, javali, maçari, muçurumi, rafadietc. Em muitos casos, o sufixo í-é transformado em il: adail, aguazil, alcil, alvazil, anafil, anil, arrabil, candil, cordovil, granadil, manchil, maravedil, marroquile outros. E há casos em que o sufixo í-muda

para im: alabardim, alecrim, alfenim, alfolim, alfonsim, anexim, benjoim, borzeguim, cansim, carmesim, celamim, cetim, gergelim, haquim, jasmim, marfim, mirabolim, muslim, muezim, talime outros. Além desses, há casos de palavras que terminam em sílabas como afe, -afre, -efe ou -aque, que não são empregadas em final de vocábulos latinos.

Os arabismos do português estão distribuídos em diversos campos semânticos, segundo a perspectiva assumida por diferentes estudiosos com trabalhos publicados no Brasil e em Portugal. Considerando, assim, os campos citados por Elia (2004), Faulstiche e Carvalho (2006), Houaiss (1986), Mattos e Silva (2003), Silva Neto (1988), Vargens (2007) e Vasconcelos (1956), apresentamos o léxico em pauta nos seguintes campos semânticos:

- a) vocabulário de natureza político-social: alcaide, alferes, almoxarife, alfândega etc.;
- b) vocabulário comum: alcova, argola, alicate, alfaiate etc.;
- c) vocabulário de técnicas e agricultura: açafraão, açude, alecrim, alfazema, algodão, almuinha, safra, sega tamarindo etc.;
- d) vocabulário de frutos: laranja, lima, limão, tâmara etc.;
- e) vocabulário de pesos e medidas: alqueire, arrátel, arroba, quintal etc.;
- f) vocabulário de alimentos: açorda, açúcar, aletria, almôndega, arroz etc.;
- g) vocabulário de toponímia: Alfama(refúgio), Alcântara (ponte), Almada, (mina) etc.;
- h) vocabulário de guerra e vida militar: alferes, algema, almirante, arrais, arsenal, bodoque, calibre, refém etc.;
- i) vocabulário de indústria e comércio: açougue, alambique, armazém, azenha, azêmola;
- j) vocabulário de administração e finanças: aduana, alfândega, alvará, aval, leilão, tarifa;
- k) vocabulário de profissões: alfaiate, almoxarife, magarefe;
- l) vocabulário de ciências, técnicas e artes: algarismo, álgebra, zero, aharque, elixir, enxaqueca, nuca, xarope, alquimia, alaúde, atabaque, atambor, axabeba, cifra;
- n) vocabulário de habitação e vida doméstica: alcova, alicerce, almofada, andaime, azulejo, chafariz, divã, sagão, sofá, taça, taipa;
- o) vocabulário de fauna: anta, atuam, gazela, girafa;
- p) vocabulário de jogos: xadrez;

- q) vocabulário de compartimentalização espacial e acidentes geográficos: aldeia, arrabalde, bairro, rincão;
- r) vocabulário religioso: imame, ulemá, mussurumim, islame, jihad, mesquita, minarete, moçafo, tecebá;
- s) vocabulário culinário: almôndega, cuscuz, alçorda, etc.

Com o passar dos séculos, o árabe e o português restabeleceram suas relações, no caso que queremos ressaltar aqui, no interior de terras brasileiras, onde se verificou a relação entre o árabe como língua minoritária e o português em seu status de língua dominante. Esse fato concretizou-se de forma marcante em dois momentos históricos distintos, apresentados nos tópicos seguintes.

2.2.2 A Influência Árabe no Português Brasileiro: Dois Momentos Históricos

A influência do árabe sobre o português brasileiro mediante as línguas românicas é vista não apenas no vocabulário erudito ou de emprego meramente histórico, mas, também, no vocabulário cotidiano de seus falantes. É abundante o uso corrente de vocábulos de origem árabe arrolados ao português brasileiro, conforme ilustra o divulgado texto proposto por Chediak (1972, p. 86-87, **grifo nosso**):

Uma história. Suponhamos, primeiramente, um casal com um filho, em algum lugar do Brasil. **Altair**, recém-casada, mora nos **arrabaldes** ou **arrebaldes** de uma **aldeia** do interior, põe o seu vestido de **chita** e **oxale**. Pega o garoto, um **azougue** de menino, lava-o e passa-lhe **talco**. Se o garoto tosse, dá-lhe uma colher de **xarope**, empapa o **algodão** em **cânfora** ou **alcânfora** e faz massagem nas suas costas. Vai à cisterna, prende a **azêmola** na **argola** da **manjorra**, põe água na modesta **jarra**. Vai fazer café e adoça-o com saboroso **açúcar---cândi**. O marido, um **mameluco**, conhecido pela **alcunha** Boca-Torta, bem cedinho, já se levanta com alguns **achaques-enxaqueca**, põe as **ceroulas** (no interior muita gente ainda as usa), o terno **cáqui**, bem lavadinho com **anil**, toma um trago de conhaque de **alcatrão** São João da Barra ou, se não o tem, vai ao **alambique**, sorve um gole de **jeropiga**. Toma a **tarrafa** e vai pescar no **açude**. Outras vezes, prefere caçar **javali**; limpa o **azinhavre** da espingarda de grosso **calibre**, sai com o fraldigueiro chamado **Sultão** e volta com algumas **arrobas** de carne às costas. À hora do almoço, **Altair** lhe traz umas **azeitonas**. Senta-se com ele, e principiam uma salada de **alface** bem regada a **azeite**. Vêm depois o **espinafre**, **acabidela**, a carne ou peixe **escabeche**, ou com **alcaparra**, queingere com **arroz** bem soltinho. Ela lhe oferece um prato com **acelga** ou **celga**, que rejeita. Prefere **alcachofra**, por causa do fígado. Vai tomando refresco de **tamarindo**. À sobremesa, uma boa **laranja** seleta. Terminado o almoço, descansa, recostando a cabeça na **almofada**. A casa é modesta, de **adobe**, mas o **alicerce** é firme. As janelas não têm **alizares**. Num pequeno jardim, florescem **açucenas** ou **cecênse** **alecrim**. Depois da sesta, sai a

trabalhar. Mete algum dinheiro na **algibeira**, algum alimento no **alforje** e segue para o campo. Tem alguns **alqueires** de terra. De volta, pára no **alfaiate** para experimentar um terno. Depois, entra no **armazém** para algumas compras. Muita gente. **Azáfama**. À saída, um pobre, cheio de **salamaleques**, pede-lhe esmola. Não é um **nababo**, mas também não é um mesquinho. Dá-lhe uns níqueis. Um **troço** de policiais, com vistosos **dólmans**, passa ao som de **tambores**, caminho do **aljube**. É o reforço que chega. A região foi invadida por uma **cáfila** de assaltantes. O **mameluco** tira o chapéu. Passa um **ataúde** a caminho do cemitério. E retorna à casa..⁴²

No entanto o contato entre o árabe e o português falado, especificamente, em solo brasileiro ocorreu em dois momentos históricos desta língua, a saber, entre os séculos XVIII e XIX, com o tráfico de escravos afro-muçulmanos e entre as últimas décadas do século IX e as primeiras do século XX, com o fluxo imigratório de sírios e libaneses, centro de nossos interesses.

Nesta perspectiva, é importante registrar que os estudos em Filologia Portuguesa contemplam, sobretudo, o contato entre o árabe e o português na Idade Média ibérica, período no qual ocorreu a interferência de um vasto número de vocábulos do árabe, distribuído em diversos campos semânticos, nas línguas ibéricas e ou delas provenientes. Segundo Maranhão (2010), os estudos filológicos ressaltam três vias de entrada a fim de explicar a interferência dos arabismos na língua portuguesa, a saber: a presença árabe muçulmana na Península Ibérica, a expansão portuguesa e a entrada mediante as línguas européias. Entretanto, omitem a via de entrada de arabismos em terras brasileiras, em decorrência do contato entre o árabe e o português, concretizado a partir da presença de africanos islamizados na sociedade escravagista nos séculos XVIII e XIX e do intenso fluxo imigratório de sírios e libaneses nas primeiras décadas do século XX.

Na tentativa de preencher tal lacuna, Vargens (2006) propõe uma revisão do corpus de arabismos do português de todas as épocas, amparado em uma busca bem documentada dos arabismos mais antigos em português e contempla a via de entrada brasileira, acrescentando a contribuição do vocabulário herdado dos escravos africanos, antes referido, e dos imigrantes sírios e libaneses. Em seu glossário, o autor registra 769 unidades léxicas que, como empréstimos originais, variantes, derivados, ou expressões, são arabismos em português. Trata-se de um registro considerável, tanto quantitativa quanto qualitativamente, na especificidade das línguas românicas da Península Ibérica. Esta obra

⁴² Segundo Vargens (2007, p. 12), há controvérsias entre alguns autores quanto à etimologia árabe de alguns vocábulos como cabidela, cáqui, chita, jeropiga e troço.

encerra o maior número de arabismos no português brasileiro originados do contato de línguas no Brasil.

2.2.2.1 A influência afro-muçulmana: os escravos malês

Conforme já mencionamos, o primeiro contato entre o árabe e o português em solo brasileiro ocorreu no decorrer dos séculos XVIII e XIX, quando o tráfico de escravos viabilizou a entrada de diversas nações africanas no interior do Brasil, permitindo a emergência de um processo em vários graus de interação étnica e cultural. Muitas línguas e diferentes dialetos africanos adentraram as terras brasileiras constituindo uma efervescente situação de contato linguístico. Houaiss (1990) afirma que o total de línguas proeminentes da África representava um total nunca inferior a 20% das línguas da África, aproximadamente de 300 a 400 línguas, com falantes por todo o território brasileiro. Entre as diferentes línguas e dialetos falados por escravos africanos, é possível citar o haussá, nagô, jêge-mina, iorubá, banto, quimbundo, mandinga, nupe ou tapa, ewe, fon, uolote, axante, umbundo, entre outras.

A questão do influxo destas línguas africanas no português do Brasil é vista por Pessoa de Castro (1983, 2006) mais como objeto do silêncio do que motivo da atenção de linguistas e filólogos. Na discussão sobre o reconhecimento das línguas africanas na constituição histórica do português brasileiro, a autora declara que a resistência quanto ao tratamento de temas associados às línguas africanas no país começa pelo prestígio atribuído à escrita em detrimento da oralidade, a partir de uma visão ocidental que sempre privilegiou o ler e escrever diante da não menos importante arte de falar e ouvir. Também importa lembrar que, em decorrência do parâmetro que se colocou para povos que possuem uma forma de escrita literária e povos que se servem da tradição oral, esses últimos acabam por serem vistos como portadores de uma cultura inferior ou mesmo sem qualquer tipo de cultura. Dessa perspectiva “derivou uma crença de que as línguas de tradição oral não poderiam influir em uma língua de reconhecido prestígio literário como a língua portuguesa” (PESSOA DE CASTRO, 2006, p. 95).

Em virtude desse pensamento vigente, a presença dos africanos escravos escolarizados destacou-se em relação aos demais na sociedade baiana escravocrata do século XVIII. Genericamente conhecidos pelo nome de ‘malês,’ termo que identificava os africanos muçulmanos escolarizados, esses escravos encontraram-se em um centro urbano que lhes permitiu uma relativa liberdade, o que facilitava suas relações interpessoais, numa condição favorável à promoção de levantes. Segundo Reis (1988), entre os anos de 1807 e 1835, esses

escravos lideraram uma rebelião de caráter racial, contra a escravidão e a imposição da religião católica, traçando todos os planos da rebelião no idioma árabe. Dentre as diversas nações de escravos muçulmanos, Freire (1933), Rodrigues (1945) e Reis (1988) destacam os haussás como os escravos africanos mais intelectuais entre os colonos, mentores de revoltas, sendo também os introdutores do islamismo entre os demais. Em grande número na Bahia, os haussás puderam exercer vigorosa influência cultural⁴³ sobre a vida cotidiana, devido a posições específicas na distribuição ocupacional dos africanos em Salvador, trabalhando nas ruas da cidade como comerciantes ambulantes de produtos como fumo, especiarias e tapetes.

Apesar da limitação de registros sobre as línguas faladas pelos escravos no Brasil, os trabalhos desses autores se constituem como marcos históricos da presença da língua árabe, posto que oferecem elementos importantes para que se retracem aspectos da coexistência entre o árabe e o português no país. Tomando, assim, tais obras como referencial teórico, vê-se que o árabe era a língua conhecida por um pequeno grupo social e sem qualquer prestígio cultural ou socioeconômico e seu uso na oralidade restringiu-se à dimensão religiosa. Como se sabe, os escravos eram trazidos, forçadamente, de seu país de origem para o trabalho escravo, concentrado em certas regiões do país, mais especificamente, a Bahia. Devido às limitadas condições de vida a que eram submetidos os escravos na época, esses falantes eram excluídos de muitos direitos, inclusive, o direito de falar em público, do que resultou um contato limitado entre a língua e o falante nativo. Da mesma maneira como ocorreu na fala, também ocorreu na escrita, uma vez que os registros de produções linguísticas no árabe se devem, em geral, às reproduções de versos corânicos, orações islâmicas e amuletos. Também não há evidências de descrições de uso cotidiano de uma variável diatópica do árabe entre os escravos africanos no Brasil, o que dificulta uma caracterização mais clara da relação entre as duas línguas nessa ocasião do contato.


Ainda que esses africanos islamizados possuíssem uma ‘competência linguística’ limitada no idioma árabe, posto que seu conhecimento se restringisse a copiar orações corânicas em caracteres árabes e decorá-las, mediante processos de memorização, há consenso sobre a ‘literalidade’ dos escravos malês em relação aos demais africanos. (FREYRE, 1933; PESSOA DE CASTRO, 2006; REIS (1988); RODRIGUES (1945). Entretanto, de uma maneira ou de outra, na esfera da vida privada e cotidiana em que o

⁴³ “Os escravos haussás influenciaram, à época, vários aspectos da cultura regional brasileira. Na culinária, por exemplo, Gilberto Freyre (1933) apresenta minuciosamente o preparo do ‘arroz de Haussá:’ ‘O arroz-de-aucá é outro quitute afro-baiano que se prepara mexendo com colher de pau o arroz cozido em água sem sal. Mistura-se depois com o molho em que entram pimenta-malagueta, cebola e camarão: tudo ralado na pedra. O mólho vai ao fogo com azeite-de-cheiro e um pouco de água” (FREYRE, 1933, p. 367).

religioso se estenda, o vocabulário representativo da prática islâmica afluía no português falado pelos escravos, como forma de expressar seus ideais de fé. Os escravos malês que habitaram a sociedade escravocrata baiana exerceram grande influência na cultura brasileira, resultando no processo de aculturação afro-brasileira. A presença do Islão Negro no Brasil foi tema acerca do qual derivaram obras em diferentes áreas de conhecimento. No que concerne ao aspecto linguístico, a linguagem oral desses escravos influenciou intensamente sobre a cultura e a língua brasileira, deixando um rico legado circunscrito nos dicionários e enciclopédias da língua portuguesa e no vocabulário ativo usado pelos falantes brasileiros.

Ilustramos no quadro 2 alguns exemplos pinçados da tese de Nabhan (1987, p. 213), que se referem ao vocabulário de origem árabe usado na linguagem cotidiana de negros na Bahia.

Quadro 2 – Vocábulo da vida religiosa usados pelos malês e incorporados ao léxico do Português brasileiro

	<p>* <i>Aluá</i> do árabe- halwa no port.- bebida feita de arroz cozido, açúcar e sumo de limão.</p> <p>* <i>Alufã</i> do árabe- al ukh = irmão no port.- sacerdote dos negros muçulmanos.</p> <p>* <i>Limano</i> do árabe- al imân = líder religioso islâmico no port.- chefe de culto dos negros malês.</p> <p>* <i>Sará</i> do árabe- salah = oração no port.- missa dos malês</p>
<p>Jean Baptiste Debret, Negro de Origem Muçulmana, Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil.</p>	

Fonte: Nabhan (1987, p. 16)

Figura 4 – Pintura intitulada ‘Negro de origem muçulmana – Viagem pitoresca e histórica ao Brasil’ – de Jean Baptiste Debret. Fonte: <http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/revolta-dos-males.jhtm>

Esses e outros vocábulos também são encontrados na *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, de Lopes (2004), a qual oferece um tratamento honroso à presença africana no Brasil e ao vocabulário produzido pelos diversos grupos étnicos que a representa. Segundo expõe a Revista *Línguas do Brasil*, a obra contém 9000, distribuídos ao longo de 720 páginas. Em uma rápida consulta na referida obra, encontramos as seguintes palavras de origem árabe, introduzidas por negros muçulmanos de diferentes etnias.

- * *Abadá* - túnica branca.
- * *Afuã* - título da hierarquia malê.
- * *Alafiál* - votos de paz e prosperidade, proferidos no final de certos rituais,
- * *Fila* - forro vermelho que os escravos usavam na cabeça,
- * *Tessubá* - rosário usado nas orações.
- * *Vatapá* - comida típica baiana.

Ainda como influência do árabe falado pelos escravos malês, Brandão (1968) cita o exemplo da expressão "*fazer sala*" como uma alteração do vocábulo árabe "*salah*," que significa "*oração*," usado amplamente na linguagem cotidiana desses escravos na Bahia. Há, também, outros trabalhos que contemplam a linguagem dos negros islâmicos no Brasil, citados por Nabhan (1984), tais como: *Arabismos entre os Africanos na Bahia*, Mickaelle (1968); *Islamismo e Negritude: da África ao Brasil, da Idade Média aos Nossos Dias*; Vargens e Lopes (1982), entre outros.

Segundo informam Heye e Vandresen (2006), os levantamentos mais completos da contribuição lexical de línguas africanas para o português brasileiro foram desenvolvidos na Universidade Nacional do Zaire. O primeiro, de autoria de três belgas: Jean-Pierre Angenot, J. P. Jacquemin e L. Vincke - publicado em 1974, com o título *Répertoire des vocables brésiliens d'origine africaine*. Esta obra, conforme comenta esse autor, apresenta uma análise do léxico composto por mais de 1.500 palavras portuguesas de origem africana.

Os arabismos introduzidos no português do Brasil por escravos afro-muçulmanos encontram-se registrados no Glossário de Vargens (2007) perfazendo um total de 25 unidades léxicas, apresentadas a seguir no interior de dois campos semânticos:

1. Campo semântico 'Religião'

- a) Orações islâmicas: *açubá, adixá, aiassari, ailá*.
- b) Ministros de culto religioso: *alicali, alufá, lemano*.
- c) Crente: *amim, malê, mussurumim*.
- d) Templo: *djema, maçalami*.
- e) Entidade: *aligenun*.
- f) Objetos litúrgicos: *tecebá*.
- g) Preceitos: *assumi, azaca, jihad, sacá*.
- h) Saudações e locuções interjetivas: *barica da suba, bissimilai, Maneco lassalama, sala, maleco*.

2. Campo semântico 'Culinária'

- a) alimento: *aluá*.

O escopo acima revela que os arabismos introduzidos no português brasileiro pelos escravos muçulmanos integram apenas dois campos semânticos, isto é, religião e culinária, verificando absoluta assimetria na distribuição entre eles. O campo religioso subdivide-se em oito microcampos, ao passo que o campo da culinária registra apenas um vocábulo designativo de alimento. Nessa direção, concordamos com Pessoa de Castro (2006), ao afirmar que a influência africana no vocabulário do português brasileiro restringe ao campo semântico religioso, fato também demonstrado por Abreu e Aguilera (2010, p. 5-29).

O caráter ritualístico do árabe praticado entre os escravos africanos resultou em sua perda a partir da 'criminalização' do islamismo, por conta da revolta liderada pelos malês, e da sua língua de expressão e veiculação. Dessa feita, o contato árabe-português no período da escravatura no Brasil, se já não se caracterizava pela diglossia, acabou por desaparecer, até que o fluxo migratório de sírios e libaneses ocorrido recentemente possibilitou o reencontro das duas línguas no país, iniciando um novo capítulo dessa história.

2.2.2.2 A influência dos imigrantes sírios e libaneses

A imigração sírio-libanesa desencadeou o segundo contato entre o árabe e o português brasileiro, estabelecendo um capítulo novo na história do contato as línguas. O envolvimento entre a cultura libanesa e a brasileira derivou em um convívio fraterno, gerando trocas e contribuições, notórias em vários segmentos da vida brasileira, principalmente, nomes de descendentes árabes, libaneses ou não, os quais contribuíram com os estudos da língua portuguesa. Entre eles, Antônio Houaiss,⁴⁴ Celso Pedro Luft,⁴⁵ Evanildo Bechara,⁴⁶ Rosário Farani Mansur Guérios⁴⁷, Adriano da Gama Kury⁴⁸, entre outros.

⁴⁴ Sétimo filho de imigrantes libaneses, o lexicógrafo Antônio Houaiss organizou e realizou as duas enciclopédias mais importantes feitas no Brasil: a Delta-Larousse e a Mirador Internacional. Foi autor de dois dicionários bilíngues inglês-português, organizou o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa -aprovado pelo Congresso Nacional em 1995. Elaborou, também, o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, comandando cada etapa de sua composição, auxiliado por uma equipe de pesquisadores do Instituto Houaiss de Lexicografia, na cidade do Rio de Janeiro.

⁴⁵ Como filólogo, linguista, gramático e lexicográfico, Pedro Celso Luft dedicou-se aos estudos da língua portuguesa. Graduiu-se em Letras Clássicas e Vernáculas e concluiu o curso de especialização em filologia portuguesa e linguística na Universidade de Coimbra-Portugal, entre os anos de 1955 e 1956. Pedro Luft publicou diversas obras, dentre as principais citamos Moderna Gramática Brasileira, Gramática Resumida, Dicionário Gramatical da Língua Portuguesa, Novo Manual de Português, Dicionário Brasileiro, Dicionário de Literária portuguesa e Brasileira, Dicionário de Sinônimos e Antônimos e Língua e Liberdade, O Romance das Palavras, etc.

⁴⁶ Evanildo Cavalcante Bechara é autor de várias gramáticas da língua portuguesa, tais como Moderna Gramática Portuguesa, 1999; Gramática Escolar da Língua Portuguesa, 2001; Lições de Português pela

No que concerne aos arabismos do português brasileiro derivados da imigração libanesa, Vargens (2007) registra apenas doze vocábulos exclusivamente do campo culinário, não se verificando em outros campos semânticos. Estes vocábulos são: *baba hanuche, beleua, cafta, esfiha, falafel, homos, laban, labna, mijadra, quibe, tabule e tahine*.

Os trabalhos sobre o contato dessas línguas, porém, são escassos e, no que "concerne particularmente ao enriquecimento lexical proporcionado por imigrantes libaneses, até o presente momento não se tem conhecimento de investigações científicas sobre o tema." (MARANHÃO, 2010, p. 10). Os arabismos chamados 'vocábulos de civilização' constituem um grande número desses termos, não restringindo no limitado conjunto acima a contribuição árabe dos imigrantes libaneses, ao contrário, esses arabismos estão profundamente enraizados na linguagem popular de todos os recantos do Brasil.

Com os resultados desta tese, pretendemos preencher os espaços na lacuna existente no quadro descritivo do contato entre o português e as línguas de imigrantes, lançando luz sobre fenômenos resultantes da coexistência das línguas ainda não cotejados no âmbito dos estudos linguísticos no Brasil.

2.3 BILINGUISMO

Essa seção apresenta as principais questões relacionadas ao bilinguismo,⁴⁹ enfatizando especialmente o bilíngue adulto estável, isto é, o indivíduo que se tornou bilíngue

Análise Sintática, 2004. Além dessas obras, contam-se os seguintes títulos: A Evolução do Pensamento Concessivo no Português (1954), O Futuro em Românico (1962), A Sintaxe Nominal, 1964, A Contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa, 1964; As Fases Históricas da Língua Portuguesa: Tentativa de Proposta de Nova Periodização (1985). Em 1972, Evanildo Bechara organizou o corpus lexical do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção geral de Antônio Houaiss. Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro.

⁴⁷ Dedicado filólogo e dicionarista paranaense, Rosário Farani Mansur Guérios, deixou uma vasta bibliografia com diversas publicações de estudos com a língua portuguesa. Entre elas, Pontos de gramática histórica portuguesa. Durante quase quarenta anos, Mansur Guérios deu sua contribuição ao magistério, lecionando nos cursos de Letras da Universidade Federal do Paraná.

⁴⁸ O filólogo Adriano da Gama Kury é conceituado autor de gramática e publicou obras, tais como Lições de análise sintática; Pequena gramática para explicação da nova ortografia gramatical; Ortografia, pontuação e crase, entre outros

⁴⁹ Os materiais bibliográficos que tratam do bilinguismo demonstram, na maioria das vezes, o uso indefinido de certos termos, provocando uma imprecisão terminológica nos trabalhos centrados neste tema. Neste trabalho consideramos língua materna (LM ou L1) como a primeira língua adquirida pela criança. (Chomsky, 1965); língua estrangeira (LE ou L2) como a segunda língua, adquirida mais tarde, como criança ou como adulto. (Selinker, 1972; Myers-Scotton, 2006). Repertório linguístico são as línguas que um indivíduo fala. (Myers-Scotton, 2006). Comunidade linguística é considerada como o grupo de pessoas que não partilham necessariamente a mesma língua, mas compartilham um conjunto de regras para o uso dela. (Romaine, 1994; Hymes, 1971).

no período da maturidade. Em primeiro lugar, buscamos conhecer o modo como o bilinguismo é considerado por alguns estudiosos, desde seus esforços para defini-lo, até os fatores mais utilizados na descrição de um fenômeno bilíngue específico. Em segundo, atentamos para os aspectos psicológicos e socioculturais próprios do bilinguismo, observados a partir das relações existentes entre língua, cultura e identidade, as quais influem na linguagem do bilíngue, como indivíduo e, também, do grupo como um todo.

2.3.1 Definições de Bilinguismo

A tentativa de conceituação de bilinguismo tem envolvido estudiosos na discussão sobre a competência e a função das línguas sem, contudo, alcançar o consenso. A perspectiva teórica sobre o tema na primeira metade do século XX é representada pela visão de Bloomfield (1933, p. 55-56)⁵⁰, que estabeleceu como critério de bilinguismo que o falante bilíngue deva possuir o domínio pleno nas duas línguas, igual ao falante nativo, introduzindo com essa afirmação, a definição de bilinguismo máximo. O parâmetro posto por esse autor sugere que o falante de uma língua materna deva dominar a fonologia, morfologia, sintaxe e léxico, do mesmo modo como domina sua língua materna, sem interferências entre ambas. A declaração de Bloomfield (1933, p. 55-56), além de sugerir um estado ideal para o bilinguismo, expressa, também, a existência de um modelo de aprendizagem perfeito para uma língua estrangeira. Ao considerar bilíngue somente o indivíduo que domina totalmente duas línguas, por certo Bloomfield (1933, p. 55-56) exclui a maioria dos indivíduos bilíngues, convertendo-os a falantes deficientes ou incapazes em seu desempenho linguístico.

Tal concepção sugerida ao bilinguismo levou estudiosos a propor outras definições para o fenômeno. Com base em estudos da fala de imigrantes noruegueses, residentes nos Estados Unidos, Haugen (1950, 1953) abstraiu algumas conclusões sobre o fenômeno de bilinguismo. Ao contrário de Bloomfield (1933), Haugen (1953, p. 7) considerou o bilíngue como o indivíduo capaz de elaborar enunciados significativos em outra língua e, assim, cumprir os objetivos comunicativos em língua estrangeira em diversas situações cotidianas.

⁵⁰ “Nos casos em que essa perfeita aprendizagem da língua estrangeira não é acompanhada por perda da língua nativa, isso resulta de bilinguismo-o controle das duas línguas como o falante nativo. Depois dos primeiros anos da infância poucas pessoas têm flexibilidade muscular ou oportunidade suficiente para alcançar a perfeição na língua estrangeira; ainda o bilinguismo deste tipo é mais comum do que poderia supor, tanto nos casos desses nossos imigrantes e como resultado de viagem, estudos no estrangeiro ou semelhante associação” (Bloomfield, 1933, p. 55-56).

Para Weinreich (1974), o bilinguismo está estreitamente vinculado ao contato entre as línguas e expressa sua acepção desse fenômeno sem revelar qualquer sinal que quantifique a proficiência do falante para ser considerado bilíngue. Weinreich (1974, p. 1, **tradução nossa**)⁵¹ esclarece que "a prática de usar alternadamente duas línguas será chamado bilinguismo e as pessoas envolvidas bilíngues." O autor não apresenta qualquer proposição acerca do nível de conhecimento que o falante bilíngue deva ter em relação às duas línguas, como, também, à proficiência nas quatro habilidades linguísticas de - *ler, ouvir, falar e escrever*. Sugere, com isso, que os falantes podem apresentar níveis diferentes de destrezas linguísticas sem imposição de padrões que superem, inclusive aos próprios monolíngues. Acrescenta que um falante bilíngue pode demonstrar graus distintos de interferência na fala dependendo da situação comunicativa em que participa.

Além disso, Weinreich (1974) considera importante aliar o estudo do bilinguismo a uma dimensão maior vinculada aos fatores sociais, representados pelas características do bilíngue e, também, do grupo, tais como a atitude em relação às línguas, aos domínios de cada língua, às características de situações comunicativas, à facilidade na troca das línguas, à relativa proficiência ao estatus das línguas, à aptidão etc.

Entretanto, na década de sessenta, Mackey (1967)⁵² reconheceu a natureza interdisciplinar do bilinguismo a partir da constatação de que o estudo desse fenômeno deveria considerar conhecimentos de outras disciplinas, além da Linguística. Segundo esse autor, o bilinguismo não é um fenômeno da língua, mas do uso que se faz dela e, por essa razão, seu estudo deve considerar quatro questões como grau, função, alternância e interferência entre as duas línguas. Além dessas quatro questões centrais, Mackey (1967) elenca um conjunto de fatores, tais como, idade, sexo, inteligência, memória, atitude e motivação, suscetíveis de influenciar a aptidão dos bilíngues na aprendizagem.

Mackey (1967, p. 55)⁵³ expõe, também, sua concepção do bilinguismo e faz indicações que norteiam o estudo desse fenômeno, ou seja, o bilinguismo é o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo, o que compreende um padrão de comportamento

⁵¹ "The practice of alternately using two languages will be called BILINGUALISM, and persons involved, BILINGUAL" (WEINREICH, 1974, p. 1.)

⁵² Mackey (1967) estudou o bilinguismo a partir de uma perspectiva didática, incluindo temas relacionados à aquisição de línguas, à educação bilíngue na escola, domínio linguístico dos professores etc., chegando a reconhecer a necessidade de considerar a análise do fenômeno, apoiando-se em diferentes saberes para compreender as associações psicológicas, linguísticas e socioculturais do fenômeno.

⁵³ "It seems obvious that if we are to study the phenomenon of bilinguals we are forced to consider it as something entirely relative. We must moreover include the use of not only two languages but of any number of languages. We shall therefore consider bilingualism as the alternative use of two or more languages by the same individual."

de práticas linguísticas que se modificam, variando segundo as quatro questões antes referidas. O autor sugere que, no estudo do uso bilíngue, o pesquisador considere o bilinguismo como um fenômeno inteiramente relativo.

Não obstante as observações de Makey (1967) sobre bilinguismo, surgiram outras definições para o fenômeno voltadas ainda ao tema da competência linguística do falante bilíngue. Macnamara (1967), por exemplo, propõe que um indivíduo pode ser qualificado como bilíngue se, além das habilidades em sua língua materna, apresentar um mínimo de habilidade em uma das quatro modalidades (ler, falar, entender e escrever) na língua estrangeira. Ainda que a visão de bilinguismo do autor exija a destreza de pelo menos uma das quatro habilidades na língua estrangeira, posição essa oposta à de Bloomfield (1933, p. 55-56), ambas apresentam imposições de critérios quanto às capacidades linguísticas que o falante deve possuir para que seja considerado um bilíngue.

As dificuldades em definir o fenômeno a partir de medidas e parâmetros de competência linguística abriram espaços para que outros estudiosos propusessem definições com visões mais abrangentes da competência linguística. Entre esses, Grosjean (1994, p. 1658) demonstra sua compreensão quanto ao falante bilíngue:

Consideramos como bilíngues aquelas pessoas que usam duas (ou mais) línguas (ou dialetos) diariamente. Assim, esta definição inclui pessoas que vão desde o trabalhador migrante que fala com certa dificuldade a língua do país anfitrião (e que não a lê nem a escreve) até o intérprete profissional que é totalmente fluente nas duas línguas. Neste intervalo, encontra-se o cônjuge que interage com amigos na sua primeira língua, o cientista que lê e escreve artigos em uma segunda língua (mas raramente a fala), o membro de uma minoria linguística que usa a língua minoritária somente em casa e a majoritária nos outros domínios de sua vida, a pessoa surda que usa a língua de sinais com os amigos, mas que usa outros tipos de sinais com uma pessoa ouvinte, etc.

Como se vê, Grosjean (1994, p. 1658) considera as características específicas do indivíduo, focalizando-o a partir de uma diversidade de situações, nas quais envolvem o uso constante de duas línguas e inclui, com isso, diferentes indivíduos e em diversas situações do cotidiano, segundo várias finalidades do uso linguístico. Nessa visão, o uso da língua sugere uma ampla diversidade de competências entre os falantes, pois, segundo o autor, os diversos fatores mediante os quais as línguas entram em contato e, conseqüentemente, impulsionam o bilinguismo, criam diversas necessidades linguísticas para os falantes que estão em contato com essas línguas.

Savedra (1999) estudou a dinamicidade do bilinguismo, buscando um posicionamento claro quanto ao que privilegiar como situação linguística bilíngue, atentando para o ambiente e para as condições em que o bilinguismo se desenvolve. Este posicionamento levou Savedra (1999, p. 29) a propor uma distinção entre bilinguismo e bilingualidade:

Por bilinguismo entendo a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação social. Ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas. A bilingualidade é definida como os diferentes estágios de bilinguismo, pelos quais os indivíduos, portadores da condição de bilíngue, passam na sua trajetória de vida.

Bilinguismo, para Savedra (1999, p. 29), consiste na situação de coexistência de uso bilíngue, envolvendo diferentes espaços sociais, tais como o do trabalho, da casa e da igreja, por exemplo. Tais espaços sociais devem ser analisados segundo a condição particular dos indivíduos que se tornam bilíngues, condição essa sugerida pelo contexto e idade de aquisição e variação de uso das línguas. Para a autora, o indivíduo bilíngue experiencia diferentes etapas de gradação no decorrer de sua condição bilíngue e essa condição se modifica na trajetória de vida dos indivíduos e assume diferentes contornos (estágios) em relação ao domínio e à variação de uso de ambas as línguas. Estes estágios são estabelecidos pelas funções de uso das línguas em contextos e situações diferentes e definem, de forma relativa, a sua 'bicompetência,' que é expressa de modo linguístico, comunicativo e cultural.

Em semelhante perspectiva, Hamers e Blanc (2005, p. 8)⁵⁴ declaram que o bilinguismo é um fenômeno multidimensional e deve ser contemplado como tal. Para eles, o bilinguismo é visto como o estado psicológico do falante que usa duas línguas como meio de interação com outros falantes, com variações do grau de acesso da língua, segundo dimensões de naturezas distintas, tais como psicológica, cognitiva, sociolinguística, sociocultural e linguística. Os autores desenvolveram sua própria abordagem para o estudo do fenômeno, considerando princípios básicos de comportamento linguísticos, como a interação constante de dinamismos sociais e individuais da língua, os processos complexos entre os modos de comportamento linguístico e funções em que são usados, a interação recíproca entre língua e cultura e a valoração que é central para toda essa dinâmica de interação. Para Hamers e Blanc

⁵⁴ "[...] the psychological state of an individual who has access to more than one linguistic code as means of social communication; the degree of access will vary along a number of dimension which are psychological, cognitive, sociolinguistic, sociocultural and linguistic."

(2005), é importante que se entenda claramente que qualquer modelo adequado de comportamento bilíngue deve ser consistente com um modelo mais abrangente de comportamento linguístico.

Por sua vez, Myers-Scotton (2006) define bilinguismo baseada no critério de que o falante bilíngue seja capaz de demonstrar o uso mínimo de duas ou mais línguas. A autora revela que, ao contrário de sua visão de bilinguismo assumida em trabalhos anteriores, nos quais o fenômeno é considerado a partir de contextos que envolvem a leitura, escrita e a fala reconhece que a modalidade da fala é mais essencial para a sua definição. Desse modo, Myers-Scotton (2006) define bilinguismo como a habilidade de usar duas ou mais línguas o suficiente para manter uma conversa casual limitada, sem estabelecer limites específicos de proficiência ou quanto o falante em questão está falando em qualquer dialeto específico da língua estrangeira em questão, que pode ser um dialeto padrão ou qualquer um dos dialetos não padrão. Para a autora, qualquer indivíduo que possua a habilidade de manter uma conversa casual e limitada usando duas ou mais línguas pode ser designado como bilíngue. Nessa perspectiva, o falante bilíngue é livre de limites ou níveis de proficiência da língua estrangeira que usa.

Assim, as definições de bilinguismo expostas apresentam uma vaga idéia do quadro de distintas visões existentes na bibliografia sobre o tema em questão. Dentre as propostas apresentadas, nenhuma faz declarações, exatamente, ao grau de conhecimento necessário em ambas as línguas, à necessidade e ao nível de aptidão em cada uma das quatro competências ou, ainda, à necessidade de usar as duas línguas em contextos semelhantes. Cada definição reflete certa visão acerca do bilinguismo em geral e de certos fenômenos, em particular, que atuaram na base dessa definição. No entanto, como resultado de esforços dos estudiosos, tais declarações permitem, sobretudo, uma compreensão mais ampla do fenômeno do bilinguismo e do caráter bilíngue dos falantes.

Por um lado, há um grupo de definições unidimensionais que tratam, especificamente, de definir o bilinguismo a partir de suposições quanto ao grau de competência linguística necessária a uma pessoa para ser qualificada como bilíngue. Neste espectro de definições, situam-se, por exemplo, a de Bloomfield (1933), que exige o domínio perfeito das duas línguas; a definição de Macnamara (1967), a qual insiste que deva haver pelo menos algum grau de competência em algumas das habilidades linguísticas ou; ainda, a proposta por Haugen (1953), para quem o bilinguismo começa quando o falante produz enunciados significativos em outra língua.

Por outro lado, existem acepções do bilinguismo que vão além de simplesmente estabelecer medidas ou critérios das destrezas linguísticas, mas buscam incluir dimensões mais amplas do comportamento bilíngue, incluindo aspectos relacionados como identidade, cultura, fatores sociais, interdisciplinaridade, relatividade, dinamicidade etc. Esses e outros aspectos são previstos por diversos autores, como, por exemplo, Weinreich (1974), Mackey (1967), Savedra (1999), Hamers e Blanc (2005) e Myers-Scotton (2006). Esses autores estudaram as dimensões do bilinguismo amplamente, defendendo-o segundo a visão sociolinguística e demonstrando consenso quanto à consideração de fatores socioculturais responsáveis pela caracterização de situações bilíngues.

Não pretendemos discutir a incipiência de alguns conceitos de bilinguismo, quando aplicados a determinadas situações, antes, nosso objetivo é demonstrar que esse é um fenômeno relativo e, como tal, deve ser analisado. Das questões envolvidas no bilinguismo, esse trabalho privilegia a condição particular dos falantes que se tornaram bilíngues, sugerida pela idade de aquisição de ambas as línguas, o contexto de aquisição da língua estrangeira, a função e a competência linguística.

2.3.1.1 Idade de aquisição de ambas as línguas

A idade do falante é um elemento importante na aprendizagem de uma língua estrangeira. A idéia consensual da existência de um *período crítico* (Flege, 1988) para aprender uma língua consiste na suposição de que as crianças adquirem a linguagem mais facilmente que os adultos, pois o cérebro ainda pode adaptar suas estruturas aos idiomas específicos. Mais tarde, porém, o cérebro perde essa flexibilidade e a aquisição ocorre com maiores limitações. Entretanto, a hipótese que distingue a aquisição de aprendizagem, proposta por Krashen (1992), supõe que os falantes adultos também podem servir-se dos processos de aquisição para adquirirem uma língua estrangeira. Para o autor, isso pode ocorrer mediante uma interação significativa, em um contexto de comunicação natural, onde os falantes não se fixam na forma da língua, mas no significado, nem mesmo se detêm em identificar ou corrigir os erros.

MacLaughlin (1984) traz uma previsão do uso bilíngue em crianças e adultos. O autor declara que o bilinguismo infantil se caracteriza como uma forma do bilinguismo precoce e observa que o fenômeno tem início aproximadamente aos três anos de idade na criança e, no bilinguismo adulto, a partir da puberdade. Por sua vez, Scliar-Cabral (1988) apresenta alguns elementos na discussão sobre o período de aquisição de uma língua

estrangeira e afirma que não existem limites tão rígidos para a aprendizagem de uma segunda língua, se comparar com aqueles que ocorrem quando uma criança está impedida de participar da interação linguística desde que nasce até a puberdade. Essa autora acrescenta que não se trata de simplesmente estabelecer tetos como limites para aquisição proficiente, mas, ressalta a importância de responder às questões como: por quê o indivíduo quer aprender a língua estrangeira, isto é, qual a motivação que o conduz a essa atividade, e como está aprendendo essa língua, com estratégias voltadas para a língua em si ou para os procedimentos comunicativos.

Nessa perspectiva, Myers-Scotton (2006) adverte que os pesquisadores, que estudam o bilinguismo adquirido no período adulto, também usam o termo 'aquisição' para cobrir os dois casos de bilinguismo como um fato tardio, sem nenhuma instrução formal e usam o termo 'aprendizagem' como um fato que envolve ensino em sala de aula.

2.3.1.2 Contexto de aquisição da língua estrangeira

O contexto refere-se ao ambiente no qual o falante adquire a língua estrangeira e se torna bilíngue, podendo neste caso distinguir entre 'bilinguismo natural' e 'bilinguismo cultural.' Essas expressões salientam dois contextos distintos de aprendizagem. O contexto de aprendizagem cultural caracteriza-se pelo uso da língua em contextos institucionais, dentro da sala de aula, e o contexto de aprendizagem natural refere-se à aprendizagem espontânea que se desenvolve, informalmente, fora do ambiente escolar.

No entanto, há que se considerar que, ao aprender uma língua estrangeira, seja em ambiente natural ou cultural, o aprendiz já possui mecanismos cognitivos que o auxiliam na obtenção da informação de estímulos que recebe. Esses mecanismos, por um lado, já dominam sua língua materna, por meio da qual, através de comparações, poderá inferir dados que lhe permitam o acesso à língua estrangeira. Por outro lado, o aprendiz possui um conhecimento geral de mundo que, também, lhe facilitará a compreensão dos estímulos provenientes do contexto em que convive. Dessa maneira, o indivíduo adquire certas estratégias de comunicação que lhe permitem fazer o mais efetivo uso da língua estrangeira que lhe interessa.

Nessa perspectiva, estudos realizados sobre o tema em questão apresentam informações que revelam as principais diferenças entre os processos de aquisição em

contextos naturais e em contextos de sala de aula. Lightbown (1988)⁵⁵, por exemplo, faz declarações sobre o aproveitamento apresentado por aprendizes nos dois ambientes de aquisição da língua estrangeira. Lightbown (1988, p. 263) argumenta que:

Aprendizes que foram expostos à instrução formal em sala de aula, na ausência de uma rica exposição 'comunicativa' para a língua estrangeira (L2), têm sido observados por alguns, demonstrando padrões de erros e ordens de aquisição (Pica, 1983) que são muito semelhantes aos erros dos alunos que recebem nenhuma instrução ou instrução em acréscimo a exposição 'comunicativa.'

Comparando os erros de aprendizes, em contextos de aquisição formal e natural, Lightbown (1988, p. 263) observa que os aprendizes, que não receberam uma ampla exposição comunicativa aos dados da língua estrangeira, cometeram os mesmos erros em relação aos aprendizes que não receberam nenhuma instrução. Com isso, o autor sugere que a exposição natural à língua estrangeira e aos falantes representa um modo eficaz de aquisição de uma competência que prioriza a comunicação entre os falantes.

Com essa visão, Savedra (1994) afirma que estudos recentes que abordam o contexto de aquisição de ambas as línguas demonstram uma preferência pelo uso da expressão 'aquisição de L2 ou LE' para se referir a qualquer situação de aquisição de segunda língua ou língua estrangeira, tanto de forma 'espontânea' (natural, informal, não tutorada) como de forma 'guiada' (em sala de aula, formal, tutorada). Outros estudos apresentam informações que revelam as principais diferenças entre os processos de aquisição em contextos naturais e em contextos de sala de aula.

Segundo Bernaus e Escobar (2001), a diferença mais acentuada entre a aprendizagem em contextos naturais e em contextos institucionais se deve à possibilidade de contato mais ou menos amplo com os falantes da língua estrangeira. Dentro desse contexto de aprendizagem, podem-se identificar experiências específicas e efeitos positivos particulares. Comparando a aquisição de línguas em ambientes naturais e em ambientes institucionais, Bernaus e Escobar (2001, p. 85) apontam algumas vantagens geradas em ambientes naturais de aquisição:

⁵⁵ Learners who have been exposed to formal classroom instruction in the absence of rich 'communicative' exposure to the second language (L2) have been observed by some to exhibit error patterns (Felix 1981) and acquisition orders (Pica 1983) which are highly similar to those of learners receiving no instruction or instruction in addition to 'communicative' exposure" (LIGHTBOWN, 1988, p. 263).

1. Acesso amplo às distintas situações e contextos comunicativos, aos distintos estilos e aos registros e aos modelos da língua estrangeira.
2. Acesso amplo à língua estrangeira através dos meios de comunicação (mídia televisiva, rádio, jornal etc.), da literatura e de atividades culturais (conferências, teatro e cinema), e através da rede (especialmente *chats* e correio eletrônico).
3. Desenvolvimento marcado de atitudes positivas ou negativas da língua estrangeira e de seus falantes.

Conforme os autores, os aprendizes em ambientes naturais, nos quais a língua alvo é usada frequentemente, podem ser expostos vinte e quatro horas por dia, em amplo contato com os falantes nativos. Esta imersão total do aprendiz com os dados linguísticos sugere vantagens, tais como maior possibilidade de uso comunicativo da língua oral, maior possibilidade de aceder a diferentes tipos de registros e fácil acesso aos meios de comunicação. Com o conhecimento da língua, incluem-se, ainda, os hábitos socioculturais dos falantes nativos.

2.3.1.3 Função / Domínio / Diglossia

O tópico relacionado à função do uso das línguas representa um dos elementos de descrição mais frequentes nos estudos de situações bilíngues, a partir do qual se pode compreender melhor tais situações. Algumas manifestações de bilinguismo, acompanhadas de certas características podem incidir em razão das funções de uso da língua em contextos diversos como o familiar, o social, o religioso etc. Os primeiros estudiosos que prestaram atenção sistemática em 'onde' e 'quando' os bilíngues usam as línguas que falam foram Ferguson (1959)⁵⁶ e Fishman (1974).

A noção de diglossia foi popularizada por Ferguson (1974), com o fim de caracterizar a situação linguística de quatro comunidades de fala e suas linguagens, em regiões como Grécia, o Mundo Árabe⁵⁷ em geral, Suíça e Haiti. O conceito proposto por Ferguson (1974) considera o fenômeno de diglossia como o uso funcionalmente distinto de duas variedades da mesma língua. Ferguson (1974) verificou que em várias comunidades de fala, os indivíduos usam duas ou mais variantes de uma só língua em distintas condições.

⁵⁶ O artigo de Charles A. Ferguson acerca do fenômeno de diglossia foi originalmente publicado na revista *Word*, no ano de 1959.

⁵⁷ O chamado Mundo Árabe compreende um extenso espaço geográfico constituído por vinte países, ocupando uma área que engloba o Marrocos, no Oeste, o Omã, no Leste, das fronteiras da Turquia, no Norte, à Península Arábica. No Sul existe uma diversidade dialetal entre os países árabes e uma forma padronizada, com sua própria gramática, elaborada como modelo para a fala e a escrita "corretas" (NOGUEIRA, 2006).

Entre as quatro situações de uso de duas variantes, Ferguson (1974, p. 99) ressalta uma delas para efeito de ilustração:

Há, no entanto, diferentes casos exemplificando o uso de duas variantes de uma língua numa mesma comunidade linguística. Em Bagdá, os cristãos falam um dialeto 'cristão árabe' quando conversam entre si, mas falam o dialeto geral de Bagdá, 'o muçulmano árabe,' quando conversam num grupo misto.

Ferguson (1974, p. 99) observou que falantes de uma língua materna e membros de uma comunidade linguística usavam dois repertórios verbais distintos com falantes de diferentes confissões religiosas. As essas duas formas linguísticas de uma língua, Ferguson (1974)⁵⁸ denominou de high variety (H) - *variedade alta*, e low variety (L) - *variedade baixa*. Um exemplo útil da diglossia proposta por Ferguson (1974), conhecida por 'diglossia clássica,' é encontrada na distribuição das variedades linguísticas existentes no mundo de fala árabe. Ainda que as idéias de Ferguson (1974) contibuiram para os estudos linguísticos, é importante considerar que elas valiam para aquela época, pois hoje a delimitação entre as variedades do árabe não é tão nítida.

Nas comunidades de fala representadas pelos países que compõem o chamado Mundo Árabe existem duas variedades da língua árabe: o Árabe Clássico (AC) é a forma escrita por excelência e representa a variedade alta (H), e as diversas variedades regionais representam as variedades baixas (L). Considerada como modelo de eloquência e prestígio, o Árabe Clássico é a língua do Alcorão, conhecida somente por estudantes da religião ou por aqueles que receberam mais alta instrução. Ainda que a habilidade de ler o Árabe Clássico tenha utilidade, essa forma da língua não é falada em todas as conversações cotidianas e é ouvida somente em ocasiões formais das cerimônias islâmicas. O Árabe Padrão Moderno (APM), usado ao lado das formas dialetais faladas, também é reconhecido como uma versão moderna do Árabe Clássico, porém com alguns traços mais simplificados.

O árabe dialetal representa a variedade baixa (L) e corresponde à forma falada, evidenciando diferenças regionais entre os diversos países árabes. Cada país pertencente ao Mundo Árabe possui um dialeto próprio para a comunicação entre os falantes daquela região. Em certos países como, por exemplo, o Egito, há diversos dialetos árabes, um mais aceito como padrão e outros que ficam na região baixa do Nilo, os quais compõem

⁵⁸ Ferguson declara que o fenômeno de diglossia pode desenvolver-se a partir de várias origens e apresentar características e situações diferentes que podem ser pensadas a partir da função, prestígio, herança literária, aquisição, padronização, estabilidade, gramática e léxico.

outras formas dialetais do árabe. Esses dialetos regionais do árabe não possuem uma ortografia estabelecida e se distinguem do Árabe Padrão Moderno tanto na fonologia, na gramática, na morfologia, quanto no léxico. Os dialetos têm uma função adequada às situações informais e de maior intimidade, como nas conversações entre familiares e amigos, em novelas de rádio e televisão, nas composições de músicas e provérbios e nas expressões folclóricas.

De acordo com as observações de Ferguson (1974), em tais comunidades, as pessoas que falam qualquer das duas variedades definidoras, consideram a variedade alta (H) superior à baixa (L) em muitos aspectos. Esse autor declara que tal sentimento de superioridade, algumas vezes, revela-se tão forte que somente a forma alta (H) é considerada como real, e a forma baixa (L) consta como 'não existente.' A idéia de prestígio de uma forma linguística em detrimento da outra é expressa por Ferguson (1974, p. 104):

Falantes do árabe, por exemplo, podem dizer (em L) que fulano não conhece o árabe. Isto normalmente significa que ele não conhece H, embora seja uma pessoa que fala efetiva e fluentemente L. Se um não falante do árabe pede a um árabe instruído que o ajude a aprender a falar a língua, o árabe na maioria dos casos tentará ensinar-lhe formas H, insistindo em que essas são as únicas usadas. Muito frequentemente, árabes instruídos afirmarão que nunca usam L, apesar da observação direta demonstrar que a usam constantemente na conversa informal.

Em situações de diglossia, no sentido atribuído por Ferguson (1974), as noções dos termos *domínio* e *diglossia* se cruzam de modo a permitir uma compreensão mais nítida desse fenômeno. O termo domínio foi introduzido por Fishman (1974) com o sentido de cobrir um conjunto de situações sociais que caracterizam um aglomerado de valores representados pela identidade dos falantes envolvidos. Segundo esse autor, em cada domínio, é possível notar que as interações revelam valores específicos, escolhas de línguas e outros, refletidas no comportamento verbal dos falantes participantes. Dessa forma, o uso particular de certas línguas, como é o caso do árabe⁵⁹, frequentemente, identifica um domínio. Dentre as comunidades de fala estudadas por Ferguson (1974), a diglossia árabe, segundo esse autor, parece remontar a uma época tão distante, quanto vai o nosso conhecimento da língua árabe.

⁵⁹ A expressão "língua árabe" é usada geralmente para referir-se, indiscriminadamente, à língua usada para a comunicação por todos os árabes e, de maneira simplificada, corresponde à língua oficial dos países que constituem a comunidade árabe. No entanto, segundo Nogueira (2006), essa aparente simplificação oculta várias complexidades sociolinguísticas que a autora traz à luz através de uma revisão do que se convencionou chamar de diglossia, nas comunidades árabes, apresentada pela revista *Tiraz*. A Revista *Tiraz* integra o Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letra e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP.

Fishman (1974) estendeu o conceito de diglossia, não o restringindo a um só diassistema, mas incluindo outras línguas. Na noção de diglossia atribuída por Ferguson (1959-1974), duas variedades da mesma língua são envolvidas, podendo ser chamadas dialetos, pois são mais ou menos mutuamente compreensíveis, embora as duas sejam definidamente distinta uma da outra. Na noção ampliada por Fishman (1974), as variedades altas (H) e baixas (L) são consideradas como línguas diferentes, isto é, elas não são mutuamente compreensíveis. Neste sentido, há uma distinção entre 'diglossia interna,' norteadada segundo a noção de Ferguson (1974), a qual considera as duas variedades pertencentes à mesma língua e 'diglossia externa,' proposta por Fishman (1974) e outros estudiosos, que consideram as variedades pertencentes às línguas diferentes e nem sempre da mesma família.

Heye e Vandresen (2006) chamam a atenção para situações de bilinguismo com características específicas decorrentes de distintas funções de uso da língua materna ou de origem de grupos imigrantes estabelecidos no Brasil. Trata-se de comunidades linguísticas de imigrantes bilíngues, onde se evidencia o uso do português como a língua dominante, e usos distribuídos da língua de origem, com funções e propósitos bem definidos, segundo os domínios do lar, da escola, da igreja etc. Tais situações revelam os contextos bilíngues caracterizados por expressão do tipo 'bilinguismo com diglossia'. Os referidos autores declaram que a maioria das línguas minoritárias faladas por grupos imigrantes fixados no Sul do Brasil registra perdas na medida em que diminuíram suas funções de uso linguístico. Um exemplo citado pelos autores refere-se às áreas de colonização alemã, nas quais havia uma clara situação de diglossia interna, sendo o alemão padrão (a variedade 'alta') usado em situações formais e o dialeto (a variedade 'baixa') nos informais.

Para finalizar, Myers-Scotton (2006) explica que a importância da idéia de 'diglossia' não reside apenas na noção do conceito em si mesmo, mas no discernimento que a diglossia tem conduzido os escritores sobre bilinguismo a enxergar como a noção de distribuição complementar de cada variedade detêm-se nas comunidades em geral.

2.3.1.4 Competência linguística

O fator *grau de competência* para que um falante seja considerado bilíngue representa um dos temas mais discutidos pelos pesquisadores da área. Weinreich (1974) faz referência à expressão 'relative proficiency,' como indicação de uma das características específicas ao falante que usa duas línguas. Segundo Weinreich (1974), a relativa proficiência

de bilíngues no uso das línguas é dificilmente mensurada devido a complexos fatores vinculados aos testes de proficiência, os quais, por sua vez, não especificam os níveis de destrezas linguísticas, a etapa da vida do bilíngue, entre outros.

O conceito de competência linguística foi formulado por Chomsky (1965) e parte da hipótese que todos os indivíduos são dotados de uma capacidade inata para inferir as regras da língua e, com base nessa regra, podem criar e compreender enunciados nunca antes proferidos. Hymes (1971) verificou que o conceito de Chomsky não prestigiava o papel constitutivo das diferenças socioculturais, firmando-se na hipótese de que diferentes falantes apresentam comandos distintos sobre sua língua e propôs o termo *competência comunicativa*. Hymes⁶⁰ (1971, p. 33, **tradução nossa**) considera pertinente estender a noção de competência linguística para competência comunicativa, baseada em um construto teórico que:

Requer uma teoria que possa analisar uma comunidade linguística heterogênea; uma competência diferencial, o papel constitutivo das características socioculturais; as diferenças socioculturais, o domínio multilíngue; a relatividade da competência nas diferenças com o árabe, o inglês etc., os valores expressivos e a percepção socialmente determinada.

No desenvolvimento dessa abordagem, Hymes (1971, p. 33) expõe a necessidade de considerar os repertórios verbais diferenciados, os hábitos vocabulares dos falantes, pois esses variam substancialmente de uma cultura a outra. O autor sugere que, na competência comunicativa, o falante não apenas aplique as regras sintáticas da língua para obter enunciados bem formados, como propôs Chomsky, mas também faça uso de outros elementos para interagir em diferentes situações socioculturais. Segundo a declaração apresentada, a competência comunicativa envolve as normas de adequação definida em determinada língua e cultura para fins comunicativos. Dessa maneira, é possível pensar que competência comunicativa expressa seu aspecto diferencial e relativo, incluindo a utilização dos recursos de fala dos membros de comunidades bilíngues e dos seus repertórios verbais nas circunstâncias mais diversas das interações.

Os estudos de Hymes (1971) permitiram maior compreensão das comunidades bilíngues, pois, a partir do conceito de competência comunicativa, os falantes bilíngues têm a habilidade de selecionar códigos, gramaticalmente corretos e escolher

⁶⁰ "[...] requier una teoría que pueda analizar una comunidad linguística heterogenia; una competencia diferencial; o papel constitutivo de las características socioculturais; as diferencias socioculturais, o dominio multilíngue; a relatividad de la competencia en las diferencias en el 'árab,' el 'inglés,'etcétera; los valores expresivos, la percepción socialmente determinada."

unidades léxicas apropriadas que reflitam suas normas socioculturais de conduta em situações distintas. Com as observações de Hymes (1971, p. 33), entendemos que, em situações de bilinguismo, as interações verbais dos falantes significam mais do que regras gramaticais, revelam as diferenças socioculturais constitutivas da 'competência diferencial' adquirida por eles.

Nessa perspectiva, Myers-Scotton (2006) declara que, na comunicação entre falantes de línguas e culturas diferentes, muitas vezes, não percebemos as formas adequadas para o uso da língua na conversação, e essa, também, difere segundo diferentes idiomas. Assim, quando a conversação entre as pessoas se realiza em outra língua, vêm à luz identidades sociais e distintas idéias sobre valores culturais. Cada cultura, entretanto, possui distintas idéias quanto à maneira 'correta' de cumprimentar as pessoas, oferecer-lhes hospitalidade e manter qualquer conversação.

2.3.5 Aspectos Psicossociais do Bilinguismo: Cultura e Identidade

Os enunciados produzidos por bilíngues demonstram que esses falantes interagem em cada situação de comunicação, servindo-se de todos os componentes que lhes são disponíveis, tais como o físico, o psicológico, o social e o cultural, caracterizando um comportamento verbal distinto dos demais falantes. Isso explica porque a identidade cultural em todas as suas dimensões é uma das características básicas do falante bilíngue. Foi por isso que Weinreich (1974) proferiu que o comportamento de fala de indivíduos bilíngues é condicionado por relações sociais na comunidade em que vivem.

2.3.5.1 Língua e cultura

É consensual nas definições de cultura considerar a língua um componente extremamente importante. Tema central de discussões antropológicas nas últimas décadas, o conceito de cultura tem se demonstrado um assunto inesgotável. Nessa área de estudos, Edward Tylor (1871, apud LARAIA (1995, p. 78) foi o primeiro a formular o conceito de cultura na perspectiva como ainda é usado atualmente. Tylor provou como a cultura pode ser estudada de forma sistemática como um fenômeno natural, dotado de causas e regularidades.

A estreita relação entre linguagem, cultura e sociedade foi considerada por Sapir (1980) ao observar que a língua não existe isolada de uma cultura como fenômenos inseparáveis, por isso, define cultura como um conjunto socialmente herdado de práticas e

crenças que determinam a trama das nossas vidas. Sob a perspectiva desse autor, pode-se afirmar que cada língua comunica o mundo e a realidade social em conformidade com o seu próprio modelo, revelando uma cosmovisão própria, expressa a partir das suas categorias léxicas. Sapir (1980, p. 165) expressa o que é dito, com a seguinte declaração:

No sentido de que o vocabulário de uma língua fielmente reflete a cultura a que ela tem por propósito servir, é perfeitamente justo dizer que a história da língua e a história da cultura seguem linhas paralelas. Mas essa espécie de paralelismo, superficial e externo, não é de interesse real para o linguista, salvo na medida em que a criação ou importação de novas palavras projeta luz sobre diretrizes formais de uma língua dada.

Assim, quando uma língua e cultura se põem em contato com outra, essas importam ou criam novas palavras quando houver necessidade de expressar as diferenças culturais dos falantes. O que significa dizer que cada língua traduz fielmente o mundo e a realidade social de acordo com seu próprio modelo cultural, deixando transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade.

Em trabalho anterior, Sapir (1947, p. 11) já afirmava, mais explicitamente, seus pressupostos sobre as vinculações existentes entre língua, sociedade e cultura:

A linguagem é um guia para a 'realidade social.' [...] Os seres humanos não vivem só no mundo objetivo, ou só no mundo da atividade social como normalmente se admite, mas vivem quase totalmente à mercê da linguagem específica que se tornou o meio de expressão para a sua sociedade. É ilusório imaginar que alguém possa fundamentalmente ajustar-se à realidade sem o uso da linguagem e que a língua seja apenas um recurso qualquer para resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. O fato é que o 'mundo real' é, em grande parte, construído inconscientemente sobre a base dos hábitos linguísticos do grupo. Não existem duas línguas que, por mais semelhantes que sejam, possam ser representantes das mesmas realidades sociais. Os mundos em que vivem as diferentes sociedades humanas são mundos distintos e não um só e mesmo mundo, ao qual se teriam apostado etiquetas diferentes.

Na visão de Sapir (1947, p. 11), a língua formada socialmente influencia a maneira pela qual a sociedade compreende a realidade, uma vez que as formas linguísticas predeterminam para os falantes certos modos de interpretação. Como as línguas diferem uma das outras, essas refletem uma visão de mundo que lhes são próprias e a expressam através de suas unidades léxicas. Desse modo, os indivíduos têm uma percepção da realidade previamente concebida pelas formas linguísticas que ele domina, uma vez que as categorias próprias a sua língua os induzem a tais escolhas. As premissas de Sapir se uniram às idéias de

Whorf (1965) e foram amplamente divulgadas nas décadas de cinquenta e sessenta, conhecidas como hipótese do 'relativismo lingüístico,' ou hipótese de Sapir-Whorf.

Com base na afirmação de Sapir (1980) de que 'todo comportamento cultural é padronizado', Lado (1971) comparou duas culturas e verificou que, na maioria das vezes, os costumes de um povo são apreciados por esse mesmo povo, mas vistos com suspeita ou desaprovação pelos outros. Assim, Lado (1971, p. 150) definiu cultura como sistema estruturado de comportamento padronizado e propôs que "as unidades funcionais de uma cultura são atos individuais de comportamento, através dos quais uma cultura se manifesta, não são exatamente iguais, cada ato é único, e o mesmíssimo ato jamais se repete."

Segundo esse entendimento, as unidades funcionais de determinada cultura equivalem aos atos individuais de comportamento que revelam os diversos elementos próprios dessa cultura e diferenciam-se de uma para outra, revelando as características próprias a cada uma. Lado (1971, p. 150) estabelece que tais unidades de comportamento padronizado têm formas e significados diferentes em cada cultura. Segundo esse autor, tais unidades funcionais de comportamento podem servir de base para comparação das semelhanças e das diferenças entre duas culturas. Conforme ressalta Lado (1971, p. 153), em situações de contatos entre culturas, é comum ocorrer a transferência de hábitos da cultura nativa do indivíduo para a outra, quando esse aprende ou convive em uma cultura estrangeira.

Também adverte que podem ocorrer casos previsíveis de interpretações distorcidas de uma cultura e outra.

Ainda no campo da definição de cultura, Linton (1979) argumenta se tratar de um comportamento aprendido e acrescido dos significados simbólicos ligados a ele. Linton (1979, p. 40) afirma:

[...] o conceito inclui fenômenos de pelo menos três ordens diferentes: material, isto é, produtos de indústria; cinético, isto é, conduta pública, (uma vez que isso abrange necessariamente movimento) e psicológica, isto é, o conhecimento, atitudes e valores, partilhados pelos membros de uma sociedade. Para nosso propósito, os fenômenos das duas primeiras ordens podem ser classificados juntamente, como constituindo o aspecto manifesto de uma cultura. Os da terceira ordem, isto é, fenômenos psicológicos, constituem o aspecto oculto de uma cultura. Todos esses aspectos são igualmente reais e igualmente importantes para a compreensão da conduta humana.

O referido autor identifica fenômenos de três naturezas diferentes, os quais constituem elementos manifestos e elementos ocultos de uma cultura. Tais elementos caracterizam-na como uma cultura criada e mantida exclusivamente pelos seres humanos. Os

fenômenos psicológicos que constituem os aspectos ocultos de uma cultura representam os valores, as crenças, as normas mediante os quais se compreende o comportamento humano e são transmitidos pelos membros de uma sociedade e compartilhados entre eles.

Por sua vez, Laraia (1995) considera que a cultura condiciona a visão de mundo do homem e isso possibilita a indivíduos de culturas diferentes visões distintas e, muitas vezes, distorcidas das coisas e das situações. Enxergando o mundo a partir de sua cultura, a tendência do homem é considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural e, por outro lado, rejeitar o comportamento daqueles que se manifestam fora dos modelos de sua comunidade. De acordo com Laraia (1995, p. 70):

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.

Para o autor, cada cultura opera seu modo próprio de ver o mundo, condiciona diferentes comportamentos sociais, incorpora apreciações de ordem moral, valorativa e outros, os quais são produtos transmitidos culturalmente. Assim, todo sistema cultural tem sua própria lógica e a coerência de um hábito cultural somente pode ser analisada a partir do sistema a que pertence. Isto é, não se pode transferir a lógica de um sistema cultural para outro. Nessa dimensão, entender a lógica de um sistema cultural "depende da compreensão dos princípios de juízos e raciocínios, constantemente presentes na linguagem, sem que estejam necessariamente explícitos, eles existem ordinariamente, sobretudo sob a forma de hábitos e costumes" (LARAIA, 1995, p. 96).

Para Hamers e Blanc (2005), a língua é um componente da cultura somada a outras entidades, tais como valores, crenças e normas e, como um produto da cultura, a língua também molda a cultura. Isto significa dizer que as representações culturais concebidas pelos indivíduos são moldadas através da língua. Conforme os autores, a língua, distinta de outros componentes da cultura, interage com ela mediante formas específicas, pois, desde que a língua represente um transmissor da cultura, ela se torna o principal instrumento de internalização de cultura pelo indivíduo. Hamers e Blanc (2005) declaram que, em situações de contato entre duas ou mais línguas e culturas na mesma sociedade, cultura e língua não ficam isomorficamente distribuídas. Por essa razão, os membros de uma sociedade que não compartilham a mesma língua, conseqüentemente não compartilham todos os significados e comportamentos dessa sociedade, podendo existir um alto grau de sobreposição entre o

comportamento cultural dos membros que não falam a mesma língua. O fato de a língua representar o 'core value'⁶¹ de um grupo cultural, essa deve ser um importante fator na determinação da identidade cultural de seus membros.

2.3.5.2 Língua e Identidade

Segundo Smolicz (1979), a identidade social de um grupo se estrutura em torno de categorias centrais, como a família, a língua, a etnicidade, valores esses que proporcionam meios para o indivíduo diferenciar-se de outros grupos e, assim, alcançar uma identidade social própria. Smolicz (1979) afirma que determinados valores culturais são particularmente destacados na construção da identidade cultural dos membros de um grupo particular, enquanto esses mesmos valores são menos relevantes para a construção da identidade cultural em outro grupo. Este modelo de valores fundamentais indica que cada cultura possui um número de características básicas essenciais para a sua transmissão e manutenção da cultura. Cada grupo cultural possui valores primordiais específicos que atuam na formação da identidade de seus membros. As comunidades judaicas, por exemplo, refletem valores fundamentais representados pela religião, pelo patrimônio cultural e pela historicidade. A partir da perspectiva de Smolicz (1979), pode se entender o fato de que pessoas de distintas culturas podem ser identificadas por várias características, tais como o modo de falar, agir, comer, vestir, andar, cultuar, entre outros.

A expressão 'vitalidade linguística' representa outro conceito que relaciona língua e identidade étnica. Esse conceito foi introduzido por Bourhis, Giles e Taylor (1977) há mais de três décadas, com o fim de explicar por que as comunidades mantêm ou trocam suas línguas. O conceito de vitalidade etnolinguística sugere que a língua e a identidade étnica mantêm um diálogo estreito, assumindo uma função importante na definição da identidade étnica, enquanto a identidade, inversamente, também influenciará no uso da língua e nas atitudes diante da própria. Em outras palavras, a idéia central de vitalidade linguística refere-se à imagem mental que um grupo tem de si mesmo, e a hipótese de que grupos com menos vitalidade linguística são mais prováveis de desaparecer e, ao contrário, aqueles que com maior vitalidade linguística são mais prováveis de sobreviver.

Há situações, ainda, nas quais a língua serve de traço identificador do indivíduo que a fala. Em face à experiência de imigração, as marcas da linguagem de um

⁶¹ 'valor primordial'

grupo imigrante podem ser avaliadas socialmente e constituir formas linguísticas estigmatizadas. Quando há línguas e culturas em contato em uma sociedade, as marcas da linguagem de um grupo podem passar pela avaliação subjetiva na sociedade e constituir formas linguísticas estereotipadas. Por essa razão, Labov (1974, p. 82) sugeriu a definição de estereótipos como "os tópicos externos de impacto social na comunidade de fala e, podem ou não corresponder ao comportamento linguístico real."

Produto da avaliação das pessoas, os estereótipos se constituem como marcas que representam a linguagem de indivíduos, grupos ou classes de indivíduos. Neste sentido, os estereótipos resultam da seleção de certas formas linguísticas mais salientes e particulares de um grupo, as quais funcionam na formação e no desenvolvimento da opinião pública. Os estereótipos linguísticos podem permanecer durante gerações e são elaborados por um grupo para definir outro, apresentando uma imagem idealizada de um grupo, onde as qualidades englobam todos em um único conceito.

Fisher (1974) declara que a língua é um símbolo da etnicidade e é através dela que os falantes bilíngues expressam sua visão de mundo, estabelecendo e transformando a realidade na qual vivem com duas culturas. Nos contextos multilíngues, nos quais se associa uma variedade de tipos sociais com cada língua de ampla extensão, as línguas em si, segundo Fisher (1974, p. 168)⁶² 'são tachadas de bonitas ou feias, musicais ou duras, ricas ou pobres etc.' Esses julgamentos, em geral, representam estereótipos linguísticos que vêm associados a reproduções, de maneira caricatural, à fala do grupo, às características físicas, ao vestuário. Como um país multilíngue, o Brasil foi desenvolvido sobre a confluência de múltiplas línguas, dialetos e culturas de grupos minoritários de imigrantes aqui estabelecidos. Neste ambiente, sobressaem atitudes que apontam para o preconceito e para estereótipos linguísticos em torno dos imigrantes, englobando todos os membros do grupo em um único conceito.

A perspectiva de Hamers e Blanc (2005) sugere que as características da língua falada pelos membros de um grupo étnico particular constituem traços marcantes da identidade social, cultural ou étnica dos membros desse grupo. Ao mesmo tempo, tais características representam uma marca sociocultural dos membros do grupo, em ambientes onde culturas entram em contato, como é o caso de ambientes multiculturais. Nesses contextos, as transferências linguísticas presentes na linguagem de falantes bilíngues mantêm-se como marcas de identidade de grupo através de gerações e servem como elementos auxiliares para a interação com outros falantes.

⁶² [...] se las tacha de 'bonitas' ou 'feas,' 'musicais' ou 'duras,' 'ricas' ou 'pobres' etc (Fisher, 1995, p. 168).

De seu lado, Altenhofen (2004) ressalta os principais mitos e concepções linguísticas que subsistem por detrás da visão das línguas de imigrantes no contato com o português no Brasil. Ainda que seu enfoque priorize a língua alemã, esse autor faz generalizações com relação aos frequentes e notórios juízos de valor depreciativos sobre as línguas minoritárias faladas por imigrantes no Brasil. Muitas dessas línguas minoritárias são representadas por vários dialetos de existência essencialmente oral, como o caso de certos dialetos do alemão, os quais, por se situarem abaixo da norma padrão, têm dado margem a uma vasta gama de valorações depreciativas. Por outro lado, o autor argumenta que, apesar da estigmatização a que são submetidas as variedades de imigrantes, chama a atenção que em certos ambientes é revertido seu papel, a ponto de converter o domínio da variedade dialetal dos imigrantes em marca distintiva de um prestígio local encoberto. Já Aguilera (2008) declara que um traço definidor da identidade de um grupo étnico é a variedade assumida pelos seus usuários e qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode ser uma reação às variedades faladas por esse grupo ou aos membros usuários dessa variedade. A autora observa que as características culturais dos falantes são transmitidas ou sedimentadas por meio da língua e atualizada na fala de cada indivíduo.

Na opinião de Hamers e Blanc (2005), se, em uma sociedade, certos grupos podem ser identificados por características étnicas, culturais ou linguísticas, essas poderão tornar-se traços salientes, percebidos como tais, pelos indivíduos e usados por eles para categorização étnica, cultural ou linguística. Quando a língua assume um importante papel na definição cultural ou étnica de um grupo de falantes, esses autores preferem referir-se à identidade etnolinguística. Os autores declaram que identidade etnolinguística pode ser vista como um sentimento subjetivo de pertencer a um grupo etnolinguístico particular para o qual a língua falada pelo grupo é uma característica importante, um traço saliente da identidade social, cultural e étnica do indivíduo.

Nesse capítulo, apresentamos uma revisão teórica do fenômeno de interferência tomando por base trabalhos de autores reconhecidos nesta área. Consideramos, também, os principais fatores relacionados ao bilinguismo que possibilitaram identificar os informantes deste estudo como indivíduos bilíngues.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atender aos objetivos propostos na pesquisa, utilizamos uma metodologia orientada pela perspectiva sociolinguística do contato de línguas, vista em Weinreich (1974), Moreno Fernández (1998), Silva-Corvalán (1989), Tarallo (1997), entre outros. As seções organizam-se de forma a retratar o desenvolvimento do estudo a partir das primeiras buscas de dados históricos, até as etapas de trabalho que envolvem a pesquisa de campo e a análise dos dados linguísticos.

3.1 DOS Objetivos da Pesquisa

Tomando a língua como o resultado de fatores internos desenvolvidos à luz dos fatores externos presentes em cada âmbito sociolinguístico, definimos como objetivo geral da tese identificar, descrever e analisar as unidades léxicas resultantes do fenômeno de interferência fonético-fonológica e léxico-semântica do árabe no português falado por imigrantes libaneses em situação de contato estável na cidade de Londrina-PR, contemplando-as sob uma perspectiva Contrastiva e Sociolinguística.

Os objetivos específicos são três, a saber:

1. Estabelecer análises contrastivas entre o árabe e o português a fim de compreender as possíveis causas de interferências fonético-fonológica e léxico-semântica geradas a partir das diferenças entre os dois sistemas linguísticos em contato.

2. Identificar em que medida os fatores de natureza histórica e sociocultural da comunidade alvo atuam como determinantes na produção de interferências no português falado pelos imigrantes bilíngues.

3. Elaborar um Glossário de interferências léxicas ou arabismos, dividido em campos semânticos que demonstrem as áreas e os elementos peculiares ao universo sociocultural e religioso da comunidade em estudo.

3.2 PESQUISA DE DADOS SOCIOHISTÓRICOS

Esta investigação reserva considerável espaço para os aspectos históricos e socioculturais vinculados à comunidade alvo, expostos na seção 2.1, posto que esses são considerados agentes coadjuvantes em relação à constituição linguística da comunidade de fala e encontram-se imbricados um ao outro. A pesquisa dos dados históricos consistiu o primeiro passo em direção aos

procedimentos metodológicos, implicando uma busca de informações em diferentes fontes. No primeiro momento, recorreremos aos órgãos municipais e estaduais sediados na cidade e, posteriormente, às instituições organizadas dentro da própria comunidade. Em seguida, procuramos compreender as causas e as motivações do fenômeno da imigração, como um todo, no país. O levantamento de dados gerais baseou-se nas seguintes fontes:

- Museu Histórico de Londrina
- Associação Comercial e Industrial de Londrina
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
- Departamento de Polícia Federal⁶³ (DPF)
- Mesquita Islâmica
- Jornal Bilíngue 'Voz Árabe'
- Escola de língua árabe
- Dados orais obtidos por membros da própria comunidade.
- Historiografia da imigração libanesa no Brasil.

Este ponto de partida permitiu que sintetizássemos aspectos sociohistóricos e políticos da chegada do grupo na cidade local e das fronteiras socioculturais e linguísticas existentes no interior dessa comunidade. Os dados também serviram de apoio para traçar o perfil social da comunidade alvo e elaborar um plano prévio para a escolha das variáveis sociais que integram o estudo. Tais informações contribuíram, ainda, para fortalecer as hipóteses preliminares de que a fala desses bilíngues representa um terreno profícuo para o estudo da interferência.

3.3 A PESQUISA DE CAMPO

3.3.1 Seleção e Amostra dos Falantes

Para a delimitação da amostragem de falantes, atentamos para o método de seleção intencionada, proposta por Silva-Corvalán (1989),⁶⁴ a qual sugere que os falantes selecionados para a pesquisa constituam um grupo social compacto, seja pelo fato de pertencerem à mesma rede de enlances sociais, viverem na mesma localidade ou por terem um domínio comum de trabalho. Neste caso, ainda que os imigrantes libaneses residam em

⁶³ Setor responsável pela emissão de Passaportes a estrangeiros

⁶⁴ Ao descrever a metodologia para um estudo sociolinguístico, Silva-Corvalán (1989) sugere possíveis passos a seguir em um estudo deste tipo, mas ressalta não existir uma "receita" única a seguir ao realizar uma investigação

diferentes locais da cidade, eles constituem um grupo social coeso, por pertencerem a uma rede de relações socioculturais e desempenharem a mesma atividade de trabalho, isto é, exercem a profissão de comerciante.

Com respeito ao número ideal de informantes, Silva-Corvalán (1989) salienta que, em situações de línguas em contato, o objetivo do estudo não é fundamentalmente a identificação de correlações sociolinguísticas, mas da investigação de fenômenos resultantes do contato, não havendo, por isso, a necessidade de um número grande de informantes.

Com essa visão, organizamos a população de falantes em forma de células compostas por indivíduos com características similares, escolhidos de maneira aleatória. Seguindo esse formato desta pesquisa, fixamos o número de 16 informantes, com o objetivo de assegurar a representatividade estatística e a homogeneidade da amostra coletada. Inclusive, optamos por tirar uma amostragem inteira. A seleção da amostra de falantes foi elaborada em correspondência com os objetivos propostos, restringindo-se às seguintes variáveis:

(1) *Origem*: indivíduos nascidos no Líbano que migraram para o Brasil depois dos dezoito anos de idade. Parece-nos lógico que a origem dos falantes represente uma força determinante em sua caracterização idioletal.

(2) *Tempo de permanência no Brasil*: imigrantes que residem no Brasil durante um período entre 20 e 50 anos. Consideramos o tempo de permanência na comunidade de destino como um fator importante, posto que um maior tempo de imersão na comunidade de fala esteja associado diretamente a uma atitude mais positiva diante da interferência na fala.

(3) *nível de escolaridade*: indivíduos que frequentaram o ensino formal equivalente ao primeiro e segundo níveis em seu país de origem, ou durante o período de permanência no Brasil.

(4) *profissão*: indivíduos que exercem atividades ligadas aos diversos ramos de comércio, estabilizados na cidade de Londrina e região.

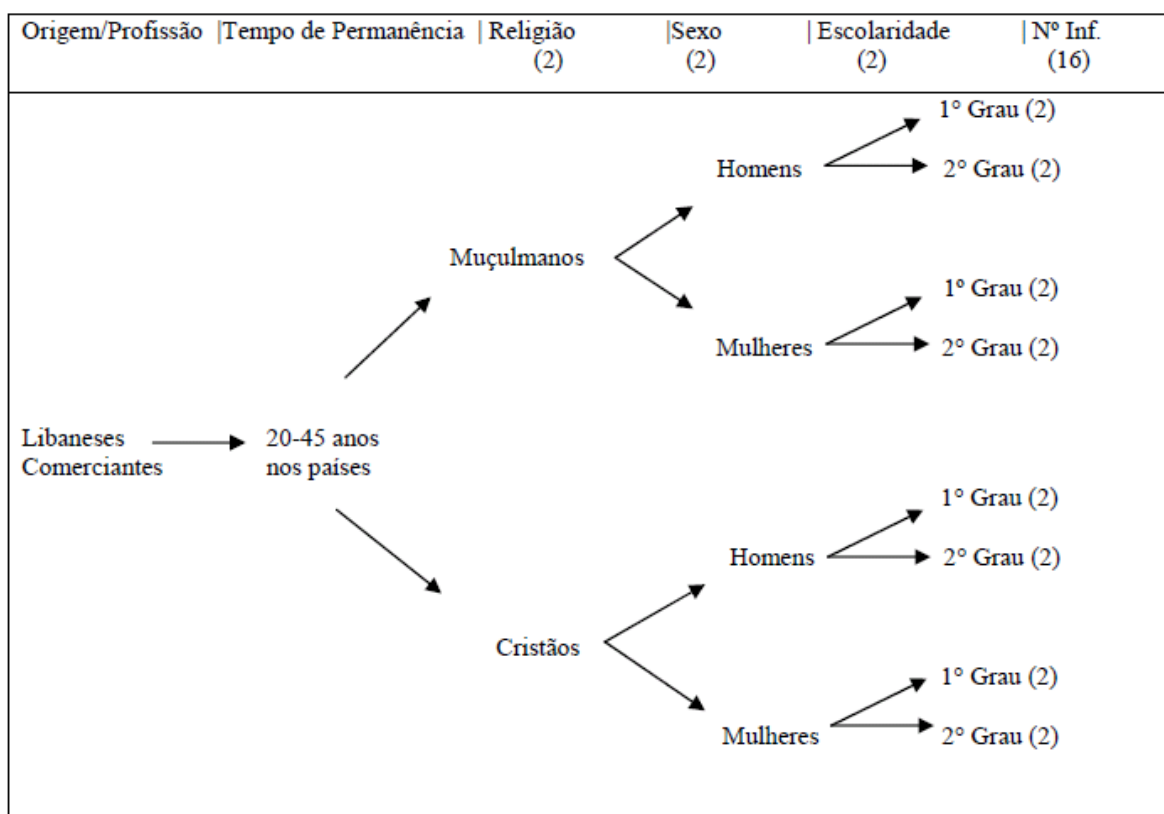
(5) *religião*: indivíduos que pertencem às diversas seitas ligadas ao islamismo (drusos, xiitas e sunitas) e ao cristianismo (católicos/ortodoxos e maronitas). Considerando que a comunidade em estudo se constitui de falantes do árabe, pertencentes às religiões cristã e muçulmana, é provável que exista uma diferença no repertório verbal de cada grupo, correspondendo a uma situação de bilinguismo social estável com certo grau de diglossia, segundo a noção dada por Ferguson (1974), em que a distribuição das duas formas

linguísticas do árabe, a clássica e a dialetal, se dá de maneira assimétrica. Nessa direção, consideramos as interferências no português dos imigrantes provenientes dessas duas formas linguísticas do árabe, isto é, da variante do árabe falada no Líbano, e da variante clássica do árabe em que foi escrito o Alcorão, restrita aos cerimoniais islâmicos.

(6) *sexo/gênero*: falantes do sexo feminino e masculino.

Dessa maneira, as variáveis sociais que condicionam a ocorrência de interferências na fala de bilíngues estão distribuídas por número de informantes, dispostas no seguinte quadro 3:

Quadro 3 – Distribuição das variáveis pelo número de informantes.



O esquema acima permite visualizar a distribuição das variáveis consideradas neste estudo com um total de 16 imigrantes libaneses, com idade superior a 18 anos, comerciantes de profissão e com permanência no país entre 20 a 45 anos. Apresentam-se divididos em dois grupos religiosos, cristãos e muçulmanos, de ambos os sexos e distribuídos em dois níveis de escolaridade, 1º e 2º graus, com 2 informantes em cada célula.

Para facilitar a identificação dos 16 informantes envolvidos, desenvolvemos os seguintes códigos:

P - Primário,
 S - Secundário,
 H - Homem,
 F - Mulher,⁶⁵
 M - Muçulmano,
 C - Cristão.

Para a análise dos dados, os informantes envolvidos serão referidos com a seguinte codificação:

1 PHC	2 PHC	1 SHC	2 SHC
1 PFC	2 PFC	1 SFC	2 SFC
1 PHM	2 PHM	1 SHM	2 SHM
1 PFM	2 PFM	1SFM	2 SFM

Os imigrantes selecionados são considerados falantes bilíngues, segundo a perspectiva sociolinguística, a qual concebe bilinguismo como a habilidade do falante em usar alternadamente duas línguas de maneira suficiente para manter uma conversação casual, em distintos contextos de interação, mesmo que essa apresente limitações em relação ao domínio das regras linguísticas. Para essa consideração, levamos em conta o fato de os libaneses, desde o início do contato e da aprendizagem informal do português, adquiriram a competência comunicativa devido ao exercício comercial nos campos e nas cidades de todo o país. O contato intenso com a língua e a necessidade de manter uma conversação capaz de convencer o nativo a comprar suas mercadorias foram os principais elementos responsáveis para o maior desenvolvimento da habilidade oral em relação às demais.

3.3.2 O Questionário

Para o trabalho de campo, o questionário representa um instrumento eficaz para o procedimento da coleta dos dados linguísticos. Na concepção de Tarallo (1999), o uso do questionário permite homogeneizar os dados de diversos informantes, controla os tópicos de conversação e proporciona narrativas de experiências pessoais. De modo geral, as

⁶⁵ Esclarecemos que o uso da letra (F), para mulher, em vez de (M), deve-se ao fato de que esta letra inicial coincide com a letra (M) que identifica a religião Muçulmana.

conversas com os entrevistados giraram espontaneamente em torno de temas relacionados a três grandes blocos: família, trabalho e lazer, desdobrando-se para outros temas.

No entanto, elaboramos um questionário com questões sob determinados temas, permeados por questões que sugerem narrativas de experiências pessoais a fim de nos auxiliar ao longo das conversas com os entrevistados. Labov (1966)⁶⁶ constatou que tais narrativas é o tópico mais produtivo para a conversação espontânea, também considerada por Tarallo (1999) como a 'mina de ouro' para o pesquisador. Assim, partimos da hipótese de que narrativas marcantes da vida do entrevistado, que envolvem situações de sua terra de origem, a chegada e integração na terra hospedeira, pudessem prover os dados desejados, posto que, à medida que narram suas experiências mais envolventes, os informantes desligam-se da forma como verbalizam o referente.

Atentamos para perguntas com formulações claras e linguagem objetiva (em anexos), afim de não causar constrangimentos ou dúvidas de interpretação nos entrevistados e, ainda, que estas pudessem ser aplicadas aos diferentes perfis de entrevistados selecionados. Para o estabelecimento dos campos semânticos do questionário, buscamos focalizar elementos relativos à especificidade cultural da comunidade, delimitando três blocos de perguntas sobre os temas:

1. *Identificação do entrevistado*: com este tema buscamos conhecer a história de vida do informante, sua origem, idade, filiação, estado civil, escolaridade, suas lembranças, saudades do cenário e das paisagens da terra natal distante.

2. *Chegada e adaptação no Brasil*: este tema apresentou questões com a finalidade de reter informações sobre o processo de imigração e de integração dos informantes na terra estrangeira. Buscamos informações sobre as dificuldades do processo de aprendizagem da nova língua, recorrendo-se às narrativas sobre este tema.

3. *A vida agropastoril*: as questões relacionadas com este tema possibilitaram investigar as diferentes informações relativas à atividade e ao estilo de vida do informante em sua terra de origem. É o campo semântico com o maior número de questões, por reunir diversas perguntas relacionadas aos hábitos alimentares da comunidade. O propósito da inclusão deste campo semântico foi o registro de itens léxicos representativos da culinária e do ambiente físico e socioeconômico dos falantes.

⁶⁶ O modelo de narrativa pessoal desenvolvido por Labov e seus assistentes apresentam módulos e perguntas sobre temas de diversas naturezas. O *perigo de morte* demonstrou ser um dos mais produtivos. A estrutura da narrativa, conforme Tarallo (1999), possui 5 partes a saber: resumo, orientação, complicação da ação, resolução da ação, avaliação e coda.

O formato final do questionário apresenta-se conforme o exposto a seguir.

Identificação

1. Qual é o seu nome de origem?
2. Permanece com o mesmo nome ou se documentou aqui com um nome diferente?
3. Qual é sua data e local de nascimento?
4. Você poderia descrever essa cidade, dizendo como é, o que existe de interessante e onde se localiza no Líbano?
5. Quanto tempo de viagem leva dessa cidade até a capital Beirute?
6. Qual é a melhor lembrança dessa cidade? 7.Quanto tempo você estudou no Líbano?
8. Como funcionam as escolas no Líbano?
9. Você estudou ou fez algum curso no Brasil? 10.Qual o nome de seus pais?
11. Que atividade você tinha no Líbano antes de vir para o Brasil?
12. Aqui você tem alguma atividade de trabalho?
13. Você poderia falar sobre essa atividade?
14. Com que idade você chegou ao Brasil?

Chegada e adaptação no Brasil

15. Você poderia contar como foi a sua chegada no Brasil?
16. Em sua chegada aqui no Brasil, um país com muitas diferenças em relação ao Líbano, o que você achou mais difícil para se acostumar?
17. Do que você mais gostou quando chegou ao Brasil?
18. Quanto tempo demorou para você começar a trabalhar aqui no Brasil?
19. Você já se acostumou a viver no Brasil ou sente saudades de lá?
20. Quem te ensinou a falar o português quando você chegou aqui?
21. Você achou difícil de aprender a língua portuguesa? Você poderia dar um exemplo de alguma dificuldade?
22. Você acha que o Brasil oferece melhores condições de trabalho do que o Líbano?
23. Foi difícil fazer amizades com os brasileiros?
24. Você conhece alguma história de libanês que veio para o Brasil e voltou por causa de algum problema? Poderia contar a história?
25. Você costuma se reunir de vez em quando com os patrícios libaneses? O que vocês fazem juntos?

Alimentação e atividade agro-pastoril

26. Qual é a comida típica mais conhecida da culinária libanesa?
27. Que tipo de alimentos são usados no café da manhã?
28. E no almoço e jantar, que tipo de comida são mais comuns nas casas?
29. Nos dias frios de inverno, quais as comidas mais preferidas para esquentar o corpo?
30. Em dias mais quentes do verão, quais são as comidas e bebidas mais usadas?
31. Existe algum tipo especial de comida ou bebida que é oferecida às pessoas quando vão visitar um bebê recém nascido?
32. No Brasil existem todos os ingredientes para preparar as receitas como lá no Líbano?
33. Quais são as frutas que existem lá e não existem aqui?
34. Quais são as verduras e legumes que existem lá e não existem aqui?
35. Quais os temperos e as especiarias próprias de lá que não existem aqui no Brasil?
36. Quais tipos de alimentos são preparados com o leite ou a farinha de leite?
37. Que tipos de sementes e cereais são cultivados no Líbano?

38. O que é cultivado somente no verão?
39. Que tipo de plantio se dá somente no verão?
40. A terra do Líbano é boa para o plantio? Você poderia falar sobre isto?
41. O que é plantado na região montanhosa?
42. Quais os tipos de árvores que crescem na região libanesa?
43. Quais são os animais criados perto das casas?
44. Qual o tipo de carne mais procurada para comer?
45. Existe alguma espécie de animal criada no Líbano que não existe no Brasil?
46. O leite mais consumido no Líbano é fornecido por qual animal?
47. Que tipo de trabalho os homens fazem nos campos ou na lavoura? 48. Que tipo de trabalho os jovens preferem?

Conforme dissemos, as conversas fluíram espontaneamente sobre temas diversos, o questionário, entretanto, serviu apenas como um recurso a mais no desenvolvimento das entrevistas.

3.3.3 A Ficha Social do Informante

Com a finalidade de colher informações a respeito das características sociais dos informantes, organizamos um modelo de ficha social, com vários campos a fim de serem preenchidos com dados pessoais do entrevistado, informações diversas sobre a religião, escolaridade etc. Os campos do modelo de ficha (anexos) foram planejados para serem preenchidos pela entrevistadora, levando-se em consideração a coleta de informações desejadas segundo os objetivos propostos na pesquisa.

3.4 AS ENTREVISTAS E A COLETA DE DADOS

Os dados destinados a formar parte do *corpus* oral foram colhidos mediante a realização de entrevistas semi-dirigidas e gravadas em fitas cassete, com gravador à vista do informante e, posteriormente, transcritas. A entrevista consistiu na interação informal entre a pesquisadora e o entrevistado, realizada com hora marcada na residência do informante e algumas poucas no ambiente do trabalho. As entrevistas foram realizadas no período de 2009 e 2010.

O trabalho de coleta de dados, conforme a perspectiva descrita, decorreu no surgimento de amostras de fala correspondentes a dois tipos de registros: um, de fala casual, espontânea, tais como narrações de fatos engraçados, citações de provérbios árabes, conversações coloquiais, breves diálogos, descrições e, outro, de interações verbais formais,

provocadas pelo próprio tipo que caracteriza a entrevista semi-dirigida. As entrevistas, em média, apresentam uma duração mínima de 45 minutos e, na maioria dos casos, chegaram a durar aproximadamente uma hora e quinze minutos.

Ainda que a pesquisa enfoque o nível linguístico do estudo das interferências, recorrendo ao contraste das duas línguas, como um meio de encontrar suas principais causas, o parâmetro dos fatores extralinguísticos permite lançar luz sobre questões marginais que apontam para os objetivos específicos da pesquisa, tais perguntas como: Em qual nível de escolaridade se identifica maior grau de interferência léxica? Que diferenças há entre a interferência léxica produzida por homens e mulheres? Que variável social tem maior representação por interferências?

3.5 A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

De posse das gravações, organizamos os dados de maneira apropriada ao processo de codificação que consiste na transcrição em um código identificável, tendo em vista as características dos dados orais, bem como da necessidade de um material organizado para manuseio e consulta. Usamos a transcrição grafemática, baseando-nos em normas de transcrição do Projeto ALiB⁶⁷, com vistas à elaboração de um conjunto de critérios adequados aos nossos interesses. Preterimos a transcrição fonética uma vez que este viés não fez parte de nosso estudo. As transcrições foram realizadas pela pesquisadora e por uma estagiária do projeto ALiB. Finalizada a etapa de transcrição das entrevistas, após algumas revisões feitas pela pesquisadora, as interferências foram organizadas em tabelas do Word, tendo em mente a sua ocorrência no interior das dimensões socioculturais.

A transcrição dos dados foi realizada de forma o mais fiel possível em termos sintáticos, levando-se em conta as hesitações, interrupções, correções, falsos começos etc. Os recursos utilizados nas transcrições e a exemplificação com dados do *corpus* encontram-se organizados no quadro 4.

⁶⁷ O Projeto Atlas Linguístico do Brasil- ALiB teve início no final de 1996, por ocasião do Seminário *Caminhos e perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado na Universidade Federal da Bahia. Projeto de caráter nacional, por sua abrangência, tem como um de seus objetivos, descrever a realidade linguística do Brasil, no que concerne à língua portuguesa, centrando-se na identificação de diferenças diatópicas consideradas no âmbito da Geolinguística. O Projeto ALiB- Londrina é coordenado pela Prof Dr^a. Vanderci de Andrade Aguilera.

Quadro 4 – Sinais empregados na transcrição do *corpus*.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS DO <i>CORPUS</i>
Palavras ou segmentos textos ininteligíveis	(inint)	...então, qué dizê (inint.) meu irmão fez direito aqui em Londrina na UEL
Superposição de falas		Então vamos lá vai ser em português assim...
Citações do informante		Ele me disse "eu vô pro Líbano buscar meu pai"
Qualquer pausa ou hesitação		Quantos fazia essa....Marília num tô lembrano quantos quilômetros.
Comentários do transcritor	((minúscula))	...cê sabe que essas coisa anima, né ((tossiu)).
Interrogação	?	Acho que só fico duas o três pa trais, né, to lembrando o supletivo, sabe?
Interjeições	!	Duzentos e pocos quilômetros daqui!
Indicações de risos	(risos); (rindo)	Hoje num tem mais União Soviética (risos) tem a Rússia,
Termos árabes	Itálico	<i>Handum</i> , <i>Handum</i> é estrada Beirute/Damasco, tem cento de dez quilometro entre a capital do Líbano e <i>Daia Handum</i> .

Durante a transcrição de dados surgiu uma questão nova relacionada ao registro do vasto acervo de termos árabes, representados por provérbios, cumprimentos, orações, nomes de pessoas e lugares, comidas, objetos etc, que afloraram durante as entrevistas. Isto nos impeliu a procurar uma maneira adequada para registrar tais palavras de maneira a apresentá-las visíveis sem, contudo, tirar-lhes a originalidade.

3.5.1 Transcrição de Termos e Expressões Árabes

Não é tarefa simples o registro de vocábulos e expressões árabes para as quais ou não há equivalência em nossa língua, ou cuja permanência no idioma de origem é propositada. Na tentativa de esboçarmos alguns critérios para codificação dos termos árabes, algumas questões de ordem teórica devem ser observadas. Usados corriqueiramente como sinônimos, os termos⁶⁸ 'transliteração' e 'transcrição' têm causado alguma confusão toda vez que se utilize de técnicas de romanização de alguma língua estranha, na escrita, ao alfabeto latino.

⁶⁸ Dá-se o nome de 'transliteração' ao recurso utilizado para registrar, graficamente, e a princípio, 'letra por letra,' um termo de uma língua - que usa determinado sistema de escrita - com elementos de outro sistema de escrita. Via de regra, 'transcrição' é o nome dado ao processo pelo qual registram-se sons linguísticos de uma língua por meio de símbolos escritos pautados em um conjunto de regras padronizadas, com a finalidade de serem reproduzidos os mesmos sons em etapa posterior a de sua codificação escrita.

Uma das questões problemáticas na maioria dos manuais ou métodos que lançam mão da transliteração de termos árabes consiste na falta de simplificação, sem abrir mão de permanecer fiel ao termo original. Ciente da inadequação dos materiais de transliteração e considerando a falta de praticidade sem prejudicar a adequação, Jubran (2004b) formaliza uma proposta mais adequada para a romanização padronizada de termos árabes para textos em língua portuguesa. A autora estabelece três conjuntos de grafemas e símbolos que ambicionam dar conta de todos os fonemas existentes do árabe, cada conjunto atendendo a tipos específicos de textos.

Para os objetivos de nossa pesquisa, escolhemos uma convenção que não exige muito rigor na transliteração, mas dá um tratamento padronizado aos termos, conforme demonstra o quadro 5.

Quadro 5 – Proposta de romanização de termos árabes sugerida por Jubran (2004b).

1. Fonemas/ Grafemas do árabe	2. Alfabeto Fonético Internacional-IPA	3. Transliteração
ب	b	B/b
ت	t	T/t
ث	θ	Th/ th
ج	ʒ	J/j
ح	h	H/h
خ	x	Kh/kh
د	d	D/d
ذ	ð	Th/th
ر	r	R/r
ز	z	Z/ z
س	s	S/s
ش	ʃ	Ch/ch
ص	ç	S/s
ض	ḍ	D/d
ط	t̤	T/t
ظ	ḏ	Zh/zh
ع		A, U, I (dependendo da vogal seguinte)
غ	ɣ	Gh/gh
ف	f	F/f
ق	q	Q/q
ك	k	K/k
ل	l	L/l
م	m	M/m
ن	n	N/n
ه	h	H/h

Conforme visualiza o quadro 5, os elementos agrupados organizam-se do seguinte modo: na primeira coluna estão os grafemas/fonemas árabes, cuja equivalência de termos é possível em árabe, onde cada grafema simboliza um fonema, exceto no caso do /! (fonema que se distingue do /l/ pela faringalização, ambos representados pelo mesmo grafema. Na segunda coluna os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA), que transcrevem os fonemas árabes e, na terceira, uma convenção que pode ser adequada aos propósitos da mídia escrita e é conhecida para o leitor, pois são usados por diversas obras.

Lembramos que as semivogais (I) e (U) dependendo de sua localização na palavra aparecem transcritas pelos grafemas (Y) e (W).

A transliteração de termos e expressões árabes usada no trabalho segue as seguintes normas, elaboradas com base em Jubran (2004b):

1. Apresenta-se em uma forma transliterada, em itálico, seguindo a convenção antes mencionada, seguida de uma tradução, entre colchetes, caso o informante não ofereça sua própria tradução durante aquele turno de fala. Por exemplo:

Ex. 3: INF. - (2PHM) '[...] Olha, quando quiser vim na minha casa *Ahlan Wasáhlan!* [Seja bem-vindo!] você pode vir qualquer hora você pode vir...é um prazer nosso.'

2. Quando, porém, não houver uma tradução adequada ou um equivalente no português para o termo árabe, ele figurará somente em itálico e sem tradução. Conforme o exemplo:

Ex. 4: INF. - (1SFC) A tia põe o *zátar*, aquele pimenta síria e o *snúbar* é mais barato lá, Ali só come coalhada o *lában* com aquele *zátar* de lá...eu sempre gosto de trazer. Tem o *mehli leimum* que aqui não tem, tambem trazo *cohl* e aquele *meet* não sei nome aqui.

3. Consciente de que o artigo árabe aparece prefixado ao nome, sendo-lhe, portanto, parte integrante, a transcrição será de um só termo, eliminando-se o recurso ao traço (hífen), como se tem feito geralmente. Assim, em caso de nomes próprios, ao invés de *Al-Farabi*, *Al-Sultan*, *Al-Kufah*, passa-se a usar *Alfarabi*, *Alsultan*, *Alkufah*. Em casos de nomes comuns, como em *al-hijab* [lenço muçulmano], passa-se a usar a forma *alhijab*.

4. Preposições e partículas. As que vêm como parte integrante da palavra serão anexadas ao vocábulo seguinte. No caso das preposições isoladas, que não se ligam fisicamente aos vocábulos, essas naturalmente se registram em separado.

Ex: *fi lhayate kamafi lmawt* [na vida como na morte].

Concluídas as regras de transcrição e lembrando da necessidade de contextualizar o leitor com o anexo *corpus*, elaboramos um cabeçalho para figurar na primeira página de cada transcrição, expondo os seguintes campos de informações: do lado esquerdo do cabeçalho está o campo para as iniciais maiúsculas do nome do informante, seguido dos

campos religião, escolaridade, sexo/gênero e tempo de permanência no país. Por sua vez, no lado direito, situa o campo para as letras iniciais do nome do documentador, seguido dos campos destinados aos principais dados referentes à entrevista, tais como a data, o tempo e local de realização e, por último, o campo que informa a data da transcrição da entrevista, conforme o modelo a seguir:

INTERFERÊNCIAS LÉXICAS DO PORTUGUÊS FALADO POR LIBANESES EM CONTATO SOCIOLINGUÍSTICO EM SOLO BRASILEIRO	
INF: M. F. A	DOC: M. Y. A
Religião: muçulmano	Data/ Entrevista: 15/ 6/ 2009
Escolaridade: primeiro grau	Tempo de duração: 45 minutos
Sexo/gênero: masculino	Local da entrevista: apartamento
Tempo de permanência no país: 37 anos	Data de transcrição/revisão: 25/6/2010

As informações detalhadas sobre cada entrevistado estão organizadas na ficha social, antes referida, a qual foi preenchida antes das gravações e serviu de auxílio no desenvolvimento de cada entrevista. Todavia, pressupomos que as informações dos campos religião, escolaridade, sexo/gênero e tempo de permanência no país, nos permitirão estimar qualitativa e quantitativamente o grau de interferência em cada nível.

3.6 FATORES LINGUÍSTICOS E EXTRALINGUÍSTICOS

Com o intuito de identificar as tendências gerais que reflitam a abrangência coletiva do fenômeno de interferência bem como do comportamento sociolinguístico e cultural na comunidade de fala, abordamos duas distintas dimensões de análise, isto é, a linguística e a extralinguística, atendendo à orientação de Weinreich (1974) para as línguas em contato.

No que concerne à dimensão linguística, a escolha dos fatores estruturais se fundamentou no conceito de interferência e nos propósitos centrais estabelecidos para a análise. São considerados os seguintes fatores linguísticos:

1. *Tipologia linguística:* esse fator é observado mediante realização de contrastes linguísticos entre estruturas das línguas em contato, com vistas à identificação de diferenças ou semelhanças que possam produzir as interferências usadas na fala dos imigrantes. São contemplados os níveis fonético-fonológico e léxico semântico. Tendo em mente que as línguas se fundam em usos e não em formas e essas se ajustam aos usos e não o inverso, a análise contrastiva das formas e dos padrões das duas línguas privilegia as

interferências em uso no português falado pelos imigrantes. Ou seja, as interferências são analisadas contrastiva e sociolinguisticamente a serviço dos usos que fazem os falantes na situação do contato linguístico.

2. *Frequência*: a frequência e o uso estão estreitamente relacionados, pois, ao ser usada é que a palavra possui determinada frequência e, por isso, falar é aumentar a frequência das unidades. Tendo em mente a circulação das interferências no *corpus* falado, o tratamento quantitativo considerado consistiu na observação da sua frequência de uso no *corpus*. Atentamos para a frequência variada do uso de interferência em: 1. frequência muito baixa (1 ocorrência); 2. frequência baixa (2 a 5 ocorrências); 3. frequência média (6 a 10 ocorrências); e 4. frequência alta (10 a 16 ocorrências). Essa quantificação possibilitou a compreensão do rendimento funcional das interferências no corpus.

3. *Grau de integração*: consideramos o processo de integração das interferências no português, mediante o qual as unidades léxicas passam por fenômenos gráficos, fonéticos e morfossintático e outros a fim de se adaptarem ao sistema linguístico da língua receptora.

Quanto à dimensão extralinguística, os fatores externos foram considerados com base nas condições apresentadas pelas circunstâncias históricas e socioculturais peculiares aos imigrantes, instauradas a partir da chegada no cenário brasileiro. Neste sentido, incluímos os fatores sociais religião, sexo e escolaridade, considerados como variáveis na seleção dos informantes.

Essa perspectiva permite considerar que cada indivíduo possui seu próprio grau de bilinguagem que é mutável e dinâmico de acordo com as situações de bilinguismo que lhe são apresentadas. Isso quer dizer que a manifestação da bilinguagem está diretamente relacionada às necessidades apresentadas pelos contextos.

3.7 ANÁLISE DAS INTERFERÊNCIAS

Seguindo a ordem dos objetivos propostos, as interferências usadas na fala dos imigrantes são analisadas contrastiva e sociolinguisticamente, nos níveis fonético-fonológico e léxico-semântico. Após serem identificadas, as interferências são selecionadas com o auxílio do programa Léxico3, que possibilitou verificar com maior clareza o número de ocorrências no interior de cada entrevista. Em seguida, elas são classificadas, definidas e, finalmente, analisadas conforme a perspectiva teórica proposta no trabalho, segundo os níveis linguísticos antes referidos.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

A análise e interpretação dos dados desta investigação compõe-se fundamentalmente de duas partes. A primeira parte apresenta a análise contrastiva do sistema fonético-fonológico das duas línguas em contato, seguida da análise de interferências fonético-fonológicas, segundo a influência das variáveis sociais envolvidas. A segunda parte expõe a análise contrastiva do nível léxico-semântico das línguas, seguida da análise das interferências léxico-semânticas identificadas no *corpus* e inclui o Glossário de Arabismos da Imigração Libanesa no Brasil.

4.1 ANÁLISE DE NÍVEL FONÉTICO-FONOLÓGICO

4.1.1 Análise Contrastiva

Nosso objetivo na análise contrastiva fonético-fonológica consiste em comparar, baseada nos princípios da Análise Contrastiva, as principais divergências existentes entre o sistema fonológico árabe e o português, com vistas a compreender com maior clareza as possíveis causas de interferências refletidas na fala dos informantes.

4.1.1.1 Árabe e português em contraste: o anisomorfismo linguístico e cultural

É possível buscar no passado algumas explicações para as diferenças mais imediatas que saltam aos olhos quando se comparam duas línguas. Olhando para o português e o árabe, frente a frente, logo percebemos que essas línguas ocupam distintas posições no que se refere à (i) origem geográfica, (ii) à idade cronológica e (iii) à classificação genética, conforme se demonstram abaixo:

Árabe	Português
(i) Península Arábica	(i) Península Ibérica
(ii) Ano 575 d. C	(ii) Ano 1128 d. C
(iii) Grupo Semítico Sul-Occidental	(iii) Grupo Indo-Europeu

As origens históricas do árabe se encontram enraizadas na vasta região oriental da Península Arábica, nas antigas terras do 'Crescente Fértil', denominada pelo

historiador Wells (1968, p. 296), como 'a sede e a terra de origem dos povos semitas'. Segundo Vargens (2007), os textos originais escritos em árabe surgiram concomitantemente à fixação do árabe literal das revelações do Alcorão, aproximadamente no ano 575 d. C. O texto corânico é composto, principalmente, pelo dialeto falado em Meca e enriquecido por outros falares usados por tribos que habitavam as adjacências da Península Arábica durante esse período. Considerando o árabe uma língua viva, usada na literatura, imprensa e academia, ele sofre as influências das circunstâncias sociohistóricas e, no decorrer dos tempos, inúmeras palavras de outras línguas são integradas ao caudal léxico. Do ponto de vista da classificação genética, conforme a moderna classificação proposta por Hetzron (1997), o árabe integra o grupo Semítico Sul-Occidental das línguas denominadas semíticas, ao lado do etíope.

O português, por seu lado, integra o grupo Indo-Europeu, formando-se como língua específica, na Europa, mediante a diferenciação que o latim sofreu na região da Península Ibérica durante o processo de contatos estabelecidos entre povos e línguas, a partir da chegada dos romanos no século II a. C. (GUIMARÃES, 2005, p. 24). O latim, modificado por longos períodos de contato com outros povos e línguas, assumiu uma feição específica na região norte peninsular, constituindo o galego-português e, em seguida, o português. Paralelamente, forma-se o Condado Portucalense e, a partir desse, o país de Portugal, tomando-se como data de independência do condado do reino de Castela e Leão, a batalha de São Mamede em 1128. Após uma longa etapa de transformações vivenciadas no final da Idade Média, essa nova língua é trazida tanto para o Brasil como para outros continentes, no período das grandes navegações do XVI. Finalmente, a partir de 1532, a língua portuguesa é transplantada para o Brasil, com o início efetivo da colonização portuguesa.

Além dessas diferenças mais imediatas entre as duas línguas, outras podem ser identificadas mediante o contraste sistemático de estruturas nos níveis fonético-fonológico, morfosintático e léxico-semântico entre ambas, conforme sugere Lado (1971).

4.1.1.2 Análise contrastiva fonético-fonológica

Considerando a escassez de estudos desenvolvidos sobre o árabe e o português brasileiro no nível fonético/fonológico, para essa análise comparativa, servimo-nos fundamentalmente do trabalho de Jubran (2004a), que contrasta os sistemas fonético/fonológicos do árabe padrão e do português brasileiro como parâmetro para nossas análises.

As diferenças entre os sistemas de sons do árabe e do português não são pequenas. Considerando como um todo, o sistema fonológico árabe, segundo Jubran (2004a), consiste de 35 fonemas, entre os quais, vinte e nove são consoantes, incluindo os *glides* e seis são vogais, conforme aponta o quadro 6.

Quadro 6 – Comparação dos fonemas do sistema fonológico árabe e português.

• Fonemas	
Árabe	Português
- Consoantes: 29	- C on s o ante s : 2 1
- Vogais: 6	- Vog ai s : 7
- Total: 35	- T otal : 2 8

Fonte: Jubran (2004a, p. 65)

O quadro 6 compara os fonemas que compõem o sistema fonológico do árabe e do português elaborado por Jubran (2004a, p. 65). Em termos proporcionais, verifica-se que o árabe possui mais consoantes que o português, porém, menos vogais.⁶⁹ No tocante às vogais, esclarecemos que, embora Jubran (2004a, p. 65) considere sete as vogais do português brasileiro, aceitamos a posição de Cagliari (1981) que defende a presença de 12 vogais, incluindo as nasais. Dessas, o árabe não possui as vogais /e/, /e/, /o/, /o/. O sistema vocálico árabe possui apenas três vogais longas e três vogais breves. As vogais longas fazem parte do alfabeto consonantal e são representadas por *ā*, *I* e *ī*, identificadas em muitos materiais de transliteração por um traço sobreposto às letras. Os demais sons são considerados fortes. As vogais breves não fazem parte do alfabeto consonantal árabe, porque não são letras, mas sinais diacríticos que se colocam sobre ou sob as letras, representando os sons de *a*, *i*, e *u*, identificadas na transliteração sem o traço acima.

No português de contato, as interferências causadas por essas diferenças de sons vocálicos se multiplicam, conforme ilustram os seguintes exemplos do *corpus*: *muiti* [muito]; *ieu* [eu]; *mi* [meu]; *duneri* [dinheiro]; *ni* [na] etc.

Na comparação sistemática entre dois sistemas de sons, Lado (1971) estabelece que cada segmento fonológico deva ser analisado, separadamente, levando-se em consideração a classificação dos mesmos segundo o ponto e o modo de articulação.

⁶⁹ Cagliari (1981, p. 32) admite a presença de 12 vogais e diz que 'o que há para alguns falantes do português é a presença de um elemento nasal que ocorre após vogais nasais: [kã(m)pu] ou [si()]. Para o autor, a natureza desse elemento nasal não é somente condicionada pela consoante seguinte, mas também pela própria vogal nasal.

Atendendo a essa perspectiva, confrontam-se, prioritariamente, os fonemas consonantais⁷⁰ das duas línguas, levando-se em conta a classificação dos mesmos segundo o modo de articulação, conforme demonstra o quadro 7.

Quadro 7 – Contraste dos fonemas consonantais segundo o modo de articulação.

• Classificação dos segmentos consonantais segundo o modo de articulação	
Árabe	Português
- 8 oclusivas: /b/, /t/, /d/, /t/, /d/, /k/, /q/, /ʔ/. ⁷¹	- 6 oclusivas: /b/, /p/, /t/, /d/, /k/, /g/.
-17 constrictivas: /f/, /s/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʃ/, /t/, /ʔ/, /ʃ/, /ʒ/, /x/, /y/, /ʃ/, /h/, /h/, /e/, /ʔ/, /ʔ/. ⁷²	-10 constrictivas: /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/, /t/, /t/, /j/, /ʒ/, /ʃ/.
-2 nasais: /m/, /n/.	- 3 nasais: /m/, /n/, /ŋ/.
-2 glides ⁷³ : /j/, /w/.	- 2 glides: /j/, /w/.

Fonte: Jubran (2004a, p. 65).

O quadro 7 compara a classificação dos segmentos consonantais, segundo o modo de articulação, no árabe e no português proposto por Jubran (2004a, p. 65). Conforme expõe o aporte, a assimetria existente entre os dois sistemas fonológicos, deixa claro que o árabe não têm os fonemas oclusivos /p/ e /g/, os constrictivos /v/, /ʃ/, /ʃ/ e nem o fonema nasal palatal /ŋ/. Por seu lado, no português, não existem os segmentos oclusivos /t/, /d/, /q/, /ʔ/ e nem os segmentos constrictivos /s/, /ʃ/, /x/, /y/, /ʃ/, /h/, /h/ /o/, /õ/, /ʔ/, /o/. Com relação à percepção dos sons, todos os fonemas árabes que não encontram equivalência no português podem ser mal percebidos pelos falantes do árabe, causando interferências principalmente nas primeiras etapas do aprendizado daquela língua. Ou seja, não é de se admirar que os falantes do árabe, libaneses ou não, ao se comunicarem em português, confundam os sons das duas línguas, e produzam diversas interferências em sua fala, conforme se verificará na análise dos dados.

Considerando a dimensão expressiva das línguas a que mais facilmente se percebe são as interferências fonético-fonológicas, Danes (1960, *apud* Jubran, 2004, p. 114)

⁷⁰ Por ser o alfabeto árabe originalmente consonantal, sendo as vogais reproduzidas por consoantes e sinais diacríticos, decidimos focar a análise principalmente nas consoantes.

⁷¹ É necessário observar que o quadro 7 apresenta correções quanto ao número de constrictivas e oclusivas, apresentadas na obra fonte, as quais foram realizadas pela autora Prof Dr^a Safa A. C. Jubran e, gentilmente, comunicada a autora mediante mensagem eletrônica.

⁷² Segundo Jubran (2004a), os símbolos cortados por um til referem-se aos fonemas chamados 'enfáticos.' Os manuais de Linguística sempre citam o exemplo do árabe para designar esse fato característico das línguas semíticas. Troubetzkoy (*apud* Dubois *et al*, 1993, p. 216), usa o termo 'velarização enfática' para designá-lo e descreve o fenômeno como uma articulação secundária que consiste no arredondamento da raiz da língua, ocasionando o deslocamento da laringe mediante a dilatação da passagem de ar

⁷³ O termo *glide* refere-se a certos segmentos que não apresentam características fonéticas bem precisas, seja de consoante ou de vogal

chama atenção para o 'princípio de tolerância' que se manifesta neste nível, a partir do qual se tolera acertos ou nuances expressivas que não afetam sua unidade significativa. Segundo Jubran (2004), tal princípio é semelhante ao que ocorre na fonologia segmental com relação à liberdade de variação fonética de certos fonemas, como por exemplo, o caso do /b/ em árabe, que tem uma variante /p/, o que não pode ocorrer em português, pois na tal mudança altera o significado das palavras. Este aporte serve de base para compreendermos casos específicos de interferências fonéticas na linguagem dos imigrantes libaneses que se transformaram em marcas sociolinguísticas nacionalmente conhecidas, tais como: *brimo* [primo], *burtuguês* [português], *brununça* [pronúncia], [bosto-imposto], *boca* [pouco], *bato* [pato], entre outros.

Comparando os fonemas consonantais dos dois sistemas linguísticos, desta vez, segundo o ponto de articulação, o contraste sugere os resultados expostos no quadro 8.

Quadro 8 – Contraste dos fonemas consonantais segundo o ponto de articulação.

• Classificação dos segmentos consonantais segundo o ponto de articulação	
Arabe	Português
- 2 bilabiais: /b/, /m/.	- 3 bilabiais: /b/, /p/, /m/.
- 1 labiodental: /f/.	- 2 labiodentais: /f/, /v/.
- 2 interdental não-faringalizadas: /θ/, / /.	- 0 interdental:
- 1 interdental faringalizada: / /.	
- 2 dentais não-faringalizadas: /t/, /d/.	- duas dentais: /t/, /d/.
- 2 dentais faringalizadas: / □/, □ /.	
- 5 alveolares não-faringalizadas: /s/, /z/, /l/, /r/, /n/.	- 6 alveolares: /s/, /z/, /l/, /r/, /t/, /n/.
- 2 alveolares faringalizadas: / /, / ĩě	
- 3 palatais: /ʃ/, /ʒ/, /j/.	- 5 palatais: /ʃ/, /ʒ/, /j/, / /, /ʎ/.
- 4 velares: /k/, / /, /ɣ/, /w.	- 3 velares: /k/, /g/, /w/.
- 1 uvular: /q/.	- 0 uvulares: _____
- 2 laríngicas: / /, /h/.	- 0 laríngicas: _____
- 2 faríngeas: / /, /ħ/.	- 0 faríngeas: _____

Fonte: Jubran (2004a, p. 66).

O quadro 8 apresenta a classificação dos segmentos consonantais, segundo o ponto de articulação, nos dois sistemas em questão. O contraste salienta as lacunas existentes em ambos os sistemas, indicando a inequivalência de fonemas entre eles, também, no tocante ao ponto de articulação de seus segmentos, como o caso das uvulares, laríngicas e faríngeas e interdental. As zonas de articulação interdental, uvular, laríngea e faríngea não são responsáveis pela classificação por nenhum fonema em português, mas a faríngea é a responsável por algumas realizações do /R/ (JUBRAN, 2004a, p. 64).

Além dos fonemas faringalizados (/ 1,1 I/ /O' e o par interdental (/9/, / /), também /h/, /q/, / /, / /, /h/, /y/ e / / são segmentos inexistentes no português. Diante destas considerações, o contraste pode prever que o número de interferências originadas dessas diferenças pode ser acentuado, além de não serem da mesma natureza. Segundo Jubran (2004a, p. 66) "os quatro primeiros fonemas (/h/, /q/, / /, / /) não têm nenhuma semelhança ou proximidade fonética com os fonemas do português, os três últimos têm." De acordo com a autora, os fonemas h/, /y/ e / / dividem vários traços com os alofones do /R/ português e, por decorrência, esses fonemas podem ser 'vistos' pelos falantes do árabe como variantes do alofone /R/ português, não lhes conferindo o *status* de fonemas que têm no sistema árabe. Essa 'confusão' de sons pode incidir em interferências na fala dos imigrantes resultantes de semelhanças fonéticas parciais ou comuns a fonemas, de um lado, e a variantes, do outro.

Os exemplos seguintes ilustram interferências⁷⁴ causadas pela confusão inconsciente decorrente de semelhanças⁷⁵ parciais ou comuns com fonemas e variantes dos dois sistemas.

Ex. 5. INF. 4: [...] no iniçu tinha fargone fala burtuguês [e adu] errado, aí depois não liga mais começa trabalhá e já esquece tudo isso.

Ex. 6. INF. 15 Nossa raça [hasa] du Líbano...povo muito inteligente alegre, euestranhei quando cheguei em Uraí, cidade pequena.

Ainda há de se notar que o sistema árabe opera com um grupo de sons peculiares às línguas semíticas formados pelos fonemas /q/, / /, /h/, / /, /h/, antes referidos, também ausentes no português, cujo lugar de articulação situa na zona 'gutural,' responsável pela produção de vários sons. Por não encontrarem nenhuma proximidade com fonemas do português, os falantes do árabe, muitas vezes, reproduzem os fonemas do português com fonemas faringalizados do árabe ou com uma articulação específica a eles, confundindo os sons de ambos. As interferências provocadas por esses sons semitas no uso do português deram origem a mais um estereótipo mantido pela mídia brasileira, rotulando a linguagem

⁷⁴ Lado (1971) explica o que acontece com interferências dessa natureza é que o falante aprendiz da língua estrangeira pode substituir os sons da língua estrangeira por algum outro fonema do seu 'estoque nativo.

⁷⁵ É necessário notar um aspecto que envolve fonemas semelhantes existentes nos dois sistemas linguísticos, isto é, a relação que há entre a expressão fonética e o conteúdo fonológico desses fonemas. Segundo Jubran (2004a) se tomarmos, como exemplo, o fonema /t/ que se expressa foneticamente nas duas línguas como 'oclusivo, dental, surdo e oral,' em português, ele se opõe apenas a /d/, enquanto em árabe, se opõe tanto a / I 'oclusivo, dental, sonoro, oral e faringalizado.' Dessa maneira, percebe-se que a expressão fonética de /t/ é interlinguística, no sentido que é característica de ambas as línguas, mas seu conteúdo fonológico é intralinguístico, isto é, o conteúdo linguístico característico de cada língua.

produzida pelos imigrantes libaneses de 'fala gutural,' incluindo, com isso, os demais membros dessa ampla comunidade linguística.

O mecanismo da produção da fala e da articulação dos sons estão ligados diretamente com os órgãos usados neste processo, os quais consistem da faringe, da língua, do nariz dos dentes, e dos lábios, isto é, das estruturas que se encontram na parte superior à glote e constitui o aparelho fonador. A base articulatória de como os sons são produzidos nem sempre é simétrica para todas as línguas, pois a produção de fonemas consonantais e vocálicos pode solicitar determinadas zonas de articulação em uma língua e não solicitar em outras. Essa distinção pode ser vista no árabe e português, conforme demonstra a comparação da base de articulação dessas línguas visualizada no quadro 10.

Quadro 9 – Contraste da base de articulação do árabe e português brasileiro.

Árabe	Português
- Base tensa, quando se trata da articulação das consoantes.	- Base mais ou menos tensa, as consoantes têm uma articulação fraca.
- a zona gutural é muito solicitada.	- A zona gutural não é muito solicitada.
- As fossas nasais não são solicitadas na articulação das vogais.	- As fossas nasais são solicitadas na articulação das vogais.
- A distinção na duração das vogais.	- As vogais não se distinguem pela quantidade.
- A distinção entre consoantes simples e geminadas.	- Não há geminadas.
- A distinção entre consoantes faringalizadas e não-faringalizadas.	- Não há faringalizadas.

Fonte: Jubran (2004a, p. 69).

O quadro 9 refere-se ao contraste da base de articulação do árabe e português brasileiro, segundo Jubran (2004a, p. 60). As distinções na base de articulação dos sons das duas línguas são úteis para compreendermos as interferências causadas por esta no português falado pelos informantes. Entre as distinções, ressaltam-se diversas exigências da zona gutural na produção dos sons e, ao contrário, o não uso das fossas nasais na articulação das vogais. Essas distinções justificam a presença de alterações fonéticas na produção do português de contato, conforme se apresentará mais adiante.

Além dessas diferenças existentes no nível segmental (consoantes e vogais), há outras que podem ser encontradas à medida que se comparem os alofones de consoantes e vogais das duas línguas, os padrões silábicos, os grupos consonantais no início, meio e fim do vocábulo, e outros. Já no nível suprasegmental, as distinções de ambos atingem o ritmo, o acento, os padrões de entonação, a juntura, a prosódia, entre outros. Conforme antes mencionamos, esta análise considera, preferencialmente, o nível segmental, considerando as consoantes, uma vez que a predominância das alterações fonéticas no *corpus* recai sobre as distinções de uso das consoantes nos dois sistemas em contato.

Entretanto, consciente das diferenças e, em menor grau, das semelhanças entre os dois sistemas, não encontramos outro caminho de como elas podem ser transmitidas aos informantes desse estudo e aos falantes do árabe em geral, senão por meio do contraste, para que possam evitar as interferências causadoras de preconceitos e dificuldades de comunicação. Pois, o desejável é que estes e outros falantes do árabe aprendam os sons do português padrão e comuniquem sem tais interferências.⁷⁶

4.1.2 Análise de Interferências do Nível Fonético-Fonológico

4.1.2.1 Metaplasmos

Genericamente, o metaplasmo representa uma alteração intencional ou não do código, praticado pelos falantes nos diversos níveis: gráfico, ortográfico e fonético. O conceito de metaplasmos perpassa o âmbito dos processos de alteração fonética por que passa uma língua no decorrer do tempo. Para Coutinho (1976), metaplasmos são as modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução. Essas alterações, do ponto de vista diacrónico, podem ser constatadas a partir da diversidade dos textos existentes, desde o latim vulgar até os dias atuais, nos quais se nota, também, a evolução da língua em todos os níveis da organização linguística. Entretanto, tais modificações 'não se dão por acaso, não são produzidas pela moda ou capricho, mas obedecem a tendências naturais, a hábitos fonéticos espontâneos.' (COUTINHO, 1976, p. 35).

Nessa perspectiva, Carvalho e Nascimento (1981, p. 35) definem metaplasmos como 'as alterações que as palavras sofrem durante sua evolução do Latim para o português.' No entanto, é válido observar que o funcionamento desses processos fonéticos que operam mudanças nas línguas é o mesmo no momento sincrónico.

Segundo os autores mencionados, os metaplasmos podem ocorrer de quatro maneiras distintas, quais sejam: por permuta, por aumento, por subtração e por transposição.

⁷⁶ Ainda que esta pesquisa não objetive o ensino/aprendizagem formal de línguas, sugerimos que o ensino do sistema fonológico do português aos falantes do árabe considere algumas atitudes, tais como: 1. focar o ensino dos sons do português e do árabe mediante contrastes entre elementos das duas línguas e entre elementos da mesma língua; 2. ensinar os fonemas inseridos no interior de palavras ou pelo menos sílabas; 3. proporcionar ao aluno a audição e a repetição várias vezes de uma mesma pronúncia até chegar o mais próximo possível da articulação desejada; 4. enfatizar o contraste fonológico, principalmente, no caso de consoantes, por meio de pares que evidenciem o contraste, a fim de evitar as interferências mais comuns que geram preconceito e a estigmatização. Estas sugestões são baseadas em formalizações introduzidas por Jubran (2004a, p. 71), a partir das quais a autora se dirige a falantes do português, aprendizes do árabe, em contextos de ensino e aprendizagem formal.

A partir da descrição dos dados obtidos nas entrevistas, identificamos tipos distintos de metaplasmos⁷⁷, porém, nem todos constituíram interferências do árabe no português de contato produzido pelos informantes. Por exemplo, não foram considerados os casos de monotongação de ditongos [ai] > a, [ei] > e, [ou] > o; casos de ditongação de vogal mais sibilante, tais como em *deiz* > *dez*, *meis* > *mês*, *paiz* > *paz* e outros, casos de iotização de [lh] > [y], uma vez que esses fenômenos são traços característicos de variantes brasileiras do português e não representam casos específicos de interferência linguística. Observamos, portanto, que consideramos somente os processos de alterações fonéticas de interferência ocorridos no português usado pelos falantes bilíngues envolvidos. Os principais fenômenos aqui contemplados são 1. metaplasmos por permuta, 2. metaplasmos por subtração e 3. metaplasmos por transformação.

4.1.2.2 Metaplasmos por permuta

Os metaplasmos por permuta ocorrem quando um fonema de um vocábulo é substituído ou permutado por outro. Deste grupo, consideramos, no *corpus*, os fenômenos de sonorização, ensurdecimento, despalatalização e assimilação.

4.1.2.3 Sonorização

A sonorização consiste na permuta ou substituição de um fonema surdo por um fonema sonoro. Fonemas surdos são os que não apresentam vibração das pregas vocais quando produzidos. Por sua vez, seus pares homorgânicos /b/, /d/, /g/, /v/, /z/ e /y/ são realizados com vibração das pregas vocais, sendo considerados, portanto, fonemas sonoros. Alguns pares de fonemas homorgânicos apresentam como característica o fato de se distinguirem pelo traço de sonoridade, isto é, alguns são surdos e outros são sonoros. Segundo Cristófar-Silva (2009), uma consoante homorgânica é idêntica a outra em relação ao modo de articulação, à zona de articulação e ao papel das cavidades bucal e nasal, mas, diferente quanto à sonoridade, de forma que uma é surda e a outra, sonora. Com exceção de /s"/, os demais fonemas surdos nos interessam neste estudo, isto é, os fonemas /p/, /t/, /k/, /f/, /s/.

⁷⁷ Por ser este um trabalho pioneiro, no que se refere à abordagem teórico-metodológica adotada, não é possível estabelecer comparação de dados com outros autores.

As trocas de fonemas sonoros/surdos são fenômenos comumente encontrados e facilmente perceptíveis na produção linguística de falantes que alternam simultaneamente o uso de duas ou mais línguas. Weinreich (1974) considera 'interferência fônica' quando um falante bilíngue identifica um fonema do sistema secundário, isto é, da língua estrangeira, como um fonema do sistema primário, ou seja, da língua materna, e o reproduz conforme as regras deste sistema. Dito de outro modo, a interferência ocorre quando o bilíngue transfere sons do sistema da língua materna para o da língua estrangeira, originando uma confusão de sons. Trata-se, portanto, do modo como o bilíngue percebe e reproduz os sons das duas línguas.

As substituições fonêmicas produzidas pelo contato do português brasileiro com as línguas de imigrantes são causas para a geração de preconceito social e linguístico em várias comunidades bilíngues no país. No contato alemão-português, por exemplo, Schneider (2008) estuda as (des)sonorizações de consoantes surdas e sonoras de [b, d, g] [p, t, k], em descendentes de primeira e segunda geração nas escolas de três comunidades do Rio Grande do Sul, a fim de pensar as concepções e o tratamento que os professores dispensam a esses traços linguísticos. Os resultados mostrados pela autora apontam para conflitos educacionais e identitários que são refletidos diretamente na vida educacional e social dos falantes. Por fim, a autora ressalta que as (des)sonorizações, assim como quaisquer outros traços de fala, não constituem um problema, mas o tratamento social que os falantes conferem a esses traços muitas vezes é problemático, quando, por exemplo os utilizam como meios de discriminação social e linguística, mediante risadas, imitações, piadas e brincadeiras.

Em nosso *corpus*, encontramos tipos diversos de sonorizações que envolvem o mesmo ponto de articulação, em diferentes ambientes dos vocábulos. Dos casos registrados, o que envolve a troca de fonema /p/ por /b/, tratamos em particular, propositadamente, uma vez que esse fenômeno constitui um traço da fala dos informantes, historicamente, estigmatizado no Brasil, desde o início da imigração até os dias de hoje. Os demais casos de sonorização são considerados em conjunto, seguidamente. Para analisar a sonorização, tratamos separadamente as variáveis sociais das variáveis linguísticas.

Considerando o número significativo de sonorizações de [p] > [b], apresentamos a tabulação dos dados, tratados com base na Sociolinguística Quantitativa, de acordo com as variáveis sociais envolvidas neste estudo: escolaridade, religião e gênero/sexo.

4.1.2.3.1 *Influência das variáveis sociais.*

Tabela 5 – Distribuição numérica de sonorização de /p/ > /b/, por informante, segundo a variável escolaridade.

Sonorização /p// > /b/	Variável Escolaridade																Total
	Ensino Fundamental								Ensino Médio								
	Informantes								Informantes								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	
Ocorrências	-	-	4	4	3	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	26	42
Manutenção	-	-	191	233	495	-	-	211	-	-	-	-	-	-	-	428	1600

A tabela 4 traz os números de ocorrências da sonorização de [p] > [b] e os de manutenção da surda. Do total de 1.600 ocorrências de contextos com a surda [p], 1.558 são registros dentro do português padrão e apenas 42 trazem a troca fonêmica, o que representa 97,4 % de formas sem interferência e apenas 2,6% de interferência. Esta sonorização se verifica entre cinco dos 16 informantes, sendo quatro do fundamental e um único do ensino médio. Embora o informante 16 (2SFM) demonstre o maior número de ocorrências de sonorização de [p] > [b], este fato fonético distribui-se na fala de quatro dos oito informantes de nível fundamental.

Os dados apresentados indicam que o número de informantes com permutas de fonema /b/, em lugar de /p/, não é expressivo, tendo em mente o número total de entrevistados nos dois níveis. Ao contrário do que esperávamos, apenas 31,2%⁷⁸ dos participantes confundem os fonemas consonantais dos dois sistemas fonológicos, os outros 68,8% os utilizam segundo as normas do português. Um aspecto significativo é indicado pela distância entre os altos índices de manutenção do uso de formas padrão, com fonema /p/, por informante, em relação ao baixo número de interferências, com o uso do /b/, antes mencionado. Verificamos que o informante 5 (2PHC), por exemplo, permutou os fonemas em apenas três palavras, mas, em 495 outras palavras, manteve a forma padrão surda. Portanto, os dados obtidos servem para levantarmos a hipótese de que a escolarização é fator responsável pela inibição do fenômeno na amostra coletada.

Por outro lado, há de se lembrar que o fato de os informantes com mais escolaridade perceberem e reproduzirem com mais clareza os sons sonoros e surdos pode estar ligado, possivelmente, ao conhecimento de mais de uma língua, isto é, o árabe e o francês. Como já foi visto, os informantes estudaram em escolas públicas libanesas, onde o ensino do francês foi introduzido e padronizado pelo domínio político da França sobre o

⁷⁸ De início, observamos que as análises realizadas apresentam índices percentuais aproximados.

Líbano, desde 1920. A partir de então, a língua francesa mantém-se enraizada culturalmente no país até os dias atuais. Por sua vez, como língua românica, o francês possui vários traços que o aproxima do português, daí a facilidade de aprendizagem dessa língua, principalmente para aqueles informantes que frequentaram escolas por mais tempo.

Uma vez descritos os dados com base na variável escolaridade, testamos a variável religião, conforme mostra a tabela 6.

Tabela 6 – Distribuição numérica de sonorização de [p] > [b] segundo a variável religião.

Sonorização /p/ > /b/	Variável religião															
	Grupo Muçulmano								Grupo Cristão							
	Informantes								Informantes							
	3	4	7	8	11	12	15	16	1	2	5	6	9	10	13	14
Ocorrências	4	4	-	5	-	-	-	26	-	-	3	-	-	-	-	-
Porcentagem	2%	1,7	-	2,4%	-	-	-	5,7%	-	-	0,6%	-	-	-	-	-

Os resultados organizados na tabela 6 indicam o número de ocorrências de trocas fonêmicas de /b/ > /p/ e seus percentuais por informante. Do total de 16 informantes, nota-se um número de 39 ocorrências do fenômeno distribuídas na fala de 4 informantes do grupo muçulmano, representando 50% dos informantes dessa religião. Já no grupo cristão, há três ocorrências de sonorização vistas em apenas 1 informante, indicando um percentual de 12,5 % dos informantes deste grupo.

Os dados expostos sugerem uma nítida fronteira que coloca, de um lado, o grupo muçulmano com maior incidência de trocas fonêmicas de /p/ > /b/ e, de outro, o grupo cristão com menos incidência do fenômeno. Entre os muçulmanos, o informante 16 (2SFM), com maior ocorrência de interferências, tem especial status na comunidade, pois cumpriu recentemente o quinto pilar do islamismo, que ordena a peregrinação à cidade de Meca, para os fiéis que têm condições para isso. Com título honorífico de *Haji*, esse informante relatou-nos, durante a entrevista, os fundamentos da fé islâmica por meio da exposição detalhada dos deveres exigidos dos fiéis no cumprimento dos cinco pilares da religião. A obediência às regras, contudo, exige, obrigatoriamente, o uso do árabe clássico como um instrumento que garante a validade da prática islâmica, desenvolvida por meio do exercício de cinco orações diárias, das leituras e recitações de versos corânicos e outros.

Essas informações nos permitem considerar que a relação entre a variável religião e o fenômeno de sonorização de /p/ por /b/ deve ser vista a partir do intenso uso da língua árabe em função do cumprimento das leis islâmicas, por meio das quais os informantes são estimulados à prática religiosa.

Tabela 7 –Distribuição numérica de sonorização de /p/ > /b/ segundo a variável sexo/gênero.

Sonorização /p/ > /b/	Variável Sexo/Gênero															
	Mulheres								Homens							
	Informantes								Informantes							
	2	4	6	8	10	12	14	16	1	3	5	7	9	11	13	15
Ocorrências	-	4	-	5	-	-	-	26	-	4	3	-	-	-	-	-
Porcentagem	-	1,7	-	2,4%	-	-	-	5,7%	-	2%	0,6%	-	-	-	-	-

Verifica-se no tabela 7 os valores relativos às ocorrências da sonorização de formas de /b/ em lugar de /p/ e a porcentagem do fenômeno em cada informante. Do número total de oito informantes em cada gênero, três mulheres trazem 35 registros ou 83 % das ocorrências de sonorização e dois homens apenas sete, ou 17 %, das ocorrências na amostra. Considerando o total de 42 ocorrências, 26 incidem apenas na informante 16 (2SFM), 16 ocorrências dividem-se nos demais informantes dos dois sexos. Assim, nota-se o maior rendimento na adoção das formas estigmatizadas da surda /p/, entre os informantes do sexo feminino, em relação aos do sexo masculino.

A tabela 7 é reveladora no sentido de reproduzir os efeitos que as características próprias ao contexto sociocultural dos informantes exercem sobre eles, nos dois sexos, conseqüentemente, e concretizam-se nas trocas fonêmicas. Nesse ambiente cultural, exige-se dos homens o maior empenho no trabalho e, contrariamente, uma atuação feminina restrita aos deveres da casa, à família e à manutenção dos laços culturais. Estudos de historiadores dessa imigração no Brasil, como Gattaz (2005) e Safady (1966), por exemplo, confirmam o fato de as mulheres libanesas, as quais, além de cumprirem suas atividades no lar, sempre auxiliaram nos negócios da família, porém, em funções que não exigiam uma qualificação pessoal específica.

4.1.2.3.2 *Influências da variável linguística segundo o contexto fônico.*

Considerando o número total de 42 registros de sonorizações de /p/ > /b/, verificamos que a sua incidência ocorre em contextos distintos das palavras, conforme apresentamos abaixo:

Tabela 8 –Distribuição numérica e percentual de sonorização de /p/ > /b/ conforme os contextos CV e CCV na palavra.

Contextos da palavra de ocorrências de trocas fonêmicas de [p] > [b].			
Contextos	CV	CCV	Total
Ocorrências	29	13	42
Porcentagem	69 %	31 %	100 %
Exemplos	<i>bilares</i> [pilares] <i>birigoso</i> [pirigoso] <i>bequena</i> pequena <i>bensa</i> [pensa] <i>borco</i> [porco] <i>babai</i> [papai] <i>bortuguês</i> [português] <i>biligrino</i> [pelegrino] <i>bidra</i> [pedra] <i>bato</i> [pato] <i>barte</i> [parte] <i>borta</i> [porta] <i>bissui</i> [possui] <i>batrição</i> [patrício] etc.	<i>brimera</i> [primeira] <i>breto</i> [preto] <i>bronunça</i> [pronúncia] <i>brimu</i> [primo] <i>abrendi</i> [aprende] <i>cumbri</i> [cumpri] <i>combra</i> [compra] <i>branta</i> [planta] <i>cobrida</i> [cumprida] <i>brigada</i> [empregada] <i>bra</i> [pra] etc.	

Os dados da tabela 8 demonstram a distribuição numérica e percentual das incidências de trocas fonêmicas de /b/ > /p/, de acordo com os contextos na palavra. Das 42 ocorrências do fenômeno, 29 recaem em contexto fônico representado por CV e 13 ocorrências em contexto CCV, perfazendo um índice de 69% das ocorrências no primeiro caso e 31% no segundo. A realização do fonema /b/ se dá com mais frequência na posição inicial da palavra, constituindo sílaba com a vogal na posição nuclear, porém, nos casos em que o /p/ incide sobre o contexto silábico de CCV, observa-se uma baixa no número de ocorrências de /b/.

Se levarmos em conta os parâmetros de produção dos segmentos consonantais e vocálicos, segundo Cristófaros-Silva (2009), parece-nos razoável supor que a produção de um som consonantal seja mais facilmente realizada com um segmento vocálico do que com um segmento consonantal. Além desse parâmetro, no primeiro caso ocorre a formação de um padrão silábico do tipo CV, isto é, C - consoante e V - vogal, em que a vogal é o núcleo da sílaba e sempre tem presença obrigatória, já as consoantes ocupam as partes periféricas.

Com base nesses resultados, supõe-se que contexto fônico indicado como favorecedor das substituições de fonema /p/ pelo /b/ é o início da palavra, em uma estrutura silábica composta por consoante seguida de vogal. Por conter uma vogal, intui-se que esse ambiente seja mais fácil de produzir o som, do ponto vista articulatorio, em comparação a sílaba formada por duas consoantes e uma vogal. A produção dessas interferências é favorecida pela contiguidade dos dois segmentos consonantais compartilhando o ponto e o

modo de articulação. Além desse aspecto de natureza articulatória, soma-se outro de natureza sistêmica, ou seja, relacionada à estrutura do sistema fonológico das línguas. Conforme antes apresentamos, não há equivalência de vários segmentos fonológicos entre o árabe e o português, inclusive, o fonema /p/, do sistema fonológico português, inexistente no sistema fonológico árabe. Entretanto, um agravante nesse caso de trocas de /p/ /b/ é que as duas consoantes *p* e *b*, constituem fonemas distintos no português brasileiro, uma vez que podem contrastar-se em ambiente idêntico e implicar mudança de significado nas palavras.

Este aporte nos permite compreender casos particulares de interferências cristalizadas na linguagem dos informantes libaneses, as quais geraram uma variante idiossincrásio e se transformaram em marcas sociolinguísticas nacionalmente estigmatizada pelos brasileiros. Entre as mais conhecidas, é possível citar palavras do tipo: *brimo* [primo], *burtuguês* [português], *brununça* [pronúncia], [bosto-imposto], *boca* [pouco], *baga* [paga], entre outras. Esses traços de fala foram divulgados e tomaram dimensão nacional devido à intensa interação entre os falantes e, principalmente, à ampla distribuição dos falantes no território brasileiro. Com efeito, é certo afirmar que o estereótipo resulta da seleção destas marcas linguísticas mais salientes e particulares da fala dos imigrantes, as quais operam na formação da opinião pública.

Além da influência da variável escolaridade no desempenho linguístico, confirmada pela baixa taxa da sonorização em pauta, os dados demonstrados na tabela 7, também, nos permitem intuir que exista uma tendência geral por parte dos informantes envolvidos, devido ao longo tempo de permanência no país, em acomodar-se aos sons do português brasileiro.

Paralelamente ao caso de sonorização de /p/ /b/, encontramos outros com permutas de /f/ /v/, /t/ /d/, /s/ /z/ e /k/ /g/, os quais evidenciaram baixo número de ocorrências, não apresentando um enviesamento significativo com as variáveis sociais consideradas neste estudo. Por essa razão, consideramos tais casos de sonorizações, em conjunto, conforme se apresenta abaixo:

(1) Sonorização de /f/ > /v/ (fricativas surda / sonora) = uma ocorrência na fala do informante 1PFM - vavor [favor].

Sonorização de [f] > [v]:	• Produção do falante bilíngue	Forma padrão
Exemplo:	'eu disse vavor não toca nesse assunto aqui na casa...'	Favor

(2) Sonorização /t/ > /d/ (lábio dentais surda/sonora): uma ocorrência na fala do informante 2PHC - prádica [prática].

Sonorização de /t/ > /d/	• Produção do falante bilíngue	Forma padrão
Exemplo:	'...mas agora todus empregada tem prádica de balcão...'	Prática

(3) Sonorização /s/ > /z/ (fricativas surda/sonora): uma ocorrência na fala do informante 2PFM - zabedoria [sabedoria].

Sonorização de /s/ > /z/	• Produção do falante bilíngue	Forma padrão
Exemplo:	'meu pai tinha munta zabedoria pra negocia com as...'	Sabedoria

(4) Sonorização /k/ > /g/ (guturais surda/sonora): duas ocorrências na fala do informante 1SHM - gunversá [conversar], gompra [compra].

Sonorização de /k/ > /g/	• Produção do falante bilíngue	Formas padrão
Exemplos:	'...todus patricius vão gunversá na mesquita lá...'	Converser
	'...nos gompra nu São Paulo e põe loínha aqui perto...'	Compra

Similarmente como ocorreu no caso de sonorização de /p/ > /b/, antes referido, o fator linguístico que contribui nas trocas de fonemas surdos /f, t, s, k/ para os sonoros /v, d, z, g/ deve-se à contiguidade existente entre esses fonemas, podendo, por consequência, intercambiar-se e gerar interferências, principalmente no desempenho linguístico de informantes que receberam pouca ou insuficiente instrução formal das duas línguas. Também é preciso considerar que essas e outras 'alterações' analisadas nesta tese não devem ser vistas apenas como casos de interferência da língua materna sobre a estrangeira, mas 'processos naturais de aquisição da linguagem, evidenciando um interação entre o fenômeno e a aquisição linguística (TARALLO E MYHILL, 1989, 72).

4.1.2.4 Ensurdimento

Ao contrário do fenômeno de sonorização, o ensurdimento consiste na substituição de uma consoante sonora por sua homorgânica surda. Prade (2003) afirma que a troca de fonemas surdos por sonoros é um fenômeno frequente na produção linguística de falantes de línguas germânicas. Esta afirmação é comprovada por Rodrigues (2009), na análise das interferências refletidas no bilinguismo português/alemão em adultos e crianças na cidade do Espírito Santo. Segundo a autora, entre as crianças que falam alemão e pomerano, as trocas de fonemas surdos por fonemas sonoros realmente são frequentes, contudo, entre os adultos entrevistados, as ocorrências são predominantes entre os adolescentes de pomeranos e raras em os adolescentes de alemães.

As permutas de fonemas sonoros por surdos em nossos dados mostraram índices baixos no que concerne ao número de ocorrências e de informantes, não apresentando, por essa razão, uma diferença estatisticamente pertinente para a correlação dos dados com as variáveis sociais. Contudo, apresentamos uma relação da descrição dos casos de ensurdecimento verificados na amostra, seguida de exemplos do *corpus*.

(a) Ensurdecimento de [g] > [k]: 4 ocorrências encontradas na fala do informante 1PHM.

Ensurdecimento /g/ > /k/	• Produção do falante bilíngue	Formas padrão
Exemplos:	'...conseki viajá um mês gasta tudo pra lá...'	Consegue
	'...cheguei direto Marinká, depois aqui...'	Maringá
	'...mascatiava no sitio e brincava cum kado boi vaca...'	Gado
	'...todus aqueles menino fakabundo não trabalhá...'	Vagabundo

(b) Troca de [f] > [v]: 2 ocorrências apresentadas pelo informante 2PHC

Ensurdecimento /v/ > /f/	• Produção do falante bilíngue	Formas padrão
Exemplos:	'...no início tinha dúfida de estudá portugues aqui...'	Dúvida
	'...eu tinha muta fargona de falá burtugues errado...'	Vergonha

4.1.2.5 Despalatalização

O fonema /ɲ/ é descrito como consoante oral, sonora, lateral, palatal e o fonema /ɳ/ como vibrante, sonora, nasal, palatal. Entende-se despalatalização como um processo fonético a partir do qual esses fonemas perdem seu traço palatal, isto é, deixam de ser realizados na região do palato duro, abrindo espaços para a produção de diversas variantes. Cagliari (1974, p. 161) define a despalatalização como fenômeno decorrente de uma etapa da evolução do som palatal, motivado pelo enfraquecimento do contato entre a língua e o palato. Os dois fonemas frequentemente ocorrem em posição medial de sílaba ou em sílaba final. Em português, o fonema /ɲ/ ocorre em sílaba medial e final. Em sílaba inicial, ocorre apenas em *lhama* e *lhana*, ou seja, em palavras importadas.

Do ponto de vista fonético/fonológico, Cristófar-Silva (2009, p. 34) descreve que o som palatal é produzido com a parte medial da língua contra a parte final do palato duro, como são os sons de /ɲ/ e /ɳ/ no português brasileiro. No tocante à realização desses segmentos, a autora sugere algumas observações para distinguir entre a consoante nasal palatal e a lateral palatal:

[...] os sons palatais são aqueles produzidos com a obstrução da passagem do ar na região palatal pelo levantamento da parte média ou central da língua que quase toca o céu da boca, se o ar escapa lateralmente, enquanto a ponta da língua se encontra abaixada próxima aos dentes inferiores frontais, tem-se então a realização de /lh/; se, ao invés desse gesto, levanta-se a ponta da língua em direção aos alvéolos ou aos dentes e, concomitantemente a região central da língua é levantada em direção ao palato duro, então ocorre a nasal palatal /nh/.

Portanto, do modo como os sons são articulados, o som da lateral palatal se diferencia da nasal palatal por ser produzido mais à frente da cavidade bucal, ocorrendo o efeito auditivo de consoante seguida de vogal.

Nosso interesse no estudo da despalatalização, no entanto, prende-se à observação desse fenômeno no português brasileiro usado por falantes que não têm essa língua como sua língua materna. Nesse campo, Vieira (1995) analisa as alterações fonéticas de informantes em três comunidades rurais de colonização polonesa de Ponta Grossa -Paraná, a fim de verificar se na aquisição/aprendizagem do português, houve assimilação da variante urbana culta [lh] ou da popular [y]. Em síntese, os resultados indicaram o predomínio da variante [lh] na 1ª faixa etária devido à influência do ensino formal, e o declínio no uso dessa variante em benefício cada vez mais acentuado da vocalização de [y], entre os informantes da 3ª faixa etária, que não tiveram chance de estudar.

Na bibliografia que trata do estudo de despalatalização, nota-se que esse fenômeno tem maior alcance ao implicar a incidência de outro fenômeno designado iotização. Ao referir-se à iodização/iotização como um fato decorrente da despalatalização, Jota (1981) define o fenômeno como a transformação de um fonema em iode (y) como, no exemplo: lacten > leite > leite. Segundo o autor, a iotização precede a palatização na passagem do latim para o português, conforme os exemplos: filiu > filyu > filho; palia > palya > palha; milia > milya > milha.

No âmbito da descrição do português brasileiro, pesquisas realizadas para a elaboração dos Atlas Linguísticos sugerem estudos sobre despalatalização dos segmentos /ʎ/ e /j/, os quais se revestem de importância, uma vez que esses fonemas estão relacionados às variantes diatópicas e diastráticas da língua. Aragão (1992) observa que geralmente os trabalhos sobre palatização realizados nesse campo de estudos estão sempre relacionados a aspectos fonéticos tais como a articulação defeituosa ou relaxada, e às variedades regionais, sociais, estilística ou individual. Nessa perspectiva, Aragão (1992, p. 4) pesquisa a despalatalização e a consequente iotização no Atlas Linguístico da Paraíba, e faz a seguinte generalização sobre as causas do fenômeno:

[...] fenômenos linguísticos como a despalatalização consistem em alterações ou mudanças que ocorrem devido à necessidade de rapidez e facilidade de articulação aliada ao relaxamento na articulação, ao descompromisso com o falar 'correto' e à falta de conhecimentos básicos da língua.

Nessa direção segue Aguilera (1999) com as vinculações entre os processos de despalatalização e de iotização nos dados do Atlas Linguístico do Paraná, concluindo que a iotização é um traço predominante da linguagem rural ou inculta que se espraia por todas as regiões brasileiras como se pode constatar pelos atlas já publicados. A autora considera o fenômeno um fato sociolinguístico mais frequente na fala das populações com baixa ou nenhuma escolaridade.

As ocorrências do fenômeno no *corpus* referem-se à despalatalização da lateral palatal /ʎ/ para a lateral alveolar /l/ e da nasal palatal // para a nasal alveolar /n/. Tendo em mente que a produção dos fonemas /ʎ/ e // raramente incide em posição inicial dos vocábulos no português brasileiro, as produções desses fonemas ocorreram em contextos mediais e em sílabas finais.

Os casos de despalatalização do fonema /ʎ/ são considerados separadamente, uma vez que apenas um informante do fundamental e um informante do ensino médio manifestaram esse fenômeno. Mais produtiva, por sua vez, a despalatalização de // é tratada quantitativamente segundo as variáveis escolaridade, religião e gênero/sexo.

4.1.2.5.1 Despalatalização do fonema /ʎ/

Observamos 140 vocábulos com o segmento /ʎ/, dos quais, 115 são de manutenção da palatal e 25 são de despalatalização, registradas principalmente na fala do informante 5 (2PHC), conforme demonstramos os exemplos abaixo:

Despalatalização de [ʎ]	• Produções do falante bilíngue	Formas padrão
Exemplos:	'...carro multimarca bom não faz barulo não	barulho (3 oc.),
	'...a muler lá no Líbano não sai de casa...'	mulher (5 oc.),
	'...quando guerra lá não tem trabalo ninguém sai...'	trabalho(ndo) (2 oc.)
	'...meu patrão homem grisalo educado honesto...'	grisalho (2 0c.)
	'...Brasil país maravilhosa abre porta pra todo mundo...'	maravilhoso(a) (11oc.)
	'...criança sofre homem velo tudo sofre chora...'	Velho
	'...meu filo tava aqui era crinaça com 4 ou 5 anos...'	Filho

Nas demais produções com o segmento /ʎ/, isto é, nos 115 vocábulos, o informante 5 (2PHC) mantém a palatal lateral.

Quanto ao informante 11 (1SHM), com mais anos de frequência escolar, obtivemos apenas 1 caso de despalatalização de /ʎ/ no vocábulo verme/a, conforme mostra o exemplo:

Despalatalização de /ʎ/	• Produção do falante bilíngue	Forma padrão
Exemplo:	'...o consumo de carne vermela lá é menor que aqui...'	Vermelha

Importa registrar que o informante 11 (1SHM) completou os anos do fundamental em seu país de origem e, no Brasil, fez graduação, pós-graduação, além de outros cursos de pequena duração. Todavia, durante a entrevista, esse informante despalatalizou claramente a lateral palatal, exemplificada, porém, nos demais vocábulos ele manteve a forma padrão.

No entanto, não se pode perder de vista que as ocorrências desse fenômeno não estão relacionadas aos traços de despalatalização definidos como característicos de falantes de variedades diatópica e diastrática do português brasileiro, como, por exemplo, se verifica com o caso de iotização de [ʎ] > [y]. Conforme já mencionamos, os informantes desta pesquisa aprenderam o português de maneira informal, mas o fizeram a partir da interação com falantes brasileiros de distintas camadas sociais, mediante o exercício comercial nos pequenos e grandes centros urbanos do país, adquirindo, portanto, a variante urbana do português e não a rural. Não encontramos nenhuma ocorrência em que o informante produzisse, por exemplo, a forma fiyo em vez da padrão *filho*, mas, encontramos a forma fi/o, antes referido.

4.1.2.5.2 Despalatalização de [] segundo a variável escolaridade.

Tabela 9 – Distribuição de despalatalização do fonema / / por informante segundo a escolaridade.

Despalatalização	Variável Escolaridade																Total
	Ensino Fundamental								Ensino Médio								
	Informantes								Informantes								
Desp. // > /n/	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	
Ocor. /n/	-	-	2	-	28	3	-	5	-	-	-	-	-	3	-	5	46
Man. //	-	-	43	-	77	37	-	25	-	-	-	-	-	25	-	106	313

Os dados da tabela 9 expõem a despalatalização do fonema / / na amostra. Do total de 359 registros, 46 são de despalatalização que se concentram na fala do informante 5 (2PHC), e ocorre com menor frequência nos informantes 3 (1PHM), 6 (2PFM), 8 (2SFC) e 14 (2FSC) e 16 (SFM). Nota-se que a influência escolar estabelece uma oposição entre

falantes do fundamental e do ensino médio, isto é, estes favorecem as formas padrão, apresentando apenas oito ou 18% das ocorrências do fenômeno e aqueles as desfavorecem, com 38, ou 82%, das ocorrências. Dos 359 registros com a nasal palatal, 313 são formas do português padrão e apenas 46 são formas despalatalizadas, o que sugere um índice de apenas 12, 5% de interferência na amostra.

Observa-se que, do total de 46 vocábulos, o mais frequente na amostra com a nasal palatal foi 'dinheiro' o qual, sistematicamente, sofreu a despalatalização nos informantes acima mencionados. Do ponto de vista estrutural, é possível compreender a perda do traço da nasal palatal como casos característicos de interferência interlinguística, pois, conforme previu Jubran (2004a), os fonemas / / e /ɲ/, do português, não têm qualquer aproximação com nenhum fonema do árabe. Com efeito, devido a essa lacuna nos sistemas das línguas em contato e, ainda, ao favorecimento permitido pelo relaxamento na articulação, o fonema / / perde o traço palatal, passando a ser pronunciado com /n/ nos casos aqui analisados.

Ainda sob esse mesmo ponto de vista, não se pode esquecer que a posição do som em relação ao acento também constitui um fator linguístico favorável à preservação das formas despalatalizadas. Dos 46 registros de despalatalização do fonema / /, 30 são produzidos na sílaba tônica, nos vocábulos *dinero* (24 oc.) *amaniá* (duas oc.), *conece*, *cunado*, *ganando* e *senior*. As 16 outras ocorrências estão na sílaba postônica, nos vocábulos: *carino* (oito oc.) *cafezino* (duas oc.), *pertino*, *pedrina* (duas oc.) *fargona*, *sobrino(a)*, *vizina*. Ainda que o vocábulo despalatalizado 'dinero' se repita 24 vezes em um só falante, podemos supor a tendência à permanência de produções do uso de /n/, na sílaba tônica, justificada por um percentual de 65,2% do total dos registros nessa posição silábica.

O favorecimento proporcionado pela posição do som em relação ao acento está vinculado ao próprio modo de sua produção, pois ocorre um jato de ar mais forte em relação às sílabas não acentuadas ou átonas, constituindo um elemento facilitador a mais na perda da palatalização. Haupt (2007) também examinou esse fator linguístico no estudo da ditongação na fala dos florianopolitanos e confirma a influência das sílabas tônicas e dos monotongos finais como favorecedores para a ocorrência do fenômeno estudado.

No caso da despalatalização da nasal palatal / /, existe outro aspecto que favorece sua produção, em maior número de registros no *corpus* em comparação com a lateral palatal /ɲ/, importante que se observe: para a articulação do som nasal palatal, ocorre um segmento nasal, [quando o véu palatino está abaixado] e a obstrução do trato vocal [quando a língua toca o palato]. Ou seja, a produção do fonema / / incorpora o traço de nasalidade pouco

familiar para o falante do árabe, posto que nesse idioma, existem apenas dois fonemas nasais, o fonema /m/ e o fonema /n/. Entre as formas despalatalizadas de //, citamos as mais frequentes por representatividade nas entrevistas dos informantes: *dinero* [dinheiro], *lojina* [lojinha], *vizina* [vizinha], *pedrina* [pedrinha], *pertino* [pertinho] etc.

A partir dos dados apresentados na tabela 8, podemos dizer que os efeitos dos anos de frequência à escola sobre o fenômeno de despalatalização demonstram, particularmente, que a maior escolarização atua para a manutenção das formas-padrão produzidas com uso dos fonemas //, enquanto que a menor escolarização determina o uso das formas despalatalizadas de /n/. Os informantes 1 (1PHC), 2 (1PHM), 4 (1PFM), 7 (2PHM), 9 (1SHC), 10 (1SFC), 11 (1SHM), 12 (1SFM), 13 (2SHC) e 15 (2SHM), não manifestaram a despalatalização.

Observados os anos de instrução, testaremos, em conjunto, as variáveis religião e gênero/sexo.

Tabela 10 – Distribuição de despalatalização do fonema // por informante segundo a variável religião.

Despalatalização	Variável Religião															Total	
	Grupo Muçulmano								Grupo Cristão								
	Informantes								Informantes								
Desp. // > /n/	3	4	7	8	11	12	15	16	1	2	5	6	9	10	13	14	
Ocor. /n/	2	-	-	5	-	-	-	5	-	-	28	3	-	-		3	46
Man. //	43	-	-	25	-	-	-	101	-	-	77	37	-	-		25	313

A tabela 10 leva em conta a perda do traço palatal do fonema // para /n/, em informantes das duas religiões. Os 46 registros estão equilibradamente distribuídos entre três informantes do grupo muçulmano e três do grupo cristão: os primeiros trazem 12 registros ou 26 % de despalatalização e os segundos 34 registros ou 74 % desse fenômeno. Em relação ao grupo cristão, das 34 ocorrências, 28 concentram-se só no informante 5 (2PHC). Com exceção dos referidos informantes, os demais não manifestam a despalatalização da nasal palatal.

A partir dos dados demonstrados, consideramos que a despalatalização da nasal palatal é mais probabilisticamente favorecida entre os informantes cristãos do que entre os informantes muçulmanos. Esse favorecimento à despalatalização em informantes cristão nos permite aventar a hipótese de que, embora exista uma tendência por parte dos libaneses cristãos casarem-se com esposas brasileiras católicas (GATTAZ, 2005; SAFADY, 1966; 1994), os informantes 5(2PHC), 6 (2PFC) 14 (2SFC) são casados com cônjuges da mesma

origem libanesa. Sendo o casamento um dos importantes fatores de manutenção linguística, nesse caso, tem-se a opção do árabe ser amplamente usado pelos cônjuges para a comunicação no domínio do lar, na educação dos filhos. Por outro lado, o uso bilíngue do árabe e do português, conseqüentemente, favorece a produção de interferências e sobreposições de uma língua no uso da outra.

Tabela 11 – Distribuição de despalatalização do fonema // por informante segundo a variável gênero/sexo.

Despalatalização	Variável Sexo/Gênero															Total	
	Mulheres							Homens									
	Informantes							Informantes									
Desp. // > /n/	2	4	6	8	10	12	14	16	1	3	5	7	9	11	13	15	
Ocor. /n/	-	-	3	5	-	-	3	5	-	2	28	-	-	-			46
Man. //	-	-	37	25	-	-	25	101	-	43	77	-	-	-			313

A tabela 10 mostra os dados da despalatalização da nasal palatal conforme a variável sexo/gênero. A perda do traço palatal é vista em 50 % de informantes no grupo feminino e em 25 % no grupo masculino. Comparando os dados, verifica-se que das 46 formas despalatalizadas de //, 16, ou 35 %, nos informantes 6 (2PFC), 8, 14 (2SFC) e 16 (2SFM) do sexo feminino, e 30, ou 65 %, nos informantes 3 (1PHM) e 5 (2PHC), do sexo masculino. A manutenção do traço palatal é vista em 192 registros na fala das mulheres e 120 na fala dos homens, com uma vantagem de 72 registros para elas. Os demais informantes não têm registros de despalatalização de //.

Esperávamos que os resultados da despalatalização do fonema nasal palatal apresentassem índices mais acentuados, principalmente no tocante aos números de ocorrências das formas despalatalizadas da nasal palatal //, considerando que esse traço na fala dos imigrantes libaneses é muito conhecido, além de estigmatizado pela mídia em geral. Para lembrar, basta repetir alguns exemplos já mencionados como, por exemplo: lojiwa [lojinha], diwero [dinheiro], sobriwo [sobrinho], entre outros.

Ainda verificamos que, mediante a distribuição exposta nas tabelas 9 e 10, observa-se uma implicação entre a religião e o sexo que deve ser ressaltada: considerando os números de ocorrências da perda do traço palatal, nota-se que os informantes do sexo masculino, pertencentes à religião cristã têm maiores chances de manifestar o fenômeno, em relação aos informantes do sexo feminino de religião islâmica.

4.1.2.6 Desnasalização

Segundo Coutinho (1976), o fenômeno de desnasalização⁷⁹ ocorre quando um fonema antes nasal perde a nasalidade, tornando-se oral como nos exemplos lua (arc.) (< luna) lua; corõa (arc.) < corona > coroa; (< persona) > pessoa , sõar (arc.) (< sonare) > soar. Para melhor compreender a desnasalização, é preciso atentar para o fenômeno inverso, isto é, a nasalização.

Para Crystal (1988, p. 179), os sons nasais são produzidos sempre em determinadas condições articulatórias, podendo ocorrer tanto em vogais como em consoantes:

[...] os sons nasais são produzidos quando o PALATO mole se abaixa para permitir que o ar passe, de maneira auditiva, através do nariz. Tanto as CONSOANTES quanto as VOGAIS podem ser articuladas desta forma. As consoantes nasais ocorrem quando há um FECHAMENTO completo na boca, e o ar escapa, então, pelo nariz. [...] Nas vogas nasais (ou "nasalizadas"), o ar escapa pelo nariz e pela boca simultaneamente: as vogais são transcritas com um [~] acima do símbolo como [ã].

No tocante à desnasalização, Crystal (1988, p. 179) declara que esse termo é aplicado apenas aos sons que normalmente são articulados com um componente nasal, como quando alguém fala com o nariz tapado. O autor apresenta exemplos de efeitos nasais que podem ser ouvidos em línguas como o português, o inglês e o francês.

No árabe, o traço de nasalização apresenta características peculiares ao sistema fonético/fonológico dessa língua. Conforme verificamos em Jubran (2004a, p. 65-69), as fossas nasais não são solicitadas na articulação das vogais e, além disso, a produção de sons nasais é realizada somente por dois fonemas consonantais, isto é, o /m/ e o /n/.

No *corpus* encontramos casos nos quais os vocábulos do português sofreram a perda de um fonema nasal, resultantes da interferência do árabe, segundo os termos antes mencionados. A desnasalização ocorreu nos seguintes contextos dos vocábulos:

⁷⁹ Câmara Júnior (1985) afirma que o português, dentre as línguas românicas, se caracteriza por uma emissão nasal das vogais, a qual se efetiva em muitas situações. O autor observa que o fenômeno da nasalidade das vogais se apresenta também no francês, porém, sob diferentes condições fonológicas.

1. Em vogal tônica final - [ã > a], [l > i]:

(a) ã > a - 8 registros nos dados do informante 1PFC: maçã [maçã 2], hortelã [hortelã, três oc.] irmã [irmã, três oc.]; dois registros nos dados do informante 1PHM: lá [lã, duas oc.], 4 registros no informante 2SHM: manhã [manhã, três oc.], amanhã [amanhã]

Desnasalização de [ã > a]	• Produção do falante bilíngue	Formas padrão
Exemplos:	'...pega maçã fresca e pica em pedaços grande...'	Maçã
	'...quibe tem que por bastante hortelã picadinha...'	Hortelã
	'...eu vim pro Brasil com meus pais e minha irmã...'	Irmã
	'...ele disse que vai viajar depois de amanhã...'	Amanhã
	'...na neve tem que vesti lá bem quente pra aguentá...'	Lã
	'...levanta de manhã a mesa pronta a mulher lá...'	Manhã

(b) l > i: assi [assim] - 10 ocorrências nos dados do informante 1SFM; 6 ocorrências no informante 2SFM.

Desnasalização de [f > i]	• Produção do falante bilíngue	Formas padrão
Exemplos:	'...quando tô brabo assi não falo besteira...'	Assim
	'...no Líbano tudo assi não dá pra explicar bem...'	Assim

2. Na vogal [a] seguida por uma das consoantes nasais [m, n, nh]: quatro ocorrências nos dados do informante 1 PHM: cama, cana, manha, janta,

Desnasalização de [a] antes de [m, n, nh]	• Produção do falante bilíngue	Formas padrão
Exemplos:	'...tem comida, cáma boa pra deitá tem tudo...'	Cama
	'...eu disse "tem suco de cána" ele disse "não"...'	Cana
	'...governo brasileiro tá fazendo máanha...porque era...'	Manha
	'mascatiava dia e noite ficava sem almoço iáanta pra...'	Janta

3. Em vogal tônica interna - e > e: duas ocorrências no informante 1SFM:

geru [genro].

Desnasalização de [e > e]	• Produção do falante bilíngue	Formas padrão
Exemplo:	'...meu geru e minha nora também são muçulmanos...'	Genro

Observa-se que a desnasalização da vogal nasal em posição tônica no caso de lá > lã, causou uma diferença de significado, que pode ser notada em qualquer dialeto do português brasileiro.

4.1.2.7 Assimilação

A assimilação é entendida como um fenômeno essencialmente fonético no qual um segmento transmite algumas de suas características fônicas a outro segmento vizinho tornando-o igual ou com propriedades semelhantes a si próprio. Em outras palavras, consiste

em transformar determinado som em outro que seja igual ou semelhante a um que lhe é contíguo dentro da mesma palavra. Desde os primeiros estudos de fonética experimental até os dias atuais, vários autores vêm se dedicando ao estudo da assimilação por contato entre os sons e têm sugerido definições bastante similares sobre esse fenômeno.

Assim, Rouded (1910, *apud* CHAVES, 2007, p. 3) considera que há assimilação⁸⁰ quando o timbre de um som se torna mais parecido ou idêntico ao timbre de um fonema contíguo ou vizinho. Por conseguinte, a assimilação pode ocorrer entre dois fenômenos contíguos e também entre sons distantes, mas que pertencem ao mesmo grupo fonético. Martinet (1955) define a assimilação como a extensão de um traço fônico para um segmento vizinho, sem que apareça um novo fonema no sistema linguístico. Esse autor acrescenta que, de modo geral, o que ocorre nos processos de assimilação deve-se à ação dos traços distintivos que se impõem de um fonema para o outro.

Coutinho (1976, p. 142) refere-se à assimilação como 'a aproximação ou perfeita identidade de dois fonemas, resultante da influência que um exerce sobre o outro'. Crystal⁸¹ (1988) amplia essa reflexão e define a assimilação como uma influência exercida por segmento de som sobre a articulação de outro, de forma que os sons se tornem mais parecidos ou mesmo idênticos. Crystal (1988, p. 33) apresenta três possibilidades de classificação do fenômeno, as quais transcrevemos abaixo:

⁸⁰ Ainda, Abercrombie (1967, *apud* CHAVES, 2007, p. 3) chama a atenção para a necessidade de distinguir assimilação de similitude. Segundo o autor, nesses dois casos há uma mudança fonética devida "a um esforço de redução da atividade articulatória, tanto no nível da articulação da língua, quanto no nível do trabalho do véu palatino, ou ao nível das articulações da língua e dos lábios". Assim, tal redução significa que um segmento deixa uma propriedade fonética que possui e assume a propriedade fonética do som vizinho.

⁸¹ Segundo Crystal (1988, p. 33), o estudo da assimilação (e de seu antônimo dissimilação) teve papel de destaque na Linguística Histórica, devido a sua maneira tradicional de ver a fala como uma sequência de palavras discretas.

[...] assimilação "parcial" ou "total":

Na palavra *pasta*, por exemplo, o /s/ é articulado como uma consoante SURDA ([S] ou [J], dependendo do DIALETO) por causa da proximidade de uma consoante surda. Já em *vesgo*, o /s/ é pronunciado SONORA ([z] ou [ʒ], também dependendo do dialeto), devido à proximidade da outra consoante sonora. Esta assimilação é parcial porque os sons não ficaram idênticos. A assimilação seria total se os sons tivessem ficado idênticos, como no exemplo do inglês *tem mice* (dez camundongos) em que o /n/ se torna idêntico ao /m/ que o influenciou: /tem mais/.

[...] assimilação "contígua" ou de "contato" (ou "à distância") ocorre quando o som é influenciado por sons mais distantes. Em *menino*, a vogal MÉDIA pré-tônica (/e/) passa a ALTA, quando a vogal tônica (que recebe o acento) é alta.

A assimilação também pode ser classificada com base na direção tomada pelo fenômeno, podendo apresentar-se com três possibilidades:

(1) - **assimilação regressiva:** o som muda por causa da influência do som seguinte, como o exemplo de *pasta* ou *vesgo*.

(2) - **assimilação progressiva:** o som muda se altera por causa da influência do som precedente. Em *muito*, por exemplo, os sons vocálicos passam a nasalizados por causa do som NASAL precedente; de qualquer maneira, estas assimilações são menos comuns.

(3) - **assimilação dupla:** há uma influência mútua, ou FUSÃO dos sons, como no exemplo do inglês *don't you*, em que o t e o y se fundem para produzir uma AFRICADA, gerando a pronúncia 'daunt[çh] you'.

Não se pode deixar de registrar a conhecida ação do fenômeno de assimilação no que se refere ao árabe e às línguas românicas durante o longo período em que essas línguas conviveram paralelamente na Península Ibérica. Nesse caso, houve influência, por parte dos cristãos, de um vocabulário de origem árabe, para o léxico das línguas peninsulares, no qual ocorreu um intenso processo de transformação que consistiu na aproximação de sons do árabe para os sons das outras línguas, conforme a semelhança de traços articulatórios existentes entre esses idiomas.

Consciente desses fatos, Corriente (1999) introduz a *Gramática de los Arabismos del Iberorromance*, na qual o autor sugere um método científico para controlar a viabilidade de hipóteses sobre os empréstimos do árabe às línguas românicas da Península Ibérica, e discute critérios fonéticos, morfossintáticos e semânticos que caracterizam seu trabalho. Nessa esteira, Corriente (1999, p. 45) conceitua o fenômeno de assimilação como 'a tendência em igualar, no todo ou em alguns traços, fonemas em contato ou dentro dos limites extremos da palavra'. No tocante às consequências produzidas nos arabismos do iberorromance, o autor afirma que, nas línguas semíticas e, particularmente no árabe, a assimilação executa um papel importante, causando diversos fenômenos como:

1. A seleção dos alofones vocálicos em função dos ambientes consonânticos;
2. A assimilação de timbres vocálicos à distância;

3. A assimilação total ou parcial de consoantes em contato.

Entre os exemplos de assimilação citados por Corriente (1999), ressalta-se a assimilação total ou parcial de consoantes em contato no divulgado caso de assimilação de /l/, do artigo árabe *al*, a consoantes de articulação dental-alveolar, incluindo não apenas a chiente /s/, como também frequentemente a prepalatal /j/, como na palavra *ajonjolí* < *aljúljulán* < *aljorge* < *aljúljal*.

Neste estudo, observamos a ocorrência produtiva de assimilação de contato das formas [aw] > [ow], em sílabas tônicas finais de vocábulos como se verifica, por exemplo, na palavra *religião* > *religión*. Consideramos assimilação, pois no ditongo [aW], temos a sequência: vogal central mais a semivogal nasal posterior. Nos registros dos falantes ocorre a mudança do /ã/ para /õ/ devido à influência da semivogal [w], em um processo de assimilação, isto é, de aproximação do mesmo ponto articulatorio. Nesse exemplo, temos um caso de assimilação parcial regressiva. Considerando o número representativo de ocorrências desse caso de assimilação, demonstramos a tabulação dos dados, tratados com base na Sociolinguística Quantitativa, de acordo com as variáveis sociais envolvidas neste estudo: escolaridade, religião e gênero/sexo.

4.1.2.7.1 Análise dos dados segundo as variáveis sociais.

Tabela 12 – Distribuição numérica de assimilação de [aw] > [ow] por informantes do ensino fundamental.

Assimilação [ãw] > [õw]	Variável Escolaridade								Total
	Ensino Fundamental								
	Informantes								
	1	2	3	4	5	6	7	8	
Oc. [õw]	6	40	6	6	6	-	2	53	119
Man. [ãw]	133	84	85	110	265	-	123	61	861
Total	139	124	91	116	271	-	125	114	980

A tabela 12 distribui o número de registros de formas em [oW] e a manutenção da forma padrão por informante do ensino fundamental. Dos oito informantes do fundamental, sete manifestam o fenômeno, com exceção apenas do informante 6 (2PFC), o qual não apresenta registros de assimilação do ditongo nasal. Dentre eles, o informante 7 (2PHM) usou apenas duas formas com [õw], e manteve a forma padrão nos 123 outros registros. Já o informante 8 (2PFM) mostra uma relação inversamente proporcional dos

demais, isto é, dos 119 registros, 53 são formas interferentes e, em 61, mantém a forma do português padrão.

Tabela 13 – Distribuição numérica de assimilação de [aw] >[ow] por informantes do ensino médio.

Assimilação [ãw] > [õw]	Variável Escolaridade								Total
	Ensino Médio								
	Informantes								
	9	10	11	12	13	14	15	16	
Oc. [õw]	-	36	-	-	4	10	3	28	81
Man. [ãw]	-	63	-	-	175	140	166	130	674
Total	-	99	-	-	179	150	169	158	755

Por sua vez, a tabela 13 distribui as ocorrências de assimilação e a manutenção de formas padrão por informantes do ensino médio. A assimilação em informantes com mais escolarização é menos acentuada, em relação aos informantes com baixa escolarização, notada pela ocorrência de somente 81 registros nesse nível. Os informantes 9 (1SHC), 11(1SHM) e 12 (1SFM) não apresentam registro de formas com [oW], isto é, mantêm a forma padrão do português.

Comparando os resultados nos dois graus de escolarização, nota-se que do total de 1.735 ocorrências com o ditongo [ãw], 1.535 representam registros do português padrão e somente 200 demonstram a assimilação das formas de [ãw] > [õw], o que representa 88% de formas sem interferência e somente 12% de interferência. Conforme verificamos, dessas 200 ocorrências, 119 estão na fala dos informantes com menos tempo de frequência escolar e 81 na fala dos informantes com mais frequência escolar, com uma vantagem de 38 registros para o primeiro nível.

Face aos resultados da tabela 13, o confronto da assimilação de [ãw] > [õw] nos dois níveis de ensino demonstrou o condicionamento da variável escolaridade na determinação do fenômeno, comprovando a relevância do ensino formal como determinante na produção do fenômeno.

Uma vez descritos os dados com base na variável escolaridade, testamos a variável religião, conforme indica a tabela a seguir.

Tabela 14 – Distribuição numérica de assimilação de [aw] >[ow] por informantes da religião muçulmana.

Assimilação [ãw] > [õw]	Variável Religião								Total
	Grupo Muçulmano								
	Informantes								
	3	4	7	S	11	12	15	l6	
Oc. [õw]	6	6	2	SS	-	-		2S	98
Man. [ãw]	85	110		ól	-	-	l66	B0	675
Total	91	116	125	114	-	-	169	15S	773

A tabela 14 informa a distribuição de formas de [oW] e a manutenção de formas de [aW] nos informantes da religião islâmica. Das 200 formas interferentes, 98 são distribuídas na fala de seis informantes muçulmanos, com exceção dos informantes 11 (1SHM) e 12 (SFM), que mantêm a forma padrão do português. Do total de 98 ocorrências registradas nessa religião, 53 registros são produzidos somente pelo informante 8 (2PFM).

Tabela 15 – Distribuição numérica de assimilação de [aW] >[oW] por informantes da religião cristã.

Assimilação [aW] > [õW]	Variável Religião								Total
	Grupo Cristão								
	Informantes								
	1	2	5	ó	9	10		14	
Oc. [õW]	6	40	ó	-	-	Só	4	10	102
Man. [aW]	133	S4	265	-	-	óS	175	140	S60
Total	139	124	271	-	-	99	179	150	962

Os dados da tabela 15 informam as ocorrências de formas assimiladas e a manutenção da forma padrão entre informantes da religião cristã. Do total de 200 registros de assimilação, 102 registros ou 51 % distribuem-se na fala de informantes cristãos. Dos 102 registros de assimilação no grupo, 40 estão nos dados do informante 2 (1PFC), representando 32 % do total de seus registros. Os informantes 6 (2PFC) e 9 (1SHC) não apresentam registros de ocorrências.

Confrontando os dados nos quadros 10 e 11, observa-se que, embora exista um equilíbrio entre o número de registros com a assimilação nos falantes das duas religiões, o grupo cristão apresenta 4 registros de vantagens em relação ao muçulmano. Ainda que tal diferença não seja acentuada, ainda assim, pode-se pensar na influência dessa variável na manifestação do fenômeno investigado.

Considerada a descrição dos dados com base na variável religião, testamos a seguir a variável sexo/gênero.

Tabela 16 – Distribuição numérica de assimilação de [aw] > [0W], por informantes do sexo feminino.

Assimilação [aW] > [0W]	Variável Sexo/Gênero								Total
	Mulheres								
	Informantes								
	2	4	6	8	10	12	14	16	
Oc. [ôw]	40	6	-	53	36	-	10	28	173
Man. [aW]	84	110	-	61	63	-	140	130	588
Total	124	116	-	114	99	-	150	158	761

A tabela 16 informa as ocorrências de assimilação de [aW] > [0W], de acordo com os informantes do sexo feminino. Os dados deixam claro que a assimilação, embora represente pouco mais de 20 % do total dos registros femininos, é mais frequente entre as mulheres, observada nos 173 registros. A assimilação é ausente nos informantes 6 (2PFC) e 12 (1SFM).

Tabela 17 – Distribuição numérica de assimilação de [aW] > [0W], por informantes do sexo masculino.

Assimilação [aW] > [0W]	Variável Sexo/Gênero								Total
	Homens								
	Informantes								
	1	3	5	7	9	11	13	15	
Oc. [ôw]	6	6	6	2	-	-	4	3	27
Man. [ãw]	133	85	265	123	-	-	175	166	947
Total	139	91	271	125	-	-	179	169	974

Menos frequente entre os homens, a assimilação é vista em somente 27 registros. Conseqüentemente, a manutenção da forma prevista pela norma culta, também, é mais usada pelos homens, porque dos 1735 registros de formas com [aw], 947 distribuem-se entre eles, havendo 359 registros a favor do grupo masculino em relação ao feminino. Com efeito, nota-se que a influência da variável sexo/gênero estabelece uma oposição entre os falantes do sexo feminino e do sexo masculino, na medida em que as mulheres registram com maior frequência as formas assimiladas em [oW] em relação aos homens. Tal fato pode estar relacionado com aspectos socioculturais da comunidade em estudo.

Nessa direção, a Sociolinguística tradicional tem implementado discussões na tentativa de explicar as diferenças entre a fala de homens e mulheres. As primeiras pesquisas de Fisher (1974)⁸² sobre a variação entre [ing] e [in] numa comunidade de fala dos

⁸² Referimos especificamente ao estudo intitulado *Social influences on the choice of a linguistic variant in Word*, divulgado em 1958.

Estados Unidos, já haviam demonstrado que as formas de maior prestígio ocorrem mais frequentemente na fala de mulheres do que na fala de homens. Posteriormente, outros estudos confirmam esta primeira conclusão de Fisher (1974), no que concerne aos estudos da variação e comprovam o conservadorismo feminino quanto aos usos linguísticos. Labov (1966), por exemplo, afirma que em certas comunidades de fala, as mulheres se mostram mais favoráveis ao uso de formas de prestígio, devido às funções sociais, tradicionalmente investidas de maior formalismo, tais como os contatos com professores, médicos e outros. Esse autor diferencia a linguagem de homens e mulheres, afirmando que em 'sua fala cuidadosa,' as mulheres usam menos formas estigmatizadas e mais formas de prestígio em relação aos homens. Para Silva-Corvalán (1989), as mulheres mostram um comportamento linguístico mais conservador provavelmente devido ao seu estilo de vida, que se caracteriza pela menor mobilidade e participação na vida pública, comparada com os homens. Nos resultados desta tese, porém, ainda que esperássemos o contrário, verificamos que a mulher árabe foge do padrão sociolinguístico referido devido ao papel subalterno que ocupa dentro de seu contexto sociocultural, em relação ao homem.

Na busca por uma explicação para os resultados das tabelas 12 a 17, deparamos com duas hipóteses para explicar as realizações de [õw] em lugar de [ãw] na fala dos entrevistados. A primeira hipótese considera que essas têm origem na interferência do francês, tomando em consideração o bilinguismo árabe/francês adquirido pelos falantes no Líbano, conforme foi exposto anteriormente. Ao contrário dos outros fenômenos analisados, nos quais a interferência ocorreu na direção da língua materna - o árabe, para o português, nesse caso, a interferência se dá a partir da segunda língua - o francês, para uma terceira língua, isto é, o português brasileiro. Odlin (1989) já definia o fenômeno de interferência como a influência exercida pelo conhecimento das línguas adquiridas/aprendidas pelos falantes sobre outras línguas a que esses venham usar durante a vida.

A base que sustenta essa hipótese alinha-se ao conjunto de palavras do francês com formas em [õw], em sílabas tônicas finais que coincidem com a correspondente do português, com a forma [ãw], em sílabas finais, conforme exemplificamos abaixo:

Quadro 10 – Exemplos de assimilação de contato de [aw] >[ow] entre o português e o francês.

Assimilação de formas [aw] > [ow]	
Francês	Português
— révisio«	— revisão
- télévisio«	- televisão
— réunio«	— reunião
— obligatio«	— obrigação
— religio«	— religião
— so«/	— são
— no«	— não

Fonte: dados do *Corpus*

Já a segunda hipótese supõe que a assimilação se deve à dificuldade na realização de um ditongo nasal (inexistente no árabe) em contato com o português, no caso, o ditongo formado por uma vogal central nasal e uma semivogal posterior nasal. Com efeito, a realização mais simples ou econômica, do ponto de vista articulatorio, seria de um ditongo formado por duas vogais posteriores. Devido a essa simplificação da atividade articulatória, houve uma mudança fonética, aqui entendida como assimilação, na qual o som de [ow], assumiu o som de [OW], sendo ambos contíguos na mesma sílaba.

4.1.2.8 Metaplasmos por transformação

Os metaplasmos por transformação ocorrem quando um fonema de um vocábulo se transforma, passando a outro fonema distinto em lugar do primeiro. Nesse grupo, consideramos a monotongação com desnasalização.

4.1.2.8.1 Monotongação com desnasalização

O termo 'monotongo' não é visto comumente, a não ser quando os pesquisadores referem-se a esse como um fenômeno de redução do ditongo que perde sua semivogal e passa a vogal simples, neste caso, monotonga-se. Com outras palavras, a monotongação consiste na simplificação de um ditongo em uma vogal mediante um processo de assimilação completa. Do ponto de vista histórico, Coutinho (1976) afirma que a monotongação já ocorria no Português desde a passagem do latim clássico para o latim vulgar, consistindo-se na redução do ditongo a uma vogal simples, com a supressão do *glide* nos ditongos [ai], [ei] e [ou] para os monotongos [a], [e] e [o].

Na visão de Crystal (1988, p. 175), o monotongo representa uma vogal pura, sendo definido com as seguintes palavras:

Monotongo é o termo usado ocasionalmente na classificação FONÉTICA dos sons VOCÁLICOS com base em seu MODO DE ARTICULAÇÃO: refere-se a uma vogal (uma VOGAL PURA) que não sofreu nenhuma mudança perceptível durante uma SÍLABA, como nas palavras par, cós, pé.

Os ditongos do português brasileiro têm atraído a atenção de vários autores na área dos estudos da linguagem. Tal interesse se deve, talvez, porque a representação desse fenômeno na modalidade escrita distancia-se cada vez mais de sua configuração na fala, o que gera dificuldades na sua identificação, principalmente, por parte de falantes que não têm o português como língua materna.

Ao tratar as questões de monotongação do português moderno, Câmara Júnior (1997) ressalta seu caráter puramente fonético ao mostrar que, apesar do ditongo ser monotongado, ele se mantém na grafia. Para esse autor,

Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem mais cuidadosa. Entre nós há, nesse sentido, o monotongo ou /ô/, em qualquer caso, e ai /a/, ei /ê/ diante de uma consoante chiente (p)ouca, (b)oca, (c)caixa, como acha, (d)deixa), como fecha (CÂMARA JÚNIOR, 1997, p.170).

Paiva (1996) analisou a supressão das semivogais em ditongos decrescentes e verificou que os resultados atribuídos aos fatores aliados à cadeia sintagmática parecem indicar que, sob certas condições fonéticas, a supressão de [y] pode ser entendida como um processo quase categórico, resultando num limite mínimo de variação. Na visão da autora, a natureza fonética da vogal-base é o único fator que age positivamente na supressão de ambas as semivogais, fazendo com que a realização da monotongação se configure extensa e ocupe parte essencial do português brasileiro.

Os casos de monotongação de ditongos [ai] > a, [ei] > e [ou] > o, ocorridos no *corpus* não são incorporados na análise por não constituírem um traço de interferência no português de contato usado pelos falantes. Contudo, verificamos a ocorrência de monotongação em situação específica do advérbio/pronome [müytu] para a forma [mutu], evidenciando um fenômeno presente nos registros de 50% dos entrevistados.

Visando detectar o condicionamento de monotongação na amostra, de início, observamos o ditongo decrescente nasal existente em [mũytu]. Trata-se de um grupo vocálico constituído por uma vogal plena [u], seguida de uma semivogal [y], o que resulta na sequência [vogal nasal - semivogal nasalizada], instaurando-se, assim, um padrão silábico complexo. Devido ao fato de, no português, os ditongos decrescentes nasais sempre incidirem nas sílabas tônicas, esse fator potencializa a ocorrência simultânea de dois fenômenos, constituindo um caso de metaplasmo duplo, conforme expõem as seguintes formas:

[mũytu] > 1. [mũtu] > 2. [mutu]

Constituindo um complexo essencialmente fonético, na configuração acima, observa-se a primeira alteração fonética (nasalização) em 1, na qual a vogal plena /u/ é nasalizada devido à influência do som precedente, isto é, o som da consoante nasal /m/. Em 2, que é o caso que nos interessa estudar, dá-se a ocorrência simultânea de dois fenômenos: a *monotongação*, com a supressão da semivogal [y], do ditongo decrescente [ui], e passando a vogal simples [u]. Ocorre, ainda, a *desnasalização*, quando o [u] perde seu traço nasal, resultando na forma final [mutu], registrada no *corpus*.

Além do fator 'tonicidade silábica' agir como favorecedor, a 'extensão da palavra' [muytu] também representa um fator importante na produção do fenômeno. Considerando a sílaba em termos do mecanismo da corrente de ar pulmonar, essa é definida por Cristóforo-Silva, 2009, p. 76) como 'um movimento de força muscular que se intensifica atingindo um limite máximo.' Como a palavra [muytu] possui duas sílabas, logo, sua produção exige do falante o esforço econômico de apenas dois jatos de ar, isto é, [mui - tu], o que colabora na monotongação sem nasalização.

4.1.2.8.2 *Distribuição de monotongação com desnasalização de [muytu > mutu], conforme a variável escolaridade.*

Tabela 18 – Distribuição da Monotongação com desnasalização de [muytu > mutu], por informantes do ensino fundamental.

Monotongação com desnasalização [müytü]>[mutu]	Variável Escolaridade								Total
	Ensino Fundamental								
	Informantes								
	1	2	3	4	5	6	7	8	
Oc. mutü	9	10	8	-	-	-	-	5	32
Man. müytü	11	8	2	-	-	-	-	6	27
Total	20	18	10	-	-	-	-	11	59

Os dados expostos na tabela 18 apresentam as ocorrências de monotongação de [muytu > mutu], e a manutenção da forma padrão [muytu], em cada informante do ensino fundamental. Verifica-se que, dos 59 registros de formas monotongadas do fundamental, 27 distribuem-se entre quatro informantes, os outros quatro informantes não apresentam registros no corpus, quais sejam: 4 (1PFM), 5(2PHC), 7 (2PHM) e 8 (2PFM). Há uma aproximação entre o número de ocorrências de monotongação e o número de manutenção, ou seja, dos 59 registros, 32 são formas de [mutu] e 27 são formas da padrão [muytu], com uma pequena vantagem de cinco ocorrências para a forma estigmatizada.

Tabela 19 – Distribuição numérica de Monotongação com desnasalização de [muytu > mutu], por informantes do ensino médio.

Monotongação com desnasalização [müytü]>[mutu]	Variável Escolaridade								Total
	Ensino Médio								
	Informantes								
	9	10	11	12	13	14	15	16	
Oc. mutü	-	2	-	-	12	5	-	17	36
Man. müytü	-	23	-	-	6	14	-	7	50
Total	-	25	-	-	18	19	-	24	86

A tabela 19 mostra as ocorrências de monotongação e a manutenção da padrão [muytu] do português, por informante do ensino médio. Há 36 registros de monotongação distribuídos entre quatro falantes do ensino médio, mostrando-se ausente nos outros quatro falantes desse nível. Do total de 68 registros de ocorrências de monotongação, 36 registros distribuem-se na fala dos informantes 10 (1SFC), 13 (2SHC), 14 (2SFC) e 16 (2SFM), não contando registros de ocorrência nos demais informantes desse nível escolar.

Os dados revelam que os informantes mais escolarizados usam menos formas monotongadas e desnasaladas do advérbio/pronome que os informantes do

fundamental, ainda que o número de incidência do fenômeno nesses níveis não represente grande diferença.

Esse caso de monotongação em presença também reflete traços de interferência de ordem estrutural dos dois sistemas, isto é, do árabe sobre o português, pois 'a ditongação é um fenômeno não encontrado no árabe' (JUBRAN, 2004a, p. 68), e isso atua como auxiliador no processo de interferência. Ademais, como vimos no caso da despalatalização de /nh/, os informantes têm baixa percepção dos sons nasais, uma vez que sua língua materna só possui duas consoantes nasais: o /m/ e o /n/.

Ao que tudo indica, a monotongação com desnasalização é um fenômeno essencialmente fonético e parcialmente enlaçado pelas diferenças fonológicas dos dois sistemas. Assim, esse fenômeno não tem existência nos sistemas das duas línguas em contato, mas em sua realização na fala, e a partir daí, sujeito às diferenças dos traços fonéticos/fonológicos das duas línguas.

Os dados nos autorizam dizer que há uma fraca atuação do fator escolaridade no condicionamento da monotongação, ficando a relevância por conta da natureza fonética que envolve esse fenômeno. Em consideração à variável religião, elaboramos a tabela 20.

Tabela 20 – Distribuição numérica de Monotongação com desnasalização [muytu>mutu], por informantes da religião muçulmana.

Monotongação com desnasalização [müytü] > [mutu]	Variável Religião								Total
	Grupo Muçulmano								
	Informantes								
	3	4	7	8	11	12	15	16	
Oc. mutü	8	-	-	5	-	-	-	17	30
Man. müytü	2	-	-	6	-	-	-	7	15
Total	10	-	-	11	-	-	-	24	45

Os dados da tabela 20 revelam a distribuição numérica de monotongação com desnasalização no advérbio 'muito' e a manutenção da forma padrão nos informantes da religião muçulmana, em que apenas três deles registram a forma [mutu], a saber: 3 (1PHM), 8 (2PFM) e 16 (2SFM). Verificamos que, do total de 45 formas do advérbio 'muito', apenas 15 registros ou 33% correspondem à norma padrão do português, restando 30 registros ou 67 % de formas com interferência.

Tabela 21 – Distribuição numérica de monotongação com desnasalização de [muytu > mutu], por informantes da religião cristã.

Monotongação com desnasalização [müytü] >[mutu]	Variável Religião								Total
	Grupo Cristão								
	Informantes								
	1	2	5	6	9	10	13	14	
Oc. mütü	9	10	-	-	-	2	12	5	38
Man. müytü	11	8	-	-	-	23	6	14	62
Total	20	18	-	-	-	25	18	19	100

A tabela 21 distribui as ocorrências de monotongação com desnasalização e a manutenção da forma padrão, por informante da religião cristã. O fenômeno é mais frequente no grupo cristão, manifestando-se na fala de cinco informantes, com um total de 38 ou 56% das ocorrências nesse grupo. No entanto, verificamos que dos 100 registros de ocorrência do advérbio, 62 registros, ou 62%, correspondem à forma padrão do português. Os demais informantes não apresentaram registros no *corpus*.

Embora exista uma tendência, por parte dos falantes muçulmanos, em manter laços estreitos com a prática islâmica, o que implica o uso contínuo do árabe e, supostamente, maior possibilidade de interferências, pelos dados da tabela 21, há maior probabilidade no uso de formas com interferências em informantes do grupo cristão em relação ao grupo muçulmano.

Consideradas as variáveis escolaridade e religião, passamos à análise da variável sexo/gênero, apresentadas nas tabelas 22 e 23.

Tabela 22 – Distribuição numérica de monotongação com desnasalização de [mUytu > mutu] por informantes do sexo feminino.

Monotongação com desnasalização [muytu]>[mutu]	Variável Sexo/Gênero								Total
	Mulheres								
	Informantes								
	2	4	6	8	10	12	14	16	
Oc. [mutu]	10	-	-	5	2	-	5	17	39
Man. [muito]	8	-	-	6	23	-	14	7	58
Total	18	-	-	11	25	-	19	24	97

Tabela 23 – Distribuição numérica de monotongação de [mUytu > mutu] por informantes do sexo masculino.

Monotongação com desnasalização [muytu]>[mutu]	Variável Sexo/Gênero								Total
	Homens								
	Informantes								
	1	3	5	7	9	11	13	15	
Oc. [mutu]	9	8	-	-	-	-	12	-	29
Man. [muito]	11	2	-	-	-	-	6	-	19
Total	20	10	-	-	-	-	18	-	48

As tabelas 22 e 23 demonstram a influência da variável sexo/gênero na produção de interferências de monotongação com desnasalização do advérbio/pronome 'muito' por informante. De acordo com os dados, as alterações fonéticas são produzidas por cinco informantes do sexo feminino e três do sexo masculino. Das 68 ocorrências do fenômeno, 39 estão nos registros femininos e 29 nos masculinos, com uma vantagem de dez ocorrências para o grupo feminino.

Ainda que tal vantagem não seja das maiores, os dados revelam que as mulheres são mais suscetíveis à produção do fenômeno do que os homens. Esse maior rendimento de monotongações na fala das mulheres pode estar associado ao maior volume de dados coletados em mulheres, as quais, por se sentirem à vontade com a entrevistadora do mesmo sexo, apresentaram maior número de ocorrências do fenômeno. Este estilo de registro informal e espontâneo também favorece a manifestação da monotongação, pois, nessas condições, o informante desprende-se da preocupação com as regras gramaticais.

Consideram-se, também, as condições do lugar ocupado pela mulher na tradição cultural árabe. Isto é, de modo geral, não lhes são oferecidos direitos semelhantes aos homens, como oportunidade de estudo, de trabalho, entre outros, o que lhes favorece a manutenção das formas estigmatizadas.

4.1.2.8.3 *Metaplasmos por subtração*

Os metaplasmos por subtração são os que subtraem ou diminuem fonemas nas palavras e podem ocorrer em início, meio ou fim de palavra, omitindo uma vogal ou consoante. Nesta modalidade subtrativa, os metaplasmos se apresentam mediante as seguintes formas: aférese, síncope, haplologia, apócope, crase, sinalefa ou elisão. Nessa classe, a partir dos dados, contemplamos casos de aférese e síncope.

4.1.2.8.4 *Aférese*

Trata-se de uma mudança que consiste na supressão de um fonema inicial ou da parte inicial (uma ou mais sílabas) de um vocábulo. Coutinho (1976) afirma que os casos de aférese eram muito comuns no português antigo, como nos seguintes exemplos: geriza (ojeriza), lambique (alambique), laúde (alaúde), licate (alicate) entre outros.

Nos dados em análise, encontramos diversos exemplos de subtração como, em pra < para, cê < você, entre outros, os quais são comumente encontrados no português

brasileiro e, por essa razão, não foram considerados. Porém, apresentamos exemplos de manifestação do fenômeno, nos quais ocorreu aférese nos seguintes casos:

(a). Aférese do /a/ em verbos: sete ocorrências no informante 1 PFC - judou < ajudou, correntou < acorrentou, trasada < atrasada (duas oc), travessou < atravessou, presentou < apresentou, repende < arrepende.

Aférese do /a/ em verbos	• Produção do falante bilingue	Formas padrão
Exemplos:	‘...patricios amigos <u>judou</u> quando cheguei aqui no...’	Ajudou
	‘... ele <u>correntou</u> o carneiro lá em cima monte Arafat.’	Acorrentou
	‘...se funcionária chega <u>trasada</u> todo dia na loja...’	Atrasada
	‘... <u>travessou</u> país com navio até chegar aqui...’	Atravessou
	‘...alguém <u>presentou</u> meu marido pra mim naquele...’	Apresentou
	‘...hoje eu <u>rependi</u> de não ensinar árabe pra eles...’	Arrependo

(b). Aférese do /e/: uma ocorrência no informante 2SFM - xibimento [exibimento]

Aférese do /a/	• Produção do falante bilingue	Formas padrão
Exemplos:	‘...você pode pensar <u>xibimento</u> , mas os libaneses...’	Exibimento

(c) Aférese dos prefixos /en/ e /in/: seis registros no informante 2 SFM - sinava < ensinava, controu < encontrou, teressado < interessado, crível < incrível, teresse < interesse, tende < entende.

Aférese de prefixos /em/, /in/	• Produção do falante bilingue	Formas padrão
Exemplos:	‘...o cheik <u>sinava</u> alcorão pra nós na escola todo dia...’	Ensinava
	‘...Adão e Eva <u>controu</u> sozinho lá no jardim...’	Encontrou
	‘...ele tava <u>teressado</u> comprar a casa mas depois não...’	Entressado
	‘... tem azizie cidade <u>crível</u> tem gente do mundo todo.’	Incrível
	‘...ali tinha <u>teresse</u> viajá pra Brasil com família dele...’	Interesse
	‘...quando cheguei aqui não <u>tende</u> nem uma palavra...’	Entende

A aférese dos prefixos /en/ e /in/ constituem casos de interferência do árabe, no que diz respeito ao conjunto de hábitos articulatórios que caracterizam essa língua, dentre os quais, observamos com Jubran (2004a), a ausência de atividade das fossas nasais na articulação das vogais. Em nossa análise, temos constatado que essa incompatibilidade dos segmentos orais e nasais dos dois sistemas fonológicos tem gerado interferências na fala dos informantes, observadas em três outros fenômenos, isto é, a despalatalização, a assimilação e a monotongação com desnasalização.

4.1.2.8.5 *Síncope*

De modo geral, o fenômeno de síncope ocorre quando há subtração de um ou mais fonemas no interior de um vocábulo. A síncope é definida por Coutinho (1976) como a subtração de fonema no interior do vocábulo, demonstrada nos exemplos: *mallu* > *mau*, *mediu* > *meio*, *lepore* > *lebre*, *veritate* > *verdade*, etc.

Na evolução do romance lusitânico, há duas síncopes sistemáticas, as quais são mencionadas por Quednau (2002, p. 79):

1. síncope da vogal posterior dos proparoxítonos latinos, com a redução do vocábulo a paroxítono e possível evolução posterior do grupo consonântico resultante, como em *apícula* > *apicla* > *abelha*, *teneru* > *tenru*; 2. síncope de consoante sonora entre vogais, como em *mala* > *maca* > *má*, *pede* > *pee* >

Conforme acrescenta Quednau (2002, p. 79), em períodos mais recentes da história do português, houve ainda a síncope da oclusiva como primeiro membro de grupo consonântico, em vocábulos eruditos, como, por exemplo, em *exepção* > *exceção*; *aritmética* > *arimética*. De acordo com Amaral (2002, p. 99), o fenômeno de síncope ou supressão da vogal postônica não-final das proparoxítonas consiste em uma regra que se originou no latim vulgar, atravessou as diferentes fases do português e difundiu-se em todo o país na fala popular.

De modo geral, o fenômeno de síncope é comum no português brasileiro popular falado em várias regiões do país, devido à influência de distintos fatores sociolinguísticos, atestadamente registrados nos Atlas Linguísticos. Nesta direção, é possível citar exemplos de síncope encontrados na fala rural, tais como *útu*, *utro* [útero]; *estongo* [estômago]; *ócu* [óculos], além de outros. No entanto, exclusivamente no português brasileiro produzido por falantes do árabe, a síncope traz à luz os efeitos da língua materna (árabe), agindo sobre o uso da língua estrangeira (português) e auxiliando na comunicação interpessoal.

No *corpus*, observamos este fenômeno no vocábulo referente ao pronome pessoal 'minha,' o qual sofreu o processo de síncope resultando na forma desnasalizada [mya]. Devido à representatividade desse caso de síncope, mostrando-se estatisticamente pertinente na amostra, apresentamos a tabulação dos dados segundo as variáveis escolaridade, religião e sexo/gênero.

Tabela 24 – Distribuição numérica de síncope com desnasalização de [mya] < [minha], por informante do ensino fundamental.

Síncope [minha] > [mya]	Variável Escolaridade								Total
	Ensino Fundamental								
	Informantes								
	1	2	3	4	S	ó	V	S	
Oc. [mya]	10	i	3	-	V	-	-	ó	2V
Man. [minha]	7	S	4	-	12	-	-	4	32
Total	17	ó	V	-	19	-	-	IO	S9

O *corpus* apresenta 134 registros do pronome possessivo de 1ª pessoa do singular, dos quais 86 (56 %) são de *minha* e 48 (44 %) são da forma sincopada e desnasalizada *mia*.

Tratando-se da ocorrência do fenômeno em falantes do nível fundamental, nota-se na tabela 24 que, dos oito informantes, cinco apresentam formas sincopadas, com exceção dos informantes quatro (1 PFM), seis (2 PFC) e sete (2 PHM). Do total de 48 ocorrências de síncope, 27 ou 56% estão nos registros de falantes menos escolarizados. Desses, o informante um (1PHC) apresenta o maior número de registros em relação aos demais, isto é, das 27 ocorrências nesse nível, dez ou 37% estão presentes nesse informante. Os dados da tabela 12 consideram a influência da variável escolaridade.

Tabela 25 – Distribuição numérica de síncope com desnasalização [mya] < [minha], por informante do ensino médio.

Síncope [minha] > [mya]	Variável Escolaridade								Total
	Ensino Médio								
	Informantes								
	9	iQ	ii	12	13		iS	ió	
Oc. [mya]	-	2	3	-	S	2	-	9	2i
Man. [minha]	-	23	4	-	ó	S	-	ió	S4
Total	-	2S	V	-	ii	V	-	2S	VS

No tocante a produção de síncope do pronome pessoal 'minha' no ensino médio, a tabela 25 informa que há 21 registros de *mia* distribuídos na fala de seis informantes. Três deles não têm registros de ocorrências na amostra, quais sejam: o informante quatro (1 PFM), seis (2 PFC), sete (2 PHM), nove (1 SHC), 12 (1SFM) e 13 (2 SHC). Do total de 48 formas sincopadas do pronome 'minha', 21 ou 44 % constam nos registros dos falantes mais escolarizados. Verifica-se que dos 134 registros do pronome 'minha,' somente 48 ou 36 % se referem à forma estereotipada [mya] e 86 ou 64 % à padrão, isto é, há uma predominância de uso da forma padrão em relação à estigmatizada na fala dos sujeitos envolvidos no estudo.

Assim, os resultados da tabela 24 e 25 indicam o esperado: os informantes menos escolarizados favorecem as formas com interferência e os mais escolarizados as desfavorecem. Com efeito, é possível dizer que o tempo de frequência escolar é o fator determinante da mudança de [minha] > [mya] na amostra.

Encontramos, ainda, nos dados do informante 1PHC, casos de síncope nas palavras proparoxítonas 'chácara,' 'árvore' 'abóbora' e 'música, reduzidas às formas paroxítonas [chakra], [arvre], [a bobra] e [muzga]. Segundo Lemle (1978), há uma tendência no português brasileiro de as proparoxítonas serem reduzidas a paroxítonas pela perda de um ou mais segmentos fonéticos, em que há contextos linguísticos que favorecem tal redução e outros desfavorecem. A autora acrescenta que um dos fatores favorecedores é a aceleração no ritmo da fala, em que as paroxítonas são pronunciadas com mais facilidade, já que as palavras proparoxítonas, devido a sua extensão, têm duração mais longa quando pronunciadas.

Uma evidência adicional para reforçar a importância da forma sincopada [mya] nos é fornecida pelo apagamento do traço palatal / /, conforme já verificamos na experiência com a análise da despalatalização. Ali, ocorreu a permuta da nasal palatal / /, pela nasal alveolar /n/. Aqui, porém, observa-se que na forma [mya], ocorreu a subtração do fonema / /, da sílaba que este constituía com a vogal [a] - nha, restando somente o fonema /a/ oral.

Assim, observamos que, tanto no caso de despalatalização como no caso da síncope, estrategicamente, o falante 'evita' a produção de um fonema inexistente em sua língua, buscando uma maneira mais simplificada de expressão, do ponto de vista articulatório. Com efeito, esse caso de síncope reforça, duplamente, a hipótese de interferência estimulada pelas diferenças existentes nos dois sistemas fonético-fonológicos, inicialmente enunciada neste trabalho.

Importa ressaltar que, na experiência adquirida com a coleta dos dados, observamos o comportamento inconsciente do falante no que se refere à produção de interferências fonéticas/fonológicas de sua fala. Nas situações comunicativas concretizadas durante as entrevistas, o informante transferiu, inconscientemente, os sons de sua língua materna, conforme a sua percepção de distância entre uma e outra. Com efeito, em nenhum momento, o informante parou de falar para se autocorrigir ou perguntar sobre a pronúncia de alguma palavra do português. Contudo, sabe-se que a língua materna, inevitavelmente, interfere no modo como um aprendiz ouve um som na língua estrangeira, além de como ele o produz. Nessa perspectiva, é importante dar atenção à prática auditiva para produzir uma

pronúncia correta, uma vez que se aprende / adquire-se uma pronúncia, ouvindo-a muitas vezes, conforme se dá na aquisição/aprendizagem da língua materna.

No entanto, ainda que os informantes demonstrem esses usos linguísticos de modo subtrativo, a língua não perde seu caráter estrutural, isto é, as estruturas das línguas continuam organizadas e oferecem aos falantes os recursos necessários para a veiculação dos significados, cumprindo o seu objetivo que é a comunicação.

Os resultados da mudança do pronome pessoal 'minha' > mia são analisados a seguir sob a influência da variável religião.

Tabela 26 – Distribuição numérica de [mya] < [minha], por informante, da religião muçulmana.

Síncope [minha] > [mya]	Variável Religião								Total
	Grupo Muçulmano								
	Informantes								
	3	4	1	S	11	12	15	16	
Oc. [mya]	3	-	-	ó	S	-	-	9	21
Man. [minha]	4	-	-	4	4	-	-	16	28
Total	7	-	-	10	1	-	-	25	49

A tabela 26 expõe as ocorrências de síncope e desnasalização do pronome 'minha' e a manutenção da forma padrão do português, em cada informante da religião muçulmana. Do total de 48 ocorrências de síncope, 21 ou 44 % estão nos registros muçulmanos, distribuídas entre apenas quatro informantes.

Tabela 27 – Distribuição numérica de síncope de [mya] < [minha], por informante da religião cristã.

Síncope [minha] > [mya]	Variável Religião								Total
	Grupo Cristão								
	Informantes								
	1	2	5	ó	9	iG			
Oc. [mya]	10	i	1	-	-	2	5	2	21
Man. [minha]	7	S		-	-	23	ó	5	5S
Total	17	ó	19	-	-	25	ii	1	S5

Conforme mostra a tabela 27, a incidência do fenômeno é mais frequente na religião cristã, com 27 ou 56 % do total de registros distribuídos na fala de seis informantes, indicando uma vantagem de sete registros para os falantes desta religião. No entanto, observa-se que o número de registros da forma padrão *minha* (58) é duas vezes maior que a forma *mia* (27), o que sugere a possibilidade de manutenção da padrão.

Face aos resultados expostos nas tabelas 26 e 27, deparamos com a influência da variável religião na determinação da síncope de [mya] > [minha] na amostra, apontando, uma vez mais, que os informantes cristãos evidenciam uma tendência ao emprego de formas estereotipadas em relação aos muçulmanos, ainda que a diferença do número de ocorrências a favor dos cristãos não seja considerada tão acentuada.

Uma vez considerada a variável religião, a seguir testamos os resultados da síncope sob a variável sexo/gênero.

Tabela 28 – Distribuição numérica de síncope de [mya] < [minha], por informante do sexo feminino.

Síncope [minha] > [mya]	Variável Gênero/Sexo								Total
	Mulheres								
	2	4	ó	S	iG			ió	
Oc. [mya]	i	-	-	ó	2	-	2	9	2G
Man. [minha]	5	-	-	4	23	-	5	ió	53
Total	ó	-	-	iG	25	-	1	25	13

Tabela 29 – Distribuição numérica de síncope de [mya] > [minha], por informante do sexo masculino.

Síncope [minha] > [mya]	Variável Gênero/Sexo								Total
	Homens								
	Informantes								
	1	3	5	7	9	11	13	15	
Oc. [mya]	10	3	7	-	-	3	5	-	28
Man. [minha]	7	4	12	-	-	4	6	-	33
Total	17	7	19	-	-	7	11	-	61

As tabelas 28 e 29 expõem a influência da variável sexo/gênero na produção de interferências de síncope com desnasalização do pronome 'minha' e a manutenção da forma padrão do português nos informantes dos dois sistemas religiosos. A mudança se manifesta em 20 registros (42 %) na fala feminina e em 28 (58 %) na fala masculina, indicando uma vantagem de oito registros para os homens. Dos 86 registros de manutenção do pronome pessoal 'minha,' 53 (62 %) estão na fala das mulheres e 33 (38 %) na fala dos homens, o que corrobora com a afirmação de Paiva (2004) de que as mulheres tendem a usar a língua na sua modalidade formal, considerando que a elas é confiada a educação dos filhos, cuidados no lar etc.

Mediante os resultados das tabelas 28 e 29, pode-se concluir que as mulheres tomam mais cuidado evitando as formas estigmatizadas [mya], em relação aos

homens. A fala feminina mostra, pois, mais próxima da linguagem padrão, mais policiada, ao contrário da masculina.

4.1.2.9 Considerações finais sobre as interferências fonético-fonológicas

Conforme temos apresentado, o universo de observação deste estudo é o português produzido por falantes do árabe, notadamente permeado por interferências de traços fonéticos devido ao uso alternado de duas línguas. No nível fonético-fonológico, a análise das interferências na fala, do ponto vista linguístico e extralinguístico, unida à história sociocultural da comunidade a que pertencem, sugere que os traços fonéticos-fonológicos que caracterizam tal comunidade de fala advêm do contato intra e interlinguístico entre o português brasileiro e o árabe, os quais se solidificam na fala e subjazem entre outros fatores:

- (i) a distância linguística entre o português e o árabe;
- (ii) a ausência de acesso ao aprendizado formal do português brasileiro;
- (iii) ao *status* do árabe para os falantes muçulmanos, o qual deriva de sua íntima relação com a prática islâmica e, para os falantes cristãos; origina de sua importância como língua de cultura e tradição.

No estudo dos fenômenos fonéticos verificamos que, embora existam lacunas entre os sistemas fonológicos das duas línguas, as alterações fonéticas na pronúncia do português são inconscientes por serem alheias à vontade dos falantes e, também, aliam-se aos princípios de leis fonéticas das línguas, como por exemplo, a lei do menor esforço, tendência universal em que o falante simplifica a emissão dos sons, facilitando aos órgãos do aparelho fonador. Nessa esteira, entre as estratégias usadas pelos informantes para aliviar a carga cognitiva de ter que se lembrar e usar alternadamente dois sistemas fonológicos, deparamos com trocas de fonemas surdos por sonoros, despalatalizações de fonemas, desnasações, assimilações e outros.

No que concerne especificamente à influência das variáveis sociais na produção dos fenômenos fonéticos, é possível esboçar as seguintes considerações. Os fenômenos cujos resultados foram correlacionados com as variáveis escolaridade, religião e sexo/gênero são 5, isto é, sonorização de /p/ > /b/, despalatalização de /nh/, assimilação de [aW] > [ow], monotongação com desnasação do advérbio 'muito' e a síncope do pronome pessoal com desnasação [mia > mya].

Nos resultados de todos esses fenômenos, constatamos um padrão geral que associa a predominância no uso de formas interferidas ou estigmatizadas a informantes menos

escolarizados e, conseqüentemente, as formas da norma considerada culta do português, a informantes com mais tempo de exposição ao ensino formal. O tempo de escolarização mostrou-se estreitamente correlacionado com a produção dos fenômenos observados, corroborando com estudos sociolinguísticos realizados por Labov (1966) e outros especificados por Scherre *et al* (1996, p. 337-378), referindo-se a pesquisas com o português brasileiro, o francês e o inglês.

Por sua vez, a variável religião mostrou a influência do islamismo de forma acentuada apenas na produção da sonorização /p/ > /b/, ficando para o catolicismo a determinação dos demais fenômenos analisados. Curiosamente, a predominância de formas com interferência nos registros cristãos foi um dado inesperado, pois, é amplamente divulgado e conhecido que libaneses cristãos (católicos, maronitas e ortodoxo) do Brasil são menos conservadores das tradições etnoculturais em relação aos muçulmanos (SAFADY, 1994, TRUZZI, 1997, GATTAZ, 2004). Já entre os muçulmanos há uma tendência à manutenção das identidades culturais efetivadas por meio da prática religiosa, de casamentos endogâmicos e, conseqüentemente, da língua de origem. No entanto, não se pode esquecer de que alguns fenômenos investigados têm natureza essencialmente fonética.

Um aspecto interessante, do ponto de vista sociolinguístico, emerge da correlação entre a variável sexo/gênero e os dados linguísticos, considerados como um todo. Os resultados apresentados nos estudos Labov (1966) e Scherre *et al* (1996), antes referidos, em sua maioria remetem ao sexo feminino o favorecimento à manutenção das formas da norma dita padrão do português brasileiro.

Nesta tese, no entanto, verificamos resultados opostos a esses, demonstrados pelo comportamento da variável sexo/gênero no cruzamento dos dados linguísticos. Ou seja, tomando por base o número de 3.957 formas padrão dos fenômenos estudados, 3075 ou 78 % são mantidas pelos homens e apenas 882 ou 22 % são mantidas pelas mulheres. Ao sexo masculino, portanto, devem-se 601 formas padrão em vantagem em relação ao sexo feminino. Por outro lado, tomando-se por base o espaço ocupado pela mulher árabe e as escassas oportunidades a ela concedidas, em relação ao homem, dentro de um contexto sociocultural predominantemente machista, os resultados são até esperados.

Face às observações apresentadas anteriormente, propomos, portanto, que as interferências da fala dos informantes desse estudo não sejam vistas como 'erros', nem sejam usadas como instrumentos de estigmatização e intolerância, conforme prevê Weinreich (1974), mas, valorizadas como estratégias de cognição usadas pelos falantes como instrumentos de comunicação e interação com seus semelhantes. E, ainda, que as

interferências sejam consideradas marcas identificadoras de membros de uma comunidade de fala que compartilha os mesmos traços linguísticos e lhes atribui valores positivos.

4.2 ANÁLISE DO NÍVEL LÉXICO-SEMÂNTICO

4.2.1 Análise Contrastiva

O objetivo almejado neste nível gramatical é apresentar algumas considerações do anisomorfismo linguístico e cultural expresso nas unidades léxicas do árabe registradas no *corpus*, buscando, na medida do possível, uma comparação com a língua e cultura brasileira.

Núcleo da linguagem humana, o léxico é o meio mais eficaz mediante o qual os falantes de uma língua podem comunicar, com precisão, os pensamentos, valores e crenças que lhes são próprios. Nessa perspectiva, a dimensão semântica dos sistemas linguísticos não está conformada como uma sucessão linear de significações, segundo uma simples lista de palavras. Ao contrário, os sistemas linguísticos tendem a ser fiéis e coerentes em sua representação de mundo.

A distância linguística dos dois sistemas verificada no nível fonético/fonológico é a mesma se comparada com as formas/ padrões no nível morfosintático, revelada pela ordem das palavras no enunciado, o modo como os sistemas linguísticos trabalham o gênero, o número e outros. Entretanto, o nível léxico-semântico é o que mais evidencia as diferenças existentes entre as duas línguas.

A ocorrência de interferências léxicas mediante distintos mecanismos revelou, entre as causas de natureza estrutural, a equivalência parcial ou nula entre as unidades léxicas das duas línguas em contato. Por esse motivo, os imigrantes desenvolveram a criação de novos modelos de linguagem, com um vocabulário específico, a partir de elementos de sua língua materna, a fim de expressar, em algumas situações, seus hábitos, crenças e valores, na complexidade de formas e sentidos deste universo cultural. Em outras situações, os falantes transportam, diretamente, da língua materna um léxico cultural⁸³ e o inserem na variante do português em que se comunicam, como garantia de uma comunicação mais eficaz, do ponto de vista de inteligibilidade.

⁸³ Por "léxico cultural," referimos ao vocabulário usado pelos informantes para designar os referentes próprios ao seu universo sócio-cultural.

4.2.1.1 Aspectos do anisomorfismo linguístico e cultural no nível léxico-semântico

A noção de anisomorfismo aplicado aos sistemas linguísticos geralmente refere-se à ausência de equivalência entre eles, uma vez que cada sistema linguístico é distinto dos demais. Quanto maior a distância linguística entre eles, maiores serão as diferenças e, conseqüentemente, maiores serão as interferências entre ambos e as dificuldades de aprendizado dos mesmos (WEINREICH, 1974, p. 23, **tradução nossa**). Em outras palavras, a transferência entre as línguas está sempre marcada por uma série de assimetrias ou anisomorfismos em suas estruturas. Estas diferenças situam-se no significante e no significado, portanto, no signo linguístico.

Para Varó (2004), o anisomorfismo representou uma palavra de uso constante durante muito tempo nos estudos de Linguística, sobretudo durante o auge do estruturalismo. De acordo com o autor, o anisomorfismo compreende quatro níveis: linguístico, cultural, interpretativo e genérico, porém, aqui interessa-nos o nível linguístico e o nível cultural. Para esse autor, o qual analisou a tradução das unidades léxicas do inglês para o espanhol em dicionários bilíngues, o anisomorfismo pode revelar-se em grau alto, médio e baixo, sendo considerado alto quando o número de assimetrias linguísticas e culturais é muito elevado, em relação aos graus médio e baixo. Outros autores, tais como Kromann; Riiber; Rosbach (1991, apud FARIAS, 2009, p. 185) estabelecem três níveis de relações de equivalência - plena [full equivalents], parcial [partial equivalents] e nula [non-equivalents], quando se analisam as unidades léxicas de línguas diferentes.

Nas relações léxico-semânticas entre o árabe e o português, nota-se um grau acentuado de assimetria, conforme expõe o quadro a seguir, onde se vê a dificuldade em se estabelecer uma correspondência direta ou plena entre as formas e as estruturas das duas línguas, conforme expõe o quadro 11.

Quadro 11 – Comparação léxico-semântica de unidades léxicas do árabe e do português brasileiro.

Árabe	Português
1. • <i>arus</i> (fem.), <i>aris</i> (masc.)- noivo (a)	• <i>namorado</i> (a) • <i>noivo</i> (a)
2. • <i>muallim</i> - professor de 1º e 2º grau • <i>'ustads</i> - professor universitário	• <i>professor</i>
3 • <i>Ibn al khyr</i> - sobrinho por parte do irmão • <i>Ibn al ukht</i> - sobrinho por parte da irmã	• <i>sobrinho</i> (a)
4. • Termos religiosos: <i>alghêb, kafeie, ahdar u ahdar, abei, haji, dabk, Idl Ramadan</i> etc. • Termos culinários: <i>meet, raha, chawarma, labania chirie lie, 'acup, chuchubáarak, mabule, ba 'lewi, fusdu hálabi</i> etc.	(Termos sem equivalência no PB)

Fonte: Dados do *corpus*

O quadro 11 compara as formas e os sentidos de unidades léxicas do árabe e do português brasileiro, a partir de interferências extraídas do *corpus*. Tendo em mente que o léxico reflete os valores socioculturais de uma comunidade linguística, o quadro acima faz algumas indicações de contrastes sobre a maneira como as línguas estruturam as formas e os sentidos das unidades léxicas que lhes pertencem. É notável a assimetria contrastiva entre as unidades léxicas das duas línguas. No primeiro exemplo, as palavras *arus* e *aris* referem-se, segundo a cultura árabe, à condição do relacionamento entre o rapaz e a moça, no que concerne ao compromisso de casamento firmado entre as duas famílias e a religião. Nessa cultura não existe a fase do namoro, conforme há no costume brasileiro, não existindo, por consequência, os termos 'namoro' e 'namorado(a)'. No Brasil, pelo menos teoricamente, o termo 'namorado(a)' define a condição da moça ou do rapaz durante o período de namoro, caminhando-se, posteriormente, para a etapa de 'noivo(a),' condição na qual ambos fazem promessa solene de casamento.

O segundo caso deixa claro que o árabe usa mais de um vocábulo designando gradação de sentidos entre as palavras *muálim*, para indicar professor de ensino fundamental e médio e a palavra *'ustadz*, para indicar professor de nível superior. No português, ao contrário, usa-se comumente apenas um vocábulo, professor, para os dois níveis. Em terceiro, temos duas palavras compostas *Ibn al ukht*, para referir-se ao sobrinho por parte de irmã e *Ibn al khay*, para indicar sobrinho por parte de irmão, contrariamente, em português, usa-se uma só forma, 'sobrinho' para os dois casos.

Já os itens três e quatro acenam para interferências representativas da típica culinária libanesa e da específica cultura islâmica. As palavras integrantes desses domínios são usadas amplamente no português dos imigrantes e, em menor grau, nos descendentes e

podem ser encontradas em diversos sites e materiais divulgados na modalidade escrita do português. O anisomorfismo cultural é o mais difícil de abordar, pois a cultura compreende um gama de crenças, costumes, ideologias, pressuposições, comportamentos e outros, que, ao longo do tempo, uma comunidade adota como naturais ou próprias ao ser humano. No que concerne às unidades léxicas que expressam realidades próprias ao islamismo, temos consciência de que, não há correspondência plena entre elas no português nem em outra língua existente, considerando que o árabe representa a língua do islamismo e, por excelência, a escrita no Alcorão. As quatro situações exemplificadas mostram que os falantes, ao se comunicarem em português, importam de uma só vez as formas e os sentidos das unidades léxicas próprias ao árabe, para o português, como um meio de precisar o sentido que nelas contêm, abrindo espaços para as interferências socioculturais.

O impacto das diferenças existentes entre os dois sistemas linguísticos, verificadas na análise contrastiva, pode ser claramente notado a partir das interferências fonético-fonológicas registradas na fala dos informantes, demonstrada na análise a seguir.

4.2.2 Análise de Interferências do Nível Léxico-Semântico

O domínio linguístico onde há evidência de um índice maior de transferência de elementos de uma língua a outra é o léxico, pois as unidades léxicas são mais suscetíveis à interferência em relação aos demais níveis gramaticais das línguas. Haugen (1950) já afirmava que essa idéia foi constatada desde 1881, por William Dwight Whitney, mediante suas pesquisas com línguas mistas. Entre outros motivos, acreditamos que a permeabilidade de elementos de uma língua a outra se alia estreitamente ao fato de o vocabulário representar o elo entre a linguagem e a realidade exterior e cada falante recortar sua realidade de maneira distinta, com o fim de expressar suas idéias e os seus conceitos no universo cotidiano a que pertence.

Assim, tendo em vista que a análise de qualquer nível gramatical implica um conjunto de escolhas coordenadas sobre aspectos relacionados à estrutura e ao funcionamento do sistema linguístico, apresentamos em seguida as principais medidas teórico-metodológicas tomadas na análise das interferências léxicas.

Em constatação ao exposto no primeiro parágrafo, verificamos no *corpus* considerável número de interferências léxicas do árabe usado pelos informantes para expressar os referentes culturais que lhes são próprios, sendo por essa razão entendidas aqui como *arabismos*. Para uma conceituação de arabismos, nos apoiamos em Piel (1989), o qual

considera que os arabismos devem ser entendidos não apenas como vocábulos árabes, mas também, os vocábulos originalmente não árabes, isto é, ocidentais, berberes e outros, incorporados no léxico dos muçulmanos peninsulares.

Para evitar equívocos sobre a delimitação das unidades léxicas⁸⁴ do *corpus*, é fundamental assinalar a adoção do termo 'lexia,' introduzido por Pottier (1974) para se referir a diferentes tipos de palavras e conjunto de palavras. Em atenção às proposições do autor, usamos o termo *lexia* para nos referir aos distintos tipos de unidades léxicas aqui analisadas:

1. *lexia* simples: consiste de uma só palavra, por exemplo: *alhijeb, fatuche e dabk*.
2. *lexia* composta: composta por palavras livres e separadas por espaços brancos. Exemplos: *kub keshki, homus be tahine e sanduíche de zátar*.
3. *lexia* complexa: representa uma *lexia* complexa que atende ao nível de um enunciado, representada pelas orações islâmicas, os provérbios árabes e as saudações. Exemplo: *bismi lahi u raymani rahim*.

Tomamos, também, as considerações de Biderman (1999, p. 98, **grifo nosso**), para quem "**léxico**⁸⁵ é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua e **vocabulário** é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades". Nesta perspectiva, portanto, a unidade léxica analisada nesta investigação é referida por 'lexia,' ou por 'vocábulo,' o qual consiste na atualização da *lexia* no âmbito de determinado discurso.

O critério empregado para a seleção das *lexias* consistiu na frequência de uso representativo por informante, isto é, levamos em conta uma ocorrência em cada entrevista realizada. Desse modo, quanto à circulação das *lexias* na amostra, o tratamento quantitativo consistiu na observação da frequência de uso, segundo Borba (2003), adequada à pesquisa. Estabelecemos uma frequência baixa de 2 a 4 ocorrências; média, de 5 a 7

⁸⁴ Biderman (1999, p. 82) declara que "o conceito de palavra não pode ter valor absoluto; ele é relativo e varia de língua para língua," isto é, só seria possível identificar uma unidade léxica, delimitá-la e conceituá-la, considerando-se o interior de cada uma das línguas. A autora considera três critérios para delimitar a palavra: o critério fonológico, o critério morfossintático e o critério semântico. Embora considere funcionais os critérios fonológico e morfossintático, é ao critério semântico que atribui maior relevância, para a autora, a semântica pode "nos oferecer a chave dos mistérios da palavra".

⁸⁵ Para Biderman (1981, p. 138), o léxico situa-se entre o linguístico e o extralinguístico, sendo o menos linguístico de todos os outros domínios de linguagem e "inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado". O léxico se encontra organizado tanto nos dicionários de uma língua quanto no cérebro do indivíduo e mesmo um falante adulto está sempre aprendendo novos elementos léxicos, considerando que o léxico é um conjunto aberto e seu domínio se dá diferentemente de outros domínios, como por exemplo, o fonológico, o morfossintático; o "acervo léxico arquivado na memória de um indivíduo deve ser sensivelmente semelhante àquele existente na memória de outro falante da mesma língua". (BIDERMAN, 1981, p. 138)

ocorrências e uma frequência alta para 8 a 10 ocorrências. Em decorrência dessa medida, preferimos descartar os *hapax legomena*.⁸⁶

Para a classificação e análise das interferências selecionadas, pautamo-nos nos modelos propostos por Weinreich (1974) e Durão (2007, p. 39-44), resultando em três grandes grupos, a saber: 1. Interferências de produção mediante substituição, 2. interferências de produção mediante calcos ou traduções e 3. interferências mediante composições híbridas.

4.3.1 Interferências de produção mediante substituição

Segundo Durão (2007), as interferências de produção ocorridas mediante mecanismos de substituição implicam o uso de vocábulos pertencentes à língua materna na comunicação em língua estrangeira. Essa classe de interferências é detalhada por Silva-Corvalán (1974) a partir da consideração entre duas línguas A e B, aqui A - representada pelo árabe, e B - pelo português brasileiro. No contato entre ambas, Silva-Corvalán (1994) afirma, que a interferência resulta na substituição de uma forma da língua B, por uma forma da língua A, ou a incorporação de um elemento da língua A à língua B, inexistente em B. Acrescenta que, em ambos os casos, a forma da língua A pode ser incorporada a B, com ou sem o seu pleno significado, podendo passar por várias fases de adaptação morfológica e fonológica na língua B.

Na literatura da área, esse tipo de interferência é comumente denominado empréstimo linguístico que, por sua vez, representa o centro de uma complexa discussão, atraindo para si o conceito de estrangeirismo. Sobre esse aspecto, reiteramos as observações de Weinreich (1974), quando explica que as *interferências na fala* ocorrem em consequência dos conhecimentos pessoais do bilíngue sobre uma língua que, apesar de não ser a materna, ele a utiliza para comunicação. Quanto às *interferências na língua*, afirma que ocorrem quando um falante de uma língua X, usa um elemento da língua Y na língua X, não como empréstimo dessa língua, mas porque ouviu outros enunciados em X, nos quais esse elemento emprestado estava presente, daí a considerá-lo como próprio da língua X.

Não obstante, Haugen (1950) argumenta que, ainda que um fato linguístico tenda a se estender ao discurso dos demais membros da mesma comunidade, esse matiza, com o passar do tempo e com a intensidade de seu uso, seu caráter interferencial. O que significa dizer que, uma vez que o fenômeno linguístico chega a se estender para a fala dos demais

⁸⁶ A expressão *hapax legomena*, do grego - *hapax*, 'uma só vez,' *legomenon*, 'dito,' 'o que se diz' - é usada para se referir às palavras que ocorrem uma única vez em determinado texto.

membros da comunidade linguística, ele perde seu caráter de interferência e, então, passa a constituir parte da língua.

Tomando tais sugestões por apoio, para evitar equívocos conceituais neste estudo, consideramos como 'empréstimos integrados' as interferências do árabe já matizadas, integradas ou em fase de adaptação ao português (B), encontradas em obras e dicionários brasileiros. As interferências na fala, ainda não sistematizadas nos dicionários gerais da língua, consideramos os 'empréstimos culturais,' ou estrangeirismos, isto é, as unidades léxicas do árabe, estrangeiras ao falante do português brasileiro. A seguir, comentamos acerca dos empréstimos integrados e dos estrangeirismos.

4.2.2.1 Empréstimos integrados ou propriamente ditos

Consideramos empréstimo linguístico o resultado do contato entre duas línguas, a partir do qual elementos de uma língua se integram linguisticamente ao léxico de outra depois de passar por um processo de adaptação fonética/fonológica, gráfica, morfossintática e semântica, para, então, integrar-se ao dicionário da língua receptora. Essa visão é encontrada em Alves (1994), Carvalho (1989), e Freitas, Ramilho e Soalheiro (2003). Em decorrência dessa postura, estabelecemos seis obras lexicográficas como parâmetros de nossas reflexões sobre a integração dos empréstimos no português brasileiro, apresentadas a seguir com suas abreviaturas, a partir das quais são referidas na análise.

- (1) LPOA: Léxico Português de Origem Árabe: Subsídios para os Estudos de Filologia (VARGENS, 2007),
- (2) DELP: Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa (CUNHA, 2007),
- (3) DTALP: Dicionário de Termos Árabes da Língua Portuguesa (VIEIRA, 2006),
- (4) DHLP: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2001); Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (versão escrita) (HOUAISS, 2009),
- (5) DALP: Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa, 1999 (versão eletrônica) (FERREIRA, 1999),
- (6) MDLP: DICMAXI Michaélis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (versão eletrônica) (MICHAËLIS, 1998).

A escolha dessas obras obedece a distintas considerações. Em primeiro lugar, o *Léxico Português de Origem Árabe* prende-se ao fato de ser esta a obra que reúne o maior número de arabismos introduzidos ao português brasileiro pela imigração libanesa.

Essa obra contém 13 arabismos: baba hanuche (babarranuje), beirute, beleua (belewa), cafta (kafta), esfíha (esfia, esfirra), falafel, homos (homus), laban, labna, mijadra, quibe (kibe), tabule e tahine.

Os dicionários gerais *Novo Aurélio século XXI*, as duas versões do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e o *DICMAXI Michaëlis Português* se constituem obras extensas da língua portuguesa contemporânea e arrolam o maior número de itens da língua comum. Essas características atendem de pronto aos nossos objetivos. Optamos, também, pelo *Dicionário de Termos árabes da Língua Portuguesa* por representar uma obra especializada sobre arabismos e, tendo em vista a necessidade de consulta a uma obra etimológica, incluímos o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*.

Verificamos na amostra um conjunto de 15 empréstimos árabes, dos quais, 14 estão relacionados aos hábitos alimentares dos informantes, já integrados ou em fase de adaptação ao português brasileiro, a saber: *babaganuche*, *beirute*, *beleua*, *cafta*, *esfirra*, *falafel*, *quibe*, *homos*, *lában*, *lábane*, *munjádara*, *tabule*, *tahine* e *humos be tahine*, e apenas 1 empréstimo pertencente à religião, qual seja: *druso*. A circulação desse vocabulário na amostra apresentou uma frequência de uso alta de 8 e 10 ocorrências, revelando que, ainda atualmente, esses empréstimos nomeiam os alimentos do cardápio predileto da comunidade libanesa, permeando frequentemente as conversações dos informantes. Conforme verificamos com Weinreich (1974) e Poulisse e Bongaerts (1994), a frequência é um importante fator estrutural, pois as unidades léxicas com alta frequência na fala são possíveis candidatas à intensional transferência léxica na língua. Para ilustrar, demonstramos o exemplo (12) transcrito no *corpus*:

Ex. 7: INF:- (2SFM)...aqui em casa eu faço *homos tabule* quase todos dia, agora *esfiha*, *babaganuche*, *quibe* e *lában* essas coisa que eles gostam eu faço no fim da semana porque dá mais tempo da gente fica em casa toda a família junta.

O mecanismo de interferência verificado a partir desses empréstimos consistiu na passagem de unidades léxicas do árabe, na forma e no conteúdo, para o português, obedecendo a distintas etapas de adaptação fonético-fonológica, gráfica e semântica para integrarem o sistema do português.

Os próximos parágrafos discutem aspectos relacionados à integração dos empréstimos sírio-libaneses no português brasileiro.

4.2.2.2 O processo de integração dos empréstimos sírio-libaneses no português brasileiro.

A descrição de uma língua, segundo Bloomfield (1933, p. 449), apresenta uma camada de estrangeirismos com desvios dos traços da língua importadora. Em algumas línguas, tal descrição apontará uma camada de formas semi-estrangeiras, parcialmente adaptadas ao sistema da língua importadora, mas ainda retendo características estrangeiras, camada secundária cuja existência se deve a uma importação mais antiga. Por fim, a completa adaptação do empréstimo apaga marcas que identifiquem a sua origem estrangeira. A referência à coexistência de estrangeirismos em diferentes fases de integração, apontando a possibilidade de sua descrição comparativa, entre aqueles com a mesma origem estrangeira e destes com a estrutura da língua importadora, extrapola a correlação tempo-adaptação a que usualmente se restringe a literatura especializada em empréstimos e estrangeirismos.

Segundo Freitas, Ramilo e Soalheiro (2003), baseados em estudo da integração de anglicismos ao português europeu, o processo de assimilação de estrangeirismos se processa em 3 fases que correspondem ao tipo de alterações evidenciadas pela palavra estrangeira: i) transformações imediatas, ii) transformações progressivas e iii) integração no léxico. Úteis para este trabalho, as transformações que caracterizam a segunda fase do processo de adaptação decorrem do tempo e da frequência de uso do estrangeirismo e, a partir daí, ocorre a aproximação mais significativa, no nível formal, entre os estrangeirismos e as demais palavras do léxico português. Assim, para melhor entendimento dos fenômenos correspondentes a cada fase do processo de integração, apresentamos um quadro geral dos fenômenos verificados no processo de integração de estrangeirismos conforme o nível de análise e a fase em que ocorrem, adaptados segundo a proposta de Freitas, Ramilo e Soalheiro (2003, p. 371).

Quadro 12 – Distribuição de fenômenos por fase do processo de integração de anglicismos ao Português Europeu.

Critério/Fase	1ª Fase	2ª Fase	3ª Fase
Característica	Adaptação imediata.	Adaptação progressiva.	Integração ao léxico da língua portuguesa.
Nível Fonético-Fonológico	Adaptação fonética imediata.	Adaptação fonética progressiva	Estabilização fonológica: fixação do acento.
Nível Morfossintático	Adaptação morfossintática imediata.	Adaptação morfossintática progressiva: possibilidade de formação de novas palavras por prefixação e composição.	Plena integração morfossintática: fixação do gênero e da forma de plural. Integração no sistema morfológico da língua: possibilidade de derivação.
Nível Semântico	Monossemia: manutenção do significado com que a palavra é importada.	Monossemia: manutenção do significado com que a palavra é importada.	Polissemia: tendência para extensão, restrição ou modificação do significado da forma original.
Grafia	Grafia na língua de origem. Hesitação nos tipos gráficos.	Formas concorrentes no nível gráfico.	Grafia normatizada.
Atestação Lexicográfica	Sem atestação.	Atestação lexicográfica (normatizada ou não).	Atestação lexicográfica normatizada.

Fonte: Freitas, Ramilho e Soalheiro (2003, p. 13) [adaptado].

Com base nesses aportes, os referidos autores definem como estrangeirismos todas as palavras estrangeiras que não estão integradas ao léxico da língua, conforme os critérios definidos no quadro 12. Para eles, o termo estrangeirismo não designa o processo de passagem da palavra de uma língua para outra, como se entende normalmente com os termos empréstimos e importação e, não designa apenas a primeira fase na importação de uma palavra.

Não obstante, para Bloomfield (1940, p. 450), a integração de estrangeirismos é considerada problemática em todos os estágios, considerando-se os fatores altamente variáveis nela envolvidos, inclusive adaptações baseadas nos hábitos linguísticos individuais de falantes. Tanto durante o processo de integração quanto concluído, a estrutura pode parecer "estranha", o que pode ser irrelevante para falantes familiarizados com formas estrangeiras e semi-estrangeiras, mas não para os demais usuários da língua, podendo se dar uma nova adaptação, pautada na etimologia popular, para tornar o empréstimo estrutural ou lexicalmente mais inteligível.

Em todos os estágios, a assimilação de palavras estrangeiras apresenta muitos problemas. [...] Provavelmente aqui temos de considerar fatores altamente variáveis, inclusive adaptações baseadas em hábitos de falantes individuais. Tanto durante o processo de integração do empréstimo quanto depois deste, provavelmente a estrutura será ininteligível. As línguas e, em uma língua, grupos de falantes familiarizados com formas estrangeiras ou semi-estrangeiras, tolerarão este estado de coisas; em outros casos, uma adaptação mais avançada, no sentido da etimologia popular, tornaria a forma estruturalmente ou lexicalmente mais inteligível [...].⁸⁷ (BLOOMFIELD, 1940, p. 450, **tradução nossa**).

O empréstimo fica sujeito às mudanças fonéticas verificadas após a sua adoção, no que se diferencia da substituição fonética e de outras mudanças adaptativas. Com efeito, o desenvolvimento fonético de empréstimos frequentemente aponta a forma fonética vigente à época da sua adoção, além da datação aproximada estabelecida para várias mudanças fonéticas.

Muller (1979, *apud* MARANHÃO, 2011, p. 186), ao tratar de empréstimo na língua alemã, questiona a designação de estrangeirismo atribuída às palavras originadas em uma língua estrangeira, porque, além de o termo ter adquirido valor ideológico, não distingue o grau de pertencimento à língua que adota o vocábulo estrangeiro. Assim, o uso do termo se aplicaria mais adequadamente às análises linguísticas diacrônicas. A sua aplicação na Linguística Sincrónica demandaria a redefinição do conceito para 'elemento que contém características linguísticas estranhas ao sistema em que se verifica' ou 'elemento linguístico estranho'. É preciso, portanto, analisar-lhe os traços que o diferenciam das demais palavras do sistema, e considerar os traços gráficos, grafo-fonéticos, morfossintáticos e léxico-semânticos.

4.2.2.2.1 *A integração dos empréstimos sírio-libaneses nos dicionários brasileiros*

O estudo dos arabismos no português brasileiro constitui uma lacuna na Lexicografia do país devido à ausência de trabalhos que abordam esse tema. Assim, é necessário que se registrem aqui algumas conclusões da recente tese defendida por Maranhão (2011), sobre a dicionarização dos arabismos pela Lexicografia brasileira. A autora ocupa-se de questões relacionadas à lexicografia de todos os arabismos do português pelas distintas

⁸⁷ " At all stages, the assimilation of foreign words presents many problems. [...] We probably have to reckon here with highly variable factors, including adaptations based on the habits of individual speakers. Both during the progress toward the status of a loan-form, and after that status has been reached, the structure is likely to be unintelligible. The languages and, within a language, the groups of speakers that are familiar with foreign and semi-foreign forms, will tolerate this state of affairs; in other cases, a further adaptation, in the sense of popular etymology, may render the form structurally or lexically more intelligible [...]."

vias de entrada, antes referidas. Segundo Maranhão⁸⁸ (2011, p. 198), há cinco problemas na dicionarização de arabismos pela lexicografia brasileira, quais sejam:

- (1) falta de registro de arabismos do português brasileiro;
- (2) Se registrados, atribuição equivocada de origem das palavras;
- (3) registro de falsos arabismos;
- (4) não identificação de origem árabe a vocábulos cuja acepção se relacione ao mundo islâmico,
- (5) inadequação das fontes secundárias sobre arabismos, indicadas nas referências bibliográficas dos produtos lexicográficos brasileiros.

Maranhão (2011, p. 198) afirma que, excluindo o primeiro problema elencado, os quatros últimos são resultantes da desatualização das informações de cunho etimológico, considerando-se descobertas mais recentes no âmbito da Filologia Árabe-Românica.

No tocante à nomenclatura dos arabismos nas obras analisadas, a autora destaca o "Léxico Português de origem Árabe," cuja atualização dos dados registrados em seus verbetes, se reflete na ampla bibliografia especializada. Sobre as demais obras, Maranhão (2011, p. 200) faz a seguinte análise crítica:

As referências indicadas nos dicionários gerais de língua portuguesa consultados, entretanto, não contemplam o tema em questão. Com efeito, a versão impressa do dicionário *Michaêlis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (Ed. MICHAËLIS, 1998) não apresenta a bibliografia empregada na elaboração da obra. A versão impressa do *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1999, p. 2111-2128), apesar do registro de farta bibliografia, apresenta numerosas referências da literatura de expressão portuguesa, européia, africana e brasileira, empregadas nas abonações. Já a versão impressa do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, VILLAR, 2001, p. 2914-2922) indica apenas, no que concerne à língua árabe. As fontes secundárias em geral consultadas pela lexicografia brasileira, no que se refere aos arabismos portugueses, se caracterizam simultaneamente pela desatualização, face à divulgação de pesquisas mais recentes, e à inadequação do conteúdo das poucas obras registradas nas referências bibliográficas.

Tendo em vista que esta pesquisa é uma iniciativa pioneira em torno da influência da imigração libanesa no Brasil, nos pautamos nas considerações apresentadas acima, no tocante aos problemas evidenciados na dicionarização dos arabismos, e tomamos a

⁸⁸ Samantha de Moura Maranhão é professora do Departamento de Letras da Universidade Federal do Piauí - UFPI. As informações citadas acima foram enviadas pela própria autora, como contribuição a esta pesquisa, uma vez que o trabalho completo da autora ainda não foi disponibilizado para divulgação.

questão descrita em (1), levantada por Maranhão (2011), para efeito de nossa reflexão especificamente sobre os arabismos sírio-libaneses a partir dos dados da amostra.

Assim, comparamos o total de 15 registros de arabismos oferecidos pela imigração libanesa ao português brasileiro, compilados na obra especializada LPOA, com a sua dicionarização na versão eletrônica das obras *Novo Aurélio século XXI*, o dicionário da língua portuguesa, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e do *DICMAXI Michaêlis Português*, bem como na obra especializada, o *Dicionário de Termos árabes da Língua Portuguesa* e na etimológica, o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Verificamos que a primeira dificuldade observada, efetivamente, é o da dicionarização de arabismos introduzidos pela via brasileira, isto é, trata-se da inclusão ou não desses arabismos nas obras lexicográficas brasileiras. Destas obras, estabelecemos o LPOA como obra-base de referência, uma vez que organiza o maior número de arabismos sírio-libaneses dentre as demais obras, isto é, 13 arabismos. A partir da consulta às obras lexicográficas selecionadas, elaboramos a Tabela 30.

Tabela 30 – Arabismos da imigração sírio-libanesa registrados no *corpus* e dicionarizados.

Obras Lexicográficas	Arabismos registrados	Número de ar. encontrados
LPOA	baba hanuche (babarranuje), beirute, beleua (belewa), cafta (kafta), esfiha (esfia, esfirra), falafel, homos (homus), laban, labna, mijadna, quibe (kibe), tabule e tahine.	13
NHLP	baba-ghanuji, beirute, beleua (bileua), cafta, druso, esfiha (esfirra, sfiha), homos (homus, hamus), homus bi tahine, mijadra (mejadra, mjadra), quibe, tabule, tahine.	12
DALP	cafta, esfiha (esfirra, esfia), druso, homos (homus), quibe, tabule, tahine (taine).	08
DTALP	cafta, esfia (esfirra), druso, quibe, tabule, taine.	06
MDLP	cafta, esfia (esfirra), quibe, tabule, taine.	05
DELP	quibe.	01

A Tabela 30 apresenta o número de arabismos ou empréstimos consolidados registrados com suas variantes entre parênteses nas obras lexicográficas do português brasileiro e o percentual dos vocábulos encontrados em cada obra. Conforme se verifica, o LPOA e o NHLP são as obras que reúnem o maior número de empréstimos da herança léxica sírio-libanesa, antes mencionado. Assim, em ordem decrescente, o LPOA apresenta 13 registros dos arabismos. Um dado importante a ser assinalado no contexto dessa pesquisa é oferecido pelo NHLP, o qual registra 12 empréstimos, entre esses, chamamos a atenção para a designação 'druso,' cuja inclusão no NHLP revela o conhecimento do lexicógrafo com os dados linguísticos trabalhados.

Houaiss (2009), filho de pais libaneses, portanto, sabedor das particularidades socioculturais desse ambiente, registra em seu dicionário a seguinte informação no verbete *druso*: 'que ou aquele que é membro de uma seita maometana extremista, fundada no Líbano, no século XI, fundada por Mohammed Ibn-Ismail Daraziyy.' O fato que desejamos ressaltar é que a seita 'drusa'⁸⁹, diferente de outras religiões praticadas no Líbano como, por exemplo, o islamismo e o catolicismo, é originária tão somente da região do Líbano, onde há maior concentração de seguidores, havendo menores ramificações em outros países árabes adjacentes. *Druso*, portanto, é um arabismo representativo da particular história socioreligiosa desse país. Dentre os informantes do grupo muçulmanos selecionados para tomar parte nesse estudo, dois são drusos. Além do NHLP, notamos a inclusão deste arabismo também no DTALP e no DALP.

Por sua vez, a edição eletrônica do DALP apresenta um total de 8 dos arabismos sírio-libaneses dicionarizados no LPOA. O DTALP apresenta 6 dos empréstimos citados e o MDLP organiza 5 desse vocabulário. Finalmente, a terceira edição do DELP registra, exclusivamente, o arabismo *quibe*.

Além da questão de inclusão ou não dos arabismos coletados durante a pesquisa nas obras citadas, observamos, também, que esses não apresentam identificação no tocante à dimensão diglósica da língua árabe, isto é, não há referências que indiquem se os arabismos pertencem ao árabe corânico (árabe clássico) ou ao árabe padrão moderno ou a determinado dialeto regional dessa língua. Conforme já mencionamos, os arabismos pertencentes aos dialetos regionais do árabe são usados apenas oralmente e não têm registros na modalidade padrão da língua que é escrita. Outro aspecto relevante verificado na consulta às obras diz respeito às mudanças pelas quais passam os empréstimos árabes durante o processo de adaptação e integração ao português brasileiro, cujas considerações são tratadas separadamente a seguir.

⁸⁹ "A religião drusa desenvolveu-se a partir do Islão ismaelita, movimento filosófico baseado no califado, durante o século X, em uma época de particular riqueza cultural. A religião não tentou reformar o Islão, mas criar um novo corpo religioso, influenciado pela filosofia grega, gnose e o cristianismo, entre outros. Os drusos estão fixados em pequena comunidade religiosa autônoma que reside, sobretudo, no Líbano, Israel, Síria, Turquia e Jordânia. Eles usam a língua árabe e seguem um modelo social muito semelhante ao dos árabes da região. Não são considerados muçulmanos pela maioria dos muçulmanos da região, apesar de alguns drusos dizerem que a sua religião é islâmica. A maioria dos drusos considera-se árabe, apesar de alguns drusos israelenses não se considerarem como tal (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Drusos>)."

4.2.2.2.2 Transformações gráficas e fonológicas na integração dos arabismos sírio-libaneses no português brasileiro.

É natural que as unidades léxicas manifestem algumas transformações quando passam de um sistema linguístico a outro. Também é certo afirmar que as mudanças serão tanto mais significativas e intensas quanto maiores as diferenças entre as línguas, considerando os aspectos fonético-fonológicos, a estrutura morfossintática e os parâmetros léxico-semânticos de ambas. Nessa direção, analisamos, com base em Freitas, Ramilo e Soalheiro (2003), algumas alterações evidenciadas pelos arabismos no processo de integração ao português brasileiro, demonstradas nas obras lexicográficas.

Conforme propõem os referidos autores, a segunda fase de adaptação caracteriza-se pelas adaptações progressivas por que passam as palavras estrangeiras até serem incluídas na língua receptora. Tendo em vista as propriedades que caracterizam as transformações dos vocábulos na segunda fase do processo de adaptação, consideramos 1. a simplificação de segmentos consonânticos e 2. a tentativa de fixação do acento, demonstradas nos quadros 13 e 14.

Quadro 13 – Transformações sofridas pelos arabismos no processo de adaptação ao português brasileiro, mediante a simplificação de fonemas consonantais.

Formas do Árabe	Adaptação fonética progressiva	Possíveis formas do Português
Babaganuch	Baga[h]anu[che]; baba[rr]anu[jê]; baba[gh]anu[che]	Babaganuche
Munjádra	[mi]jád[ana], [m/jad[ra], [mi]jadra, [me]jadra	mijadra; mejadra
Esfíha	[e]sfí[a], [s]fí[rr]a	Esfirra
Tahine	ta[/]ne,	Tahine

O quadro 13 apresenta o percurso evolutivo evidenciado pelos arabismos sírio-libaneses até sua integração à variante brasileira do português. Os dados indicam que a adaptação fonética alia-se diretamente ao fato de não existirem, no português brasileiro, os mesmos fonemas ou contrastes de fonemas que existem no árabe, questão já discutida na análise contrastiva e na fonético-fonológica. Ressaltamos, contudo, o fenômeno ocorrido com o fonema árabe /Ó/, produzido na região da faringe, nos vocábulos Óumus [húmus] e taÓine [tahine]. Este último passou por uma adaptação fonética progressiva no português, passando para *táine* onde [h] representa uma letra sem som e depois estabilizando na forma *tahine*. Outro arabismo que revela a dificuldade do falante brasileiro com a pronúncia dos sons semíticos é *esfiha*. Entretanto a oscilação entre as formas gráficas esfi[h]a - esfi[a] parece

estabilizar-se na forma sonora aportuguesada 'esfi[rr]a', segundo informa o Dicionário Houaiss.

Conforme se vê, o caminho 'estrangeirismo — empréstimos' nem sempre é percorrido de maneira previsível, pois, não se pode esperar que uma unidade léxica estrangeira apague, de um momento para outro, todo vestígio de sua proveniência alógena. Além disso, a adaptação fonética progressiva decorre do tempo e da frequência de uso, condições mediante as quais, ocorre uma aproximação mais significativa entre a palavra estrangeira e as restantes palavras do português brasileiro. Lembrando que as mudanças linguísticas ocorrem contínua, gradual e lentamente, esses empréstimos encontram-se em fase de adaptação já por mais de 134 anos, período de permanência da imigração libanesa no país.

Nessa perspectiva, lembramos que Mackey (1972), em concordância com Weinreich (1974), advertiu que determinado elemento se apresentará mais integrado, quanto mais assimilado se apresente às normas da língua receptora, isto é, quanto maior seja seu uso na fala da comunidade geral, maior será a possibilidade de integração. Para Mackey (1972), a dimensão linguística e social da integração estão relacionadas diretamente às proporções de adaptação e adoção na delimitação das interferências. Nesses termos, a integração social pode-se definir, sincronicamente, como a frequência e a difusão de determinados arabismos na fala da comunidade e, diacronicamente, como uma fase do processo do empréstimo, conforme temos demonstrado.

No tocante às formas gráficas e às tentativas de acentuação desses empréstimos, apresentamos as observações no quadro 14.

Quadro 14 – Adaptação das formas gráficas no processo de integração dos arabismos no português brasileiro.

Formas concorrentes na adaptação gráfica	
Obras lexicográficas	Formas gráficas dos arabismos registradas na bibliografia consultada
LPOA	baba hanuche (<i>babarranuje</i>), beleua (<i>belewa</i>), cafta (<i>kafta</i>), esfiha (<i>esfia, esfirra</i>), homos (<i>homus</i>), laban, labná, mijadna, quibe (kibe) e tahine.
DHLP	baba-ghanuji, beleua (<i>bileua</i>), cafta, esfiha (<i>esfirra, sfiha</i>), homus (<i>homos, hamus</i>), homus be tahine, mijadra (<i>mejadra, mjadra</i>), quibe e tahine.
DALP	cafta, esfiha (<i>esfirra, esfia</i>), homos (<i>homus</i>), tahine (<i>taíne</i>), tabule, quibe.
MDLP	cafta, esfia (<i>esfirra</i>), quibe, tabule, taíne.
DTALP	cafta, esfiha, (<i>esfirra</i>), quibe, tabule, taíne.
DELP	quibe.

O quadro 14 mostra a hesitação das formas gráficas dos arabismos durante o longo processo de adaptação ao sistema da língua receptora. Nesse aspecto, trata-se de uma característica do processo de adaptação dos empréstimos sírio-libaneses atestados no Brasil

que nos parece importante registrar. Nesse contexto, é muito comum encontrar esses e muitos outros arabismos nos mais distintos gêneros textuais com grafias alternativas, conforme se verifica em 'esfirra,' nas 4 formas gráficas distintas: *esfirra*, *esfiha*, *sfiha* e *esfia*. Semelhante situação é vista em *baba hanuche*, *babarranuje*, *baba-ghanuji*, apresentando formas gráficas unidas, separadas por hífen e espaços brancos, além das variações de pronúncia na passagem do árabe para o português [ha, rra, gha] e [che, je] ; nos arabismos *beleua*, *belewa*, *bileua*; e ainda em *mijadna*, *mijadra*, *mejadra*, *mjadra*. Porém, é justo dizer que algumas obras lexicográficas informam o consulente que determinada forma gráfica e fonética tenda à fixação ou estabilização na fala coloquial, como faz o dicionário Houaiss, por exemplo.

Outro aspecto estreitamente vinculado à adaptação gráfica verificado no quadro 14 é a tentativa de fixação do acento gráfico, conforme exemplificam os empréstimos *labná* (LPOA) e *taíne* (MDLP e DTALP). Em se tratando do acento nos vocábulos do árabe, Jubran (2004a, p. 87) resume que 'a localização do acento primário depende do tipo e do número de sílabas no vocábulo, dividindo-se em acento primário, acento secundário e acento fraco'. Entretanto, é naturalmente compreensível que alguns vocábulos manifestem a mudança acentual quando pronunciadas por falantes de outra língua.

Não obstante, a adaptação dos empréstimos sírio-libaneses não ocorre apenas em nível fonético e gráfico, pois, conforme verificamos, eles também passam por adaptações morfossintáticas. Um exemplo claro de adaptação morfossintática é apresentado no quadro 13, pelo uso da preposição 'bi' no verbete de *homus bi tahine*, constante do DHLP. Literalmente, esse vocábulo significa 'pasta de grão de bico no creme de gergelim,' e possui uma forma variante, *humos*, para designar esse mesmo prato da culinária libanesa. Segundo Cowan (2007), a preposição árabe *bi-l*, que significa em/por, são escritas conectadas às palavras por ela regidas como, por exemplo, na expressão *Bismi-lahi*, 'em nome de Deus,' escrita com essa preposição elidida à palavra *ism*, 'nome.'

A adaptação morfossintática de formas do árabe no português como o artigo *al*, por exemplo, é um fato linguístico bastante divulgado. Nas relações entre o árabe e o português, o vasto léxico de origem árabe herdado pelas línguas românicas ibéricas foi integrado aos sistemas dessas línguas com o artigo árabe *al*. Do ponto de vista formal, importa registrar algumas considerações sobre o artigo árabe:

A maioria dos arabismos assimilados pela língua portuguesa apresenta a aglutinação do artigo semita *al*, cuja função gramatical não teria sido percebida quando estas palavras foram adotadas e adaptadas, certamente por via oral, no relacionamento com as pessoas. Daí o artigo pleonástico, como os exemplos: a *alface*, o *almeirão* e o *alecrim*. Uma

das características morfológicas das línguas semitas, que estudamos, é esta aglutinação dos afixos (prefixos, infixos e sufixos), que se unem à raiz das palavras, designando preposições, artigos, pronomes, desinências verbais, de gênero e de número etc.

Com valor determinante, a partícula *al* é empregada para todos os gêneros e números e, conforme a sua colocação na frase, traduzida para nossa língua por o, a, os, as.

Uma característica do *al*, relativo ao seu aspecto fonético, é sua localização quando antecede certos fonemas. O alfabeto da língua árabe é composto de 28 fonemas, divididos em quatorze solares: t, ç, d, dz, r, z, s, ch, t, d, z, l, e n; e quatorze lunares: 'a, b, j, kh, 'a, gh, f, q, m, h, w, e y. Assim, a partícula *al*, unida a um vocábulo que se inicia com o fonema denominado solar, há assimilação do 'l,' não devendo ser pronunciado; e na escrita dobra-se a letra que equivale ao fonema solar. Como exemplo, citamos algumas palavras com *al* que nos foram transmitidas por herança ibérica: alecrim e arroz - com assimilação do 'l' e alface - sem assimilação do 'l'. No árabe, esses vocábulos são *al-iklil*, *ar-rruz* e *al-hassa*.

Em nosso *corpus*, vários arabismos proferidos pelos informantes já foram transcritos para o português ligados ao artigo *al*, como uma das medidas assumidas na metodologia de pesquisa. Exemplos: alghêb [o lenço muçulmano], aldôher [a oração da manhã], elfajer [a oração do entardecer] etc.

4.2.3 Estrangeirismos

Para esta tese, os estrangeirismos se aplicam a todas as palavras estrangeiras não integradas ao português brasileiro. Na literatura da área, os termos 'peregrinismos' e 'xenismos' também são usados para se referir aos estrangeirismos. Weinreich (1974) salienta o fato de que, em situações de contato geradas pelo deslocamento de populações imigratórias, é possível ocasionar típicos efeitos linguísticos face à necessidade de preencher ou adequar as lacunas no vocabulário das duas línguas, originando interferências conhecidas por empréstimos culturais.

A necessidade de vocábulos para expressar conceitos específicos inexistentes no português brasileiro é refletida na amostra pelo conjunto de numerosos estrangeirismos usados pelos informantes durante as conversações. Esse conjunto constitui-se de 98 estrangeirismos, cuja ocorrência consiste na transferência direta de palavras e expressões do árabe, na forma e no conteúdo, para o português brasileiro, sem a integração neste sistema. Em atenção a Carvalho (1996, p. 99), para quem "a ordem e a lógica dos sistemas culturais tornam o vocabulário de uma língua mais rico nos campos semânticos,

valorizado pela cultura em que está inserido," distribuimos o uso dos 98 estrangeirismos do *corpus* no interior de cinco campos semânticos, a saber: (a) Culinária, (b) Folclore, (c) Parentesco, (d) Religião e (e) Vestuário. Entendemos que o léxico distribuído em campos semânticos atende a dois propósitos, isto é, identifica os falantes como participantes de uma coletividade e serve de denominador comum para o convívio social.

(a) Campo Semântico 'Culinária:'

Durante as entrevistas, as conversas sobre o tema 'culinária' resultaram na produção de um conjunto de diversos vocábulos que nomeiam os alimentos e as receitas das famílias libanesas. No exemplo (2), apresentamos o fragmento de narração extraído do *corpus* para ilustrar o uso de estrangeirismos ou empréstimos culturais do campo semântico culinário.

Ex. 8: INF- (2SFM) A tia põe o *zátar*, aquele *pimenta síria* e o *esnubar* é mais barato lá, o Ali só come o *lában* coalhada com aquele *zátar* de lá...eu sempre gosto de trazer. Tem o *mehli leimum* que aqui não tem, ele é assim, acabô o limão você usa *mehli leimum*, é um pó branco que chama sal de leimum, quando não tem limom a pessoa usa aquele *mehli leimum* agora aqui não tem isso.

O campo alimentício é o maior deles, razão que nos permitiu organizar as lexias em campos semânticos,⁹⁰ segundo a taxionomia proposta por Ornellas (2001), no tocante à classificação dos alimentos e à definição do campo semântico segundo a área de nutrição, adequada à especificidade dos dados. Esclarecemos que as lexias que representam preparações como, o quibe, por exemplo, o critério de classificação considerado foi o fator quantitativo do ingrediente usado na receita.

Conforme essa perspectiva, apresentamos as 77 lexias do campo semântico 'culinária,' distribuídas em dez subcampos (*bebidas, carnes, condimentos, doces, frutas, grãos, massas, laticínios, ovos e vegetais*), acompanhadas por comentários que demonstram o vocabulário alimentício como "modelo e modelador da cultura,' possibilitando-nos compreender os conceitos abstratos e as ocorrências da vida cotidiana dos falantes. (CARVALHO, 1996, p. 99).

⁹⁰ "Tendo em vista que o vocabulário em análise refere-se ao léxico específico de uma comunidade de fala, optamos pela definição terminológica de campo semântico, proposta por Cabré (1993, p. 254), a qual concebe campo semântico como "conjunto hierárquico de conceitos que se referem ao mesmo campo de conhecimento. Uma série vertical de noções que normalmente mantém uma relação de inclusão entre si e cada um deles mantém relação de exclusão com uma série horizontal."

Bebidas: as bebidas referem-se a todos os tipos de líquidos consumidos, com ou sem a presença de outros alimentos. É parte integrante do cardápio e compreendem água, sucos, refrigerantes, bebidas alcoólicas, chás, café e infusos. Bebida típica dos países do Oriente Médio, o **áraque** é um destilado alcoólico produzido da uva ou tâmara, aromatizado com anis, frequentemente encontrado em festas e reuniões árabes ou não. No entanto, fazemos uma ressalva quanto às bebidas alcoólicas. Sabe-se que o Alcorão, livro sagrado dos árabes muçulmanos, tem regras especiais que influenciam na alimentação de seus fiéis e proíbe a ingestão de quaisquer bebidas alcoólicas. Já o consumo de chás é incentivado e pode ser de hortelã, **cháí náana**, ou o tradicional **cháí assued**.

Carne: carne é o conjunto de tecidos, de cor e consistência características, que recobre o esqueleto e também o diafragma, língua, esôfago e vísceras de diferentes animais. A carne compreende tecido muscular adiposo e conjuntivo. Este subcampo envolve as lexias cujos ingredientes básicos estão relacionados aos tipos de carne, como peixes (**sâmak taratur**), aves, carneiro, caprinos e bovinos (**awarma, chawárma, bêmia be lahme, merchi wara malifouf, merchi wara ínab, checrie, fate humos, kafta, muhâmasa**), e as lexias que se referem às vísceras ou miúdos (**mussarine mehchi, mussarine haruf**). Nesse subcampo também se encontram as diversas variações do quibe, tais como o quibe de kishki (**quibe kíchki**), quibe cru (**quibe naie**), quibe grelhado (**quibe míchui**) e quibe cozido na coalhada (**quibe labanie**).

Condimentos: os condimentos são substâncias usadas para ressaltar o sabor natural dos alimentos ou para conferir um novo sabor às preparações doces e salgadas. As ervas estão sempre relacionadas às especiarias, porém existem diferenças entre ambas. As aromáticas são folhas de plantas frescas ou secas, as especiarias são as partes aromáticas (rebentos, frutos, bagas, raízes ou cascas). Organizamos, nesse subcampo, as lexias que representam as especiarias, os temperos (**máhlebi**), as essências água-de-rosas (**mai ward**), água-de-flor-de-laranjeiras (**mai záhar**), aromatizante de café (**hábet el hel**) e de licores (**mint, misk**) e os molhos (**chimichurri, taratur**). Destacamos, ainda, os condimentos resultantes da mistura e moagem de diversos temperos (**sábaa baharát, sumak, zátar, tahine**), os quais variam conforme a preferência de quem os prepara. A secagem natural é a maneira mais simples de fazer a provisão de temperos, por meio da desidratação, como se verifica com **máhlebi, mástic, náana iêbsi**. Esses condimentos possibilitam particularizar as receitas, dar-lhes sabor e perfumes diferenciados, realçar o gosto dos alimentos e caracterizar a culinária libanesa. Não obstante, sabemos que esses condimentos também são vistos na culinária de outros países árabes ou não.

Doces: doce é o termo empregado para as receitas que levam os açúcares. Comparados à maioria dos doces ocidentais, a doçaria árabe é bem mais acentuada no açúcar, mas cai bem no gosto dos brasileiros, pois se assemelham, na doçura, à confeitaria brasileira e as nossas compotas regionais e doces de fazenda. Este campo reúne as lexias representantes das receitas que incluem os açúcares e os açucarados, tais como os doces **ainar**, **ataífe**, **bekláwa**, **falafel**, **hirice**, **halewi**, **nianiul**, **katáife** e **raha**. Conforme verificamos nas conversas com os informantes, os doces árabes ocupam o primeiro lugar dentre os produtos trazidos do Líbano para o Brasil, em suas viagens de visita ao país de origem.

Frutas: chama-se fruta a parte polpuda que rodeia a semente de plantas. Possui aroma característico, é rica em suco, normalmente de sabor doce e pode na maioria das vezes ser consumida crua. As lexias pertencentes a este subcampo se referem às frutas que são consumidas frescas, em conserva ou secas (**tâmara**, **muchmuch**) e o xarope (**dibs rumen**) preparado à base de romã.

Gorduras: gorduras são substâncias insolúveis em água, de origem animal ou vegetal, formadas predominantemente de produtos de condensação entre glicerol e ácidos graxos, chamados triglicérides. A distinção entre óleos e gorduras reside exclusivamente em sua aparência física. Este subcampo inclui o **liye** [gordura da cauda de determinada raça de carneiro] e **azait sumsum**.

Grãos: muitos alimentos típicos que caracterizam a culinária árabe têm seu cultivo e produção favorecidos pelas condições climáticas da região do Líbano. O subcampo semântico dos grãos envolve lexias como o **burgul**, **burgul umfálfal** e **homus**, que nascem e crescem em solo pedregoso e seco. Outros alimentos como o **isnúbar**, por exemplo, é produzido por espécie de palmeira, cujo cultivo tem preferência por este tipo de solo árido. Este subcampo também concentra lexias representantes dos cereais, leguminosas e oleaginosas e as lexias que representam receitas preparadas com esses ingredientes, ou à base dos próprios: **bêzer**, **chiríe**, **fate**, **mujádara**, **homus bi tahine**, **lubi bi zait**.

Laticínios: O leite já era usado na alimentação base dos beduínos em área desérticas do Oriente médio. O leite mais usado na alimentação árabe é o de cabra e de camela, seguindo-se o leite de vaca. A preferência dos libaneses pelo leite de cabra e de vaca é visto na elaboração de receitas representadas pelas lexias **ambáris**, **chanklich**, **kichki**, **lában**, **samem mufaise**.

Massas: as massas, quando preparadas com mistura de farinha de trigo ou outras farinhas, são consideradas massas alimentícias, segundo o teor de umidade, formato e composição. Este subcampo agrupa as lexias representantes de preparações à base de massa

folhada ou massa que tem por base da receita, a farinha de trigo: **beirute, chichibárak, fatáier e hôbis marú.**

Ovos: o ovo é um subcorpo unicelular formado no ovário ou oviduto e compõe-se de protoplasma, vesículas germinativas e envoltórios, e contém os nutrientes essenciais para nutrir o gérmen da espécie. Neste campo, incluímos as lexias que representam receitas em que o ingrediente principal é o ovo: **baid bi sumak, baid bi awarma.**

Vegetais: este subcampo envolve as hortaliças e as leguminosas. As hortaliças e os legumes são plantas ou partes de plantas, geralmente cultivados na horta e servem de alimentação como as raízes, tubérculos, folhas, caules, flores, frutos e sementes. A lexia **full** é ingrediente básico para a preparação da receita **full umdamas**, a qual é sujeita às variações sazonais da produção local, tornando-se, às vezes, desequilibrada e insuficiente para as populações de baixa renda. Assim, procuramos envolver, neste campo, todas as lexias que se referem aos legumes, verduras e receitas que incluem uma quantidade maior destes ingredientes: **muluhíe, babaganuchi, baitingen mehchi, fatuche, hábis, tabule.**

(b) Campo Semântico 'Folclore:'

Este campo organiza lexias representativas de tradições culturais como, por exemplo, a dança **dabk**, o grito **li-li-li-li-lish**, comuns tanto no contexto de libaneses muçulmanos como de libaneses católicos.

(c) Campo Semântico 'Parentesco:'

A família libanesa é centralizada na figura do pai e do irmão mais velho, no caso da ausência do pai. Provedor das necessidades do lar, o pai exige toda reverência e respeito dos filhos e sobrinhos **ibn al khar, ibn urht**, todavia, a mãe é quem cuida da casa e dos afazeres domésticos. Nesse contexto, os filhos são encaminhados a continuar as tradições da família. Conforme já mencionamos, as relações de namoro e noivado são distintas nas culturas libanesa e brasileira, refletidas nas lexias **aruz, ariz, martame, martháli.**

(d) Campo Semântico 'Religião:'

A manutenção da prática islâmica implica um sistema de valores vitais que são vivenciados grupalmente e se refletem na linguagem, por meio dos vocábulos usados pelos falantes para expressar seus pensamentos, crenças e valores. A ocorrência desses arabismos foi verificada de maneira expressiva na fala de entrevistados muçulmanos para denominar os referentes que envolvem esse universo cultural, conforme ilustra o exemplo (3):

Ex. 9: INF. - (2PHM) Mais que eu lembro de lá é meu parente, pai, meu irmão, minha família mesmo né? eh... as festas de lá, como o *Idl Átha e Idl Ramadan* lá é diferente completamente diferente, é tipo o natal aqui. A festa *Idl 'Átha* é depois que você jejuou um mês tem o *Idl 'Átha Idl Ramadan*, e depois do *Idl 'Átha* dois meses e meio depois...os muçulmanos vão pra *Maca* que é o *Haji* e aí depois do *Haji*, eles..éh, e daí o *Idl 'Átha* eles matam o carneiro, chama t'hie....você vai lá e doa pros pobres. O *chaich* e eles...colocam música, o *Eid*, uma música muçulmana que eles tocam só nesses dias.

O campo 'religião' reúne 13 estrangeirismos distribuídos em vários subcampos que revelam a obediência dos fiéis às leis corânicas, aplicadas às distintas áreas da vida, tais como: *casamento*: **berudúa, im ádam, kitb bil kitêb**, *festas religiosas*: **eid alfíter, eid aládha, dabk**, *orações*: **bismilahe wrahmani rahim, salát, salát alfájer, salát alzôhr, salát alássr, salát almagreb, salát alycha** e deveres da prática islâmica: **zakat, haji**. Este campo também envolve o subcampo *objetos litúrgicos*, envolvendo lexias representativas da cultura árabe islâmica: **alcorão, masbaha**, como lexias representativas da cultura árabe católica: **abana, taurat**.

(e) *Vestuário*: o vestuário árabe para homens e mulheres varia segundo a aplicação da lei islâmica considerada em cada país. No Brasil, por exemplo, podemos encontrar libaneses muçulmanos, sunitas ou xiitas, usando trajes completos do vestuário, ou peças avulsas combinadas às roupas comuns usadas pelos brasileiros. Entre as vestimentas dos homens estão o **abeie**, ampla capa de lã preta com fios dourados e a calça larga **sharuer**, usada por baixo da túnica, para permitir a liberdade de movimentos. Segundo os especialistas de moda, esse tipo de calça inspirou o modelo 'saruel,' recentemente usada na última estação e, também, deu origem a palavra 'ceroula.' Comum no Oriente Médio, o **kafie** é um lenço masculino, cuja origem remonta aos beduínos do deserto, que o utilizavam como protetor contra o frio e a tempestade de areia. A cor do cafie e da tira que o prende indicam o país e a região em que a pessoa nasceu, como a versão quadriculada em preto e branco, por exemplo, usada por Yasser Arafat, tipifica os palestinos.

O vestuário feminino é conhecido pelos árabes como **alhijab**, ou 'cobrimento,' que pode designar tanto o traje completo que cobre as partes do corpo da mulher, como apenas o lenço que cobre a cabeça e os cabelos. A cor e o modelo do alhigab variam de acordo com o país. Em determinados países islâmicos, como no Afeganistão, por

exemplo, o Taleban⁹¹ instituiu o uso obrigatório da burqa, versão radical de vestimenta que cobre todo o rosto e até os olhos da mulher.

Verificamos, assim, como a distribuição das lexias nos respectivos campos semânticos⁹² nos revelam claramente aspectos da história, sociedade, religião e demais costumes culturais refletidos na fala de um povo. A descrição mais detalhada do significado representativo de cada lexia citada se verificará em sua respectiva definição organizada no Glossário. Além dessas interferências mediante estrangeirismo, importa registrar um tipo particular de interferência ocorrida na amostra que implicou o uso de provérbios.

Embora as línguas sejam tipologicamente distantes, o uso alternado do árabe e do português por um período longo de contato estável possibilitou ao falante perceber suas diferenças no exercício da atualização linguística. A interferência a partir de lexias textuais permitiu a identificação com um traço novo na caracterização deste fenômeno, acrescentado por Gómes Molina (2000). Esse autor chamou de *interferência por intencionalidade* o recurso usado pelos falantes de duas línguas distintas quando deseja tornar explícita sua identidade étnica. Isso foi verificado em diversas situações durante a coleta de dados, quando o informante usou provérbios árabes para explicitar ou confirmar algo já dito, conforme se demonstra no exemplo (3):

Ex. 10: INF- (2SHM) Pra você profundá no Alcorão tem que saber o árabe e saber o profundo de cada palavra, o que cada palavra...porque cada palavra dá pra você umas dez páginas...uma palavra. Então esses cientistas mudaram pro Mundo Árabe, estudavam o Alcorão, aprufundaram com tudo pra poder tirar as invenções que existe hoje. *Uaminalé iaála cunura* tem uma frase diz *através da água te fizemos pra você a luz...* não foi discuberto por acaso não...o homem não foi descoberto tudo por acaso não...esse livro trouxe tudo pra humanidade...

Conforme se tem conhecido, os provérbios sempre desempenharam um papel fundamental tanto no processo interacional como educativo, principalmente, em

⁹¹ Movimento islâmico nacionalista difundido no Paquistão e em outros países muçulmanos

⁹² Se compararmos os campos semânticos do primeiro (afro-muçulmanos) e segundo (sírio-libanês) contatos entre as línguas no Brasil, com base em Vargens (2007), verificamos que, no primeiro contato, o vocabulário religioso é maior que o vocabulário alimentício. Já no segundo contato, pelo que acabamos de ver, o vocabulário alimentício é maior, porém, o religioso se mantém expressivo. Aqui é importante registrar algumas considerações. No primeiro caso, a comunidade de 'fala árabe' constituía-se de africanos muçulmanos de distintas etnias e o vocabulário usado comumente era designativo da cultura ismâmica. Já no segundo contato, a comunidade de fala árabe inclui libaneses cristãos e muçulmanos e, neste contexto, o vocabulário religioso é usado apenas por falantes muçulmanos, porém, o vocabulário alimentício é usado, indistintamente, na fala de todo o grupo. Assim, tendo em vistas os diferentes fatores sociopolíticos e econômicos envolvidos nos dois momentos históricos do contato das línguas, verificamos, com base nestes dados, que a contribuição léxica derivada do segundo contato supera o primeiro.

sociedades orientais. Entende-se que o uso do provérbio no exemplo (3) não representa, simplesmente, um trânsito de estruturas linguísticas entre os dois sistemas, mas de uma escolha consciente, realizada com a intenção de realçar a importância do que se deseja dizer, isto é, a valorização da língua/cultura de origem. Quando se considera o modo informal como esses imigrantes aprenderam o português, é possível compreender as limitações de domínio das regras gramaticais refletidas na linguagem de alguns entrevistados. Por outro lado, somos conscientes que a ocorrência dessas interferências na fala dos informantes, de modo geral, respondem a diversas motivações, as quais podem ser linguísticas, sociolinguísticas, estilísticas, situacionais, disponibilidade na memória, demonstração de poder, lealdade cultural, manutenção da língua, mudança de tópico, entre outras.

Há que se notar que os estrangeirismos aqui citados, como um todo, não estão frequentes apenas na fala dos membros da comunidade bilíngue, ao contrário, eles podem ser amplamente vistos, em forma gráfica, em diversos livros, revistas, sites de música, religião, história, culinária, política, economia, ciências, cultura e outros, uma vez que, no tocante ao islamismo, esses vocábulos também representam experiências de uma comunidade de fala maior: o Mundo Árabe. Além disso, os arabismos da imigração libanesa estão profundamente enraizados na linguagem popular de todos os recantos do Brasil, por onde se radicaram as famílias de imigrantes, já há mais de 133 anos, período dessa imigração.

Inclusive, como já mencionamos, o influxo do árabe sobre o português brasileiro, viabilizado pelos imigrantes libaneses, ainda representa um fato linguístico novo por analisar. Assim, em cumprimento aos objetivos da tese, as interferências identificadas como empréstimos culturais ou estrangeirismos não integrados ao português brasileiro, são sistematizados no *Glossário de Arabismos da Imigração Libanesa no Brasil*, que apresentamos mais adiante.

Além dos estrangeirismos representados por arabismos, encontramos no *corpus*, em menor quantidade, um conjunto de galicismos, ou seja, interferências representadas por vocábulos do francês, usadas no português falado dos informantes, por constituir esse idioma, uma parte da realidade linguística desses falantes. Os galicismos encontrados são 12, a saber: *brevê*, *camisete*, *diplom*, *gateau*, *kilometre*, *obligation*, *non*, *religion*, *réunion*, *révision*, *son* e *télévision*. Esses galicismos indicam aspectos da vida passada dos informantes influenciada pelo domínio francês no Líbano, vigente a partir dos anos de 1895 até os dias atuais. Entre eles, há vocábulos que se referem ao ambiente escolar, tais como *brevê*, *diplom* e *reunión*, por exemplo. Já o vocábulo representativo à culinária

gateau, curiosamente, consiste na única designação usada no dialeto árabe falado no Líbano para referir-se ao que nos conhecemos por mistura de 'bolo,' no português.

4.2.3.1 Interferência mediante antropônimos

As interferências de unidades léxicas do árabe na amostra pertencem, em sua maioria, à classe gramatical dos nomes, isto é, dos substantivos (comuns ou abstratos), confirmando resultados de outros trabalhos da área. Entretanto, o fenômeno se fez notar, também, mediante a transferência de substantivos próprios, representados pelos nomes e sobrenomes. Weinreich (1974) chama a atenção para esse tipo particular de interferência léxica que ocorre com nomes próprios em ambientes onde há línguas em contato e cita exemplos com dados das línguas que analisa. Nestas situações específicas, uma mesma pessoa pode ser chamada por outros nomes que não têm nenhuma correlação semântica com nome próprio original.

Alguns exemplos raros ocorridos nos dados de Weinreich foram identificados em nosso *corpus* como, por exemplo, o caso do nome próprio feminino *Waded*, que foi correlacionado com *Odete*, apenas, por uma questão de analogia fonética com o nome em português, mas sem nenhuma correlação semântica com o nome original. No contato entre o árabe e o português brasileiro, verificamos diversos nomes próprios do árabe, traduzidos e, alguns poucos, integrados ao português, por influência da imigração libanesa, conforme apresenta o quadro 15.

Quadro 15 – Interferência de antropônimos árabes no português brasileiro.

Interferência léxica mediante antropônimos		
<i>Nome na língua de origem</i>	<i>Tradução</i>	<i>Adaptação ao Português (B)</i>
Youssef	José	Hussef, Roussef, Joussef
Mohamed/Mohammad	Mohamede	Mamed (DENS) ⁹³
Fátme	Fátima	Fátima (DALP)
Ahmad/ Ahmmed	Armando	Armide/Amad/Amado
Máriem	Maria	Mariá, Míria, Miriã,
Laila	Leila	Laila, Leila

O quadro 15 mostra dados de interferência léxica, apresentando o nome na língua de origem, sua tradução no português, e adaptação nesta língua. A grafia de nomes e sobrenomes de origem árabe é uma questão complexa, pois, muitos desses são originalmente escritos com consonantes que representam fonemas do árabe, contudo, aparecem adaptados de

⁹³ Dicionário de Nomes e Sobrenomes de Mansur Guérios (1973).

forma equivocada no sistema do português e escritos em documentos pessoais, como identidades, passaportes e registros oficiais. Conforme se nota no quadro 15, as formas gráficas dos nomes, *Amad*, *Armando*, *Amado*, *Armide*, *Hamud* e outros, são formas correspondentes ao original árabe, *Ahmad*. É interessante notar as transformações gráficas que recebe o nome *Mohamed*, bastante divulgado nos meios de comunicação, por representar o nome do profeta Maomé, introdutor do islamismo. É comum encontrar formas correlatas deste nome com múltiplas formas gráficas e, ainda, uma forma mais aportuguesada como *Mamede*. Porém, é duvidoso afirmar com certeza que esses nomes chegarão a perder seu estatuto de estrangeirismo.

No *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*, proposto por Guérios (1973), constatamos a organização de diversos antropônimos presentes no *corpus* que foram divulgados no Brasil a partir da influência dos imigrantes sírio-libaneses. Os antropônimos organizados no referido dicionário são dez, a saber: *Abd Allah* (servo de Deus), *Afif* (honesto), *Maluf* (gordo), *Nabih* (esperto, vivaz), *Rachid* (justiceiro), *Salim* (pacífico), *Feres*, *Fátima*, *Ali* e *Armand*. Além desses nomes, há dois sobrenomes que levam antes de si o artigo al: *Tânus El Zouky*, *MohamadEl Rafih*, *Fátima Al Kadri*.

Ainda que esses nomes integrem a antroponímia árabe, eles nomeiam pessoas de espaços socioculturais distintos. No contexto islâmico, os nomes de pessoas trazem a marca árabe-muçulmana mais evidente, uma vez que entre o nome e o sobrenome masculino, muitas vezes, há um epíteto ou do nome de Maomé, como *Mohamad*, *Ali*, *Ahmad* ou *Mahmud*, frequentes na amostra. Já no contexto cristão, os antropônimos representam nomes de santos católicos, tais como, *Tanus*, *Gorge*, *Michel*, *Jibran* etc., ou nomes franceses, tais como *Antuan*, *Helène* etc.

Guérios (1973, p. 3) explica que uma das maneiras pelas quais os antropônimos podem ser estudados é a partir do aspecto social ou psicossocial, que envolve a escolha ou as razões nas quais os nomes são empregados, sendo um deles a 'amizade' entre as famílias. Esse aspecto do estudo dos nomes nos leva a pensar em uma das etapas dinâmicas do processo de aculturação que representa a adaptação cultural. Vistos como um todo, os imigrantes libaneses passaram a selecionar valores da cultura brasileira que mais se identificassem com sua maneira de ser, somando-os aos seus e fazendo-os infiltrar em sua vida cotidiana. Por seu lado, as famílias brasileiras mostraram afinidade na convivência com os imigrantes, atribuindo nomes de origem árabe aos seus filhos. Entre vários nomes, é possível citar *Afif*, *Amir*, *Armad*, *Kalil*, *Laila*, *Rafiza*, *Samir*, *Samira*, *Rafiza*, *Samara*, *Sohaila*, entre muitos outros.

4.2.4 Interferências Mediante Calcos ou Tradução

Segundo Crystal (1988), o termo calco ou decalque origina do francês *calquer*, empregado para indicar um tipo de empréstimo em que os constituintes morfofonêmicos da palavra ou expressão emprestada são traduzidos item por item em morfemas equivalentes na outra língua. Como ilustração de 'tradução de empréstimo,' o autor cita o exemplo da expressão *super-homem*, do inglês *superman*. Para Moreno Fernandez (1998), os calcos ou decalques implicam a incorporação de um significado da língua fonte que se associa a uma forma já existente na língua receptora, ocorrendo uma substituição completa.

Como locus privilegiado do contato de línguas, o calco, pode conter formas lexicais explícitas ou veladas, sintáticas e mesmo conceituais originariamente emprestadas de outra língua/cultura. É pela tradução que qualquer tipo de estrangeirismo, via de regra, faz sua primeira incursão na língua, misturando-se facilmente aos vocábulos nativos. Verificamos nos dados a presença de calcos em situações nas quais ocorreu a importação de um significado do árabe para uma forma previamente existente no português, conforme ilustram o exemplo (9).

Ex. 11: INF- (1PFM) por exemplo tem o humos...que é a *pasta de grão de bico* com tahine...tem o lában *coalhada seca*...o tabule, fatuche, *salada de legumes com pedaços de pão* que é uma salada muito boa...tem o babaganuch que é a *pasta de berinjela com tahine*.

Os decalques encontrados no *corpus* são 17, apresentados aqui seguidos de suas formas originais: *água de rosas* [mai ward]; *água de flor de laranjeiras* [mai zâhar]; *charuto de folha de repolho* [mehchi wara malefouf]; *charuto de folha de uva* [arich mehchi wara inab]; *quibe cozido na coalhada* [quibe labanie]; *abobrinha recheada com arroz e carne* [kussa mehchi]; *arroz cozido com lentilhas e cebola* [munjádara]; *salada de legumes com trigo e torradas* [fatuche]; *pasta de berinjela* [babaganuch]; *pasta de grão de bico* [humos bi tahine]; *pasteizinhos cozidos na coalhada* [chichbárak]; *coalhada seca* [lában]; *arroz com aletria* [chirie]; *queijo com temperos* [chanklich]; *conserva de carne* [awarma]; rosário muçulmano [masbaha], jejum muçulmano [hamadã].

Os decalques ocorrem não apenas na língua falada, mas também, e em maior proporção, na língua escrita. Os cardápios de lanchonetes e restaurantes árabes existentes em muitas cidades do país demonstram mais expressamente o funcionamento dessas ocorrências. As traduções das receitas acima, colocadas após as palavras estrangeiras, funcionam como recursos indicando que o significado do termo ainda não está conhecido

pelos usuários da língua. Nessa perspectiva, Alves (1994) explica que o emissor, ao empregar um vocábulo estrangeiro, é consciente de que poderá não ser interpretado pelos receptores do texto. Por este motivo, em muitos contextos a palavra estrangeira é seguida de tradução ou até mesmo da definição do seu significado.

Como versões literais ou aproximadas do vocábulo estrangeiro para a língua receptora, muitas traduções do corpus são amplamente encontradas na bibliografia gastronômica, especialmente em cardápios de diferentes restaurantes árabes e *folders* de propaganda, nos quais, encontramos o nome dos pratos típicos transliterados para o português brasileiro, com a citação dos ingredientes que constituem a receita, na tentativa de explicitação da iguaria. No entanto, em muitos deles, percebemos a dificuldade na transcodificação dos elementos linguísticos de uma língua para a outra. Os exemplos abaixo reportam a cardápios de diferentes restaurantes árabes da cidade de Londrina

MUNJADARA	(Arroz cozido com lentilhas e cebola)
CHAURABA BE JARJIR	(Sopa de frango temperada com agrião)
FATUCHE	(Salada de legumes, verduras, trigo fino e torradas)

As traduções das receitas acima, colocadas após os estrangeirismos, funcionam como recursos apontando que o significado do termo ainda não é conhecido pelos usuários da língua. Ainda com respeito aos decalques, apresentamos três exemplos de diferentes traduções que encontramos para explicar a denominação CHANKLICH:

1. Ricota temperada com pimenta, zatar e cominho (Restaurante Kiberama).
2. Queijinho temperado com tomilho, pimenta síria e páprica (Restaurante Ghada)
3. Coalhada seca, passada na mistura de zatar, páprica e orégano (Restaurante Kibeteria).

Do ponto de vista formal, verificamos que muitas traduções do *corpus* formaram composições sintagmáticas, cujas estruturas são passíveis de análise. Tendo em mente que a consideração deste ponto de vista agrega valor à análise das interferências, apresentamos nossas reflexões sobre as formações sintagmáticas nos próximos parágrafos.

4.2.4.1 Composições sintagmáticas

As composições sintagmáticas são vistas mais frequentemente no estudo das palavras novas ou neologismos que surgem nas línguas de especialidade, no âmbito da Terminologia.⁹⁴ A formação sintagmática é vista por Cabré (1993) como a composição de unidades léxicas que seguem determinada estrutura sintagmática, são comuns na linguagem terminológica e ocorrem quando partes de um segmento frasal se encontram em íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente. Todavia, para funcionarem como unidades léxicas, precisam de regras que fundamentem a combinação livre dos elementos no discurso.

Alves (1994, p. 50) refere-se às composições sintagmáticas como o mecanismo segundo o qual uma sequência sintagmática é sentida como uma única unidade léxica. Quanto à estrutura dos compostos sintagmáticos, chama a atenção para a constância da ordem em que apresentam as suas unidades formadoras:

[...] à base determinada segue-se a determinante, que pode ser introduzida por uma preposição. No interior do sintagma, os componentes do item léxico conservam as relações gramaticais características da classe a que pertencem. (ALVES, 1994, p. 50)

Alves (1994, p. 41) acrescenta que, na relação subordinativa de um segmento sintagmático, a posição de proximidades entre as palavras gera uma relação de determinante e determinado. O determinante é o membro constituinte da composição sintagmática que depende de outro elemento e sobre esta base acresce uma especificação ou complemento adjetival. O determinado é o elemento nuclear nesta formação sintagmática. Um exemplo a partir de nossos dados é a composição sintagmática apresentada por *charuto de folha de uva*, na qual temos em 'charuto,' a base da formação sintagmática e, 'de folha de uva,' o complemento especificador.

As composições sintagmáticas verificadas no *corpus* apresentam 5 tipos distintos de estruturas em sua constituição, a saber:

⁹⁴ A Terminologia é uma das vertentes das Ciências do Léxico, dedicada ao estudo do vocabulário de uma área de especialidade. A terminologia tem como principal objeto de estudo as unidades terminológicas, ou termos constituídos por um conceito e uma denominação. Tais unidades estão inseridas em um subsistema linguístico denominado língua ou linguagem de especialidade, o que faz crer, por uma necessidade de entender o funcionamento dos termos no contexto dessas linguagens, elas sejam também objeto da Terminologia (ABREU, 2004, p. 23).

- (a) substantivo + (preposição + substantivo): 10 ocorrências - *semente de abóbora, coalhada com pepino, água de rosas, quiabo com carne, sanduíche de zatar, carne com snubar, pasta de grão de bico, pasta de berinjela, arroz com aletria e queijo com temperos.*
- (b) substantivo + (preposição + substantivo + adjetivo): 2 ocorrências - *pastel de verdura temperada e sopa de lentilha vermelha.*
- (c) substantivo+ adjetivo + (preposição + substantivo): 2 ocorrências - *esfirra aberta de zatar e quibe cozido na coalhada.*
- (d) substantivos + adjetivo: 3 ocorrências - *quibe recheado, esfirra aberta e abobrinha recheada.*
- (e) Substantivo + preposição + sintagma (substantivo + preposição + sustantivo): 4 ocorrências - *gordura da cauda do carneiro, charuto de folha de repolho, charuto de folha de uva e água de flor de laranjeiras.*

As composições sintagmáticas circulam no *corpus* com uma frequência de uso considerada baixa, a partir dos parâmetros propostos.

4.2.5 Interferências Mediante Composições Híbridas

Hibridismo é definido por Coutinho (1976) como o processo pelo qual são formados vocábulos compostos ou derivados a partir de elementos originários de línguas diferentes. Os híbridos são verificados com frequência no português brasileiro, conforme se pode exemplificar com as palavras de uso corrente, tais como 'automóvel', formada a partir de elementos do grego, *auto*, mais *móvel*, do latim e, 'televisão,' do grego *tele*, e do latim, *visão*. Segundo Weinreich (1974), esse tipo de interferência léxica é caracterizado pelo mecanismo a partir do qual ocorre a composição de unidades léxicas que envolvem a transferência de elementos e a reprodução de outros. O autor ilustra com o exemplo 'pelota de fly,' o qual consiste em um híbrido formado a partir da composição de elementos do espanhol (pelota de) e do inglês (fly), usado na fala de imigrantes espanhóis de Tampa, nos Estados Unidos.

No contexto desta pesquisa, verificamos que, no interior do novo ambiente em que vivem, os informantes desenvolveram naturalmente a criação de novos modelos de linguagem, com elementos da língua materna e da língua estrangeira, originando interferências a partir de composições híbridas. Tendo em vista que grande parte do vocabulário ativo usado diariamente pelos brasileiros possui traços do árabe, herdados a partir do contato na Península Ibérica como, por exemplo, *arroz, alface, berinjela, talco* etc.,

baseamos na etimologia dos vocábulos do português, proposta em Houaiss e Villar (2000), para selecionar as composições híbridas do *corpus*.

Sobre esse parâmetro, selecionamos 40 formações híbridas luso-árabes, compostas a partir da junção de elementos do árabe e elementos do português brasileiro, as quais apresentam a seguinte estrutura em sua composição.

(a) 1 elemento do português + 1 elemento do árabe: sete *baharat*, *cháí* preto, peixe *taratur*, queijo *chanklich*, *quibe* cru.

(c) 1 elemento do português + 2 elementos do árabe: *berinjela* com *tahine*, *quibe* com *lában*, arroz com *chirie*.

(b) 2 elementos do português + 1 elemento do árabe: sal de *leimum*, sopa de *burgul*, *hirice* de nozes, *tulme* de carne, carne com *lubi*, *fatair* de carne, *tulme* de verdura, grão-de-bico com *tahine*, *quibe* de batata, pão com *zátar*, *mamul* com amêndoas, *raha* de amendoim, *raha* com amêndoas, *kichki* com carne, *lában* com pepino, *halewi* de amêndoas, *esfirra* de verdura, jejum do *ramadã*, festa do *Eid allfitr*, festa do *Eid aládha*.

(d) 2 elementos do português + 2 elementos do árabe: *esfirra* aberta de *zátar*, *esfirra* recheada de *lában*.

(e) 3 elementos do português + 1 elementos do árabe: carneiro recheado com *snúbar*, peixe grelhado com *tahine*, peixe ao molho *taratur*, abobrinha recheada com *isnubar*, *kichki* com carne moída, *quibe* cozido na coalhada.

(f) 4 elementos do português + 1 elemento do árabe: *halewi* de nozes e chocolate, salada com essência de *romain*.

Observa-se nessas formações híbridas que a junção de formas das duas línguas reflete o diálogo potencial entre duas vozes, ou duas visões de mundo diferentes em contato umas com as outras, a partir das quais se expandem e se enriquecem, sem, contudo, perder seus traços distintivos. Também é possível notar que a estrutura interna destas formações híbridas é uma marca das condições sócio-históricas nas quais foram produzidas e são usadas. Por dominar 'bem' o uso de duas línguas, o bilíngue tem a possibilidade de integrar a potencialidade do árabe quando produz um enunciado segundo a sintaxe do português. Assim, a construção dos compostos híbridos com elementos do árabe e do português é claramente motivada por esta capacidade de selecionar e conjugar precisamente as estruturas mais funcionais de cada língua. Não se pode esquecer de que esta competência linguística é indissociável das necessidades léxicas derivadas da ausência de itens equivalentes nas línguas em contacto ou mesmo do desconhecimento de tal equivalência por parte do falante, muitas vezes, devido as suas interações sociais e vivências culturais.

4.2.6 Considerações Finais sobre as Interferências Léxico-Semânticas

O estudo das interferências léxicas se orienta sob diferentes hipóteses, das quais: 1. a estrutura das línguas envolvidas é condicionada por processos cognitivos de interferência e governa a introdução de elementos no sistema linguístico; 2. a história sociolinguística dos falantes é o primeiro determinante na direção e no grau de difusão das interferências léxicas. Assim, como participantes de uma situação de intenso contato e forte pressão cultural, os falantes bilíngues desenvolvem distintas estratégias no uso de elementos da língua materna para expressar os referentes de seu universo sociocultural por não encontrar equivalentes na língua estrangeira.

Segundo Weinreich (1974), em casos de interferência léxica, os falantes bilíngues são expostos à escolha de diversos mecanismos interferentes e o que determina a seleção do mecanismo usado são as diferenças nas estruturas das línguas em contato. Em tais situações, o bilíngue pode escolher, por exemplo, reproduzir as unidades léxicas da língua materna para a estrangeira mediante traduções, em vez de transferi-las diretamente da língua materna. Com base nesse pressuposto aplicado aos resultados obtidos na análise, elaboramos a tabela 31. Lembramos que os índices percentuais demonstrados no referido quadro estão relacionados ao número total de 170 interferências léxicas selecionadas no *corpus*.

Tabela 31 – Mecanismos de interferência léxica usados na fala dos informantes envolvidos.

Seleção de mecanismos de interferência léxica				
Mecanismo de interferência	Estratégias usadas pelos falantes	Ocorr.	Freq.	%
(1). Interferência mediante Empréstimos integrados	1. Empréstimo formas e sentidos do árabe para o português, passando por adaptação gráfica, fonético/fonológica e morfosintática ao sistema da língua receptora.	15	alta	9%
(2). Interferência mediante Estrangeirismos (Empréstimos não integrados)	2. Transfere formas e sentidos do árabe para o português, diretamente, sem adaptação ao sistema da língua receptora.	98	média	58%
(3). Interferência mediante Decalques ou Traduções	3. Reproduz uma forma do árabe para uma forma preexistente no português.	17	baixa	10 %
(4). Interferência mediante Híbridos	4. Intercala uma forma do árabe com outra forma do português, compondo uma só unidade léxica.	40	baixa	24%
Total		170		100%

A tabela 31 referenda os resultados gerais da análise de interferências léxicas, informando dados concernentes à seleção de mecanismos e às estratégias usadas pelos informantes no uso de interferências, ao número de ocorrências por classificação, à frequência de uso e, finalmente, ao percentual de interferências, em relação ao número total na amostra.

Os quatro tipos de manifestações do caldeamento linguístico⁹⁵ árabe-português oferecem indicações do comportamento da interferência no *corpus*.

De início, é importante lembrar que a implicação para os tipos de empréstimos expostos na tabela 19, isto é, os integrados e não integrados ao português brasileiro, é que o tempo do contato entre as comunidades, já há mais de 130 anos, atua como um mecanismo favorecedor de empréstimos integrais. Nessa direção, percebe-se que a interferência mediante empréstimos integrados, exposta em (1), apresenta o menor índice

(9%) dentre os quatro mecanismos usados pelos falantes, ainda que sua circulação na amostra registre uma frequência alta. Todavia, é preciso observar algumas considerações sobre estes dados.

As afirmações de Weinreich (1974), no tocante à atuação da interferência entre duas línguas, permitem pensar o fenômeno na situação em questão a partir da existência do seguinte *continuum*:

Interferência Lexias 'passíveis' de integração Empréstimos integrados

Este esquema, inspirado na proposta de Weinreich (1974), explica a gradação dos níveis linguístico e sociocultural, pelos quais as interferências léxicas (estrangeirismos) provindas do árabe podem atingir o português brasileiro. Nesse ponto, reconhecemos que a trajetória da interferência até ao estatus de empréstimo integrado passa pelo crivo do tempo e, também, pelo grau de distância linguística dos sistemas em contato, segundo confirmam os dados. De outro modo, a resistência e a rejeição a empréstimos linguísticos devem-se às diferenças existentes na estrutura da língua receptora e da língua de origem. Assim, com base nesses aportes, compreendemos o baixo número de empréstimos árabes integrados ao português brasileiro, ainda que a coexistência paralela dessas línguas num mesmo espaço geográfico perdure por um período de mais de 130 anos.

Pelos resultados apresentados em (2), o mecanismo interferente mais selecionado pelos falantes é a transferência direta de unidades léxicas do árabe para o português, sem adaptação ao sistema dessa língua. Responsável pela introdução do maior índice de interferências, esse mecanismo é concretizado nas 98 ocorrências ou 58 % do total de registros. Diante desse dado, entendemos que, a par do anisomorfismo léxico-semântico

⁹⁵ A expressão 'caldeamento linguístico,' conforme apresentada em Odlin (1989), refere-se à intercalação ou alternância de formas de uma língua na estrutura de outra. Conforme temos tratado neste trabalho, referimos ao fenômeno de interferência linguística das duas línguas em questão.

verificado nas línguas, dois outros fatores podem justificar a escolha desse mecanismo e a presença produtiva de estrangeirismos, em relação aos demais mecanismos: (i) a falta de conhecimento gramatical do bilíngue, no tocante ao vocabulário do português brasileiro e seu uso e, (ii) a inexistência de conceitos materiais e imateriais do português brasileiro para expressar os valores da língua/cultura árabe.

Nesse caso, sobre o fenômeno é preciso ressaltar que há uma relação proporcional direta entre a 'produtividade funcional' dos elementos na fala e a 'extensão' do fenômeno, na medida em que se comparam os registros de ocorrência e frequência de uso das interferências. Nessa perspectiva, pode-se intuir que os empréstimos culturais (estrangeirismos) são, probabilisticamente, candidatos à integração no português brasileiro, uma vez que circulam com frequência média na fala da comunidade árabe, além de permear outras esferas de comunicação já mencionadas. Inclusive, conforme verificamos no capítulo um deste trabalho, os informantes da comunidade alvo integram uma comunidade de fala maior, com características sociohistóricas, culturais e linguísticas peculiares, as quais constituem modelos distribuídos por muitas regiões do Brasil. O que desejamos assinalar é que os empréstimos árabes usados na fala dos informantes deste trabalho, também, são encontrados na fala dos demais membros de comunidades libanesas no país, possibilitando sua circulação em distintas comunidades de fala do português brasileiro. Porém, se considerarmos a circulação de arabismos, especificamente, corânicos ou islâmicos, usados por muçulmanos de distintas nacionalidades árabe (ou não, como o caso de imigrantes persas), que vivem no Brasil, sabe-se que a circulação destes arabismos no português brasileiro é sensivelmente maior. Em última instância, a possibilidade de uma lexia perder seu caráter de interferência e integrar ao sistema da língua receptora depende do uso coletivo desse elemento ao longo do tempo.

Em relação às estratégias de mecanismos expostos em (3) e (4), os dados revelam a preferência dos informantes por intercalar formas do árabe com formas do português em compostos híbridos, e não por traduzi-las com formas já existentes da língua receptora. Essa seleção de mecanismo é claramente confirmada nas 40 ocorrências ou 24% de registros de híbridos, para apenas 17 registros ou 10 % dos registros de calcos ou traduções. Aqui, supomos que a falta de conhecimento suficiente do português, também, deva influir na preferência da produção de híbridos às traduções, pois, para traduzir uma língua é preciso conhecer a outra. Se, por um lado, todos esses mecanismos são regidos por processos cognitivos, inconscientes aos falantes bilíngues, por outro lado, eles revelam as estratégias de comunicação usadas para alcançar suas intenções comunicativas.

Em síntese, a análise das interferências léxicas revela que essas se apresentam intrinsecamente relacionadas e subordinadas a uma rede de circunstâncias internas e externas às línguas e afloram na fala dos informantes, cristalizadas em forma de arabismos, integrados ou não, formações híbridas e decalques. Na dimensão linguística e extralinguística nas quais se pauta essa tese, é possível afirmar que a incidência, difusão, extensão e integração das interferências estão subordinadas, entre outros fatores:

- (a) à inadequação léxica ou às lacunas existentes entre os vocabulários das duas línguas em contato;
- (b) à necessidade de expressar os referentes do universo sociocultural e religioso que integram a experiência cotidiana dos falantes bilíngues;
- (c) aos elementos socioculturais da comunidade de falantes que atuam como difusores de interferências;
- (d) à intensidade e ao tempo de contato que funcionam como mecanismos promotores de mais ou menos empréstimos integrados ao português brasileiro.

Ainda que esses fatores traduzam as possíveis causas de interferências na fala dos informantes, sabemos que as interferências derivadas do anisomorfismo etnicocultural e religioso das duas línguas é o mais complexo de se abordar, uma vez que a cultura compreende um gama de crenças, costumes, ideologias, pressuposições, comportamentos e outros, que, ao longo do tempo, uma comunidade adota como naturais ou próprias ao ser humano. Com efeito, quanto às interferências léxicas que expressam designações do universo islâmico, temos consciência de que para estas não há correspondência plena no português brasileiro e nem sequer em outra língua existente, considerando que o árabe representa a língua originária do islamismo e, por excelência, a escrita no Alcorão. Assim, pois, como ocorre no português falado por imigrantes residentes em Londrina, os arabismos veiculadores de conceitos islâmicos permeiam as unidades léxicas de outras línguas, conforme se verifica no espanhol (Fernández Moreno (1998); Corriente (1999); no inglês (Diab, 1995), no francês (Sa'adeddin, 1989), entre outros.

Com relação a esta análise léxica, especificamente, pela primeira vez é realizada uma tentativa de classificação e análise linguística dos aportes lexicais sírio-libaneses no português brasileiro, ou, na sua definição 'arabismos sírio-libaneses que integraram a língua portuguesa do Brasil.'

Em seguida, apresentamos o Glossário de arabismos da imigração libanesa no Brasil. De início, observamos que uma amostra do glossário foi publicada no livro *Vendo o dicionário com outros olhos* - Abreu e Durão (2012). Tal amostra é precedida pelo

detalhamento da microestrutura adotada, a partir da qual cada entrada é sistematicamente desenvolvida no glossário.

4.2.7 Glossário de Arabismos da Imigração Libanesa em Londrina

4.2.7.1 Apresentação do glossário: considerações teórico-metodológicas

O propósito deste Glossário é oferecer um inventário sistemático dos arabismos sírio-libaneses presentes na fala dos libaneses da comunidade de Londrina. A concepção teórica assumida na elaboração do glossário implica que se considere a Lexicografia, segundo Welker (2004, 2006), como ciência situada no campo da Linguística Aplicada, a qual sugere duas possibilidades de trabalho distintas, quais sejam, a *Lexicografia Prática* e a *Lexicografia Teórica*. A Lexicografia Prática dedica-se à elaboração de dicionários e os produtos desse labor são os próprios dicionários e a Lexicografia Teórica ou Metalexigrafia ocupa-se do estudo de tudo o que concerne ao fazer dicionarístico, e seus produtos são os saberes adquiridos e divulgados. Conforme ocorre em todo o fazer lexicográfico, é preciso que se leve em consideração um conjunto de escolhas coordenadas sobre aspectos da estrutura e do funcionamento do sistema linguístico, conforme se apresenta em seguida.

A concepção de glossário adotada é a de Barbosa (1995) que o define como "representativo da situação lexical de um texto único manifestado [...] numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusivas e bem determinadas". O glossário constitui-se de 117 verbetes e foi desenvolvido, no que se refere à microestrutura, de modo a englobar um público alvo representado por falantes do português, aprendizes do idioma árabe, professores de português para falantes do árabe, além de pessoas de outras áreas interessadas pela língua e cultura árabe.

Procurou-se observar aspectos da diglossia⁹⁶ da língua árabe, revelada na especialização das funções de cada variante em seus âmbitos de uso na comunidade linguística. O *corpus* inclui unidades léxicas do Árabe Clássico, usada exclusivamente na liturgia e na prática islâmica e pelo Árabe Padrão Moderno, forma modernizada do árabe

⁹⁶ Ferguson (1974) define diglossia como o uso de duas variedades linguísticas funcionalmente distintas de uma mesma língua e atribui às duas variedades as denominações High - (H), como sendo a variedade elevada, identificando as vertentes clássica e padrão como pertencentes a essa categoria e a Low - (L), a variedade baixa, identificando com ela os dialetos regionais.

clássico, usada pela maioria dos árabes, servindo como língua franca entre os países árabes. Também se considera o árabe dialetal falado na região do Líbano, usado em todas as situações informais do cotidiano. Essencialmente, essa vertente do árabe (gíria) é usada somente na versão oral, mas, algumas vezes, é reduzida à escrita na poesia, em caricaturas de periódicos e incluídos em romances contemporâneos.

O critério usado para a seleção das unidades léxicas foi a frequência de uso representativo por informante, isto é, levou-se em conta uma ocorrência em cada entrevista realizada. Desse modo, quanto à circulação das unidades léxicas na modalidade oral, o tratamento quantitativo consistiu na observação da frequência de uso, apresentado em Borba (2003), fixando uma frequência média, para 7 a 11 ocorrências e uma frequência alta, para 11 a 15 ocorrências.

4.2.7.2 A organização da microestrutura

A microestrutura do glossário é constituída por seis campos, a saber:

1. *Entrada*. Apresenta a unidade léxica, em itálico, transliterada para o português, acentuada de acordo com a pronúncia do árabe usada pelos falantes libaneses. Optamos expor as entradas em forma transliterada e não transcritas foneticamente a fim de serem passíveis de leitura também por usuários que não dominam o alfabeto árabe. Consciente de que o artigo árabe aparece prefixado ao nome, sendo-lhe, portanto, parte integrante, a transcrição será de um só termo, eliminando-se o recurso ao traço (hífen), como se tem feito geralmente. Assim, em caso de nomes comuns, ao invés de *al-jihêb*, passa-se a usar *algihêb*. No caso das preposições isoladas, que não se ligam fisicamente aos vocábulos, essas naturalmente se registram em separado. A unidade léxica definida no verbete pode ser uma lexia simples, lexia composta e lexia complexa (ou unidade fraseológica).

2. *Definição*. Segundo Welker (2004, p. 118-120), nos trabalhos que tratam acerca da *definição*, costuma-se distinguir as definições lexicográficas, enciclopédicas e terminológicas. Tendo em vista que o glossário reúne unidades léxicas que designam especificidades de uma cultura, e reconhecendo a dificuldade em correlacionar as equivalências entre as línguas, optamos por usar a definição hiperonímica como um recurso para solucionar essa questão. Nessa perspectiva, as definições sugerem a identificação das entradas inseridas no campo semântico em que integram, segundo a visão da cultura árabe

específica ao Líbano, conforme informações coletadas em sites, livros, explicações sugeridas pelos informantes, entre outros.

3. *Informações Gramaticais*. Registro da categoria e do gênero gramatical.

4. *Informações Diglósicas*. Este campo do verbete considera os distintos âmbitos sociais de uso da língua árabe, indicando a variedade da língua em que o lema/entrada foi usado, isto é, informa se a lexia pertence ao Árabe Clássico, ou ao Árabe Padrão Moderno ou ao Árabe dialetal falado na região do Líbano. A identificação dos lemas/entradas segundo os distintos estratos linguísticos referidos contou com o auxílio da Prof. Randan Antuan Ghomain, falante do árabe e integrante da comunidade libanesa de Londrina.

5. *Informações Contrastivas*. Proporcionam indicações contrastivas entre as unidades léxicas das duas línguas, tendo em vista a possibilidade de interferência de uma língua sobre a outra. Tais informações consistem de explicações comparativas e sociolinguísticas sobre as diferenças de uso entre as unidades léxicas nas duas línguas. Nesses casos específicos, as informações contrastivas substituem as definições das entradas.

6. *Nota*. Tendo em vista que representatividade dos arabismos sírio-libaneses cobre grande extensão do Brasil, posto que a imigração caracterizou-se por sua povoação urbana e descentralizada, este campo faz a distinção necessária entre os arabismos usuais, integrados totalmente ao estoque lexical do português, falado ou escrito, dos arabismos de especialidade, notadamente, atestados no âmbito da culinária e gastronomia. Neste campo também se organizam as informações de caráter enciclopédico relevantes para a melhor compreensão das entradas.

As abreviaturas e os ícones utilizados na microestrutura são:

- s. Substantivo
- f. Feminino
- m. Masculino
- □ Definição
- • Informações Diglósicas
- ▪ Informações Contrastivas
- ■ Nota

As entradas apresentam-se organizadas em ordem alfabética, inseridas no interior de cada campo semântico. Os campos semânticos permitem facilitar a identificação das unidades léxicas, justificar seu uso em determinadas situações e, ainda, compreender a comunidade de fala nas perspectivas linguístico-cultural e sociohistórica. O material pesquisado nos possibilitou observar cinco campos semânticos, sendo que os campos 'culinária' e 'religião' compreendem outros subcampos, conforme abaixo apresentados:

1. CULINÁRIA: Bebidas, Carnes, Condimentos, Doces, Frutas, Grãos, Laticínios, Massas, Gorduras, Ovos e Vegetais.
2. FOLCLORE,
3. PARENTESCO,
4. RELIGIÃO: Festas, Orações, Casamento e Objetos litúrgicos.
5. VESTUÁRIO.

4.2.7.3 Glossário

CULINÁRIA Bebidas

Araque (s.m.)

- Árabe Clássico Moderno
- Líquido alcoólico e concentrado, destilado da tâmara ou da uva, aromatizado com anis e quando misturado à água, torna-se de cor esbranquiçada.
- Nota - É usado frequentemente em todas as reuniões festivas.

Chái náana (s.m.)

- Árabe Clássico Moderno
- Líquido de cor verde-escura e açucarado, preparado com vários ramos de hortelã e especiarias variadas que é consumido a qualquer hora do dia, principalmente nos dias frios do inverno.

Carnes

Awarma (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Conserva de carne de carneiro ou de boi, picada em cubos pequenos, temperada com sal, cozida em gordura de carneiro e guardada em potes de

cerâmica. É consumida, aos poucos, com ovos mexidos, acompanhada com pão sírio ou em receitas diversas.

Mehchi wara malifouf (s.m.)

- Árabe Clássico Moderno
 - Rolinho de folha de repolho recheado com mistura preparada com carne moída e arroz crus, temperada com cheiro verde, tomates picados, canela e cebola. Os charutininhos são servidos com molhos e em acompanhamento com outros pratos quentes.

Mehchi wara ínab (s.m.)

- Árabe Clássico Moderno
 - Rolinhos de folha de uva, recheados massa preparada com arroz e carne moída crus, tomate, cheiro verde, temperada com canela e pimenta síria, cozidos e servidos com molhos diversos.

Chawárma (s.m.)

- Árabe Clássico Moderno
 - Filés pequenos, de carne bovina, tomate e cebola cortados em rodela grossas, temperados com tahine e fritos na manteiga temperada com especiarias.

Checrie (s.f.)

- Árabe Dialetal
 - Cubos pequenos de carne de boi ou carneiro, temperados com sal, sem a espuma do cozimento, acrescido de coalhada temperada com hortelã seca e servido com arroz e folhas.

Cheik el mehchi (s.f.)

- Árabe Clássico Moderno
 - Berinjela pequena, recheada de carne moída e isnúbar, cozida em água com especiarias e sal, e finalizada com molho de tomates. É acompanhada com saladas, pão árabe e arroz.
 - Nota- Algumas verduras e legumes são preparados em conserva e recheados. Em países do Oriente Médio como o Líbano, Síria e Jordânia,

estas receitas recebem o nome de *mehchi*; na Turquia *dolmas*; em certos países do Mediterrâneo, *dolmathes*; e no Ira, *dolmeh*.

Djêji mahâmara (s.f.)

- Árabe Clássico Moderno
- Galinha temperada com ervas aromáticas, assada em forno médio, depois desossada e misturada com amêndoas.

Fate homus (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Cozido de carne picada em cubos pequenos com grão-de-bico, acrescido de coalhada temperada com hortelã e sal, e finalizado com isnúbar e pedacinhos de pão árabe dourados na manteiga.

Kafta míchui (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Massa preparada com carne moída, cebola branca ralada, temperada com canela, cominho, hortelã e sal, que é presa em palitos e assada na grelha.

Muhâmasa (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Carne bovina moída e frita na manteiga com isnúbar, alho e cebola picados, servido em companhia de legumes em conserva, arroz e folhas.

Quibe kichki (s.m.)

- Árabe Clássico Moderno
- Cozido preparado com carne picada e cozida com grão-de-bico, trigo grosso, acrescida de folhas de repolho e finalizada com farinha de kichki.

Quibe naie (s.m.)

- Árabe Clássico Moderno
- Massa preparada com carne moída crua e de primeira qualidade, limpa de gordura e nervos, trigo fino, hortelã e cebola branca picadas, e temperada

com pimenta síria, sal e bem amassada com as mãos. O quibe é regado de azeite de oliva, e acompanhado de pão, azeitonas e outros.

Quibe míhlie (s.m.)

- Árabe Clássico Moderno
- Porção pequena de massa preparada com carne moída, trigo fino, cebola e hortelã, enrolada em forma oval, com ou sem recheio e frita em óleo quente.

Quibe míchui (s.m.)

- Árabe Clássico Moderno
- Porção de massa preparada com carne bovina moída, trigo fino, temperado com cebola, alho e sal, recheado com isnúbar picado, amassada e enrolada em forma oval e assada na grelha.

Quibe labanie (s.m.)

- Árabe Clássico Moderno
- Porção de massa de quibe de carne, enrolada em forma oval, frita e colocada na coalhada previamente cozida e temperada com alho e hortelã seca.
- Nota - Gastronomia.

Bemia bi lahme (s.m.)

- Árabe Dialetal
- carne de carneiro ou de boi, picada em cubos pequenos, temperada com zâtar, pimenta síria, frita e acrescida de pedaços grandes de quiabo.

Mussarine mehchi (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Tripas grossas de carneiro ou boi, temperadas com sal, pimenta e limão, que pode ser assada em chapas ou recheadas com uma mistura de arroz, carne moída e ervas aromáticas e cozidas em panela.

Doces

Ainar (s.m.)

- Árabe Dialectal
- Infusão preparada com uma variedade de especiarias, tais como cravo, canela e erva-doce, adoçada com mel e servido em xícara com um punhado de nozes, amêndoas e isnúbar, que serão degustados ao final.
- Nota - Gastronomia.

Ataífe (s.f.)

- Árabe Dialectal
- Panqueca doce, que pode ser recheada de nata ou nozes e servida com calda feita de mel e aromatizada com essência de rosas
- Nota - Gastronomia.

Ataífe bi jauz (s.f.)

- Árabe Dialectal
- Panqueca doce, recheada de nozes trituradas e servida com calda preparada com mel, limão e aromatizada com essência de água de rosas.
- Nota - Gastronomia.

Bekláwa (s.m.)

- Árabe Dialectal
- Doce de massa folhada, com recheio de nozes, amêndoas e pistaches, formando quatro camadas, as quais são assadas em forminhas e recobertas com calda de mel e água de flor de laranjeiras.
- Nota - Gastronomia.

Chebákia (s.m)

- Árabe Dialectal
- *Biscoito doce preparado com mel, erva-doce, gengibre e semolina, o qual pode ser servido com chá de menta.*

Garáib (s.f.)

- Árabe Dialectal

□ Rosquinhas preparadas com massa à base de manteiga, açúcar, maisena e farinha de trigo, enfeitada com amêndoas e assadas em forno médio.

■ Nota - Gastronomia.

Halewi at tin (s.m.)

• Árabe Dialetal

□ Pasta de figos secos com calda de consistência grossa e firme, feita com açúcar, sementes de gergelim torradas, anis e erva doce.

■ Nota - Gastronomia.

Katáife (s.m.)

• Árabe Dialetal

□ Doce obtido por meio de uma massa preparada com farinha de trigo, leite, açúcar e fermento, recheada com nozes, canela e açúcar, modelada em forma de lua crescente e assada em forno médio. É servido como sobremesa, envolvido numa calda preparada com mel, limão e água-de-rosas.

Mamul (s.f.)

• Árabe Dialetal

□ Bolinhas de massa, preparada com farinha de trigo, semolina, açúcar, manteiga, fermento e água-de-rosas, recheada com pistache e amêndoas trituradas e assadas em forno médio.

Raha (s.m.)

• Árabe Dialetal

□ Doce gomoso, tradicionalmente de cor esbranquiçada, preparado com semolina e recheio de amendoim, frutas secas ou pistache, cortado em quadrados pequenos e envolvidos em açúcar de confeitiro.

Condimentos

Baharat (s.f.)

• Árabe Clássico Moderno

- Mistura de várias especiarias moídas, como pimenta da Jamaica, canela, pimenta do reino preta e branca, noz-moscada e cravo em pó, usada como tempero para carnes e receitas variadas.

Chilchi halawi (s.m.)

- Árabe Padrão Moderno
 - Líquido concentrado de sabor ácido e frutado, levemente amargo, extraído da vagem do tamarindo e usado para temperar sopas e cremes em geral.
 - Nota - Gastronomia.

Chimichurri (s.f.)

- Árabe Dialetal
 - Mistura de ervas e temperos variados, encontrada seca ou combinada com azeite de oliva e vinagre, usada como tempero específico para assados e grelhados.
 - Nota - Gastronomia.

Chumrat (s.m.)

- Árabe Padrão Moderno
 - Erva de caule ereto, com flores brancas ou amarelas coladas na parte inferior das folhas e que produz uma vagem achatada, com sementes ovóides de cor amarelada, usadas, em pó, para tempero de recheios e receitas variadas.
 - Nota - Gastronomia.

Fanília (s.f.)

- Árabe Padrão Moderno
 - Essência aromática em forma de água ou óleo, de sabor doce e delicado, de cor marrom escuro, extraída de grãos minúsculos da fava de planta da América Central. É usada no preparo de doces, massas e sorvetes.

Fulful mathun (s.f.)

- Árabe Padrão Moderno

□ Grão de bagos de planta tropical, de formato arredondado, usado como tempero, inteiro ou em pó, apresenta variação de cores conforme diferentes tempos de colheita e de processos de secagem.

■ Nota - Gastronomia.

Hábet elhel (s.m.)

- Árabe Padrão Moderno
- Semente de cor esverdeada com aroma de eucalipto, sabor picante e levemente frutado, usada para aromatizar café.

Hárde elárabi (s.f.)

- Árabe Padrão Moderno
- Tempero de cor amarelada, sabor picante, extraído de pequenas sementes de cor amarela da mostardeira e usado em pó ou em pasta, no tempero de diversos pratos salgados.

Janjabil (s.m.)

- Árabe Padrão Moderno
- Rizoma da planta chamada Gengibre, de cor amarelo-clara, sabor refrescante e aroma marcante. É usado, fresco, no preparo de bebidas quentes, em saladas, e em pó, como condimento para diversas receitas doces e salgadas.
- Nota - Gastronomia.

Jauz táib (s.f.)

- Árabe Padrão Moderno
- Tempero em pó, de cor avermelhada, de sabor doce ou picante, obtido da moagem da polpa seca de pimentões vermelhos, doces e picantes, usada para temperar carnes e saladas.

Kerf (s.f.)

- Árabe Padrão Moderno
- Pó aromático, de cor escura e sabor quente, usado como tempero na preparação de pratos doces e salgados.

Máhlebi (s.m.)

- Árabe Padrão Moderno
- Grão pequeno, de sabor e aroma marcantes, encontrado dentro da semente da cereja-brava e usado em pó para aromatizar doces.
- Nota - Gastronomia.

Mai záhar (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Essência aromática extraída da flor de laranjeira, em maceração e usada especialmente para aromatizar caldas de doces.
- Nota - Gastronomia.

Mai ward (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Essência aromática extraída das pétalas da rosa, por destilação a vapor e usada especialmente para aromatizar a calda de doces e bolos.
- Nota - Gastronomia.

Mástic (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Especiaria em forma de resina, de cor amarelo clara, com superfície farinácea, usada como aromatizante para bebidas e licores.
- Nota - Gastronomia.

Mint (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Óleo fino e aromático, de cor esverdeada, sabor refrescante, extraído da menta e usado para aromatizar bebidas, licores e determinadas receitas.

Misk (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Resina vegetal, em forma de pedra transparente, de aroma agradável, extraída de árvore típica do Oriente e usada para aromatizar doces e sorvetes.

■ Nota - Gastronomia.

Náana (s.f.)

- Árabe Dialetal
 - Erva aromática rasteira, de sabor intenso e refrescante, com folhas pequenas e opostas, de cor verde, de tamanho oval e com as extremidades serrilhadas. Usada em chás, aromatizantes de licores e bebidas, e como tempero, é ingrediente imprescindível no preparo do quibe e do tabule.

Náana Yèbsi (s.f.)

- Árabe Padrão Moderno
 - Pó grosso, de cor verde escuro, obtido da folha de hortelã seca à sombra, que é amassada com a mão e usada como tempero para saladas, coalhadas e pickles.

Sábaa Baharát (s.f.)

- Árabe Padrão Moderno
 - Mistura preparada com sete tipos distintos de pimentas e especiarias moídas, incluindo pimenta da Jamaica, canela, pimenta do reino preta e branca, noz-moscada e cravo em pó, usada como tempero para carnes e receitas variadas.

Sumak (s.m.)

- Árabe Padrão Moderno
 - Pó avermelhado de gosto bastante ácido e usado como substituto do limão em pratos e saladas.

Tahine (s.m.)

- Árabe Padrão Moderno
 - Pasta concentrada, de cor clara, consistência firme, preparada à base de semente torrada de gergelim e usado para temperar molhos, pastas, legumes e carnes.

Záatar (s.f.)

- Árabe Padrão Moderno
- Erva aromática com folhas pequenas e finas de cor verde, usada fresca ou seca, separadamente como tempero, ou na composição de outras misturas.

Yansum (s.m.)

- Árabe Padrão Moderno
- Semente aromática de sabor adocicado, obtidas de planta oriental, com folhas pequenas e flores brancas que dão origem a pequenos frutos ovais de cor marrom. As folhas são usadas no preparo de sopas, saladas e peixes, e as sementes para aromatizar massas, licores e bebidas.
- Nota - Gastronomia.

Yansun áhdar (s.m.)

- Árabe Padrão Moderno
- Especiaria aromática tirada de arbusto oriental, de casca acinzentada, que tem o formato de estrela de oito pontas, com uma semente oval, brilhante e de cor marrom. É usado, em pó, no preparo de pratos doces e na produção de licores e bebidas.

Zafarán (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Pó de cor amarela, aroma e sabor marcantes, obtido dos pistilos secos de cor alaranjada do açafraão. É usado como tempero de pratos salgados e corante natural.
- Nota - Gastronomia.

Záatar (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Mistura de várias especiarias secas e moídas como sumake, záatar, semente de gergelim torrada, tomilho e orégano, de cor verde escura, usada como tempero para quibes, queijos, e receitas variadas.
- Nota - A palavra záatar, em árabe, 'tomilho,' passou a denominar a mistura de várias especiarias.

Frutas

Tâmara (s.f.)

- Árabe Padrão Moderno
- Fruta da tamareira, rica em açúcar, com polpa carnuda e úmida, de cor que varia do preto ao avermelhado, de aspecto roliço e casca ondulada que sai facilmente de um caroço longo e fino. É consumida, mais frequentemente seca, acompanhando outras frutas secas, sementes e chá.

Dibs rumen (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Xarope fabricado do suco da romã, usado para dar sabor ácido a determinados pratos, pastas e recheios.
- Nota - Gastronomia.

Gorduras

Azait (s.m.)

- Árabe Padrão Moderno
- Óleo concentrado, de cor esverdeada extraído da azeitona madura e usado amplamente em pratos, saladas e cremes em geral.

Azait sumsum (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Óleo concentrado, de cor marrom clara, extraído de sementes torradas do gergelim e condimentado. É usado para temperar pastas e saladas.

Liye (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Gordura de sabor forte, de cor clara, extraída da cauda grande e larga de espécie de carneiro oriental, conservada e usada na preparação de assados e receitas diversas.

Grãos

Chiríe (s.m.)

- Árabe Dialetal

- Arroz frito na manteiga com aletria previamente dourada na manteiga, e temperado com sal, alho e temperos variados, usado para acompanhar vários tipos de pratos salgados.

Fate (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Pão árabe com manteiga, cortado em quadrados pequenos, torrado, acrescido de coalhada fresca temperada, e decorado com amêndoas e isnúbar torrados.

Full (s.f.)_r

- Árabe Dialetal
- Leguminosa colhida ainda tenra e consumida verde ou seca, como aperitivo, e na preparação de saladas.
- Nota - Gastronomia.

Façúlia bi lahm (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Feijão branco cozido com cubos de pernil de carneiro e temperados com cebola, canela, alho e sal e servido à mesa em companhia de legumes e pão.

Homos (s.m.)

- Árabe Padrão Moderno
- Grão arredondado e com uma pequena ponta, revestido por uma película fina, de cor amarelo claro que sai de uma vagem lisa e ovalada, que contém de uma a três sementes. É usado para preparar pastas, saladas e ensopados.
- Nota: Humos, no árabe, significa 'grão de bico', mas também se refere à pasta preparada com o grão de bico.

Homus bi tahine (s.f.)

- Árabe Padrão Moderno
- Pasta de consistência firme, preparada com de grão de bico cozido, temperado com molho de Tahine, oliva e limão e servida acompanhada de pão árabe, legumes crus e outros.

Isnúbar (s.m.)

- Árabe Padrão Moderno
- Semente pequena e de formato oval, cor branca, sabor agradável de nozes, a qual dá sabor crocante à massas, doces e recheios variados. Dourada na manteiga, também é usada para adornar pratos doces e salgados.

Lúbi bi záit (s.f.)

- Árabe Dialectal
- Vagem levemente cozida em água temperada com sal e especiarias, conservada no azeite de oliva e servida em companhia de pão e outros pratos.

Mujádara (s.m.)

- Árabe Dialectal
- Arroz cozido com lentilha de cor escura, e finalizado com porção abundante de rodela de cebola douradas no azeite.

Sumsum (s.f.)

- Árabe Padrão Moderno
- Semente pequena, lisa, de sabor suave de noz, nas cores branca, preta e marrom, colhida verde, e usada na fabricação do óleo de gergelim, na pasta tahine e tostada como ingrediente para várias receitas doces e salgadas.

Taratur (s.m.)

- Árabe Dialectal
- Molho preparado à base de pasta de tahine e temperado com alho, suco de limão, sal e pimenta, o qual participa da elaboração de muitas receitas.

Burgul (s.m.)

- Árabe Padrão Moderno
- Cereal da família das gramíneas, usado inteiro, triturado de maneira fina, quebrado grosseiramente, e refinado para obter a semolina.

Bêzer (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Semente de abóbora torrada, salgada e usada como aperitivo.

Laticínios*Ambáris* (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Bolinhas enroladas de coalhada bem seca e conservadas em óleo de oliva, que é servida como antepasto e acompanhada por pão árabe, azeitona e outros.
- Nota - Gastronomia.

Chanklich (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Coalhada bem seca e passada numa mistura de pimenta-do-reino, páprica e zatar e especiaria, enrolada no formato de um pequeno queijo, com formato arredondado. É apreciada no pão árabe, em saladas e como aperitivo.
- Nota - Gastronomia.

Labanie (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Creme de coalhada, de consistência firme, preparada com clara de ovo, maisena, que é cozido em fogo brando e finalizado com alho dourado na manteiga e hortelã seca. É consumido com arroz, ou usado como ingrediente para a elaboração de outros pratos.

Lában (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Leite coagulado por bacilos vivos, usado como ingrediente de pratos doces e salgados ou consumido ao natural.

Massas

Chichibáarak (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Receita preparada com pasteizinhos de massa de pão, recheados de carne moída e cozidos em coalhada fresca temperada com especiarias, servidos em companhia de arroz branco e folhas diversas.

Fatáier (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Pastel de massa preparada com farinha de trigo, ovos, fermento e coalhada, que pode ser recheado com verduras, ricota ou carne e assado em forno médio.

Beirute (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Sanduíche preparado com pão árabe e recheios variados de folhas de alface, carne desfiada, legumes, coalhada seca, especiarias e outros.

Lahm bi hajin (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Pequena porção de massa assada, de formato arredondado, com as laterais mais grossas e o centro ocupado por recheio de carne moída ou queijo.

Manahich bi zátar (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Bolinha de massa de pão, aberta com rolo, coberta por mistura de zátar e azeite de oliva e assada no forno.
- Nota - Gastronomia.

Hôbis (s.m.)

- Árabe Padrão Moderno
- Pão de textura fina e formato redondo, usado como substituto de talheres em todas as refeições do dia.

Quibe batata (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Massa preparada com batata cozida e amassada, trigo fino, alho e cebola amassados, regada com óleo de oliva e consumida fresca, acompanhada de legumes e pão ou assado em forno.

Hôbis ma zátar (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Pão árabe com uma mistura de zátar e azeite de oliva.

Fatier bi jibne (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Pastel de massa ,fechado, recheado com ricota e assado em forno.
- Nota - Gastronomia.

Ovos*Baid bi awarma* (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Ovos mexidos com carne em conserva, cebola, pimenta do reino e sal, servido, quente, com pão árabe.
- Nota - Gastronomia.

Baid bi sumak (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Ovos mexidos em frigideira com cebola, sal, sumak e nozes picadas, servido quente com pão árabe.
- Nota - Gastronomia.

Ijit hudra (s.m.)

- Árabe Dialetal
- Abobrinha cortadas em rodela, refogada na manteiga, acrescida de escarola, espinafre e nozes, misturadas a ovos batidos. É servido quente com pão árabe.

Vegetais

Arich (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Folha nova da parreira, de tamanho pequeno, de cor verde, usada para enrolar porções de carne moída e arroz e no preparo de saladas varadas.

Baitingen mehchi (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Berinjela colhida ainda pequena, fervida em água com sal, recheada com nozes amassadas e conservadas no azeite de oliva.

Babaganuchi (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Pasta preparada com berinjela assada no fogo, bem amassada e temperada com molho de tahine, sal, limão, alho e azeite de oliva. É servido como entrada junto com pão sírio.

Fatuche (s.f.)

- Árabe Dialetal
- Salada preparada com tomates, pepinos e rabanetes picados em cubos pequenos, alface, hortelã e salsa cortados grosseiramente, temperados com azeite de oliva, sumak, sal e finalizada com pedaços pequenos de pão árabe dourados no forno com manteiga.
- Nota - O pão árabe é muito utilizado em diversas receitas. Cortado em quadrados pequenos e torrados no forno, leva o nome de Fatte, de onde se deriva o nome deste prato: fatuche

Full umdamas (s.f.)

- •Árabe Dialetal
- □Salada de favas frescas, cozidas em água temperada com ervas aromáticas e depois temperadas com alho, cebola, azeite, sal e limão.
- Nota - Gastronomia. *Muluhie* (s.f.)
- Árabe Dialetal

- Carne bovina e carne de frango picados em pedaços pequenos, fritos na manteiga, temperados com especiarias variadas e acrescidos de muluhíe picada.

Lubi (s.f.)

- Árabe Dialetal
 - □ Baínha macia, de cor verde, de forma alongada e fina, a qual envolve grãos pequenos e macios, de cor clara, colhida antes do amadurecimento e usada em saladas, cozidos e conservas.

Kussa bi lában (s.f.)

- Árabe Dialetal
 - Abobrinha recheada de carne moída e arroz, cozida à parte, e depois acrescida à coalhada cozida, temperada com alho e hortelã seca.

Kussa mehchi (s.f.)

- Árabe Dialetal
 - Abobrinha de tamanho pequeno e sem polpa, recheada com carne moída, arroz e especiarias.

Tabule (s.f.)

- Árabe Dialetal
 - Salada composta de trigo quebrado com tomate, alface, cebola, hortelã e cheiro verde picados em cubos pequenos e temperada com óleo de oliva.
 - Nota - Esta salada é normalmente comida com folhas de alface, formando pequenas trouxinhas.

FOLCLORE

Li-li-li-li-li-li-lish: (s.m.)

- Árabe Dialetal
 - Grito vibrante, emitido por homens ou mulheres para expressar alegria em comemorações festivas de noivados, casamentos, nascimentos, entre outros. Comum entre os povos árabes, o grito consiste na produção enfática

do fonema lateral /l/, repetidamente, finalizando com o som aproximado ao produzido com o fonema

Dabk: (s.f.)

- Árabe Dialetal
 - Dança típica do Líbano e regiões adjacentes que consiste na batida alternada do pé no chão, ritmada ao som da batida de instrumentos musicais, como tambor, pandeiro, flauta e outros.
 - Nota - O termo *dabk*, em árabe significa 'bater o pé.' O dabk é realizado com a participação de homens, mulheres e crianças, que unem as mãos formando um longo colar.

PARENTESCO

Aruz: (s.m.)

- Árabe Dialetal
 - Condição do relacionamento entre o rapaz e a da moça, no que concerne ao compromisso de casamento firmado entre as duas famílias. Na cultura árabe não existe a fase do namoro, conforme há no costume brasileiro, não existindo, por consequência, os termos 'namoro' e 'namorado(a)'. No Brasil, o termo 'namorado(a)' é usado para definir a condição da moça ou do rapaz durante o período de namoro, caminhando-se, posteriormente, para a etapa de 'noivo(a),' condição na qual ambos fazem promessa solene de casamento. Os libaneses usam o termo 'namorada,' do português, mas, com o significado de 'aruz,' do árabe, o que é muito distinto culturalmente.

Ibn al khar: (s.m.)

- Árabe Dialetal
 - Expressão traduzida literalmente por 'filho do irmão,' a qual significa no árabe 'sobrinho por parte do irmão.' O idioma árabe faz a distinção entre *Ibn al khar*, 'filho do irmão' e *ibn al uht*, filho da irmã. No português, geralmente, usa-se apenas a palavra 'sobrinho' para referir-se aos dois casos. Há, também, outra diferença quanto ao tipo de lexia nos dois sistemas linguísticos: no árabe trata-se de uma lexia complexa e, no português, uma lexia simples.

RELIGIÃO Casamento

Berudúa: (s.f.)

- Árabe Dialectal
- Festa realizada durante as festividades do casamento islâmico, promovida por amigos e familiares da noiva, quando a conduzem até o noivo e a sua futura moradia.

Im Adam: (s.m.)

- Árabe Padrão moderno
- Dote que pode ser em forma de dinheiro ou jóias, considerado um regulamento do contrato do casamento islâmico, a partir do qual o homem se compromete a pagar à mulher com que se casa, geralmente, no início da união. Esse dote tem a função de suprir a esposa se, por ventura, ocorrer divórcio ou separação entre as partes.

Festas

EidAlfiter: (s.f.)

- Árabe Clássico
- Principal festa do calendário islâmico, realizada no primeiro dia do primeiro mês após o Jejum do Ramadan, em comemoração à quebra do período de abstinência alimentar. Nesse dia, nos países islâmicos, as ruas e edifícios são iluminados, doces e presentes são compartilhados e vendidos em feiras e bazares, trocam-se cartões e os fiéis dão presentes e dinheiro aos pobres.

EidAládha (s.f.)

- Árabe Clássico
- Celebração conhecida como 'festa do sacrifício,' a qual constitui o clímax da peregrinação em Meca, data em que se sacrificam um animal, geralmente carneiro ou cabra, em simbologia à disposição de Abrão de sacrificar seu filho a Deus. A carne do sacrifício é posteriormente doada às pessoas mais carentes.

Objetos litúrgicos

Alcorão (s.m.)

- Árabe Clássico
 - Livro sagrado dos muçulmanos, o Alcorão, em árabe *Al'Qur'an*, que significa "a recitação" foi composto a partir do ano 610 a. C., data na qual o profeta Mohammad, segundo a tradição islâmica, recebeu a primeira revelação de Deus. O profeta, que não sabia ler nem escrever, decorava as suratas e as transmitia para os escribas, os quais registravam em pedaços de peles de animais, ossos e os conferiam durante suas vidas.

Masbaha (s.m.)

- Árabe Clássico
 - Conhecido como 'rosário muçulmano,' o masbaha é um cordão composto por 33 ou 99 contas usado como auxílio na concentração para a repetição de palavras islâmicas que remetem aos nomes de Deus. De tipos e cores diversos, o masbaha é fabricado de âmbar, resina, madeira, pedras ossos, plástico etc. Prático de manusear, o masbaha de 33 contas é o mais usado pelos árabes no Brasil, também, com a finalidade de descontrair, relaxar a tensão e passar o tempo. Existem, também, masbaha usado como enfeite em residências e comércios e, nesse caso, costuma ser produzido com pedras grandes e coloridas.
 - Nota - Os masbahas são usados também por vários povos orientais como acumuladores e transmissores de energia positivas e, nesse caso, servem de amuletos, colocados carros, enfeites de residência, entre outros.

Taurat (s.m.)

- Árabe Clássico
 - Bíblia sagrada usada pelos libaneses cristãos, das vertentes católica (melquita e maronita) e ortodoxa.

Orações

Abana (s.m.)

- Árabe Clássico

- Oração sacerdotal conhecida como 'Pai Nosso,' a qual foi ensinada por Jesus Cristo e praticada pelos adeptos de distintas vertentes do cristianismo."

Bismilaha Wrahmani Rahim

- Árabe Clássico
- Oração introdutória de grande parte dos versos do Alcorão, amplamente proferida pelos muçulmanos durante suas atividades cotidianas. É traduzida em português por 'Em nome de Deus Clemente e Misericordioso.'

Salát (s. f)

- Árabe clássico
- Salát, que significa 'oração,' representa um dos mais importantes pilares do islamismo, cuja prática é determinada pelo Alcorão e exigido a todos os adeptos da religião. As orações são realizadas cinco vezes ao dia, em horário determinado, sendo as condições prévias para validá-las, a purificação das vestimentas e do corpo, mediante abluções e realizá-las em posição de prostração, sobre um tapete em direção à cidade de Meca.

VESTUÁRIO

Abeie: (s.f)

- Árabe Padrão Moderno
- Típica capa larga, longa costurada em tecido de lã grosso, bolsos profundos laterais, enfeitada geralmente com adereços dourados na gola e mangas, usada em festividades e demais situações.
- Nota - Originalmente, a capa abeie remonta os beduínos do deserto que a carregavam em volta do corpo durante o dia quente e a vestiam à noite para se aquecer.

Charuer: (s. m)

- Árabe Clássico Moderno
- Calça que é larga na parte superior, na altura do glúteo, e estreita na parte inferior, na altura dos tornoselos, usada por baixo de túnicas para facilitar a liberdade de movimentos.

- Nota - A calça charuer possui modelos adequados tanto para homens como para mulheres.

Kafie: (s.m)

- Árabe Clássico Moderno
 - Típico lenço árabe masculino, produzido por um tecido quadrado preso por um cordão grosso, havendo por baixo do mesmo, uma touca para prender o cabelo.
 - Nota - A origem do kafie remonta aos beduínos no deserto que o utilizavam como protetor contra o frio e tempestades de areia. Sua cor e modelo, assim como o cordão que o prende, identificam o país e a região do indivíduo que o utiliza. O modelo de lenço quadriculado em preto e branco, por exemplo, frequentemente usado por Yasser Arafat, é típica da Palestina.

CONCLUSÃO

Esta tese parte da descrição e análise de interferências manifestadas no português brasileiro produzido por imigrantes libaneses, a partir de parâmetro contrastivo e sociolinguístico. A primeira medida assumida no sentido de alcançar tal objetivo foi a proposição de três objetivos específicos, dentre os quais, o primeiro deles consistiu no contraste linguístico de estruturas das duas línguas em contato.

Por meio desse contraste, verificamos que a distância linguística existente entre as duas línguas em contato ficou nitidamente comprovada mediante comparação de fonemas no nível fonético-fonológico e de formas e sentidos no nível léxico-semântico. O confronto de formas/estruturas entre os dois sistemas linguísticos trouxe à luz as diferenças de ambos e as possíveis causas das interferências estruturais no português falado pelos informantes. No cumprimento de tal objetivo, não apenas colocamos lado a lado as duas línguas, colhemos os resultados dessa comparação e explicamos as interferências que advêm dela, mas também, oferecemos sugestões que podem ser úteis tanto para evitar as interferências geradoras do preconceito e estigmatização em falantes árabes, como para utilizar em trabalhos voltados ao ensino/aprendizagem formal desse idioma.

Identificados os fatores linguísticos promotores das interferências, constituía um imperativo correlacioná-los com os fatores extralingüísticos e, assim, atentamos para o segundo objetivo específico. Para tanto, executamos uma busca de informações a fim de reconstituir a história sociocultural da imigração libanesa no Brasil, como um todo, e a recriação desse universo histórico e sociocultural a partir da colônia libanesa na cidade de Londrina. À sombra dos fatores extralingüísticos relativos a essa comunidade abriga uma realidade linguística pouco explorada, a qual não relegamos ao segundo plano. A imigração autônoma de libaneses para o Brasil, sua distribuição espacial no país, a inserção nitidamente urbana mediante o comércio de mercadorias e a aprendizagem informal do português, representam fatores externos gerais, em direção aos quais concorreram outros fatores específicos de natureza diversa, como: a recriação do universo sociocultural libanês por meio da formação de colônias locais em diversas regiões brasileiras, a manutenção efetiva dos laços culturais e etnoreligiosos a partir de casamentos endogâmicos, edificação de clubes sociais e mesquitas islâmicas, valorização do árabe, entre outros.

Observados todos esses aspectos, procuramos salientar que, quando se fala em comunidade libanesa, portanto, estamos lidando com uma modalidade conceitual, pois, na prática, especialmente para os brasileiros, mas também para aqueles de origem árabe, é quase

impossível discernir a comunidade libanesa da síria, ao passo que é bastante fácil a identificação do árabe e de seus costumes. Conforme verificamos, as divisões mais claras da comunidade libanesa são vistas a partir dos diversos grupos religiosos que a compõem.

Esse mosaico de fatores externos constitui o ambiente e a condição particular nos quais os falantes se tornaram bilíngues árabe-português e definem, de forma relativa, a sua 'bicompetência' linguística, comunicativa e cultural nas diferentes épocas e situações do cotidiano. Nessa dimensão, o estatus e a função do árabe e do português representou fatores definidores de um estado situacionalmente compartimentalizado de coexistência de duas línguas como instrumento de interação social.

Na fala dos informantes, foi possível notar que os fatores externos unidos aos internos formaram uma complexa rede de ação conjunta que favoreceu ou inibiu a produção de interferências, verificadas nos dois níveis linguísticos analisados, o fonético-fonológico e o lexical. Inclusive, as diversas interferências representadas por estrangeirismos (58% do registro total de interferências) constituem uma prova cabal da ação combinada dos dois fatores sobre os dados linguísticos. Em decorrência desse fato, houve a necessidade de executamos o terceiro objetivo específico proposto, isto é, a elaboração do Glossário de Arabismos da Imigração Libanesa no Brasil. Nessa direção, o glossário organiza o vocabulário representativo usado pelos falantes da colônia libanesa, sem equivalentes no português brasileiro, mas, com amplas definições, propositadamente, a fim de comunicar com usuários que não falam o árabe.

01 – A avaliação das Hipóteses de pesquisa

No início deste trabalho propusemos as seguintes hipóteses de pesquisa:

- a) As diferenças existentes entre os dois sistemas fonético-fonológicos em contato promovem interferências geradoras de preconceito e estigmatização na fala dos bilíngues.
- b) A estrutura das línguas envolvidas no contato é condicionada por processos cognitivos de interferência e governa a introdução de unidades léxicas no sistema linguístico. Assim, como participantes de situação de intenso contato e forte pressão cultural, os falantes bilíngues desenvolvem distintas estratégias no uso de elementos da língua materna para expressar os referentes de seu universo sociocultural por não encontrar equivalentes na língua estrangeira.
- c) A história sociocultural dos falantes bilíngues é o primeiro determinante na direção, no grau e na difusão das interferências léxicas na comunidade dominante.

d) A assimetria léxico-semântica existente entre os dois sistemas leva à interferência de unidades léxicas na fala dos bilíngues, as quais, podem estender-se a toda comunidade linguística, segundo o uso e a frequência e, lentamente, chegar à integração do sistema da língua dominante.

Acreditamos que as discussões realizadas ao longo dos capítulos deste trabalho permitem a confirmação das quatro hipóteses propostas inicialmente. Contudo, alguns aspectos merecem nossa consideração.

No que concerne à *primeira hipótese* arrolada, conforme verificamos na análise fonético-fonológica, as diferenças entre os dois sistemas de som, comprovadas previamente mediante análise contrastiva, resultou na produção de diversas alterações e processos fonéticos, definidos por metaplasmos. Verificamos que a inexistência de fonemas no sistema do português e existentes no árabe consistiu a causa primordial de alterações fonéticas, concretizadas por trocas fonêmicas na fala dos informantes. A essa causa primordial, somam-se outras, como as divergências existentes nos processos fonético-fonológicos, evidenciados, por exemplo, na assimilação e ditongação e nas bases de articulação das consoantes dos dois sistemas. A tendência do falante em simplificar a emissão dos sons, facilitando aos órgãos do aparelho fonador, ainda, constitui, potencialmente, um elemento favorecedor das interferências. O fato de algumas interferências geradoras de 'erros' permanecerem fossilizadas⁹⁷ na fala dos imigrantes, ainda nos dias atuais, alimentando o preconceito e a estigmatização, deve-se, portanto, ao aprendizado informal do português.

A *segunda hipótese*, a exemplo da primeira, também se comprovou plenamente. É necessário recordar, nesse ponto, que as lacunas existentes no vocabulário das duas línguas, como um fator linguístico, e a necessidade de um vocabulário para denominar os conceitos socioculturais dos falantes, como fator não linguístico, constituíram as causas fundamentais na geração de interferências léxicas. Nesse caso particular, o uso de mecanismo interferente mediante 'empréstimo de vocábulos estrangeiros,' mostrou-se, estatisticamente, a estratégia cognitiva mais selecionada pelos falantes para a entrada de arabismos na amostra analisada. Em decorrência desta ação cognitiva de interferência, encontramos vocábulos de distintos campos semânticos que designam os referentes socioculturais dos falantes, sem equivalência plena no português brasileiro. Assim, verificamos que a estrutura das línguas em contato é sensível ao condicionamento de processos cognitivos de interferência.

⁹⁷ O termo 'fossilização' foi introduzido por Selinker (1984, p. 46), cuja definição é sugerida pelo autor como "Fenômenos linguísticos fossilizáveis são elementos, regras e subsistemas linguísticos que os falantes de uma determinada língua materna tendem a manter na interlíngua deles, em relação a determinada língua objeto, independente da idade do aprendiz, da quantidade de explicações ou de ensino recebido na língua objeto."

Semelhantemente, a *terceira hipótese* se comprovou cabalmente, a partir das considerações feitas na reconstituição da história sociocultural dos falantes, consideradas com o fenômeno imigratório como um todo e, particularmente, como a sua reprodução na colônia local. Nela, percebemos que o tipo de trabalho dos imigrantes, a inserção tipicamente urbana no país, e a valorização do árabe como língua de cultura e religião, entre outros, representam agentes potenciais na *direção*, (árabe português) no *grau* (percebido pelo número de arabismos integrados ou em fase de integração ao português) e na *difusão* (disseminação dos arabismos no país) das interferências. Como instrumentos de divulgação do léxico de uma língua, os dicionários gerais consultados nesta pesquisa, além de outros, validam a confirmação dessa hipótese.

Quanto à *quarta hipótese*, porém, convém reconhecer que essa se comprovou apenas parcialmente, pois, por um lado, se comprovou que a distância léxico-semântica entre os dois sistemas linguísticos e culturais, efetivamente, gera necessidades para a produção de interferências. Inclusive, nessa direção, Weinreich (1974) previu que as interferências na fala dos bilíngues poderiam ser efêmeras, diluindo ou desaparecendo com o tempo, como, também, afirmou que essas poderiam ser duradouras, a partir de sua integração ao cerne da língua receptora. Por outro lado, conforme supomos inicialmente, algumas interferências léxicas têm possibilidade de estender-se à fala geral da comunidade e vir a constituir parte da língua. Dessa maneira, tal hipótese não se cumpriu até esse momento, uma vez que somente o tempo e a frequência de uso podem indicar a possibilidade de tal hipótese se tornar realidade.

Assim, do ponto de vista qualitativo e quantitativo, as hipóteses de interferência no português falado pelos imigrantes libaneses de Londrina - Paraná são comprovadas nos dois níveis gramaticais contemplados, conforme demonstram os dados do *corpus* a seguir.

02 – Fatores linguísticos e extralinguísticos que governam as interferências na fala dos informantes.

Em atenção aos dados de pesquisa, foram fundamentais as observações de Weinreich (1974), os fenômenos de interferência são resultantes da ação combinada de duas forças opostas representadas por fatores de *estímulos* e fatores de *resistência*, que podem ser de natureza linguística ou não linguística. Aplicando tal pressuposto ao *corpus*, apresentamos

no quadro 18 uma previsão que sugere a existência de fatores de estímulos e fatores de resistência que incidem conjuntamente na produção das interferências investigadas.

Quadro 16 – Panorama geral dos fatores determinantes de interferências nos níveis fonético-fonológico e léxico-semântico.

Formas de interferência	Exemplos	Fatores Linguísticos		Fatores Extralinguísticos	
		Fatores de estímulos	Fatores de resistência	Fatores de estímulos	Fatores de resistência
1. Fonético/Fonológico: • Sonorização; • Ensurdecimento; • Despalatalização; • Monotongação; • Assimilação; • Desnasalização; • Aférese, • Síncope com desnasalização.	• [p,f,k,s]>[b,v,g,z]; • [g] > [k] • [ʎ,] > [l, n] • [mũy̆tu] > [mutu] • [ãw] > [õw]; • [ã < á]; [ẽ > e]; • a, e, prefixos etc. • [mya] > [minha].	• Pontos de diferenças entre os 2 sistemas de sons, • Ausências de distinções fonêmicas na LM; presença de distinções na LE; • Economia da língua; Diferentes pronúncias dos fonemas equivalentes.	• Campos funcionais de distinções fonológicas, • Existência de lacunas apropriadas ao modelo linguíst.; • Estabilidade do sistema linguístico; • Necessidade de inteligibilidade linguística.	• Aquisição informal da LE; • Casamentos fora da colônia árabe; • Bilinguismo; • Exercício do comércio; • Contato intenso com falante nativo. • Religião	• Prestígio social da língua de origem; • Casamentos endogâmicos; • Preconceito e intolerância com relação à pronúncia incorreta; • Papel subalterno da mulher árabe • Escolaridade
2. Léxico- semântico: • Empréstimos integrados ao português brasileiro; • Estrangeirismos: vocábulos não integrados ao português, • Decalques ou traduções; • Híbridos:	• babaganuche, beirute, beleua, beirute, druso, tabule, humos etc. • ambaris, aruz, ataif, awarma, fatair, fatuch, labanie, kichk etc; • água-de-rosas [mai zaher], coalhada seca [lában], lenço muçulmano [algiheb] etc. • pão com zátar, hirice de nozes, sal de leimun, etc.	• Pontos estruturais frágeis no vocabulário; • Necessidade de adequar as diferenciações vocabulares na língua estrangeira. • Incompatibilidade na estrutura da palavra das duas línguas.	• A existência de vocabulário adequado na língua de origem; • Necessidade de inteligibilidade linguística; • Estabilidade do sistema linguístico.	• Inadequação léxica diante da necessidade de comunicação; • Necessidade de expressar os conceitos materiais e imateriais da língua materna. • Obediência às leis muçulmanas;	• Preservação dos laços culturais e etnoreligiosos; • Prática da religião islâmica: jejum, orações, leituras e recitações corânicas, etc.; • Prestígio do árabe como a língua corânica para osmuçulmanos e, como língua de cultura para os cristãos.

Fonte: Dados do *Corpus*.

O quadro 16 expõe os fatores linguísticos e extralinguísticos que governam as interferências⁹⁸ nos níveis fonético-fonológico e léxico-semântico da amostra, indicando os fatores de estímulos e fatores de resistência que atuam como forças opostas na produção de

⁹⁸ Weinreich (1974, p.67) afirma que, para praticamente todas as formas de interferência, há uma ação combinada de fatores externos às estruturas das línguas, as quais favorecem ou inibem o desenvolvimento da interferência daquele tipo.

interferências. Temos considerado a economia linguística e a inteligibilidade como critérios estruturais importantes, uma vez que constituem a base funcional sob os quais os sistemas linguísticos são desenvolvidos. A partir de uma visão sociolinguística, o aporte apresentado pressupõe que a interferência do árabe sobre o português ocorra em consequência da ação conjugada de duas forças contrárias que duelam entre si.

No nível fonético-fonológico, as formas de interferência expostas na primeira coluna e as causas de interferência inerentes à estrutura das línguas em contato, assim como a resistência oferecida pelos sistemas são aquelas que emergem da discussão apresentada na análise desse nível linguístico. No âmbito extralinguístico, certos fatores de estímulo e de resistência, tais como, casamentos endogâmicos, atividade comercial, bilinguismo e outros, estes, integram o conjunto geral de fatores sociohistóricos da imigração libanesa, como um todo, e são refletidos na constuição linguística da comunidade de fala local.

Já no nível léxico semântico, partindo de fatores linguísticos, consideramos que as lacunas vocabulares no português brasileiro servem como estímulos de interferências do árabe, e a existência de palavras para expressar os valores socioculturais dos falantes bilíngues atue como um fator de resistência. Quanto aos fatores extralinguísticos, podemos afirmar que a inadequação de vocábulos para expressar, por exemplo, designações de culinária ou religião, exerçam maior força estimuladora de interferências, já os fatores prestígio do idioma árabe e, fundamentalmente, a prática da religião islâmica, atuam como resistência na incidência do fenômeno.

Do ponto de vista estrutural de ambos os sistemas linguísticos, sabemos que a interferência fonético-fonológica e a léxico-semântica têm como 'estímulo' as diferenças entre as duas línguas, e como 'resistência' a estabilidade que esses mesmos sistemas exercem um sobre o outro. Não obstante, eles indicam que alguns vocábulos do árabe circundam o português brasileiro há mais de cento e trinta anos (data da emigração) e podem chegar à integração na língua dominante, tal como ocorreu com os empréstimos culinários, por exemplo, considerados nesta análise. Contudo, conforme já sinalizamos anteriormente, a integração está condicionada ao tempo e à intensidade de uso dos vocábulos em toda a comunidade de fala.

No âmbito sociolinguístico, é preciso levar em conta algumas considerações sobre o impacto das variáveis sociais sobre a interferência. A começar pela escolaridade, verificamos a influência dos anos de escolarização levando os informantes mais instruídos ao uso de formas padrão e os menos instruídos ao uso de formas interferidas. O comportamento

da variável sexo/gênero, porém, indicou um padrão sociolinguístico distinto daquele sugerido, por exemplo, por Labov (1966), Paiva (2004) e outros, nos quais a mulher tende ao uso de formas de prestígio. Esta quebra de padrões é compreensível à medida que compreendemos a função social da mulher na cultura árabe e, conforme temos mencionado nesta tese, a cultura libanesa é proveniente da cultura árabe, havendo, portanto, na maioria de seus aspectos, muitas semelhanças. Por sua vez, a variável religião mostrou grande distinção entre cristãos e muçulmanos quanto à manutenção do idioma árabe: os muçulmanos usam mais o árabe em função da prática islâmica, em relação aos cristãos, os quais aderiram ao catolicismo do Brasil. No entanto, o uso predominante de formas interferentes foi encontrado em registros cristãos e não muçulmanos. Em face destas observações, concordamos com Sherre et al (1996) quando afirmam que os padrões relativos aos fatores sociais refletem a forma de estruturação de determinada comunidade de fala.

Os dados apresentados no quadro 16, portanto, sintetizam as repostas às duas perguntas apresentadas na introdução da pesquisa, no tocante à ação determinante dos fatores linguísticos e extralinguísticos sobre o fenômeno de interferência.

0.3 – Limites da pesquisa e perspectivas

A elaboração desta tese permitiu demonstrar que é possível trabalhar com dados de duas línguas tipologicamente distantes em sua origem geográfica, desenvolvimento histórico, que se refletem nos diversos níveis gramaticais. Entretanto, não podemos esquecer algumas limitações encontradas durante a execução do trabalho como, por exemplo, a escassez de bibliografia de pesquisas sobre o árabe e o português brasileiro no campo dos estudos linguísticos, o que nos impediu de compararmos alguns resultados e abalzar outros. Nossas próprias limitações em relação ao pleno domínio da gramática da língua árabe também nos restringiram na identificação e análise das interferências. Tendo em mente a originalidade deste trabalho, ainda assim, acreditamos que os objetivos propostos na introdução foram alcançados.

Todavia, a apreciação dos resultados obtidos, bem como a consciência das limitações que nos impuseram possibilitam apontar algumas perspectivas para a realização de pesquisas futuras. Entre as possibilidades de continuidade deste trabalho, pensamos a possibilidade de coletar dados de comunidade de imigrantes libaneses de outros pólos bilíngues representativos do país e investigar se os elementos socioculturais dessas comunidades promovem variações nas interferências e, em caso positivo, identificá-las e

analisá-las em comparação com os resultados obtidos nessa pesquisa. Em nossa opinião, o conhecimento dos mecanismos de interferência linguística em distintos contextos de contato intercomunitário, a par desta tese, concorrerá para a identificação de outros arabismos (interferências léxicas) da imigração libanesa no Brasil e, se for o caso, da trajetória linguística até sua adoção no português brasileiro. Pois sabemos que os fatores externos não modificam a estrutura interna das línguas, porém, muitas vezes, implicam mudanças consideráveis no uso que fazemos dela.

Finalmente, na forma como procuramos delinear esta tese, almejamos preencher a lacuna existente no quadro descritivo do contato entre o português brasileiro e as línguas de imigrantes. Esperamos que possa desencadear uma discussão em torno das relações entre as duas línguas, estimulando novas pesquisas que permitam questionar, aperfeiçoar ou mesmo confirmar os dados propostos.

REFERÊNCIAS

- ABERCROMBIE, C. *Elements of generalphonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.
- ABREU, M. Y. *Estudo terminológico monolíngue do vocabulário da culinária árabe*. 2004. 178 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004.
- _____. O contato árabe-português no Brasil: descrição sociolinguística-demográfica. *Papia* n.19, p. 263-280, 2009.
- _____. Fatores linguísticos e extralinguísticos no estudo da interferência. 1º CIELLE - COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 2010, Marinagá, Anais...Maringá: UEM, 2010, p. 250-263.
- _____; AGUILERA, V. de A. A influência da língua árabe no português brasileiro: a contribuição dos escravos africanos e da imigração libanesa. *Entretextos*, v. 10, p. 5-29, 2010.
- _____; DURÃO, A. B. de A. B. Pequeno glossário de arabismos da imigração libanesa no Brasil. In: DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri (Org.). *Vendo o dicionário com outros olhos*. Londrina: UEL, 2010. p. 143-156.
- AGUILERA, V. de A. Um estudo geolinguístico da iotização no português brasileiro. In: _____. *Português do Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: UEL, 1999.
- _____. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Revista de Estudos Linguísticos*, n. 37, v. 2, p. 105-112. São Paulo, 2008.
- ALKMIM, T. M. *Sociolinguística*. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- ALTENHOFEN, C. V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas [...]. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana* - RILI, n. 3, p. 83-94, 2004. Disponível em: <<http://www.iberamericanalibros.com/files/ejemplo>>. Acesso em: 23. out. 2009.
- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.
- AMADO, J. *Gabriela, cravo e canela*. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- AMARAL, M. P. A síncope em paroxítonos: uma regra variável. In: BISOL, L.; BRESCANCINE, C. (Orgs.) *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- ANDRADE, C. D. de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- APPEL, R.; MUYSKEN, P. *Bilinguismoy contato de lenguas*. Barcelona: Ariel, 1996.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. A despalatalização e iotização no atlas linguístico da Paraíba. In: ENCONTRO NACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA, 1995, Niterói. *Resumos...*, Niterói: UFRJ, 1992.

ASSOCIAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE LONDRINA. *Londrina Paraná Brasil: raízes e dados históricos*. Londrina: Humanidades, 2004.

BARROS, L. A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: EDUSP, 1998.

BERNAUS, M.; ESCOBAR, C. El aprendizaje de lenguas extranjeras en medio escolar. In: NUSBAUM, L; BERNAUS, M. (Eds). *Didáctica de las lenguas extranjeras en la educación secundaria obligatoria*. Madrid: Síntesis Educación, 2001.

BIDERMAN, M. T. *Teoria Linguística: leitura e crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. A estrutura mental do léxico. In: LARI, R.; et al (Cords). ESTUDOS DE FILOLOGIA E LINGUÍSTICA: homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Queiroz/EDUSP, 1981.

_____. Conceito Linguístico de palavra. In: *Palavra*. Revista do departamento de letras da PUC. Rio de Janeiro, n. 5, p.81-97, 1999.

BLAS ARROYO, J. L. Problemas teóricos en el estudio de la interferencia lingüística. REL, n. 21/2, p. 265-289, 1991.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.

_____. *Language*. New York: Henry Holt, 3th., edição 1940.

BOLOGNINI, Carmem Zink; PAYER, Onice Maria. As Línguas de Imigrantes. *Ciência e Cultura*, n.2, v. 57, p. 42-46, 2005.

BORBA, F. da S. *Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.

BOURHIS, R. Y., HOWARD G. The language of intergroup distinctiveness. In: GILES, Howard (Eds). *Language, ethnicity and intergroup relations*. London: London Academic Press, 1977.

BRANDÃO, A. Contribuições Afro-Negras no Léxico Popular Brasileiro. *Revista Brasileira de Folclore*, n. 8, 1968.

BRESCANCINI, C. R. *A Teoria da variação lingüística*. Porto Alegre: PUC - Rio Grande do Sul, 2002.

CABRÉ, M. T. *La terminología: teoría, metodología y aplicaciones*. Barcelona: Empúries, 1993.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese de livre docência. São Paulo - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1981.

_____. *A palatalização em português: uma investigação palatográfica*. 1974. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1974.

CAMARA JÚNIOR, J. M. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. *Gramática Histórica*. São Paulo: Ática, 1981.

CARVALHO, N. M. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Publicidades: a linguagem da sedução*. São Paulo: Ática, 1996.

CHAVES, L. M. Assimilação consonântica de ensurdecimento: teste de 3 fatores condicionantes na fala de 8 informantes do Acre. *Letra Magna*, p. 1-12, ano 4, n. 6, 2007.

CHEDIAK, A. Aspectos da influência árabe na língua portuguesa. *Revista da Liga dos estados árabes*. Rio de Janeiro, 1972.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

CORRIENTE, F. Adições aos arabismos do português. *Tiraz - Revista do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP*, p.10-15, 2004.

_____. *Diccionario de arabismos y vocês afines em iberorromance*. 2.ed. amp. Madrid: Gredos, 2003.

_____. *Gramática de los arabismos del iberorromance*. Madrid: Gredos, 1999.

COSERIU, E. *Sincronía, diacronia e historia: el problema del cambio linguístico*. Madrid: Editorial Gredos, 1978.

_____. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Tradução de A. D. C. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 7ª edição, Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1976.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. *A fonética do português brasileiro*. Contexto, São Paulo, 2009.

CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Tradução de M. C. P. D. Rio de Janeiro: Zahar editora, 1988. Título original: A dictionary of linguistics and phonetics.

COWAN, D. *Gramática do árabe moderno*. Tradução e adaptação de S. A. C. J. São Paulo, Globo: 2007. Título original: Modern literary arabic.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.

DANESH, F. Sentence Intonation from a fundamental point of view. *Word*, v. 16., n. 1, p. 34-54, 1960.

DIAB, N. The transfer of arabic in the english writings of lebanese students. *The ESP*, São Paulo, v. 18, n.1- 71-83, 1995.

DIEBOLD, A. R. *Incipient bilingualism: language in culture and society*. New York: Harper e Row, 1964.

DUBOIS, J. et al. Dicionário de linguística. São Paulo: Cultrix, 1993.

DURÃO, A. B. de A. B. Os três modelos da linguística contrastiva frente a frente. In: _____. (Org.). *Linguística Contrastiva: teoria e prática*. Moriá: Londrina, 2004.

_____. *La Interlengua*. Cuadernos de didáctica del español/LE. Madri: Arco/Libros, S.L., 2007.

_____. A transferência como fenômeno natural dos processos de interação linguística entre falantes de línguas em contato. In: DURÃO, A. B. de A. B. D; ANDRADE, O. G. de, REIS, S. (Orgs). *Reflexões sobre o ensino das Línguas Estrangeiras*, p. 1-22, Moriá: Londrina, 2008a.

_____. Transferência (Interferência) Linguística: um fenômeno ainda vigente? *Polifonia*, n. 15, p. 67-85, 2008b.

ELIA, S. *Preparação à linguística românica*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 2004.

ERVIN, S. M.; OSGOOD, C. E. Second language learning and bilingualism. *Journal of Abnormal and social Psychology, Supplement*, n. 49, 1954.

FAERCH, C.; KASPER, G. Perspectives on language transfer. *Applied Linguistic*, v. 2, n. 8, p. 111-136, 1987.

FARIAS, Virgínia Sita. Análise de alguns aspectos estruturais em quatro dicionários bilíngues espanhol-português/português-espanhol. In: ANUARIO BRASILEÑO DE ESTUDOS HISPÂNICOS XIX, p. 175-192. *Anais...* 2009.

FAULSTICH, E.; CARVALHO, E. A. Aspectos de herança da língua árabe na língua portuguesa: pontos de Terminologia. *Revista Debate Terminológico*, n. 2, jul., 2006.

FERGUSON, C. A. Diglossia. *Word*, n.15, 1959.

_____. Diglossia In: FONSECA, M. S. V. da; NEVES, M. F. (Orgs). *Sociolinguística*. Tradução de M. da G. R. da S. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 99-118. Título original: Diglossia in Word.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio século XX: O dicionário da língua portuguesa*. Versão eletrônica 3.0. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

FISBERG, M. *Um dois feijão com arroz: a alimentação do Brasil de Norte ao Sul*. São Paulo: Atheneu, 2002.

FISHER, J. L. Influências sociais na escolha das variantes linguísticas. In: FONSECA, M. S. V. da; NEVES, M. F. (Orgs). *Sociolinguística*. Tradução de E. I. L. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 87- 98. Título original: Social influences on the choice of a linguistic variant in Word.

FISHMAN, J. P. *The sociology of language*. Ney York: House Publishers, 1972.

- _____. A Sociologia da Linguagem. In: FONSECA, M. S. V. da; NEVES, M. F. (Orgs). *Sociolinguística*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. Título original: The Sociology of Language.
- FLEGE, J. E. Factors affecting degree of perceived foreign accent in English sentences. *Journal of the Acoustical Society of America*. n. 54, p. 70-79, 1988.
- FREIRE, G. Casa-grande e senzala. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- FREITAS, T; RAMILO, M. C.; SOALHEIRO, E. O processo de integração dos estrangeirismos no português europeu. In: XVIII ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA. 2003, Porto, *Actas...* Portugal: APL e Colibri, 2003.
- FRIES, C. *Teaching and learning english as a forerign language*. Ann Arbor: Michigan University Press, 1995.
- GARGALLO, I. dos S. *Análisis contrastivo, analisis de errores e interlengua en marco de la linguística contrastica*. Madrid: Síntesis, 1993.
- GATTAZ, A. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. São Paulo: Gandalf, 2005.
- GENESEE, F. The role of intelligence in second language learning. *Language Learning*, n. 26, 1977.
- GÓMEZ MOLINA, J. R. Interferência y cambio de código en uma comunidad bilingüe. *Contextos XVII - XVII 36*, p. 309-360, 2000 Disponível em: <<http://www3.unileon.es/dp/dfh/ctx/1999-2000/Molina1.pdf>>. Acesso em: 10/01/2008.
- GROSJEAN, F. Bilinguismo. In: *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon Press, 1994, p. 1656-1660. Tradução de H. A. B. de M. e D. K. R. Título original: Individual Bilingualism.
- GUERIOS, R. F. M. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo: Santa Maria, 1973.
- GUIMARÃES, Eduardo. A língua Portuguesa no Brasil. In: Línguas do Brasil. *Ciência e Cultura*, p. 24-28, n. 2, 2005.
- GUMPERZ J. J., WILSON, R., 1971. Convergence and creolization. In: AN INTERNATIONAL SEMINAR. *Proceedings*. Moncton: University of Moncton, 1971.
- HAMERS, J. F. e BLANC, M. H. A. *Bilinguality and bilingualism*. 2nd edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- HANANIA, A. R. Fundamentos Culturais da Multifária Cultura Libanesa. Videtur, DLO/FFLCH/USP, São Paulo: *Mandruvá*, v. 2, 1998.
- HAUGEN, E. *The norwegian language in america: a study in bilingual behavior*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1953.

_____. The analysis of linguistic borrowing. *Language*, vol. 26, p. 210-231. Cambridge: Linguistic Society of America, 1950.

HAUPT, Carine. *Sibilantes Coronais: o processo de palatização e a ditongação em sílabas [...]* 2007. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2007.

HETZRON, R. *The Semitic Languages*, Londres: Routledge, 1997.

HEYE, J.; VANDRESEN, P. Línguas em contato. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MATTOS e SILVA, R. V., (Orgs.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006, p. 383 - 411.

HOUAISS, A. Línguas e a língua portuguesa. In: BARBOSA, F. de A. (Org.). *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Rio, 1990.

_____. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 3.0. São Paulo: Objetiva, 2001.

_____. *As Projeções da língua árabe na língua portuguesa*. 1986. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/collat7/houaiss.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2008.

_____; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

HYMES, D. *Acerca de la competencia comunicativa*. Tradução de P. H. C.. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1971. Pride e Holmes: Penguin, 1971. Título original: On communicative competence.

JACQUEMOND, R. A língua árabe hoje: um olhar sociolinguístico e geopolítico. *Tiraz - Revista do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letra e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP*, p. 8-31, 2006.

JARVIS, S. Methodological rigor in the study of transfer: identifying L1 influence in the interlanguage lexicon. *Language Learning*, n. 2, v. 50, p. 245-309, 2000.

JOTA, F. dos S. *Dicionário de Linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

JUBRAN, S. A. A. C. *Árabe e português: fonologia contrastiva*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004a.

_____. Para uma romanização padronizada de termos árabes em textos de língua portuguesa. *Tiraz*, v. 1, p.16-29, 2004b.

KELLERMAN, E. Now you see it, now you don't. In: GASS, S.; SELENKER, E. (Orgs.). *Language transfer in language learning*. Rowlay: Newbury House, 1983. p. 112-134.

KNOWLTON, C. S. *Sírios e libaneses: modalidade social e espacial*. Anhambi: São Paulo, 1995.

KRASHEN, S. El modelo del monitor y la actuación de los adultos en L2. In: LICERAS, J. M (Org.). *La adquisición de las lenguas extranjeras*. p. 143-192. Madri: Libros, 1992.

LABOV, W. *On the grammaticality of everyday speech*. New York City: Paper given at the annual meeting of the Society of América, 1966.

LABOV, W. Estágios na aquisição do inglês standart. In: FONSECA, M. S. V. da; NEVES, M. F. (Orgs). *Sociolinguística*. Tradução de L. L. B. L. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 44-85. Título original: Stages in the acquisition of standard english.

LADO, R. *Introdução à linguística aplicada*. Tradução de V. P. de S. Petrópolis: Vozes, 1971. Título original: Linguistics Across Cultures.

LAMBERT, W. A social psychology of bilingualism. *Journal of Social Issues*, v. 23, n. 2, p. 91-109, 1967.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. *Tempo Brasileiro*, p. 60-94, 1978.

LIGHTBOWN, P. M. Input and acquisition for second-language learners in and out of classrooms. *Applied Linguistics*, v. 6, n. 3, p. 263-273, 1988.

LINTON, R. *Cultura e Personalidade*. Tradução de O. M., 3ª edição, São Paulo: Mestre Jou, 1979.

LOPES, N. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MACNAMARA, J. The bilingual's linguistic performance. *Journal of Social Issues*, 23, p. 58-77, 1967.

MARTINS, Luiz F. C. Arruda. *Bilinguismo: características, benefícios e o caso do tradutor*. Universidade de Açores, Departamento de Línguas e Literaturas Modernas. Linguística Contrastiva. Ponta Delgada, 2005.

MAC LAUGHLIN, M. L. *Conversation: how talk is organized*. Beverly Hills Sage, 1984.

MACKEY, W. *Bilinguisme et contact des langues*. Paris: Klincksieck, 1972.

MACKEY, W. F. *Bilingual education in a binational school: a study of equal language maintenance through free alternation*. Newbury House Publishers: Massachusetts, 1967.

MACKEY, W. F. The description of bilingualism. *Canadian Journal of Linguistics*, n.7, p. 51-84, 1962.

MACNAMARA, J. *The bilingual's linguistic performance*. Journal of Social Issues, 23, p. 58-77, 1967.

MARANHÃO, S. *A dicionarização de arabismos pela lexicografia brasileira*. 2011. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Piauí - UFPI, Piauí, 2011.

MARTINET, A. *Économie des changements phonétiques*. Berne: Francke, 1955.

- MATTOS e SILVA, R. V. *Germanismos e arabismos no período formativo da língua portuguesa*. 2003. Universidade Federal da Bahia / CNPq / Grupo PROHPOR. Disponível em: <<http://www.prohpor.ufba.br/germanismos>>. Acesso em jul. 2009.
- MICHAELE, F. A. S. *Arabismos entre os africanos na Bahia*. Curitiba: Requião, 1968.
- MICHAËLIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- MONTENEGRO, S. M. Identidades muçulmanas no Brasil: entre o arabismo e a islamização. *Lusotopie*, n. 2, p. 59-79, 2002.
- MORENO FERNANDEZ, F. *Lenguas en contacto*. In: _____. (Org.) *Principios del sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998, p. 265-275.
- MYERS-SCOTTON, C. *Multiple voices: a introduction to bilingualism*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.
- NABHAN, N. N. *Interferência lexical: estudo da fala de imigrantes libaneses em São Paulo*. 1984. 530 f. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo USP: São Paulo, 1984.
- NABHAN, N. N. *Vocábulos árabes no cotidiano brasileiro*. *Fragmentos*, n.3, p. 22-36, Jan., Florianópolis, 1987.
- NIMER, M. *Influências orientais na língua portuguesa*. São Paulo: Edusp, 2005. Resenha de VARGENS, J. B. M. *Tiraz*, n.3, p. 238-240, 2006.
- _____. *Influências orientais na língua portuguesa*. São Paulo: Edusp, 2005.
- NOGUEIRA, C. R. N. A Diglossia nas comunidades Árabes. *Tiraz*, n. 3, p. 32-57, 2006.
- ODLIN, T. *Language Transfer*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- OGLIARI, M. M. *As condições de resistência e vitalidade de uma língua [...]*. 1999. 482 f. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999.
- _____. O bilinguismo português-ucraniano na família: influência sócio-demográficas na situação bilíngue familiar. *Guairacá*, n. 17, p. 55-78. 2001.
- ORNELLAS, L. H. *Técnica dietética: seleção e preparo de alimentos*. 7ª ed. São Paulo: Atheneu, 2001.
- PAIVA, M. da C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L.(Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.
- _____. A Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SCHERRE, M. M. P. et al (Orgs.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- PESSOA DE CASTRO, I. Das línguas africanas ao português brasileiro. *Afro-Asia*, n. 14, p. 81-106. Centro de estudos afro-orientais - Universidade Federal da Bahia, 1983.

_____. A matriz africana no Brasil. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MATTOS e SILVA, R. V., (Orgs.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006, p. 81-116.

PRADE, H. G. O linguajar do alemão gaúcho. In: CUNHA, J; GÄRTNER, A. (Orgs.) *Imigração alemã no Rio de Grande do Sul: história, linguagem, educação*. Santa Maria: UFSM, p. 81-100, 2003.

PIEL, J. M. *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*. Lisboa: Imprensa nacional/Casa da Moeda, 1989.

POTTIER, B. *Linguistique générale: Théorie et description*. Paris: Klincksierck, 1974.

POULISSE, N.; BONGAERTS T. First Language use in second language production. *Applied Linguistic*, v.1, n. 15, p. 36-57, 1994.

QUEDNAU, L. R. A síncope e seus efeitos em latim e em português arcaico. BISOL, L.; BRESCANCINE, C. (Orgs.) *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

REIS, J. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RICHARDS, J. C. Social Factors, Interlanguage and Language Learning. *Language Learning*, v. 22, n. 2, p. 64-91, 1972.

RODRIGUES, C. V. Bilinguismo no Espírito Santo: reflexos no português de adultos e crianças. *Signum*, v. 12, n. 1, p. 279-192, 2009.

RODRIGUES, N. *Os africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Nacional, 1933.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. Oxford: Blackwell, 1994.

ROUDET, L. *Éléments de phonétique générale*. Paris: Librairie Universitaire, 1910.

SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. Presença: Rio de Janeiro, 1988.

SA'ADEDDIN, M. A. A. M. Text development and Arabic-english negative interference. *AppliedLinguistic*, v. 10. n.1, p. 123-136. Oxford: Oxford University Press, 1989.

SAHÃO, S. *Salim Hahão meu avô*. Londrina: Cotação, 1989.

SAFADY, W. *Cenas e cenários dos caminhos de minha vida*. Contribuição para o estudo da imigração árabe no Brasil. Belo Horizonte, [S.l.: s.n], 1966.

SAFADY, J. *A imigração árabe no Brasil: 1880-1970*. São Paulo: Garatuja, 1994.

SÁNCHEZ, E. F. *Transferencias e interferencias en el aprendizaje de una segunda lengua*. Encuentro Revista de Investigación e innovación en la clase de idiomas, p. 106-112. Universidad de Córdoba, 1999.

SAPIR, E. *A Linguagem: introdução ao estudo da fala*. Tradução de J. M. C. J. Perspectiva: Rio de Janeiro, 1980. Título original: Language.

_____. *Linguística como ciência*. Tradução de M. C. Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1947. Título original: *Linguistic as a science*.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1985.

SAVEDRA, M. Questões de linguística aplicada para investigação da aquisição formal da língua portuguesa como L2. In: BOLETIN DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGUISTICA - ABRALIN, *anais...* v. 23, p. 1-13. Florianópolis, 1999.

SCHERRE, M. M. P et al. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SCLIAR-CABRAL, L. Semelhanças e diferenças entre aquisição de primeiras línguas e a aprendizagem sistemática das segundas línguas. In: BOHN, H.; VANDRESEN, P. (Orgs) *Tópicos de Linguística Aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Santa Catarina: UFSC, p. 40-49, 1988.

SCHERRE, M. M. P. et al (Orgs.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

SELINKER, L. Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics*, v. 10. n. 3. p. 209-231, 1972.

_____; GASS, S. M. *Language Transfer in Language Learning*. Newbury House Publishers: Massashuts, 1983.

_____; LAKSHMANAN, U. Language transfer and fossilization: the multiple effects principle. In: GASS, S. M. e SELINKER, L. (Orgs). *Language transfer in language learning*. p. 197-216. Filadelfia: John Benjamins, 1993.

SILVA, J. P. Contribuição árabe na formação do português: vocabulário português legado pelos árabes. *Philologus*, Rio de Janeiro, v. 1996a, p. 143-187.

_____. Contribuição árabe na formação do português. *Philologus*, v. 5, 1996b, p. 74-83.

SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. Presença: Rio de Janeiro, 1988. SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolinguística: teoria y análisis*. Madrid: Alhambra Universidad. 1989.

_____. *Language Contact and change: spanish in Los Angeles*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

SCHNEIDER, M. N. As (des)sonorizações e a neutralização da vibrante: atitudes e concepções linguísticas. *Contingentia*, v. 3, n.2, nov., p. 77-88. 2008.

SMOLICZS, J. J. Culture and education in a plural Society. *European Journal of Education*, v. 19, p. 11-23, 1979.

TARALLO F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.

TARALLO, F.; MYHILL, J. Interference and natural language processing in second language acquisition. *Language Learning*, v. 33, n.1, p. 55-76, 1989.

- TAYLOR, E. *Primitive culture*. New York: J.P. Putnam's sons, [1871] 1920.
- THOMASON, S. G. *Contact-induced Change: possibilities and probabilities*. Enniger e Stolz: 1988.
- TITONE, R. *Le bilinguisme précocose*. Brussels: Dessart, 1972.
- TRUZZI, O. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- TURCO. In: FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio século XX: O dicionário da língua portuguesa*. Versão eletrônica 3.0. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.
- VALKHOFF, M. *Lês mots français d'origine néerlandaise*. Amersfort: Valkhoff e Cia, 1931.
- VAN OVERBECKE, M. *Mécanismes de l'interférence linguistique*. Madrid: Fragua, 1976.
- VANDRESEN, P. Introdução. A sociologia da linguagem In: FONSECA, M. S. V. da; NEVES, M. F. (Orgs). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- VARGENS, J. B. M. *Léxico português de origem árabe: subsídios para os estudos de Filologia*. Rio de Janeiro: Almadena, 2007.
- _____; LOPES, N. *Islamismo e negritude*. Setor de estudos árabes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.
- VARÓ, E. A. Anisomorfismo y Lexicografía Técnica. II CONGRESO INTERNACIONAL -EL ESPAÑOL, LENGUA DE TRADUCCIÓN. Universidade de 2004, Alicante, Toledo, *Anais...*, p. 201-221.
- VASCONCELOS, C. M. de. Lições de filologia portuguesa. *Revista de Portugal*, 1956.
- VIEIRA, M. Z. M. *Estudo histórico, social e linguístico de três núcleos de colonização em ponta Grossa*. 1995. 220 f. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de São Paulo, Assis. 1995.
- VIEIRA, J. D. *Dicionário de termos árabes da língua portuguesa*. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- VILELA, M. *Léxico e gramática*. Almadena: Coimbra, 1995.
- VOCADLO, O. Some observations on mixed languages. In: ACTES DU IV CONGRÈS INTERNATIONALE DE LINGUISTES. Actes... 169/76. Copenhague, 1938.
- WEINREICH, U. *Languages in contact: Finding and problems*. 7th ed. New York: Linguistic Circle of New York, 1974.
- WELLS, H. G. *História Universal*. Vol. 2, 7^a ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1968.
- WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.
- _____. *Panorama geral da Lexicografia pedagógica*. Brasília: Thesaurus, 2006.

WHORF, B. L. *Language, thought and reality*. Seleted writings of B. L. Whorf. Carrol: Cambridge, 1965.

WACHOWVIZ, R. C. *História do Paraná*. Curitiba: Editora dos Professores, 1967.

Sites consultados

<http://www.ibeipr.com.br/ibei.php?path=islamismo> <http://www.islamismo.org/islam.htm>

<http://islam.com.br/inicio/noticias/os-99-atributos-mais-sublimes-de-deus>

<http://www.mesquitadobras.org.br/index.php>

<http://www.arresala.org.br/submenu.php?op=7>

<http://www.mesquitabrasil.com.br/br/>

<http://www.ligaislamica.org.br/>

ANEXOS

ANEXO A

Ficha do informante

FICHA DO INFORMANTE	
Informante n° 1	
DADOS PESSOAIS:	
1 - Nome:	
2 - Nome Brasileiro:	
3 - Data de Nascimento:	4 - Idade:
5 - Sexo: Feminino () Masculino ()	6 - Estado Civil:
7 - Tempo de permanência no Brasil:	8 - Cidade Natal:
9 - Endereço:	
10 - Religião: Cristão () Muçulmano ()	
ESCOLARIDADE:	
11 - Escolaridade no País de Origem:	
	Ensino Fundamental ()
	Ensino Médio ()
12 - Escolaridade no Brasil:	
13 - Idade que imigrou para o Brasil:	
14 - Profissão:	
DADOS SOBRE A ENTREVISTA:	
15 - Ambiente da Entrevista: apartamento da entrevistada	
16 - Local da Entrevista:	Data da Entrevista:
	Duração:
17 - Nome do Entrevistador: Maria Youssef Abreu:	